

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Mestrado em Arqueologia



ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO DO BAIXO
AVE NO I MILÉNIO A.C.

Dissertação de Mestrado apresentada
por António Pereira Dinis

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Letras
BIBLIOTECA
N.º 40682 df
Ex. 2
Data 24 / 03 / 19 94

Porto, Novembro de 1993

043M
D 599 8
?

ÍNDICE

1. Introdução	3
2. A Região	8
2.1 - Introdução	9
2.2 - Limites Geográficos	9
2.3 - Relevo	10
2.4 - Geologia e Recursos Minerais	12
2.5 - Clima	16
2.6 - Rede Hidrográfica	20
2.7 - Solos e Vegetação	21
2.8 - Vias naturais	23
3. Povoados	25
3.1 - Fontes de Informação	26
3.2 - Catálogo de sítios.....	28
I - Povoados da margem direita do rio Este	30
II - Povoados entre os rios Este e Ave	42
III - Povoados a sul do rio Ave	93
IV - Povoados junto ao mar	100
4. Evolução do Povoamento	107
4.1 - Do Paleolítico ao I Milénio a.C.	108
4.2 - O I Milénio a.C.	115
4.2.1 - A Formação da Cultura Castreja (Fase I)	116
4.2.2 - Desenvolvimento da Cultura Castreja (Fase II)	124
4.2.3 - Auge e declínio da Cultura Castreja (Fase III)	140
5. Padrões de Assentamento	153
5.1 - Integração no relevo	154
5.2 - Tipologia dos assentamentos	159
5.3 - Relações com o meio	166
6. Considerações Finais	177
7. Bibliografia	180
8. Estampas	195

1. Introdução

A investigação arqueológica orientada para o estudo da cultura castreja tem no Vale do Ave, uma tradição mais que centenária. Será fundamental recordar, neste contexto, o papel precursor de Francisco Martins Sarmiento na realização dos primeiros trabalhos de escavação num castro - a Citânia de Briteiros, e no desenvolvimento de um programa de prospecção de estações arqueológicas, assente na visita a inúmeros sítios e na recolha de informações orais e de achados diversos.

Os trabalhos arqueológicos de Martins Sarmiento funcionarão como modelo a outros investigadores que, desde muito cedo, nesta região, procurarão seguir o seu exemplo, havendo a destacar, entre outros, Albano Bellino na Bacia Hidrográfica do rio Este e José Fortes, Rocha Peixoto e Ricardo Severo na fachada litoral.

Depois da morte de Martins Sarmiento a figura central da arqueologia castreja passará a ser Mário Cardozo, continuador das escavações da Citânia de Briteiros e responsável por um número considerável de artigos da especialidade, cujo valor científico é inquestionável. Outros investigadores, como Ruy de Serpa Pinto, Carlos Teixeira, Russel Cortez, C. Hawkes, Faya Santarém, Arlindo Cunha, etc., darão um grande contributo para o conhecimento da cultura castreja da região do Vale do Ave, descurando, porém, um dos vectores fundamentais da investigação arqueológica, a catalogação e inventariação sistemática dos sítios, não aprofundando, nem sequer continuando, o trabalho tão cedo iniciado por Martins Sarmiento, distanciando-se por exemplo da linha de investigação desenvolvida na vizinha Galiza onde esta actividade sempre foi valorizado.

Chegamos, por conseguinte, aos anos noventa e, não obstante o muito trabalho realizado, continuámos a não dispôr de uma verdadeira Carta Arqueológica, instrumento fundamental de trabalho tanto para os investigadores como para os executivos que lidam com o planeamento e gestão do território. Talvez esta situação ajude a explicar a sistemática destruição do Património Arqueológico, tão acelerada na última década e que, infelizmente, pudemos observar, em inúmeros povoados, durante as muitas visitas que efectuámos pela região¹.

¹ - Os casos mais chocantes observados aconteceram no Castro da Bóca (Famalicão) onde um outeiro foi destruído para utilizar o saibro na auto-estrada, no Castro da Consolação (Braga) onde foram instalados dois enormes depósitos para abastecimento de água, no Castro do Monte da Forca (Guimarães) em parte amputado pela abertura de um estradão, no Castro das Eiras Velhas (Braga) pela mesma razão que o anterior e pela plantação de pinheiros e eucaliptos que afectaram uma área considerável, no Castro de Santa Tecla (Famalicão) cujo solo foi completamente removido para plantio de eucaliptos, no Castro de Ferreiró (Vila do

As razões que motivaram a escolha do tema e da região do Vale do Ave para a realização desta Dissertação de Mestrado podem resumir-se a duas:

- Em primeiro lugar, pelo facto de estarmos ligados ao projecto de investigação denominado "A Cultura Castreja no Interflúvio Este-Ave"², tendo co-dirigido escavações arqueológicas e participado em campanhas de prospecção de sítios, levadas a cabo no concelho de Vila Nova de Famalicão.

- Em segundo lugar, pelo facto de conhecermos para a região um manancial de dados, produzidos ao longo de um século, quer relativos a trabalhos de escavação, quer alusivos a achados ou referentes a estações arqueológicas, por norma, interpretadas como castros. A imprecisão de muitos desses sítios, alguns apenas citados, de forma vaga, por Martins Sarmiento, sugeriam-nos a sua revisão crítica, a inventariação e cartografia precisas, e a elaboração de um catálogo pormenorizado dos povoados proto-históricos da região.

A nossa curiosidade, provavelmente igual à de tantos outros arqueólogos, relativamente à razão ou razões que estarão na base da escolha, pelas comunidades, deste ou daquele sítio, para implantação dos povoados, motivou-nos a procurar compreender o modelo de povoamento da região, reflectido no tipo de assentamento e na sua relação com o meio circundante, tentando articular os dados numa perspectiva sincrónica e diacrónica. Esta última tarefa apresentava-se, especialmente, importante já que a maioria dos autores têm realizado estudos baseados na análise espacial partindo do pressuposto da contemporaneidade de todas as estações, o que entendíamos ser um ponto de partida falso. Nessa perspectiva o trabalho realizado por Manuela Martins para a Bacia Média do rio Cávado (MARTINS 1990) apresentava-se-nos como um exemplo a considerar.

A grande extensão do Vale do Ave, aliada a uma elevada densidade de ocupação traduzida na existência de muitas dezenas de castros, aconselhou-nos, entretanto, a optar apenas por uma parcela desse espaço. Resolvemos, por conseguinte, escolher a parte onde vínhamos desenvolvendo trabalhos de investigação - a Bacia Média e Inferior do rio Ave, território também designado por Baixo Ave por apresentar características que o distinguem

Conde) onde uma exploração de pedreira continua a laborar tendo já destruído uma grande área, e muitos outros exemplos, aparentemente de menor dimensão, seria possível enumerar.

² - Este projecto é coordenado por Francisco Queiroga com quem dirigi escavações arqueológicas nos Castros de Penices (Gondifelos) e Monte das Eiras (Pousada de Saramagos/Joane), no concelho de Vila Nova de Famalicão.

da parte Superior muito mais montanhosa, com solos menos férteis e com uma densidade populacional bem menor.

Como corolário do trabalho efectuado resultou esta obra que dividimos em oito partes:

1. Introdução - Clarificam-se os objectivos e as motivações que resultaram na escolha da temática e do espaço geográfico investigado.

2. A Região - Descreve-se o quadro natural desta parcela do território que, embora apresente uma certa uniformidade geomorfológica, contém no seu seio, algumas marcas bem contrastantes que poderão ajudar a entender as motivações para o assentamento das comunidades. Esta análise possui, no final da obra, todo o suporte cartográfico, desenhado na escala 1:100.000 e reduzido, para facilidade de consulta, ao tamanho A4.

3. Povoados - Apresenta-se o catálogo dos povoados fortificados, com ocupação no I milénio a.C., cuja informação organizámos em quatro blocos, devidamente articulados: No primeiro descreve-se a localização do povoado; no segundo traça-se o quadro natural do habitat; no terceiro faz-se um historial, resumido, dos trabalhos realizados ou das informações disponíveis sobre o sítio, com indicação da bibliografia respectiva, e no último descreve-se, fisicamente, o povoado. Este catálogo tem, no final da obra, para cada um dos povoados descritos, o respectivo suporte gráfico composto de perfis topográficos, plantas e desenho do espólio.

4. Evolução do povoamento - Analisa-se a evolução do povoamento, projectada na organização do habitat e na cultura material, em cada uma das três fases individualizadas.

5. Padrões de assentamento - Tentam-se definir padrões de assentamento, apoiados num conjunto de factores como a integração no relevo, a tipologia dos povoados e as relações com o meio ecológico circundante.

6. Considerações finais - São tecidos alguns comentários sobre o ordenamento do Baixo Ave no I milénio a.C.

7. Bibliografia - Refere-se a bibliografia citada ou consultada para a realização da obra.

8. Estampas - Inclui mapas, perfis, plantas e outras gravuras, como suporte gráfico ao texto.

Não desejaríamos terminar esta introdução sem aludir às dificuldades sentidas na realização deste estudo e que se prenderam, principalmente, com o escasso tempo que pudemos dispôr para tal.

A sistemática recusa, por parte do Ministério da Educação, na concessão do estatuto de Equiparado a Bolseiro, solicitado três anos consecutivos, obrigou-nos a repartir o tempo, que gostaríamos e necessitaríamos de dedicar totalmente a este projecto, com as obrigações profissionais, de Professor de História do Ensino Secundário. Foi necessário, portanto, sacrificar muito tempo, férias e fins-de-semana e, mesmo assim, estamos certos que saíram prejudicados quer a Dissertação, quer os nossos alunos, pois a dedicação a cada um deles nunca pôde ser total.

Gostaria de manifestar a minha gratidão a algumas pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao Prof. Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva, orientador e amigo, pelo encorajamento constante, pela disponibilidade e ajuda sempre manifestadas, desde há pelo menos 15 anos, quando participei na minha primeira escavação arqueológica na Citânia de Sanfins. As informações e ensinamentos que, nestes últimos quatro anos, nos prestou revelaram-se de extrema importância na realização desta dissertação.

Ao Prof. Doutor António Pedrosa, pelos esclarecimentos e sugestões relacionados com a caracterização geográfica da Região, cujo capítulo teve a amabilidade de rever.

A alguns amigos muito especiais, parceiros de trabalho desde há longa data, a quem tenho recorrido quando necessário e de quem sempre recebi todo o apoio e estímulo, especialmente ao Doutor Francisco Queiroga, à Doutora Isabel Figueiral e à Dra. Felisbela Oliveira.

Aos colegas que nos facultaram informações ou nos acompanharam em visitas a alguns dos sítios, especialmente os Drs. Brochado de Almeida, Paulo Costa Pinto, Luis Fontes e João Pedro Vilaça.

Este trabalho deve muito à minha família que ao longo de quatro anos não poupou sacrifícios para manter um ambiente físico e psicológico equilibrado em sintonia com as reais necessidades que o desgaste do projecto implicou.

2. A Região

2.1 - Introdução

Qualquer estudo regional tem de começar pela análise dos elementos naturais. Eles constituem o principal fundamento das divisões geográficas e formam o quadro que contém, com seus estímulos e restrições, a labuta dos homens .

(RIBEIRO 1987, 75)

Quantas vezes já nos perguntámos porque razão este ou aquele povoado fortificado se desenvolveu, preferencialmente, no sítio específico que ocupa?

Obviamente que a resposta a esta questão não é fácil de encontrar, até porque, provavelmente, não existirá uma, mas um conjunto de razões que expliquem a opção. No entanto, todas as hipóteses que forem colocadas, terão, necessariamente, que evidenciar os aspectos relacionados com a paisagem, aqui entendida na sua acepção mais lata. Não poderemos esquecer que os grupos humanos, na escolha de um determinado lugar para assentamento do seu habitat, seriam obrigados a avaliar a capacidade da área envolvente em facultar os meios de subsistência adequados à satisfação das necessidades básicas da sua população.

Sem pretendermos cair em quaisquer exageros deterministas não podemos, deste modo, deixar de estar de acordo com Orlando Ribeiro e, por conseguinte, ao estudar a ocupação humana numa parte do vale do Ave principiar pela abordagem do respectivo quadro geográfico.

2.2 - Limites Geográficos

O âmbito geográfico deste estudo compreende parte do curso médio e o curso inferior da Bacia Hidrográfica do rio Ave, localizado no Noroeste de Portugal, na extremidade

Sudoeste da província do Minho ou, para sermos mais exactos, ocupando o quarto inferior esquerdo da região vulgarmente designada de Baixo Minho (Est. I).

As delimitações são as seguintes:

O limite Norte está definido pelo rio Esteiros, desde a sua foz no Atlântico, junto da povoação de A Ver-o-Mar, até à nascente perto de Terroso, e por uma linha de montes que desde a Serra de Rates, no litoral, se orientam para ENE até à Serra dos Carvalhos, passando pelos Montes de Courel e pela vertente Sul da Serra de Airó.

No Sul, o rio Donda serve de fronteira até à sua nascente, perto do Monte Grande e, a partir daqui, a delimitação faz-se, primeiro no sentido SSE pelo interflúvio Ave/Leça, até à nascente do rio da Trofa e depois por uma outra linha de relevos com a orientação genérica de SSO-SSE até ao Monte Córdova.

O lado Este é demarcado pelo rio Ave até às Caldas das Taipas e daí, pela ribeira da Agrela, sua afluente, no sentido S-N até Pedralva, onde nasce. O Oceano Atlântico delimita a parte ocidental.

De forma aproximadamente losângica¹, com projecção para Nordeste, a região, compreendida entre 8° 18' 36" e 8° 46' 50" de longitude Oeste e 41° 16' 14" e 41° 35' 17" de latitude Norte, ocupa uma superfície de cerca de 750 Km², correspondendo a um pouco mais de metade da bacia hidrográfica do rio Ave.

Administrativamente integra a totalidade do concelho de Vila Nova de Famalicão, e parte dos de Braga, Guimarães e Barcelos, pertencentes ao distrito de Braga, e Vila do Conde, Santo Tirso e Póvoa de Varzim, do distrito do Porto.

2.3 - Relevo

O relevo, tal como sucede, genericamente, em toda a província do Minho, desenvolve-se em anfiteatro desde o Oceano Atlântico até à Serra dos Carvalhos, nos contrafortes da Serra da Cabreira, onde encontramos as maiores altitudes, que não chegam a atingir, no entanto, os 600 metros (Est. II).

¹ - A extensão máxima da área estudada é de 33,8 Km no sentido Este-Oeste e de 26,1 Km no sentido Norte-Sul.

Eis uma síntese da distribuição altimétrica verificada na região:

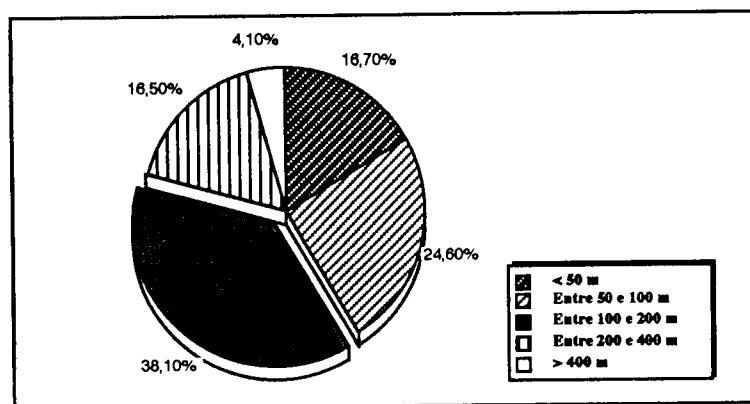


Gráfico 1 - Distribuição altimétrica da região

De uma forma geral, na região predominam as baixas altitudes, já que cerca de dois terços do território apresentam valores inferiores a 200 metros e apenas 4% ultrapassam os 400 metros, assinalando-se, ainda, uma elevada parcela, cerca de 17%, com cotas inferiores a 50 metros (Est. IV).

No seio desta aparente regularidade há, no entanto, que destacar um pronunciado contraste da paisagem onde se alternam zonas baixas, alvéolos e vales fluviais com relevos vigorosos (Est. III), podendo-se, em consequência, individualizar três unidades distintas:

- Uma primeira unidade, correspondendo à planície litoral, consideravelmente extensa, e às zonas de baixa altitude que bordejam o rio Ave e o rio Este, com razoável penetração para o interior, no caso do primeiro dos rios;

- Uma segunda unidade, entre esta plataforma litoral e a zona de serra, constituída por uma extensa área plana, onde pontuam, no entanto, alguns relevos mais vigorosos, nomeadamente o monte do Facho (265 m), o monte de S. João de Brufe (236 m), os montes de Lemenhe, o monte da Saia (299 m), etc;

- Uma terceira unidade, com altitudes acima dos 400 metros, correspondendo aos contrafortes da Serra do Carvalho e que apresenta, no conjunto do território, características específicas.

No mapa de distribuição dos povoados (Est. VIII) regista-se uma maior densidade de ocupação nos relevos integrados na segunda unidade, em cabeços de altitude média distribuídos ao longo das linhas de água de maior caudal da região, em meios com boas

condições naturais de defesa e fácil acesso aos recursos disponíveis, quer os relacionados com as práticas agro-pastoris, quer com a exploração fluvial e marítima, quer ainda com os recursos mineiros.

2.4 - Geologia e Recursos Minerais

O território faz parte do Maciço Antigo Ibérico, bloco de rochas eruptivas e metamórficas, formadas na Era Primária (RIBEIRO *et alii* 1988).

Distinguem-se as seguintes manchas geológicas fundamentais (Est. V):

1 - Depósitos Modernos

Na orla costeira da região de Vila do Conde e da Póvoa de Varzim desenvolve-se uma faixa de areias de duna, particularmente desenvolvida em Vila Chã e Mindelo. Esta acumulação de areias ocupa uma faixa consideravelmente larga e forma dunas que atingem 3 ou 4 dezenas de metros de altitude (TEIXEIRA *et alii* 1965, 12).

Ao longo do rio Ave e dos seus afluentes encontram-se, frequentemente, depósitos superficiais recentes, constituídos por areias e cascalheiras fluviais e por argilas pouco espessas. Estes depósitos são particularmente desenvolvidos no rio Este, na região meridional da cidade de Braga, cuja parte Norte assenta sobre eles (TEIXEIRA *et alii* 1973, 10).

2 - Depósitos de Cobertura Plio-Plistocénicos

Na orla litoral, concretamente a Norte da Póvoa de Varzim e a Sul de Vila do Conde, existem, a diferentes altitudes, depósitos de praias antigas constituídos por areias e cascalheiras de calhaus rolados.

Depósitos de terraços fluviais, constituídos por areias, cascalheiras e argila, descobrem-se ao longo de ambas as margens do rio Ave, particularmente na região de Ferreiró, na margem direita, e na região de Bougado, na margem esquerda. Encontram-se escalonados a diferentes altitudes, atingindo o seu nível máximo nos 45-50 metros na região de Areias, Santo Tirso (ANDRADE 1946, 118).

Nalguns dos rios subsidiários do Ave, concretamente no Este, Pele, Pelhe e Sanguinhedo, encontram-se, também, algumas cascalheiras de terraços, todavia, de diminuta importância e extensão (TEIXEIRA *et alii* 1965, 15).

3 - Formações Paleozóicas

A grande mancha Paleozóica que de Valongo se estende na direcção de Viana do Castelo, atravessa a região, no sentido SE-NO. Maioritariamente representada por rochas do Silúrico, integra, essencialmente, xistos e grauvaques. Na zona de contacto com a grande mancha de granito do Minho resultou uma orla, mais ou menos extensa, metamorfizada, constituída por corneanas, xistos luzentes, xistos andaluzíticos, etc. (*idem*, 22-23).

Do lado ocidental esta mancha do Silúrico contacta com outros afloramentos do Paleozóico, concretamente com uma estreita e comprida mancha do Carbónico, entre Alvarelos e a Serra de Rates, uma mancha do Devónico na região de Laundos-Rates e uma outra, do Ordovícico, constituída por conglomerados, quartzitos e xistos diversos, que da Maganha se desenvolve para SE.

Entre os terrenos paleozóicos e os granitos alcalinos da região ocidental encontramos as manchas Alvarelos-Guidões e da Serra de Rates do Complexo Xisto-Grauváquico ante-Ordovícico, também visível em pequenos afloramentos da região do Mindelo, de Azurara, de Modivas e da Retorta. Na orla de contacto com o granito, os xistos mostram-se muito metamorfizados.

Na parte oriental da região, no seio dos granitos da grande mancha do Minho, estão também, presentes vários afloramentos de rochas do Silúrico, profundamente metamorfizados. A mancha mais representativa estende-se de Balazar para Norte em direcção ao Cávado, passando a Leste da cidade de Braga. Outras mais pequenas afloram na região de Ferreiros, em Nogueiró e junto de Santa Leocádia de Briteiros.

4 - Granitos

A observação do mapa geológico do Baixo Ave (Est. V) mostra-nos que as rochas graníticas dominam em extensão o território, aliás como acontece por todo o Minho. A sua abundância e acessibilidade como matéria-prima imprimirá às comunidades castrejas um

cunho muito peculiar, caracterizando-as como "*a primeira civilização de pedra*" do Noroeste (ALMEIDA 1983b, 70).

Distinguem-se dois grandes grupos, como resultado da rocha encaixante: Granitos alcalinos, mais jovens, muito resistentes à erosão; Granitos calco-alcalinos, com maior variabilidade mineralógica e de textura que os primeiros, apresentando por vezes megacristais que o apelidam de "*dente de cavalo*".

Na faixa ocidental da Bacia do Ave, como prolongamento para Norte do granito do Porto, encontramos, orientada de SSE para NNO uma mancha de granito alcalino, que de Muro, Guilhabreu e Modivas se prolonga até Arcos, Terroso e A Ver-o-Mar. É limitada a Ocidente pelos aluviões modernos e pelos depósitos Plio-Plistocénicos existentes a Sul do rio Ave e de Leste pelos xistos do complexo xisto-grauváquico ante-ordovícico, ou pelos terrenos do silúrico e do carbónico continental.

Atendendo à textura, distinguem-se diferentes tipos, desde os porfiróides (granito de Sto. André) aos não porfiróides, de grão médio ou grosseiro, por vezes gneissico (granito da Póvoa de Varzim) e de grão fino, na região de Árvore (TEIXEIRA *et alii* 1965, 33-36).

Uma outra mancha de granito alcalino, de grão médio ou grosseiro, desenvolve-se no sentido S-N de Gondifelos para Chavão e Pedra Furada, no concelho de Barcelos. Situa-se a Leste e a norte das rochas silúricas, que metamorfiza profundamente. De Leste contacta com o granito calco-alcalino de textura porfiróide.

Na parte oriental dominam os afloramentos graníticos, calco-alcalinos, predominantemente porfiróides de grão muito grosseiro ou apenas grosseiro. A grande mancha orientada no sentido SSE-NNO contacta, na sua parte ocidental, desde Carreira até Minhotães (cerca do rio Este) com as rochas do Silúrico, tendo originado uma larga orla de metamorfismo. Daqui para Norte o contacto faz-se com o granito alcalino de Gondifelos, Chavão, etc.

Ocupando larga área, entre os afloramentos de granito porfiróide grosseiro, encontramos manchas de granito porfiróide de grão médio a fino, apresentando, genericamente, a mesma orientação. Na região de Braga, com prolongamento para Norte para o Cávado, temos a denominada mancha de Braga. Entre Monte Córdova (Santo Tirso) e Vale S. Martinho (Famalicão) vislumbramos uma outra mancha, bastante extensa, apelidada

de Burgães, com características idênticas a uma outra, mais reduzida, que se estende entre S. Jorge do Selho a Vermil, no concelho de Guimarães. Uma outra mancha de granitos, de duas micas com predomínio de biotite, estende-se, com algumas interrupções, desde Roriz, por Aves, até Airão, Oleiros e Portela.

Finalmente, é de referir a existência de alguns locais onde o granito deixa de ser porfiróide e passa a granito de grão fino ou fino a médio. Uma das manchas (de S. Salvador de Briteiros) localiza-se a SE de Braga, entre Sande, Longos e Barco, passando por Briteiros e, daqui para Norte, para Pedralva. Uma outra (Mancha de Pau de Bandeira) fica a oriente de S. Mamede de Este. Uma terceira (Mancha de Barros) desenvolve-se entre Tenões e Gualtar, na margem direita do rio Este.

A riqueza mineira da Península Ibérica, e particularmente do Noroeste, está referenciada desde a antiguidade clássica (ESTRABÃO III, 2, 8-9; PLÍNIO XXXIV, 47). A grande dispersão de jóias em ouro e objectos de bronze, pelo território estudado, bem como a identificação de práticas metalúrgicas nalguns dos castros do Baixo Ave, sugerem a prática de uma desenvolvida actividade metalúrgica, certamente decorrente da existência de variados recursos mineiros, especialmente em ouro e estanho, que poderá ter funcionado como estímulo ao assentamento e crescimento de povoados ao longo do I milénio a.C..

Os dados existentes para o Vale do Ave, relativamente aos recursos minerais disponíveis, parecem confirmar as referências dos autores clássicos. São particularmente abundantes os minérios de estanho, em geral associados ao volfrâmio, cuja extracção aconteceu em numerosas minas das freguesias de Outiz, Cavalões e Fradelos, do concelho de Vila Nova de Famalicão, hoje abandonadas (TEIXEIRA *et alii* 1965, 43-44).

O ouro, embora não seja assinalado no Baixo Ave, existiu bem perto daqui, um pouco a Norte de Laundos, na Lagoa Negra. Um enorme lago, no sítio das escavações, ao lado duma volumosa escombreira são evidências da exploração deste metal precioso. Também nesta região foi assinalada a presença de antimónio² (*idem*, 44).

² - Na freguesia de Laundos é assinalado, ainda, o abandono de minas de ferro, manganês, além do antimónio já citado (LEAL-FERREIRA 1873, VIII, 63).

Relativamente à prata temos a referência à existência de uma mina, para sul do nosso mapa, mas relativamente próximo, na freguesia de Água Longa, em Santo Tirso, manifestada na Câmara Municipal, no segundo quartel do séc. XIX, juntamente com outras de ferro, manganês, chumbo e antimónio (LEAL-FERREIRA 1873, VIII, 610).

Os minérios de ferro marcam, também, a sua presença no território estudado. Pequenas concentrações de limonite existem na freguesia de Courel, do concelho de Barcelos, e na vertente Leste da serra de Rates, acompanhando os terrenos do Devónico inferior (Teixeira *et alii* 1965, 44). Referências antigas dão-nos conta da existência daquele minério, na parte Sul do mapa, em minas, entretanto abandonadas (LEAL-FERREIRA 1873, VIII, 610; XI, 1338)³.

Nas freguesias de Vilarinho das Cambas e Lousado, existiram pequenas explorações de grafite, assim como há indicações da extracção de caulino no concelho de Vila do Conde, no Sul do de Barcelos e em Ribeirão e Gondifelos, em Vila Nova de Famalicão.

Disseminados por todo o território são abundantes os recursos petrográficos, especialmente as pedreiras de granito e algumas louseiras exploradas na zona da Trofa.

2.5 - Clima

Dentre os fenómenos que caracterizam o meio, o clima ocupa o lugar de maior destaque, pelas restrições que pode colocar às comunidades humanas, determinando as condições de vida às espécies animais e vegetais das quais elas dependem.

O conhecimento das condições climáticas, assente nos estudos Paleoambientais, torna-se, pois, fundamental para o entendimento das estratégias de produção e da selecção de determinadas espécies vegetais.

Em virtude de não existirem dados que permitam elaborar um quadro de referência à escala regional, relativamente ao clima do I Milénio a.C., apenas poderemos distinguir a existência de dois grandes períodos climáticos observáveis à escala Europeia, designados de Sub-boreal e Sub-atlântico. O primeiro, Sub-boreal, situado entre 2500 até 600 a.C., é

³ - Relativamente à freguesia Vilarinho das Cambas, o autor diz que "*N'esta parochia ha grandes jazigos de ferro*" e cita um decreto em que haviam sido reconhecidos como proprietários legais de uma mina de ferro diversos personagens (*Idem, ibidem*).

caracterizado por temperaturas mais baixas e um aumento dos períodos de seca. O segundo, Sub-atlântico, iniciado no séc. VII a.C., até aos nossos dias, distinguindo-se do anterior por um ligeiro aquecimento da temperatura e um aumento da pluviosidade, que aceitamos poder corresponder, no Baixo Ave, às condições climáticas actuais.

O conhecimento das modificações que se terão operado nos ecossistemas da região, provocadas pela passagem do Sub-boreal ao Sub-atlântico poderão revelar-se de especial significado, no entendimento da emergência dos povoados fortificados do Baixo Ave.

Como consequência da sua localização, a região sofre nítida influência atlântica que, através dos vales dos rios, penetra até ao interior. O clima é chuvoso e húmido, com nevoeiros matinais frequentes e as temperaturas resultam moderadas, com amplitudes térmicas bastante reduzidas.

A heterogeneidade do relevo, na área considerada, permite, porém, individualizar unidades com alguma especificidade. Assim, na faixa litoral verificamos que o Inverno é suave e o Verão menos quente, fruto da proximidade do mar. Numa ampla área, ao longo dos vales do rio Ave e do Este e respectivos afluentes, o Inverno já é mais fresco e o Verão mais quente. No cimo dos relevos mais pronunciados, devido à maior altitude, o Inverno é mais frio e o Verão mais fresco.

- A Temperatura

Os dados disponíveis para a estação meteorológica da Póvoa de Varzim, entre 1941 e 1950⁴, mostram-nos a suavidade do Inverno e a moderação do Verão, na faixa costeira. As temperaturas máximas não excedem os 37° e as mínimas não chegam a atingir os -1°, sendo a média anual de 14,8°. A média das temperaturas máximas atinge 18,4° e a média das mínimas 11,2°. Situações de geada são raras e unicamente nos meses de Dezembro e Janeiro.

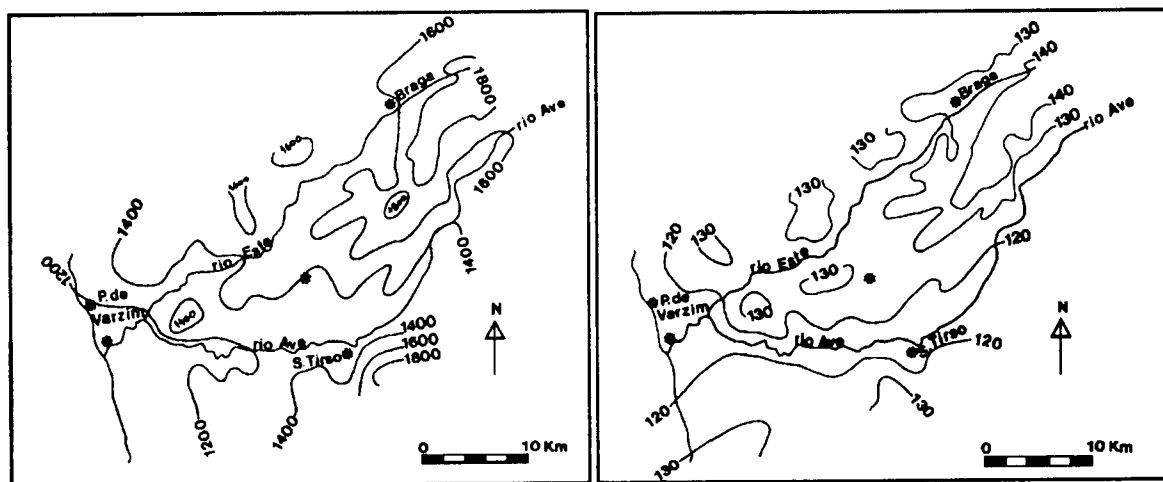
No interior poderão ser observadas algumas diferenças, tanto maiores quanto a distância relativamente ao mar e a altitude considerada. Os dados para as estações meteorológicas de Braga e de Santo Tirso entre 1941 e 1970, demonstram o aumento do frio

⁴ - O Clima de Portugal, Fasc. XL (vol. 1 - 1ª Região). Normais Climatológicas da Região do "Entre-Douro-e-Minho" e "Beira Litoral", correspondente a 1941-1970, Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, Lisboa, 1988, pp. 58-59.

no Inverno e do calor no Verão, assim como amplitudes térmicas mais acentuadas, nestas localidades do interior⁵. As temperaturas máximas ocorreram em Julho, em Santo Tirso, e em Agosto, em Braga, atingindo, 41,8° e 41,3°, respectivamente. Quanto às mínimas, observadas em Fevereiro na primeira das estações e em Janeiro na segundo, chegaram aos -6,5° e -5,2°. A média das temperaturas atinge, no caso das máximas 21° para Santo Tirso e 20,1° para Braga, e no caso das mínimas, respectivamente, 8,9° e 8,8°. A formação de geada verificada em 26 dias, em Braga, distribuídos entre os meses de Outubro até Maio, acentua, ainda mais, as diferenças climáticas verificadas no interior relativamente à região costeira.

- A Precipitação

A média anual de precipitação, na área compreendida pelo nosso estudo, está compreendida entre as isoietas de 1000 mm, na faixa costeira e 1800 mm, na Serra do Carvalho (DAVEAU *et alii* 1977, Mapa I), com uma frequência entre os 100 e os 140 dias de precipitação $\geq 0,1$ mm, anual, nos mesmos locais atrás indicados (*idem*, Mapa II).



Mapas I e II - Quantidade de precipitação e nº de dias de pluviosidade

(Média anual 1931-1960)⁶

Como se poderá verificar no quadro seguinte, os valores, atrás citados, correspondem, no entanto, a uma distribuição espacial bastante desigual, assim como é muito desigual a sua distribuição ao longo do ano.

⁵ - *Idem* nota anterior, pp. 54-55, 60-61.

⁶ - Segundo DAVEAU *et alii* 1977.

	Altitude (metros)	Precipitação		Distribuição da precipitação			
		(média anual)	(Dias com $\leq 0,1$ mm)	Primavera	Verão	Outono	Inverno
P. Varzim	14	772 mm	113	26%	6%	27%	41%
Braga	190	1539 mm	134	28%	7%	26%	39%
Sto. Tirso	62	1337 mm	116	28%	7%	26%	39%
Sameiro	580	1870 mm	146	27%	8%	25%	40%

Quadro 1 - Distribuição espacial e frequência da precipitação média anual

Na faixa costeira o total da precipitação, assim como a sua frequência são reduzidos. Na Póvoa de Varzim, entre 1941 e 1950 registou-se uma média anual de precipitação de 771,6 mm em 113,4 dias⁷. A maior concentração de chuva verifica-se no Inverno, podendo-se considerar secos os meses de Verão por apresentarem valores médios inferiores a 20 mm.

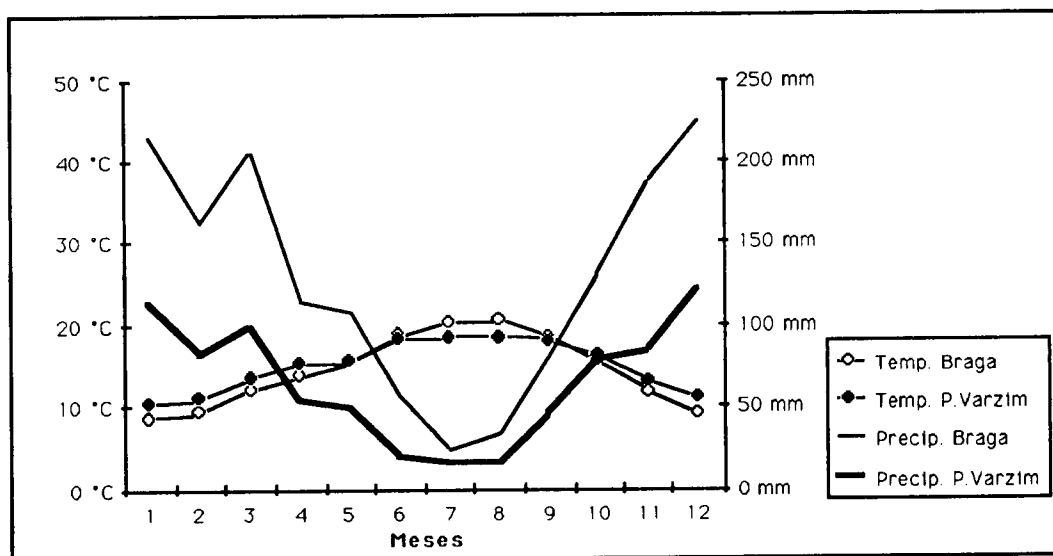


Gráfico 2 - Comparação termo-pluviométrica de uma estação meteorológica do litoral e outra do interior

À medida que a altitude, progressivamente, se vai elevando para o interior, aumenta também o volume da precipitação, bem como a sua frequência, reduzindo-se o número de meses secos. Esta situação fica-se a dever à condensação, nas zonas mais elevadas, das nuvens carregadas de humidade que os ventos de Oeste e Sudoeste transportam para o

⁷ - Idem nota 4.

interior, através dos vales dos rios. Assim, na Estação Meteorológica de Braga, a uma altitude de 190 metros, registaram-se, no período compreendido entre 1941 e 1970, 1463,5 mm de precipitação em 126 dias e perto desta cidade, mas a uma altitude superior em cerca de 300 metros, no Posto Udométrico do Sameiro, verificámos, para o mesmo período, a média anual de 1813,0 mm em 148 dias de precipitação⁸.

2.6 - Rede Hidrográfica

A Bacia Hidrográfica do rio Ave (Est. VI), ocupando uma superfície total de 1390 Km², é a menor das onze bacias dos principais rios de Portugal, só comparável às dos rios Cávado e Mira e ultrapassando a do rio Lima, na parte portuguesa.

Apresenta-se bastante assimétrica, com um maior desenvolvimento para Norte onde se destaca a bacia afluente do rio Este, e particularmente extensa no seu trajecto inferior. A margem Sul, muito estreita no seu curso inferior, amplia-se, de forma considerável, a partir do ponto de confluência do rio Vizela, isto é, no seu trajecto médio e superior.

A parcela considerada neste trabalho é dominada pelo curso médio e inferior do rio Ave e pelo curso do rio Este, seu afluente, os quais são engrossados por uma considerável quantidade de ribeiros e pequenos cursos de água, estrutura fundamental da drenagem da região.

O rio Ave, referido pelos romanos como *Avus* (MELA III, 10), é o eixo central deste sistema de drenagem, desde as vertentes da serra da Cabreira, onde nasce, até ao Oceano Atlântico, junto a Vila do Conde, onde desagua.

O Ave nasce na freguesia de Sto. Estêvão de Castelões, concelho de Vieira do Minho, no limite da província do Minho com a de Trás-os-Montes (LEAL-FERREIRA 1873, I, 233) e seguindo a direcção normal dos rios do Norte do país, corre no sentido NE-SO até Santo Tirso, mudando então de rumo para E-W até Touguinhó, na confluência com o rio Este, retomando, então, a sua orientação primeira, que mantém até entrar no Oceano Atlântico, entre Vila do Conde e Azurara.

⁸ - Idem nota 5, pp. 54-55, 116.

Com cerca de 85 Km de comprimento este rio é apenas navegável numa curta extensão de 2 Km, junto à foz, pois a hipotética progressão de embarcações para montante foi interrompida pela construção de diversos açudes.

Pela margem esquerda o rio Ave recebe o seu principal afluente, o Vizela, assim como outros pequenos rios e ribeiros de que se distinguem os rios Selho e Sanguinhedo. Na margem direita são de destacar, os rios Pele, Pelhe e Agrela, além do rio Este, o mais importante.

Na margem direita do rio, nas Caldas das Taipas, existe uma fonte termal. As águas brotam da falha do granito de grão grosseiro porfiróide e possuem qualidades terapêuticas conhecidas desde longa data, provavelmente desde a ocupação romana a fazer fé nos restos de estruturas para banhos aí existentes.

O rio Este, também chamado Deste ou, em tempos mais recuados, Aleste e Aliste (LEAL-FERREIRA 1873, I 111), é o afluente da margem direita do Ave que maior superfície drena. Nasce na Serra do Carvalho a uma altitude de cerca de 460 metros, a menos de uma dezena de quilómetros a ENE da cidade de Braga e correndo sempre no sentido NE-SW vai entrar no Ave, em Touguinhó, cerca de 4 Km a leste de Vila do Conde, depois de perfazer cerca de 45 Km de percurso.

2.7 - Solos e vegetação

Não existindo para o território do nosso estudo cartografia de solos com certo detalhe, limitar-nos-emos a uma descrição muito genérica, tomando como fonte a Carta dos Solos, na escala 1:1.000.000 (Comissão Nacional do Ambiente, 1978). A região, apresentando uma forte influência atlântica, é dominada por cambissolos húmicos e, em pequenas áreas, junto ao litoral, dá-se a ocorrência de Luvisolos. Os primeiros caracterizam-se por possuírem além da primeira uma segunda camada rica em argila, mas dada a sua origem geológica são, na generalidade, solos ácidos, pobres em fósforo e cálcio, mas providos de suficiente potássio. O homem tem tido um papel fundamental na adequação destes solos franco-arenosos de fertilidade natural reduzida em solos com grande potencialidade produtiva, basicamente

incorporando-lhe matéria orgânica e organizando um processo adequado de distribuição de água.

Quanto aos segundos, com teores mais elevados de matéria orgânica, são mais profundos e frescos, apresentando, no entanto, por vezes, dificuldades de escoamento de água e de arejamento, como resultado da sua composição.

A área potencialmente agrícola ocupa cerca de metade do total do território, facto para o qual contribuem a larga faixa litoral e os imensos alvéolos e plainos aluviais quer da planície e colinas do interior quer das depressões existentes na faixa montanhosa. A área florestal, constituída por manchas que à excepção da planície litoral se encontram disseminadas um pouco por todo o território, apresenta a sua maior concentração na faixa do Paleozóico que atravessa o território de sul para noroeste e na zona montanhosa e respectivas vertentes da parte nordeste do mapa (Est. VII).

A região estudada está integrada, actualmente, na zona fitoclimática Atlântica/Mediterrâneo-Atlântica, com *Castanea sativa* (Castanheiro), *Pinus pinaster* ssp *atlantica* (Pinheiro bravo), *Pinus pinea* (Pinheiro manso), *Quercus robur* (Carvalho alvarinho) e *Quercus suber* (Sobreiro) (Carta Ecológica, Comissão Nacional do Ambiente, 1984).

Uma grande parte da sua superfície florestal está actualmente coberta, sobretudo, de eucaliptos e pinheiros-bravos. As exigências nutritivas da primeira espécie empobrecem o solo e põem em risco o equilíbrio ecológico. Em sub-bosque crescem quase exclusivamente fetos (*Pteridium aquilinum*) e diferentes espécies de tojo (especialmente *Ulex europaeus* e *Ulex minor*). Esporadicamente aparecem outras plantas indicadoras da degeneração do meio natural; é o caso das urzes (sobretudo *Erica arborea* e *Daboecia cantabrica*) e das estevas, que se desenvolvem, sobretudo, em consequência da existência constante de queimadas para a possível abertura de novos espaços agrícolas.

A cobertura vegetal, no entanto, durante o período a que se reporta o nosso trabalho, apresentaria características bem diferentes das actuais. A inexistência de eucaliptos era um facto e a introdução do pinheiro bravo parece ter-se efectuado, na zona litoral, numa época mais tardia do que nas zonas do interior. De acordo com os resultados antracológicos,

enquanto no Nordeste, a presença de *Pinus pinaster* é assinalada já durante o III milénio a. C., no Noroeste esta espécie é identificada pela primeira vez num habitat castrejo, no Castro das Ermidas (FIGUEIRAL 1990, 126).

No I Milénio a.C., a paisagem vegetal seria ainda dominada pelos Carvalhos (*Quercus*, de folha caduca), aliás como em todo o Noroeste do país, não obstante a sua extensão estar em regressão acentuada, como consequência da utilização de novos artefactos de corte, postos à disposição pelas novas técnicas metalúrgicas. Com efeito, os resultados antracológicos obtidos em estações arqueológicas do Bronze Final e Idade do Ferro nomeadamente nos Castros das Ermidas e de Penices, em Vila Nova de Famalicão, da Sola, em Braga e de S. Julião, em Vila Verde, dão-nos conta não só da importância dos carvalhos (Carvalho alvarinho, nesta região) que colonizavam as áreas de solos profundos mas também do aumento progressivo das áreas cobertas por leguminosas e urzes que se desenvolviam em substituição da floresta climácica (FIGUEIRAL 1990; 1993).

A importância das frequências de certos *taxa* (sobretudo Amieiro, Lagarinho, Salgueiro, Freixo, Choupo, Olmo e Hera) são o testemunho da existência de florestas de ribeira bem desenvolvidas e que eram exploradas pelo homem.

2.8 - Vias naturais

Embora não se disponha, para o território em estudo, na Idade do Ferro, de evidências arqueológicas em que se apoie a caracterização das formas de contacto inter-comunitárias, parece-nos óbvio que, numa região tão densamente povoada, elas passariam pela existência de uma rede de vias de comunicação, certamente privilegiando os caminhos naturais. Por conseguinte estamos em crer que as vias de comunicação natural, por excelência, deveriam ser os seus rios principais, o Ave e o Este (Est. VI).

A grande concentração de povoados ao longo do curso do Ave sugere-nos que este rio deveria funcionar como eixo fulcral na ligação das comunidades do litoral com as do interior. Mesmo aceitando a hipótese de que o rio não seria, de todo, navegável⁹ a comunicação

⁹- A construção de vários açudes ao longo do rio Ave e o consequente açoreamento tornaram impossível a navegação para além da área junto à foz. No entanto, antes desta situação, talvez fosse possível navegar em parte do Ave, desde que utilizando determinado tipo de embarcações. O uso de barcos de pele referido pelos autores clássicos, por exemplo por Estrabão (III, 3, 7), talvez pudesse ser uma solução.

estabelecer-se-ia através do vale marginal o que não diminuiria, de qualquer forma, a sua grande importância. A mesma situação se deverá colocar relativamente ao rio Este que poderia funcionar como uma via natural de penetração para a região interior Norte¹⁰. Os vales de outros rios menores teriam, provavelmente, neste contexto, também importância assinalável. A título de exemplo referiremos o vale do rio Pelhe, através do qual seria possível estabelecer, na parte média do território, a ligação Sul-Norte, mais tarde aproveitada para a passagem da via romana Olisipo-Cale-Bracara Augusta¹¹.

A viação romana que cruzava o território poderá aproximar-nos, por conseguinte, a eventuais caminhos anteriores. Como refere Brochado de Almeida, esta aproximação parece ser evidente em relação à via romana Porto-Barca do Lago-Darque-Caminha que se terá, eventualmente, sobreposto a um caminho pré-existente utilizado pelas tropas de Decimus Iunius Brutus, como poderá presumir-se do registo arqueológico que evidencia a destruição da Cidade de Terroso (ALMEIDA, CAB 1990, 252). No entanto, os dados cronológicos da recente escavação da vila romana da Estela torna problemática a menção do autor, relativamente à ocultação das jóias de Estela e Laundos, com este cenário (Informação de Armando Coelho). A geomorfologia da faixa litoral, só por si, favoreceria o traçado de uma via de comunicação ao largo de Vila do Conde e da Póvoa de Varzim.

10. É de assinalar a via romana que partindo de Bracara Augusta se dirigia para Chaves pelos Pisões correndo, no início do seu trajecto, paralela ao rio Este.

11. Dispostos ao longo deste provável caminho temos cinco povoados fortificados, um deles (Castro do Monte Redondo) em excelente posição de domínio sobre a portela que separa o vale do Pelhe, em Famalicão, do vale de Penso, em Braga.

3. Povoados

3.1 - Fontes de Informação

A informação referente aos povoados fortificados, com ocupação no I Milénio a.C., localizados no Baixo Ave, enquadra-se, basicamente, num dos três tipos seguintes:

- Escavação arqueológica, trabalhos de campo e achados ocasionais.

Os dados, abarcando mais de cem títulos, estão dispersos por inúmeras obras de cariz arqueológico, particularmente, um conjunto de periódicos nacionais e do país vizinho.

Relativamente às informações provenientes das escavações arqueológicas, realizadas em 13 dos povoados referidos, é de assinalar a sua díspar importância atendendo aos objectivos que as nortearam e às metodologias utilizadas, condicionantes naturais dos resultados fornecidos. Um primeiro conjunto de intervenções, desenvolvido desde os finais do século passado até aos anos 60, nos castros de Sabroso¹, Terroso, Monte Redondo, Falperra, Bagunte, Monte da Saia, Calendário e Monte Padrão, norteou-se, genericamente, pela escavação de grandes áreas, por forma a evidenciar o maior número possível de estruturas, e pela abundante recolha de espólios para exposição nos nóveis museus. Desses trabalhos, alguns com memórias de escavação ainda por publicar, resultaram conjuntos de dados de duvidoso valor científico, pela ausência de quaisquer registos espaciais e estratigráficos.

A partir dos anos 70 uma nova geração de arqueólogos, imbuídos doutra filosofia e utilizando métodos e técnicas adequados, deu início a trabalhos de escavação em vários castros do Baixo Ave, alguns já intervencionados, anteriormente. Esta diferente dinâmica de investigação abrangeu, novamente, Sabroso, Terroso, Falperra e Monte Padrão e estendeu-se a um conjunto de estações inéditas, concretamente aos castros de Alvarelhos, em Santo Tirso, e Vermoim, Ermidas, Penices e Eiras, em Vila Nova de Famalicão.

Pese o facto de alguns destes recentes trabalhos estarem por publicar, são desta fase os dados estratigrafados que dispomos e que nos permitem estudar o ordenamento da região. É de salientar, por exemplo, a informação recolhida nas escavações efectuadas no concelho de Santo Tirso onde se verificou a precocidade de ocupação das elevações onde assentam os castros de Monte Padrão (MARTINS 1985, 220-223) e de Alvarelhos (MOREIRA 1992b), assim como no concelho de Braga, em Santa Marta da Falperra, onde a mesma realidade foi

¹ - São uma excepção, evidentemente, as escavações dirigidas em Sabroso, na década de 50, por Christopher Hawkes.

detectada (MARTINS 1990, 119), comprovando o que já fora indiciado nos trabalhos realizadas nos anos 60 (SOUSA 1968-70, 60). Também as escavações realizadas em Famalicão têm fornecido informações relevantes, particularmente o Castro de Penices, em Gondifelos, onde se encontrou uma ocupação contínua do sítio, desde os inícios da Idade do Ferro até à primeira metade do séc. I da nossa era.

A ocupação nos finais da Idade do Bronze em muitos dos castros do Noroeste, atestada pelas escavações recentes nos povoados atrás enumerados, serviu-nos como referencial nas prospecções de campo que realizámos por todo o Baixo Ave. Essa actividade, persistente, saldou-se por um acumular de evidências sobre a ocupação, já no Bronze Final, em mais quatro sítios, concretamente no Castro de Lages (FONTES 1990, 127) e no Monte de Vasconcelos, em Braga, no Monte da Forca, em Guimarães, e no Monte do Facho, em Vila Nova de Famalicão. Nestes povoados foram recolhidos fragmentos de cerâmica manual, com características morfológicas e técnicas que os aproximam das cerâmicas grosseiras do Bronze Final da Citânia de S. Julião, em Vila Verde e de Castelo de Matos, no concelho de Baião.

Para a localização e, nalguns casos, para a caracterização genérica² das estações revelaram-se de grande utilidade as informações provenientes de achados ocasionais e de trabalhos de campo realizados na região, ao longo de mais de cem anos. Foi fundamental, numa primeira aproximação aos sítios, o inventário de estações castrejas (SILVA 1986, 68-108) que inclui a bibliografia básica para cada uma delas. Os trabalhos de campo desenvolvidos por Martins Sarmiento e compilados nos Dispersos e na Revista de Guimarães com os títulos "*Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*" e "*Antiqua*" assumiram, neste âmbito, especial destaque. É forçoso citar, ainda, as informações decorrentes dos trabalhos de Carlos Teixeira que culminaram na cartografia de muitos destes sítios, na Carta Geológica de Portugal na escala 1:50.000.

Como complemento da análise da bibliografia, das informações orais recolhidas³ e do estudo da cartografia da região valorizámos a prospecção sistemática de campo, realizada com vista à identificação de novos sítios, e para estudo específico dos habitats.

² - Principalmente nos casos em que a degradação alterou a fisionomia das estações.

³ - O trabalho de prospecção de campo realizado na parte SO do concelho de Famalicão, nas freguesias de Lousado, Ribeirão, Vilarinho das Cambas e Fradelos, apoiou-se em dezenas de inquéritos toponímicos, distribuídos à população, através dos nossos alunos.

3.2 - Catálogo de sítios

No território do Baixo Ave, identificámos 41 estações com ocupação no I milénio a.C., as quais integram este catálogo. Para maior facilidade de localização na cartografia apresentada na parte final do trabalho, achámos vantajoso ordená-las em função dos dois principais rios da região, o Este e o Ave, e do seu posicionamento em relação ao mar. Como resultado, agrupamos os povoados em quatro conjuntos distintos:

I - Povoados da margem direita do rio Este;

II - Povoados entre os rios Este e Ave, integrando os que se situam na margem esquerda do rio Este e os da margem direita do Ave;

III - Povoados a Sul do rio Ave, abarcando os da margem esquerda deste rio;

IV - Povoados junto ao mar, compreendendo as estações costeiras.

Foi nosso objectivo a procura de uma certa uniformização dos dados referentes a cada um dos sítios, assim como organizá-los de maneira que a sua leitura fosse facilitada. O resultado foi a distribuição do texto em quatro blocos, devidamente articulados, separados por um parágrafo.

O primeiro bloco de informações destina-se à localização do povoado, com referência à freguesia e concelho, e indicação da altitude absoluta e das coordenadas geográficas, sempre em relação ao meridiano internacional, tomadas das cartas dos S.C.E., na escala 1.25.000. Cada povoado é identificado pelo nome mais comum ou pelo nome do lugar, atribuindo-se-lhe um número de ordem, para facilitar a sua identificação na cartografia respectiva.

O segundo apartado descreve o tipo de assentamento, assim como o meio físico e ecológico circundante. Faz-se referência à topografia do local, suas condições naturais de defesa, potencialidades económicas da área envolvente, visibilidade sobre o meio circundante e com outros povoados e eventuais relações com hipotéticas vias de comunicação.

No terceiro bloco faz-se o historial, resumido, dos trabalhos realizados ou das informações disponíveis sobre o sítio, indicando-se a respectiva bibliografia.

O último grupo de informações foi destinado à descrição do povoado, em particular à sua planta, sistema defensivo, estruturas visíveis, espólio, provável cronologia e, sempre que relevante, o estado de conservação.

Estas informações têm um suporte gráfico, na última parte da obra, constituído, basicamente, por perfis topográficos⁴, plantas das estações⁵ e espólio -já publicado em artigos da especialidade ou por nós recolhidos à superfície, durante os trabalhos de campo realizados.

A dificuldade sentida na análise das estruturas de muitos dos povoados, provocada pelas destruições sofridas e pelo espesso manto vegetal que as cobre, implicou que as plantas desenhadas tivessem resultado, em muitos casos, incompletas, devendo ser entendidas como uma tentativa de aproximação à realidade.

⁴ - Os perfis topográficos foram elaborados a partir das Cartas Militares na escala 1:25.000.

⁵ - As plantas foram realizadas sobre mapas 1:5.000 e apresentadas à escala real.

I - Povoados da margem direita do rio Este

1- Cidade de Terroso (Terroso) - Póvoa de Varzim

Lat. 41° 24' 50" N

Long. 8° 43' 11" W

Alt. 153 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 82)

A Cidade de Terroso ocupa o topo de uma elevação à altitude de 153 m, destacada na planície costeira, em frente à Serra de Rates da qual está separada por um vale por onde correm a ribeira do Carvalhal, afluente do rio Ave e a ribeira de S. Tomé, afluente do rio Alto que caminha direito ao mar. Na base do monte nasce o rio Esteiro, utilizado como limite Norte deste estudo.

A situação topográfica deste povoado confere-lhe uma posição de destaque na orografia da região (Est. IX, 1) e um domínio visual que abarca toda a planície envolvente, até ao mar pelo lado Oeste, e aos rios Este, pelo lado Sudeste, e Ave pelo Sul. Do alto de Terroso são visíveis a Cidade de Bagunte e o Castro do Boi, já do outro lado do Ave, além do Castro de Laundos que lhe está contíguo, a Norte.

A pronunciada pendente do monte, particularmente pelo lado Norte, proporciona-lhe excelentes condições naturais de defesa.

A referência mais antiga à ocupação do Monte da Cidade remonta, pelo menos, aos inícios do séc. XVIII, pela pena de Carvalho da Costa⁶. Embora esta informação, sob o ponto de vista arqueológico, possa parecer um pouco vaga o mesmo já não acontece com as produzidas pelo Pe. Luis Cardoso ⁷, ou pelo Tenente Veiga Leal⁸, ambas de 1758.

⁶ - Diz a Corografia Portugueza a respeito da freguesia de Terroso: *S. Miguel, que alguns dizem Santa Maria de Terroso (...) Aqui houve antigamente hum cidade chamada Torroso, a qual parece que existia, & ao menos conserva o nome* (COSTA 1706, 313).

⁷ - Nas Memórias Parochiaes de 1758 é referido que Terroso *"Estâ ésta freguezia toda a roda cercada de campos lavrados, e só por hua parte coazi no meyo della tem hum Monte mais levantado, que sera tanto, como a tersa parte dos campos laurados da dita freguezia e dizem os Antigos fora este Monte Cidade de Mouros, porque se chama este Monte da Cidade, bocabullo corruto, e deste Monte se descobre terra e Mar sinco legoas thé Vianna que fica ao Norte e sinco the o Porto, que fica ao sul"* (Cfr. AZEVEDO 1902, AP, VII, 320).

⁸ - O autor referia que se viam (...) *vestígios bastantes de casas, que dizem formavam alli uma cidade* (Cfr. GONÇALVES 1964, 307).

Na primeira década deste século, mais precisamente em 1906 e 1907, realizaram-se escavações arqueológicas em Terroso, sob a orientação de Rocha Peixoto e José Fortes. Os trabalhos ocuparam vários meses e, em consequência, ficou a descoberto uma área enorme, incluindo toda a acrópole, com cerca de uma centena de estruturas domésticas, bem como troços da muralha que a rodeava. Da mesma forma recolheu-se um espólio importantíssimo quer em quantidade quer em qualidade (PEIXOTO 1905-08, 677-8)⁹. Infelizmente, além deste breve apontamento de Peixoto e algumas referências avulsas num trabalho de Fortes (1905-08), nada mais foi divulgado, não obstante o enorme interesse que as memórias dessas escavações se revestiriam. A valorização deste importante assentamento castrejo só mais tarde virá a acontecer¹⁰, destacando-se neste contexto, os trabalhos de Ruy Serpa Pinto (1928, 311-2; 1932, 81-91) de redobrado mérito, pois para além da preocupação de recuperar os registos e o espólio de Terroso¹¹, prestarão grande serviço à arqueologia portuguesa pela informação dada a respeito das suas estruturas e respectivos materiais o que constituirá a base de conhecimento desta estação até aos trabalhos de Armando Coelho, levados a cabo nos anos 80, que intervindo na Cividade, com uma perspectiva de rigor científico, recuperará informações dos antigos trabalhos e acrescentará aspectos extremamente importantes ao conhecimento da cultura castreja do Noroeste peninsular¹².

A Cividade de Terroso está classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1971.

Bibliografia - COSTA 1706, 313; SARMENTO 1883-1884 = 1933, 166; PEIXOTO 1905-1908, 677-680; SEVERO 1905-1908, 404-405; FORTES 1905-1908c, 605-617; 1905-1908d, 662-665); PINTO 1928, 311-312; 1932, 81-91; GONÇALVES 1964, 307-308; TEIXEIRA *et alii* 1965, 46; FREIRE 1965, 206-209; GARCIA Y BELLIDO 1966, 9-11; ALMEIDA 1972, 15-31; ROMERO MASIÁ 1976; SILVA 1981, 303-315; 1986, nº 323, *passim*; PONTE 1984, 126-138; nºs 6, 14, 25, 59, 92; CENTENO 1987, 130; CALO LOURIDO 1991, 585-589; QUEIROGA 1992, 168, nº 239; SILVA-GOMES 1992.

⁹ - Segundo Peixoto com os materiais de pedra, barro, vidro, bronze, ferro, prata e ouro encheram-se 44 caixotes (Peixoto 1905-08, 678) e só alfinetes e agulhas de bronze apareceram 70 e tal exemplares (*idem*, 679).

¹⁰ - Especialmente devido aos trabalhos de R. Serpa Pinto (1928; 1932) e C.A. Ferreira de Almeida (1972).

¹¹ - Concretamente um conjunto de objectos metálicos integrando 26 fíbulas de arco e anulares, 64 *acimatoria* e 12 agulhas de coser, identificadas num conjunto de materiais registados no Museu de Antropologia do Porto como sendo de Gulpilhares (Pinto 1928, 311-2).

¹² - Os trabalhos demonstraram que nas primeiras escavações não se havia aprofundado mais do que os níveis dos pisos mais recentes e vieram mostrar níveis sobrepostos e remodelações estruturais nalgumas casas, assim como fornecer dados importantíssimos relativamente às estruturas de enterramento do povoado que as escavações antigas não haviam revelado.

A Cidade de Terroso possui, delimitada por uma muralha, uma plataforma central de forma ovalada, com um diâmetro de cerca de 90 metros, no seu eixo maior, por cerca de 50 metros no seu eixo menor, com orientação no sentido Norte-Sul. Esta plataforma está praticamente toda escavada, embora nalgumas estruturas se tenham apenas decapado as camadas superficiais (SILVA 1980, 313-4).

O povoado desenvolve-se para o lado Sul, onde a pendente é mais suave (Est. IX, 2). No limite da segunda plataforma, entre a densa vegetação de tojos e giestas, numa área recentemente escavada, está visível a muralha pétrea que a envolvia e restos de estruturas domésticas, nomeadamente parte de uma casa de planta circular com vestíbulo. A ocupação desta área com estruturas habitacionais era já visível na planta das escavações primitivas (PINTO 1932, 83). Contígua a esta plataforma terá, eventualmente, existido uma terceira, a denotar o desenvolvimento tardio do povoado atestado por alguns edifícios de planta rectangular de aspecto romanizado e pela abundância de *tegulae* que aparece no solo.

Dentre as centenas de estruturas exumadas na Cidade de Terroso merece especial destaque um conjunto de sepulturas em forma de poço e em forma de cista¹³, e a muralha do povoado que atinge a espessura de 5,30 m e tem a particularidade de ser construída com dois muros paralelos sendo o interior, entre ambos, preenchido com saibro (SILVA 1986, 30). Um outro aspecto, assaz importante, esclarecido nas recentes escavações, prende-se com a planificação do povoado. Das informações veiculadas pelos trabalhos antigos deduzia-se um caos urbanístico agora rejeitado pelos novos elementos colhidos e que apontam para que na Fase III haja um ordenamento semelhante ao dos grandes povoados castrejos proto-urbanos, mas com características peculiares impostas pela adequação arquitectónica de estruturas pertencentes a vários níveis de ocupação (*idem*, 39).

Como já atrás foi referido, na Cidade de Terroso recolheram-se muitos materiais cuja informação, infelizmente, na maioria dos casos, não chegou até nós. Além de quase uma

¹³ - As escavações antigas tinham exumado três sepulturas, em forma de poço, aparecidas por baixo de três casas de planta circular mas que não haviam fornecido materiais datáveis (LOPES CUEVILLAS-PINTO 1934, 62, Fig. 5; GARCIA Y BELLIDO 1966, 9, Fig. 1; SILVA 1986, Est. XX, 1). As estruturas sepulcrais escavadas por Armando Coelho localizam-se no exterior das habitações, embora dentro do núcleo familiar, têm forma de cista trapezoidal e forneceram espólio, datável, levando a admitir uma alteração dos ritos funerários entre as Fases II e III (SILVA 1986, 302).

dúzia de ornamentos em pedras utilizadas nas construções¹⁴, sabemos que foi exumada grande quantidade de cerâmica indígena de fabrico micáceo (Est. X, 9-14), com decorações incisadas e estampadas¹⁵, ânforas com diversas marcas incisadas alfabéticas, *tegulae*, um fragmento de bracelete de cor negra em vidro e quatro contas de colar azuis e esverdeadas, a lâmina de uma faca, pregos, parte dum instrumento de alvado e outros indeterminados, em ferro, fragmentos de ouro e prata com vestígios de utilização, além de grande quantidade de objectos em bronze, sendo de destacar fíbulas¹⁶ tipos Sabroso, Santa Luzia e anulares¹⁷ (Est. X, 1-8), agulhas¹⁸, alfinetes de cabelo, um deles recoberto de prata, e algumas moedas (PINTO 1932, 85-9).

Os materiais exumados nas escavações dos anos 80 proporcionam-nos um quadro mais objectivo do espólio desta estação, particularmente da sua cerâmica (SILVA 1986, Gráfico 3). Estão presentes em Terroso as taças, os vasos acampanados, os púcaros, os vasos de suspensão quer com asas interiores -a maioria com lábio horizontal plano com rebordo externo e bem representados, também, os exemplares com lábio boleado em posição horizontal- quer com asas em orelhas e as caçoilas, além de grande quantidade de vasos para provisões, tipo *dolia*, a maioria com a superfície interna do bordo plana com lábio boleado. O aparecimento de cerâmica de importação mediterrânica, de tradição púnica (*idem* 1986, 135, EST. LXXX, 11), com paralelos em Santa Olaia, e de parte de um cadinho com fundo plano e bico para vazamento (*idem*, 168, Est. LXXXIII, 8) além de comprovar os intensos laços comerciais desta região com o Mediterrâneo, parece reforçar a ideia, já anteriormente defendida, da existência, em Terroso, de um centro de metalurgia de assinalável importância. O achado recente de um cadinho de fundição, com pingos em ouro, no interior deste

14 - Três destas pedras -um friso com decoração em corda ou em espinha de peixe, uma suástica e uma roseta- foram recentemente estudadas (CALO LOURIDO 1991, 587-589).

15 - Num estudo sobre a Póvoa de Varzim, C.A. Ferreira de Almeida faz a análise de algumas cerâmicas da Cidade de Terroso que lhe servirão, também, como base para uma primeira abordagem de sistematização da cerâmica castreja (ALMEIDA 1972, 19-31), objectivo concretizado, dois anos mais tarde (*idem* 1974, 171-197).

16 - Provenientes de Terroso e depositadas no Museu de Antropologia do Porto, Salette da Ponte estudou cinco exemplares sendo dois tipo Sabroso, um tipo Transmontano, um de Aucissa e um de Anular (PONTE 1984, 126, 128-9, 131, 135, 138; n.ºs 6, 14, 25, 59 e 92).

17 - Osvaldo Freire estudou seis exemplares de fíbulas deste tipo, provenientes de Terroso (FREIRE 1965, 206-9).

18 - O elevado número de agulhas e a proximidade do povoado do mar fizeram supor que servissem para o fabrico de redes para a pesca (ALMEIDA 1972, 18).

povoado, poderá clarificar, ainda, a localização da escola de ourivesaria que José Fortes, no início do século, assinalava para a zona da Póvoa de Varzim (SILVA-GOMES 1992, 78).

A ocupação de Terroso atestada nas fases II e III, com enorme desenvolvimento na última etapa (SILVA 1986, 39-40 e 64, gráfico 2), poderá ser corrigida, já que os trabalhos de escavação realizados recentemente revelaram uma ocupação do sítio datável dos finais da Idade do Bronze, atestada por pisos em argila e cerâmicas¹⁹.

2 - Monte da Saia (Monte de Fralães/Chavão/Chorente/Silveiros) - Barcelos

Lat. 41° 27' 26" N

Long. 8° 35' 01" W

Alt. 303 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 83)

Este povoado fortificado, conhecido também pelo nome de Cidade da Citânia, assenta numa elevação de média altitude que se destaca no relevo da região. O seu posicionamento topográfico proporciona boas condições naturais de defesa, especialmente do lado Norte, onde a pendente é mais escarpada, e confere um domínio visual sobre todo o território circundante, quer para Norte, para o vale do rio Cávado, quer para Oeste, para o vale do rio Macieira e, de forma particular, para o vale do rio Este -área onde existem solos de grande aptidão agrícola, dos quais dista apenas 1 Km- provável via natural de comunicação com a zona de Braga (Est. XI, 1).

Sabe-se pouco sobre a ocupação do Monte da Saia²⁰, não obstante as muitas alusões que lhe têm sido feitas, desde que no último quartel do século XIX passou a ser referência obrigatória no âmbito da cultura castreja. Esse facto ficou a dever-se em primeiro lugar à descoberta de um monumento para banhos, castrejo (TORRES 1876; 1877)²¹, de duas pedras

¹⁹ - Informação de Armando Coelho.

²⁰ - A antiguidade do local já é referida no séc. XVIII, quer na Corografia Portuguesa apresentada por Carvalho da Costa em 1706, quer nas Memórias Paroquiais de 1758 da autoria do Pe. Luis Cardoso. No primeiro caso, a respeito de S. Pedro de Fralães, é dito que "*se chamou S. Pedro do Monte, por estar antigamente no alto monte da Saye, aonde houve hum Castello (que a meu ver tomaria o nome do appellido de Elio Soyano válido de Tiberio)(...) do qual, & das espaçosas muralhas, que tinha bastantes á grande povoação, se vem ruínas, & alicerces*" (COSTA 1706, 333).

²¹ - O monumento foi ultimamente objecto de estudo detalhado (SILVA 1986, 56, Est. XXXVII).

esculturadas, com duas figuras togadas (VASCONCELOS 1913, 510-2), e mais tarde ao achado de um depósito de fundidor (KALB 1980, 28, 39) e de um tesouro de peças em ouro de que escapou uma jóia de raro valor (Est. XI, 3), denominada "Pulseira do Monte da Saia" (CARDOZO 1957, 179-84).

Por decreto de 1951 foram classificados, nesta estação, como Imóveis de Interesse Público, os restos do balneário castrejo e um penedo com petróglifos denominado "Lage dos Sinais".

Pese o valor arqueológico do sítio, conforme se infere pelo que atrás fica dito, nunca neste castro se realizaram quaisquer escavações sistemáticas.

Bibliografia - COSTA 1706, 333; TORRES 1876; 1877; SARMENTO 1883-1884 = 1933, 166; 1894-1895, 160-163; VASCONCELOS 1897, 376, 379; CUNHA 1946, 3; FONSECA 1948, 121, 262-264; CARDOZO 1957, 179-184; GARCIA Y BELLIDO 1968, 33-34; ROMERO MASIÁ 1976, 139, 141; KALB 1980, nº 17 Abb. 3; SILVA 1986, nº 211, *passim*; CENTENO 1987, 141; MARTINS 1990, nº 33, *passim*; CALO LOURIDO 1991, 427-428; QUEIROGA 1992, 148, nº 28.

Este povoado ocupando uma área considerável possui, pelo menos, três linhas de muralhas. Por entre a espessa cobertura vegetal que o cobre detectam-se diversos vestígios de estruturas, em pedra, de planta circular. Uma prospecção rápida em algumas superfícies limpas de vegetação proporcionou a recolha de alguns poucos fragmentos de cerâmica indígena de fabrico micáceo, bem como de cerâmica romana.

Aceitando-se a hipótese de que todos os materiais que atrás referenciámos se articulariam com os habitantes deste povoado estaríamos em presença de um habitat com ocupação em vários momentos, desde o Bronze Final, atestada pelos machados de bronze (Est. XI, 2), passando pelo séc. V-IV a.C., de acordo com a cronologia suposta para a pulseira de ouro (CARDOZO 1957, 184)²², até aos finais do séc. I d.C., conforme a datação proposta para o monumento para banhos, castrejo (CALO LOURIDO 1991, 428).

²² - Armando Coelho integra a pulseira do Monte da Saia na sua fase II (SILVA 1986, 254; 257, nº 522).

3- Castro (Ferreiros) - Braga

Lat. 41° 32' 09" N

Long. 8° 26' 30" W

Alt. 155 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 70)²³

O Castro de Ferreiros, hoje já desaparecido, estaria implantado, sobre um pequeno outeiro, no fértil vale do rio Este, em plena ambiência agrícola.

A informação mais antiga que refere a existência deste castro é um Diploma do rei astur-leonês Afonso II, o Casto, do ano 840, que estabelece os limites do termo de Braga, e que refere a existência de um castro "... *super villa ferrarios...*" (*Liber Fidei*, nº 16). Este sítio foi localizado nos anos 20, num montículo da freguesia de Ferreiros denominado Crasto (FEIO 1921, 17). Baseando-se nas informações de Feio, Carlos Teixeira, cartografou a estação, então já destruída, num mapa dos castros ao redor de Braga, (TEIXEIRA 1936, 233). O Castro de Ferreiros aparece, também, cartografado na Carta Geológica de Portugal na escala 1:50.000, assim como referenciado na respectiva Notícia Explicativa (TEIXEIRA *et alii* 1973, 48).

Bibliografia - FEIO 1921, 3, 17; 1956 = 1984, 99; TEIXEIRA 1936, 232-233; TEIXEIRA *et alii* 1973, 48; CASTRO *et alii* 1980, 39; SILVA 1986, 79, nº 233; MARTINS 1990, 83, nº 58; QUEIROGA 1992, 149, nº 36.

4- Alto da Cividade (Cividade) - Braga

Lat. 41° 32' 42" N

Long. 8° 25' 39" W

Alt. 183 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 70)²⁴

A Cividade é um local sobreelevado, de pendentes suaves, voltado ao vale do rio Este. A ocupação deste sítio remonta pelo menos aos finais da Idade do Bronze, como se

²³ - Não conseguimos descobrir o sítio exacto onde este povoado existiu, pelo que utilizámos as coordenadas propostas por MARTINS (1990, 83).

²⁴ - Utilizámos as coordenadas propostas por MARTINS (1990, 81).

depreende pelo conjunto de cerâmicas exumadas em diversas fossas abertas no saibro, sugerindo a existência de um "povoado com fossas" (MARTINS 1990, 81).

Embora não tenham sido detectados indícios de estruturas que justificassem, plenamente, a integração da Cividade neste catálogo de povoados fortificados, optou-se pela sua inclusão atendendo ao facto de terem aparecido no ponto mais elevado da cidade de Braga, durante trabalhos de escavação realizados nos últimos anos, cerâmicas micáceas de fabrico indígena, feitas ao torno, semelhantes às aparecidas nos castros da região (*idem*, 81, 219-220). A presença destas cerâmicas no local, atribuíveis aos finais do séc. I a.C.-inícios do séc. I d.C., foi interpretada como podendo ser consequência da instalação de indígenas atraídos pela fundação da cidade (MARTINS-DELGADO 1989-90, 16). Embora esta hipótese possa ser plausível, não resolve, para já, definitivamente, o problema da existência ou não de um povoado indígena na Cividade, questão só solucionável com o desenvolvimento dos trabalhos de escavação na zona alta da cidade.

Bibliografia - FEIO 1956 = 1984, 97-100; TEIXEIRA 1936, 233; TEIXEIRA *et alii* 1973, 47; CASTRO *et alii* 1980, 39; SILVA 1986, 79, n° 234; MARTINS-DELGADO 1989-90; MARTINS 1990, n° 55, *passim*; QUEIROGA 1992, 149, n° 34.

5- Monte de Vasconcelos, (Sta. Lucrécia de Argeriz) - Braga

Lat. 41° 34' 32" N

Long. 8° 22' 35" W

Alt. 326 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 56)

Esta estação arqueológica assenta num dos pontos mais proeminentes do extremo Sul do Monte de Vasconcelos, que se desenvolve no sentido S-N a partir da crista montanhosa que separa o vale do rio Cávado do do rio Este. Na base da elevação nascem duas linhas de água que correm em direcções opostas, em conformidade com a orientação da bacia hidrográfica a que pertencem.

A sua situação topográfica beneficia das condições naturais de defesa que o sítio lhe oferece e confere-lhe um certo domínio visual sobre a zona envolvente, particularmente sobre

os vales de Gualtar, S. Mamede de Este e Adaúfe, bem como sobre a portela que separa a bacia do Este da do Cávado (Est. XII, 1).

Não encontramos quaisquer referências escritas sobre a existência deste sítio arqueológico, descoberto, recentemente, por elementos da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, durante trabalhos de prospecção de campo realizados.

A riqueza arqueológica da zona é atestada por um conjunto de estações que cobrem, cronologicamente, um amplo espaço. Mesmo ao lado deste povoado, a poucas centenas de metros para Nordeste, existe uma mamoa, com depressão na zona central, acusando os efeitos do abandono e destruição. Mais para Norte, sensivelmente a 1,5 Km de distância, já na Bacia do Cávado, fica o Castro de Santa Lucrécia de Argeriz (MARTINS 1990, 87) e um pouco ao lado, perto da igreja matriz, o Castelhão, com provável ocupação medieval (FONTES 1990, 129). A cerca de 1,5 Km para Ocidente, também já fora da área geográfica deste trabalho, deparamos com mais um povoado fortificado, o Castro de Pedroso (*idem*, 131).

A estação arqueológica parece circunscrever-se ao topo aplanado do monte, sendo as suas dimensões bastante reduzidas. Não são perceptíveis quaisquer estruturas quer defensivas, quer domésticas, além de um ressalto, nos limites do topo aplanado, marcando o início do declive. À superfície recolhemos uma dezena de fragmentos de cerâmica indígena, feita à mão, de cor acastanhada, com bastante quartzo como desengordurante, alguns bem alisados na superfície interna, que nos parecem integráveis no mundo das cerâmicas locais do Bronze Final, com paralelos em S. Julião (Vila Verde), no Monte da Forca (Guimarães), no Castro do Facho (Famalicão) e em Castelo de Matos (Baião).

6- Eiras Velhas, (S.Mamede de Este) - Braga

Lat. 41° 35' 06" N

Long. 8° 20' 32" W

Alt. 480 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 56)

O monte das Eiras Velhas desenvolve-se paralelo ao rio Cávado, na vertente Norte da Serra do Carvalho. O castro ocupa a parte mais elevada do monte, à cota máxima de 480

metros e a um desnível de cerca de 220 metros do vale do rio Este para onde correm algumas linhas de água que nascem na vertente Sul.

O povoado possui condições naturais de defesa excepcionais, oferecidas pelas acentuadas vertentes de Norte e Sul e o excelente posicionamento topográfico permite-lhe um domínio visual em todas as direcções, particularmente para o fértil vale do Cávado, a cerca de 2 Km para Norte e sobre o estreito e profundo vale e nascente do rio Este, a pouco mais de 500 metros. Parece ter, também, posição de destaque relativamente à portela que separa o vale do Este do vale do Cávado e sobre a via romana que passava a meia vertente da Serra do Carvalho (Est. XII, 1).

Não obstante a imponente das estruturas defensivas, ainda hoje bem visíveis, e da importância geo-estratégica do povoado poucas são as referências escritas relativas ao castro das Eiras Velhas. Além de aparecer cartografado na Carta Geológica de Portugal na escala 1:50.000²⁵, e no Mapa da Ocupação Pré-Romana da região bracarense (OLIVEIRA *et alii* 1982, 8-9) só, recentemente, mereceu uma descrição mais detalhada, no âmbito de um trabalho de estudo da ocupação proto-histórica e romana da bacia do médio Cávado (MARTINS 1990, 87).

Bibliografia - TEIXEIRA *et alii* 1973, 47; OLIVEIRA *et alii* 1982, 8-9; SILVA 1986, 79, nº 241; MARTINS 1990, nº 73, *passim*; QUEIROGA 1992, 149, nº 41.

A abertura recente de um estradão e a florestação com pinheiros e eucaliptos da banda Sul e Este-Nordeste do povoado destruíram uma parte considerável desta estação arqueológica. A área não afectada preservou um conjunto importante de estruturas defensivas e de utilização doméstica identificáveis por entre a vegetação que cobre o solo²⁶. Os lados Norte e Oeste foram os que conservaram melhor os dois imponentes taludes que escondem as muralhas pétreas, cujas faces se vislumbram de onde em onde, e que definem dois tabuleiros aplanados. O estradão agora aberto seccionou uma destas muralhas e colocou partes do aparelho da outra à vista. O topo do monte onde afloram muitos muros de diversas estruturas

²⁵ - Na Notícia Explicativa atribuem-se-lhe restos de casas e muralhas (TEIXEIRA *et alii* 1973, 47).

²⁶ - Nas visitas que efectuámos às Eiras Velhas tivemos a sorte de encontrar a maior parte da sua área limpa do mato que usualmente a cobre.

parece ser circundado por uma outra muralha que envolve, na parte ESE um pequeno recinto, sobreelevado, definido, também, por alinhamentos de pedra (Est. XII, 2).

A prospeção superficial ao povoado e às terras remexidas com a abertura do estradão permitiu-nos a recolha do espólio seguinte:

- Fusaiola em xisto, com um polimento bastante fruste, de tonalidade cinzenta/acastanhada com 3,6 cm de diâmetro e uma perfuração central com 5 mm (Est. XIII, 3).

- Conta oculada de pasta vítrea com a forma sub-circular e perfuração central. Tem cor azul-cobalto e é decorada com três olhais de fundo branco, com uma linha circular e um ponto central de cor azul escuro (Est. XIII, 1).

- Pé de uma fíbula, em bronze, de secção sub-quadrangular, com o arranque do arco e do fecho da agulha. Apresenta-se decorado com quatro toros, definidos por sulcos, terminando num remate quadrangular cujo topo possui uma depressão central (Est. XIII, 2).

- Cerca de duas dezenas de fragmentos de cerâmica. A maioria da louça é indígena, de fabrico micáceo, feita ao torno, com cores que variam entre o bege ou bege/alaranjado e o castanho ou acinzentado. A cozedura é, no geral, boa e as superfícies são cuidadas, por vezes mesmo bem alisadas, principalmente no exterior. Não obstante a grande fragmentação da cerâmica, foi possível identificar as seguintes formas:

- Talhas (Est. XIII, 9-10)- Cerca de duas dezenas de fragmentos pertencem a grandes vasos de provisão, alguns com um ressalto no interior do bordo para receber um testo. Alguns fundos apresentam-se reforçados, com um rebordo no exterior.

- Vasos de asas interiores (Est. XIII, 5, 6, 7, 11-12) - Recolheram-se cerca de duas dezenas de fragmentos de vasos de suspender sobre o lume, com as asas no interior. Encontramos diversos tipos de lábio, desde horizontal plano, sem rebordo ou com rebordo quer interno, quer externo, até ao oblíquo para o exterior, com rebordo interno ou externo e ainda um exemplar com o lábio boleado. Os fragmentos de asa encontrados, pertencentes a vasos deste tipo, possuem, em seis casos, secção em D e apenas em dois secção circular.

- Púcaros e potes (Est. XIII, 8, 14-17) - Recolheram-se três dezenas de fragmentos pertencentes a púcaros e potes. A maior parte possui perfil em S e apresenta bordos esvasados, em aba soerguida e ainda horizontal.

- Panela de asa em orelha (Est. XIII, 13) - Um fragmento de um bordo quase recto, pertencendo a um vaso com cerca de 15 cm de diâmetro, com uma grande camada negra de fuligem, sugere-nos uma panela de asa em orelha. De cor acastanhada, com muita mica, possui superfícies melhor cuidadas exteriormente e uma boa cozedura.

As decorações estão praticamente ausentes no conjunto das cerâmicas recolhidas. Apenas meia dúzia de fragmentos possuem decoração plástica, constituída por cordões lisos e só num vaso, constituído por quatro pequenos fragmentos que se conseguiram colar, se verifica uma organização decorativa de mais belo efeito. É composta por uma banda de SS estilizados aplicada na parte superior do bojo e uma outra de óvulos perto do colo, ambos os motivos feitos por estampagem e separados por duas linhas paralelas incisas (Est. XIII, 4). Sobre a banda superior existem, também, duas linhas incisas que, eventualmente, separariam este motivo de um outro.

A cerâmica romana está, também, representada quer por um conjunto de cerca de duas dezenas de fragmentos de ânfora, um deles uma asa, talvez de Haltern 70 (Est. XIII, 20), quer por alguma *tegula* e uns poucos fragmentos de cerâmica comum. A parte do fundo e bojo de um vaso de cerâmica comum romana é um dos poucos fragmentos cuja forma poderá ser identificável (Est. XIII, 18). Deverá pertencer a uma bilha, de paredes pouco espessas, com as superfícies bem alisadas e a pasta bem cozida, de cor bege/rosado. Um outro fragmento cuja forma é, também, identificável pertence a uma taça com 16 cm de diâmetro, com paredes pouco espessas, exteriormente bem cuidada, de cor castanha (Est. XIII, 19).

II - Povoados entre os rios Este e Ave

7- Castro de Santagões (Bagunte) - Vila do Conde

Lat. 41° 21' 38" N

Long. 8° 41' 01" W

Alt. 63 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 97)

O Castro de Santagões ocupa uma pequena elevação, sobranceira ao rio Ave, rodeada de solos de grande potencial agrícola. O seu posicionamento topográfico confere-lhe algum domínio visual sobre a zona envolvente e em particular sobre o rio Ave (Est. XIV, 1), podendo ter havido alguma relação entre este povoado e a *Via Veteris* que atravessaria o rio nas suas proximidades (ALMEIDA C.A.B. 1992, 55).

A mais antiga referência a este sítio data dos inícios do séc. XVIII. O Pe. Carvalho da Costa referindo-se, na sua Corografia Portuguesa, à hoje extinta freguesia de Santo Agões diz que "*Pouco abaixo da Ponte de Ave, sobre o rio em hum alto se vem vestígios de fortificação a que chamaõ o Crasto, deviaõ os Romanos com elle segurar a passagem quando nos conquistaraõ...*" (COSTA 1706, 320-1). Pinho Leal não presta grande importância a este sítio, pois, na descrição que faz de Santagões, destaca o monte da Cividade²⁷, na sua opinião "*muito alto e donde se descobre vasto panorama*" (LEAL-FERREIRA 1873, VIII, 440-1), e apenas faz referência ao Crasto, nome dum monte da freguesia (*idem*, XII, 2262)²⁸. São, ainda, do século passado outras referências ao Castro de Santagões, nomeadamente uma da autoria de Martins Sarmento, numa carta escrita na Póvoa de Varzim em 19 de Setembro de 1883 e dirigida a Leite de Vasconcelos, onde dá conta das suas andanças por castros e mamoaas da região (AP 1901, 46-7), outra de Christovam Ayres que o integra no 1º tipo da sua sistematização de castros (AYRES 1896, 388) e uma última de Ricardo Severo e Fonseca Cardoso que o cartografaram num mapa dos castros de Vila do Conde, ao longo do rio Ave (SEVERO-CARDOSO 1899-1903, 179).

²⁷. No monte da Cividade assenta, como se sabe, a Cividade de Bagunte.

²⁸. Esta conclusão é aliás similar da de J. Augusto Vieira, no Minho Pitoresco, fazendo crer que este autor se baseou na obra de Leal (VIEIRA 1886, II, 281).

Bibliografia - COSTA 1706, 320-1; LEAL-FERREIRA 1873, VIII, 440-1; SARMENTO 1883-1884 = 1933, 165; AYRES 1896, 388; SEVERO-CARDOSO 1899-1903, 179; SILVA 1986, 83, nº 328; QUEIROGA 1992, 169, nº 250; ALMEIDA C.A.B. 1992.

O povoado, bastante destruído devido à exploração de pedra, apenas conservou alguns vestígios do seu sistema defensivo, constituído por uma muralha, provavelmente de terra, talude e fosso (Est. XIV, 2). Estas estruturas estão particularmente conservadas de Sul e Oeste, os lados que apresentam maior vulnerabilidade. No pequeno recinto definido pela muralha não se vêem quaisquer estruturas o que não significa, obviamente, que elas não tivessem existido, podendo ter sido destruídas pelas pedreiras e pela florestação do sítio com eucaliptos.

Os poucos fragmentos de cerâmica achados por nós no local, têm clara filiação romana.

8- Castro de Casais (Arcos) - Vila do Conde

Lat. 41° 23' 40" N

Long. 8° 39' 41" W

Alt. 85 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 83)

A pouco mais de 500 metros do Castelo de Argifonso e a cerca de 1 Km da Cividade de Bagunte, na direcção do Noroeste, existe um pequeno morro de baixa altitude, sobranceiro ao rio Este, do qual se eleva pouco mais de 30 metros, em cujo topo assenta este pequeno povoado fortificado. O local, densamente arborizado, está rodeado de solos de grande fertilidade e dispõe de razoáveis defesas naturais e de uma ampla visão sobre todo o território mais imediato (Est. XV, 1).

A estação, recentemente descoberta, integra o conjunto de sítios a proteger pelo P.D.M. de Vila do Conde (ALMEIDA C.A.B. 1992)²⁹.

²⁹ - O autor da descoberta convenceu-se que este castro corresponderia ao Castro de Argifonso de que Russel Cortez deu parcas informações.

Embora Martins Sarmiento se refira ao Castelo de Casais, em Junqueira, estamos certos que não estaria a pensar neste povoado, mas sim no Castelo de Argifonso, próximo da aldeia de Casais e deste castro (SARMENTO 1883-1884 = 1933, 165).

Bibliografia - ALMEIDA C.A.B. 1992.

Este povoado, de reduzidas dimensões, encontra-se bastante degradado devido à extracção de granito que se tem feito no local. A densa vegetação que cobre o solo torna difícil a identificação de vestígios das suas estruturas. Os poucos indícios parecem sugerir a existência de duas linhas de muralhas. Espalhados pelo monte, encontram-se alguns poucos fragmentos de cerâmica indígena de fabrico micáceo, de aspecto algo tardio, e ainda fragmentos de *tegulae*, tudo a apontar para uma ocupação dos finais do séc. I a.C.-inícios do séc. I d.C.

9- Castro de Argifonso (Arcos) - Vila do Conde

Lat. 41° 23' 28" N

Long. 8° 39' 24" W

Alt. 157 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 83)

Quem do lugar das Fontainhas, na estrada nacional Famalicão-Póvoa de Varzim, olha na direcção Sul, descobre à sua frente um relevo com orientação Nordeste-Sudoeste, paralelo ao rio Este, bem destacado na orografia daquela região, predominantemente plana. O Alto dos Caramouchos ou Alto dos Castelos, em cujo topo assenta o Castro de Argifonso, é um pequeno outeiro que se eleva, ligeiramente, no rebordo voltado ao rio Este daquele relevo, a uma altitude de cerca de 120 m relativamente às terras férteis do vale.

A posição topográfica desta estação é assinalável, pois o local além de lhe proporcionar fácil defesa permite-lhe um excelente domínio visual sobre o amplo território que se abre de Nordeste para Sudoeste (Est. XV, 1).

O Castro de Argifonso é uma estação, diversas vezes, citada na documentação medieval dos séculos X, XI e XII. Russel Cortez transcreveu alguns dos documentos que se lhe

referem, ora como Castro³⁰, ora como Mons³¹. Deveras importante é um documento, datado de 1102, onde este castro aparece em associação com a Cividade de Bagunte, sua vizinha "... *subtus Castro Aregefonsi et civitas Bocunti...*" (Cfr. CORTEZ 1949b, 287).

De acordo com as Memórias Paroquiais de 1758, esta estação arqueológica é referida como um castelo, situado a Norte da Cividade (de Bagunte)³². Christovam Ayres chama-lhe *Castello de Casaes* e considerou-o um assentamento pré-romano, com paralelos no castro de Sabroso (AYRES 1896, 386).

Ficou-se a dever, entretanto, a Russel Cortez a localização do Castro de Argifonso, a cerca de 200 metros para Norte do castro de Bagunte, no Alto dos Castelos ou Alto do Caramouchos, nos anos 40 e a recolha de algum espólio, provavelmente, nalguma curta escavação (CORTEZ 1946; 1949b).

Bibliografia - SARMENTO 1883-1884 = 1933, 165, 171; AYRES 1896, 386; AZEVEDO 1896-1902, (V) 28; CORTEZ 1946, 149-155; 1949b, 270-288; TEIXEIRA *et alii* 1965, 46; SILVA 1986, 83, nº 329; QUEIROGA 1992, 169, Nº 248.

Numa visita recente a esta estação, densamente florestada com pinheiros e eucaliptos e coberta por espessa vegetação de tojos a impedir qualquer prospecção detalhada, apenas tivemos oportunidade de observar, na sua área central, um pequeno recinto mais elevado, assente em parte em grandes pedras, apresentando óptimas condições para assentamento de um castelo cuja existência, no local, não é posta de parte e envolvendo-o uma segunda plataforma, definida por um talude bem pronunciado. Alguns fragmentos de cerâmica recolhida no local pertencem a louça indígena de fabrico micáceo, *tegulae* e *imbrices* espalhados, principalmente, na sua acrópole.

Os elementos disponíveis parecem apontar para uma ocupação nos finais do Milénio, com casas de planta circular agrupadas em núcleos e com espólio indígena e outro a acusar as influências do gosto romano patente nas formas e nas decorações (CORTEZ 1946; 1949b).

³⁰ Por exemplo numa venda efectuada em 985 "... *subtus castro Argefonsi...*" e, numa outra, de 1012 "... *subtus Kastro Argifons...*" (Cfr. CORTEZ 1949b, 286).

³¹ - Como num documento de 1107 "... *subtus mons Kastro Argefonsi...*" (*idem*, 287).

³² - "No monte da Cividade asima referido houve antiguamente hua Cidade chamada Brachal ou Brachalense, ou por outro nome de Azeroso, e pella parte do Norte lhe ficava por sua defesa hum castello que se chamava de Argifonso, e hoje com pouca corrupção se chama o Castello de Gifonso, e desta Cidade e Castello so aparecem hoje alguns vestigios" (Cfr. AZEVEDO 1900, 28).

10- Cidade de Bagunte (Bagunte) - Vila do Conde

Lat. 41° 23' 08" N

Long. 8° 39' 16" W

Alt. 206 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 83)

A Cidade de Bagunte assenta no ponto central e mais elevado de um relevo, com uma extensão de cerca de 4 Km, alongado no sentido Nordeste-Sudoeste, paralelo ao rio Este, que se destaca na orografia da região, caracterizada por amplas áreas planas. Nas vertentes do monte nascem vários regatos que vão engrossar o rio Ave que passa a Sul, ou o seu afluente o Este que corre na parte Norte.

O local possui boas condições naturais de defesa, particularmente, de Norte e Oeste, onde as pendentes são mais abruptas, e um domínio visual sobre toda a zona envolvente³³, com especial incidência sobre o fértil vale do rio Este do qual se eleva pouco mais de 120 metros e onde se chega em cerca de 30 minutos a pé (Est. XV, 1).

O substrato geológico é granítico separado por pouco mais de 1 Km da estreita mancha do Carbónico continental e dos xistos e grauvaques do Silúrico.

A Cidade de Bagunte, como muitos outros castros da região, foi um ponto de referência utilizado nos documentos da Idade Média³⁴.

Nos tempos modernos, a referência documental mais antiga encontra-se na Corografia Portuguesa de Carvalho da Costa, dos inícios do séc. XVIII. Referindo-se à freguesia de Santa Maria de Bagunte diz que "*Junto do rio Deste acima da Ponte de Arcos estão vestígios de fortificação, que se comunicava por estradas encubertas com outra mayor no alto do monte, a que inda chamaõ a Cidade, & as ruínas mostraõ qual seria sua fortaleza.*"

³³ - Do alto da Cidade avista-se o mar e uma série de povoados fortificados, nomeadamente, a Cidade de Terroso, o Castro de Penices, em Gondifelos e o Castro do Monte da Saia, além dos castros que lhe estão mais próximos como Argifonso, Ferreiros, o Boi, em Vairão e, provavelmente, Santagões.

³⁴ - Um documento de venda de 1102 é assaz curioso, pois toma como ponto de referência não só a Cidade de Bagunte, mas também o vizinho Castro de Argifonso: "... *subtus Castro Aregefonsi et civitas Bocunti...*" (Cfr. CORTEZ 1949, 287).

(COSTA 1706, 321-2). Datam deste século, também, outras informações de interesse arqueológico e em especial a das Memórias Parochias de 1758³⁵.

A importância desta estação, visitada por Martins Sarmiento em 1883, conforme informação em carta enviada a Leite de Vasconcelos (AP 1901, 46-47), levará, dois anos mais tarde, Ricardo Severo e Artur Cardoso a efectuarem uma pequena escavação de onde recolheram diverso material cerâmico sobre o qual nos deixaram alguns comentários de natureza tecnológica e menos de natureza morfológica (SEVERO-CARDOZO 1886, 139-140).

Escavações sistemáticas serão realizadas a partir de 1944 e até 1947 por Russel Cortez. Infelizmente, não obstante o grande manancial de informações que o arqueólogo teria recolhido, relativamente às estruturas defensivas e domésticas e ao rico e variado espólio, não foi produzida nenhuma Memória exaustiva das escavações e do seu conhecimento resta-nos tão só um pequeno resumo publicado em 1948 no Archivo Español de Arqueologia (CORTEZ 1948, 276-7).

A Cidade de Bagunte está classificada como Monumento nacional desde 1910.

Bibliografia - COSTA 1706, 321-322; SARMENTO 1883-1884 = 1933, 166; SEVERO-CARDOZO 1886, 137-141; AZEVEDO 1896-1902, (V) 28; FIGUEIREDO 1897, 218; FORTES 1905-1908a, 17; SEVERO 1905-1908, 405; CORTEZ 1948, 276-277, Fig. 3-5; 1949a, 408-409; LOPEZ CUEVILLAS 1951, 38; TEIXEIRA *et alii* 1965, 46; ROMERO MASIÁ 1976, 106, 109-110; PONTE 1980, 116; SILVA 1986, n° 330, *passim*; CALO LOURIDO 1991, 99-102; QUEIROGA 1992, 169, n° 249; ALMEIDA C.A.B. 1992.

Na área escavada, hoje bastante arruinada e desprezada, ainda se vislumbram troços da primeira muralha, assim como indícios dos arruamentos empedrados que estruturavam os agrupamentos de habitações de planta circular, por vezes com vestíbulo e de planta rectangular ou quadrangular (Est. XV, 2) (ROMERO MASIÁ 1976, 106, 109-110). Algumas

³⁵ - Nas informações archeológicas colhidas no "Diccionario Geographico" de Cardoso, de 1758, voltamos a encontrar nova citação à Cidade de Bagunte: "... Nesta Freguesia ha hum alto monte, chamado da Cidade, que he tradição antiquissima, que foy Cidade, e fortaleza dos Mouros..." (Cfr. Figueiredo 1897, 218). Por sua vez A. de Azevedo partindo das mesmas fontes, deixou-nos nos Extractos archeológicos das "Memórias parochias" de 1758, uma referência que identifica a Cidade com a cidade de Brachal ou Azeroso. Tratando da freguesia de Junqueira no Tomo XVIII, fl. 305 se diz: "No monte da Cidade asima referido houve antiguamente hua Cidade chamada Brachal ou Brachalense, ou por outro nome de Azeroso, e pella parte do Norte lhe ficava por sua defesa hum castello que se chamava de Argifonso, e hoje com pouca corrupção se chama o Castello de Gifonso, e desta Cidade e Castello so aparecem hoje alguns vestigios" (Cfr. Azevedo 1896-1902, V, 28).

das habitações tinham no interior lareiras em granito ou em barro e exteriormente encontraram-se fornos (CORTEZ 1949a, 409).

O espólio exumado encontra-se distribuído pelo Museu de Etnologia do Porto e pelo Museu de Arqueologia e Pré-História do Instituto de Antropologia "Prof. Mendes Correia", da mesma cidade, e consta de cerâmica indígena de feitura manual (SEVERO 1905-1908, 405) e à roda e cerâmica de época romana, quer comum, quer importada, vidros, moedas, assim como cinco torques de prata, referidos por Cuevillas (LÓPEZ CUEVILLAS 1951, 38)³⁶ e Armando Coelho (SILVA 1986, Est. VIII), cujo paradeiro se desconhecia, mas recentemente recuperados e apresentados na exposição "Vila do Conde Arqueológica". Outro material, encontrado no Monte da Cividade, foi, entretanto, divulgado por diversos arqueólogos, nomeadamente um machado de bronze de aletas (KALB 1980, 40, Abb. 4, nº 22) e (SILVA 1986, Est. IV), uma fíbula tipo Sabroso (SILVA 1986, Est. VII), um vaso em cerâmica com a forma de jarro (Est. XV, 3), hipotético cadinho (ALMEIDA 1974a, 195, forma 18 e Est. XVIII, nº 4), (SILVA 1986, 159, nº 148 e Est. LXI, nº 3), assim como uma pedra decorada, possível ombreira (CALO LOURIDO 1991, 100, 102).

Recentemente foi-nos cedido³⁷ um alfinete de toucado em bronze, incompleto, de secção circular e com a cabeça periforme, com o remate semiesférico assente em quatro toros (Est. XV, 2), recolhido, há mais de uma dezena de anos, na superfície da Cividade de Bagunte.

11- Castro de Santa Marinha de Ferreiró (Ferreiró) - Vila do Conde

Lat. 41° 21' 07" N

Long. 8° 38' 04" W

Alt. 42 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 97)

Este povoado, assenta num morro de formação granítica, sobranceira ao rio Ave, rodeada de campos de cultivo, a Sudoeste da aldeia de Ferreiró. O topónimo Castro manteve-

³⁶ - O autor comparava três dos torques ao de Cortinhas, dizia que um termina em remates em forma de tulipa e o último era feito com uma malha armada em torno de uma vergôntea.

³⁷ - Ao Arqº. Pedro Viana, autor do achado do objecto, agradecemos a amabilidade.

se na memória da população local a ponto de terem baptizado o caminho de acesso à estação arqueológica com o nome de Rua do Castro.

O outeiro ocupado pelo Castro de Ferreiró não oferece condições naturais de defesa assinaláveis e o domínio visual permitido sobre a área envolvente é limitado (Est. XVI, 1). A rodeá-lo existem solos de grande fertilidade agrícola.

As referências a este povoado são muito parcas. É de destacar a sua localização num mapa à escala 1:120.000 integrado num estudo antropológico realizado na freguesia de Ferreiró (SEVERO-CARDOSO 1899-1903, 179-180) e o recente trabalho de Brochado de Almeida, que o considera de "tipo agrícola", provavelmente construído no início do processo de Romanização e dispondo de um sistema defensivo com muralha em terra, talude e fosso (ALMEIDA C.A.B. 1992).

Bibliografia - SEVERO-CARDOSO 1899-1903, 179-180; SILVA 1986, 83, nº 332; QUEIROGA 1992, 169, nº 251; ALMEIDA C.A.B. 1992.

O Castro de Ferreiró encontra-se muito degradado, devido à exploração de pedra que aí vem sendo feita e que pudemos ver em actividade numa das visitas aí efectuadas. Por esta razão se torna quase impossível distinguir as suas estruturas defensivas ou domésticas. Nos cortes feitos pelas máquinas distinguimos uma muralha pétrea e níveis arqueológicos definidos por pisos em argila e lareiras.

Uma recolha superficial que efectuámos no Castro de Ferreiró saldou-se pelo achado de mais de uma centena de fragmentos de cerâmica indígena, micácea, com cores predominantemente bege ou bege-acinzentado, revelando certo cuidado no tratamento das superfícies e a utilização de cozeduras razoáveis. Em muitos dos fragmentos é visível a marca da utilização da roda, por vezes denotando melhor tratamento das superfícies, assim como um menor espessamento das paredes. A identificação da forma em cerca de duas dezenas dos fragmentos (Est. XVI, 2.3-12) mostra que os púcaros e os potes, geralmente de perfil em S, são maioritários, se bem que as percentagens de panelas de asa interior e de talhas seja elevada. As decorações resumem-se a três fragmentos, um com decoração plástica constituída por dois toros lisos dispostos paralelamente, outro fragmento com uma organização em

losangos feita pela técnica da impressão (Est. XVI, 2.1), e por último um outro que utiliza as técnicas de incisão e impressão num conjunto decorativo que distribui linhas horizontais com círculos concêntricos ligados entre si por linhas oblíquas (Est. XVI, 2.2), com paralelos no Castro Máximo em Braga, e no Monte Padrão em Santo Tirso (SILVA 1986, Est. LXXII, nº 565).

As cerâmicas recolhidas em Ferreiró, às quais atribuímos uma cronologia entre os finais do séc. I a.C.-primeira metade do séc. I da nossa era, não diferem, em absoluto, de um conjunto de fragmentos que o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde guarda e que tivemos oportunidade de analisar, onde se destaca um bordo de um grande vaso para provisões, tipo *dolium*, com ressalto interno para assentamento do testó, idêntico a tantos outros que temos visto, provenientes de castros da região, de contextos semelhantes:

12- Castro de Penices (Gondifelos) - Vila Nova de Famalicão

Lat. 41° 24' 56" N

Long. 8° 36' 26" W

Alt. 99 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 83)

O Castro de Penices assenta num remate de esporão que da Serra de Cavalões se alonga sobre o rio Este, com orientação SE-NO, a cerca de 40 metros de altitude em relação ao nível das águas, e sobranceiro a uma grande mancha de terrenos aluviais cuja fertilidade agrícola é assinalável.

A interrupção do relevo pelo rio criou uma imponente escarpa, verdadeira defesa natural do povoado que, por esse motivo, contribuiu para a simplificação do seu sistema defensivo no flanco ONO.

O posicionamento topográfico da estação vê condicionada a visibilidade no ângulo Este-Sul, mas para Norte e para Oeste a visibilidade é óptima alcançando-se, consequentemente, os castros da Saia, Terroso e Bagunte (Est. XVII, 1).

Desconhecido até à década de 80 o Castro de Penices foi descoberto durante os trabalhos de prospecção para a elaboração da Carta Arqueológica do concelho. Sobre o sítio não existiam quaisquer informações escritas reveladoras do seu interesse arqueológico e só a tradição oral conservava indícios da sua antiga função³⁸.

O Castro de Penices tem fornecido um importante manancial de informações sobre a cultura castreja, concretamente sobre a sua ocupação mais antiga, graças à utilização de uma metodologia de investigação cuidada, nos trabalhos de escavação sistemática que aí vêm sendo realizadas.

Uma primeira intervenção arqueológica, sobre a responsabilidade de F. Queiroga, teve lugar em 1985 (QUEIROGA 1987, 3-22), seguindo-se-lhe, a partir de 1987, campanhas de escavação anuais, co-dirigidas pelo autor, cujos resultados aparecem, parcialmente, referenciados neste trabalho e na recente dissertação de doutoramento de Queiroga (1992).

Bibliografia - QUEIROGA 1985, 3-22; FIGUEIRAL 1990; QUEIROGA 1992, *passim*.

O Castro de Penices é um pequeno povoado circundado por uma muralha e reforçado, pelo lado mais vulnerável, na ligação ao esporão a Sudeste, com três fossos e três taludes (Est. XVII, 2). Os trabalhos realizados entre 1987 e 1992 parecem demonstrar uma ocupação permanente do sítio ao longo de quase todo o I Milénio a.C., com abandono na primeira metade do séc. I d.C. e uma curta reocupação nos finais do séc. IV e inícios do séc. V.

Da provável ocupação no Bronze Final recolheram-se diversos fragmentos de cerâmica grosseira, com pastas com muito quartzo e cozeduras deficientes, encontrados no enchimento da muralha pétrea, conjuntamente com restos de piso de argila.

A ocupação dos inícios da Fase II mostra que o sítio já era defendido por uma muralha de pedra, com cerca de 3 metros de largura, com duas faces e enchimento constituído por terra e pedras (Est. XVIII; XIX, 2). As estruturas domésticas parecem ser de planta circular ou ovalada, delimitadas por buracos de poste, construídas com materiais perecíveis, com pavimentos de argila (Est. XIX, 1). A cerâmica desta fase é lisa, micácea, muita dela ainda com grandes grãos de quartzo, poucas formas e um predomínio de bordos horizontais (Est.

³⁸ - Há histórias com tesouros e mouras encantadas, assim como referência ao provável achado, no sopé do monte, de um tesouro monetário cujo paradeiro se desconhece.



XXI). A abertura de Penices aos contactos com o exterior é atestada por um fragmento de cerâmica ática. A produção metalúrgica está comprovada pela presença de resíduos de fundição, um fragmento de molde em argila, três barras em bronze interpretadas como lingotes e mais alguns objectos em bronze, de que se destaca uma fíbula anular hispânica incompleta, a parte inferior de um machado de secção sub-rectangular e uma barra de secção circular engrossando nas extremidades para formar dois anéis, decorados por duas caneluras profundas, com aspecto muito semelhante ao das peças de bridão de cavalo (Est. XXIII).

A Fase III, corresponde à petrificação das estruturas domésticas e atinge o seu maior dinamismo na viragem do milénio. São desta fase três estruturas pertencentes a um núcleo familiar delimitado pela muralha e por um muro, constituída por uma casa com vestíbulo, que se sobrepôs a outra estrutura pétrea de planta circular, e dois anexos de planta circular, um deles com diâmetro mais reduzido (Est. XVIII). O espólio é sobretudo composto por cerâmicas locais feitas à roda (Est. XXII), encontrando-se, também, algum material indicador de contactos com o exterior, como por exemplo, alguns fragmentos de cerâmica campaniense de cor clara e verniz negro de boa qualidade, um fragmento de *sigillata itálica*, metade de uma lucerna de volutas decorada com duas figuras e fragmentos de um pequeno vaso de paredes finas, com decoração vegetal, além de grande quantidade de ânfora vinária, alguma republicana. Na camada de derrube da casa apareceu uma moeda de *P. CARISIUS*, cunhada em local incerto e datável entre 25 e 23 a.C.. De referir, ainda, o aparecimento de algumas contas de pasta vítrea de cor azulada, uma delas com decoração oculada. O material metálico, quer em ferro quer em bronze, é muito mais abundante, se bem que muito degradado. De bronze deverão ser destacados alguns objectos de adorno, nomeadamente duas fíbulas Aucissa do tipo Camulodonum C, uma delas decorada com um motivo inciso em espinha, duas fíbulas anulares de aro interrompido, tipo Fowler C, quatro alfinetes, uma conta circular perfurada, um pequeno pendeloque em forma de crescente, além de uma cadeia com treze elos circulares (Est. XXIV).

A reocupação nos finais do séc. IV foi comprovada pela escavação de dois pequenos muros rectos e por um espólio dominado pela presença de *tegulae*, alguma cerâmica comum e uma série de moedas em bronze dos reinados de Galieno, Constantino I e Constantino II.

13- Castro do Facho (Calendário) - Vila Nova de Famalicão

Lat. 41° 24' 16" N

Long. 8° 32' 45" W

Alt. 268 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 83)

Entre os rios Ave e Este, em plena zona de vale, quase no ponto de contacto dos granitos com as rochas do Silúrico, eleva-se um monte de altitude média, de forma alongada no sentido Norte-Sul, bem destacado no relevo da região. Nas suas vertentes nascem algumas linhas de água que correm quer para o rio Este, quer para o rio Ave, quer ainda para leste na direcção do rio Pelhe, afluente deste último.

O Castro do Facho assenta no ponto mais elevado do monte, precisamente uma proeminência existente no seu flanco Sul, dispondo de excelentes condições naturais de defesa à excepção do seu lado Norte, e um domínio visual em três quartos do seu perímetro, particularmente, para o fértil vale do rio Pelhe, a Leste (Est. XXV, 1).

A estação foi (re)descoberta nos anos oitenta, durante os trabalhos de prospecção para a elaboração da Carta Arqueológica do concelho de Famalicão. Sobre este sítio apenas existia uma referência da autoria de Carlos Teixeira (TEIXEIRA *et alii* 1965, 46) que o cartografou na folha 9-A da Carta Geológica de Portugal na escala 1:50.000.

Bibliografia - TEIXEIRA *et alii* 1965, 46; QUEIROGA 1983, 49; 1992, 157, nº 121.

Com a forma sub-circular este povoado possui, definido por um talude, um primeiro recinto, ligeiramente descentrado para Sul, com uma sobrelevação correspondente a uma massa de afloramentos graníticos sobre um dos quais assenta o marco geodésico FACHO. Rodeando esta plataforma, com um maior desenvolvimento para o lado Norte, temos um segundo recinto, definido por um novo talude, com esbatimento para o lado Este, numa zona de grandes afloramentos graníticos que tornam o local praticamente inacessível graças à vigorosa escarpa criada. Devido à maior vulnerabilidade do lado voltado a Norte, na ligação ao esporão, o sistema defensivo foi reforçado pela adição de três fossos e três taludes que no

prolongamento para Oeste alargam e criam duas pequenas plataformas que parecem terminar numa zona de afloramentos graníticos que oferecem defesa natural (Est. XXV, 2).

Nas prospekções que efectuámos à superfície recolhemos um peso de rede de quartzito (Est. XXVII, 1) e uma centena de fragmentos de cerâmica indiciadores de uma ocupação do local desde épocas bem recuadas e ao longo de um período considerável. Além da cerâmica indígena de fabrico micáceo, alguma de aspecto arcaico, e uns poucos fragmentos de *tegulae*, encontrámos no castro do Facho uma quantidade considerável de fragmentos de cerâmica manual, genericamente, integráveis no mundo das cerâmicas locais do Bronze Final, com paralelos no Monte da Forca e em estações dos arredores de Braga e, ainda, cinco fragmentos, cronologicamente mais antigos, pertencentes a um recipiente com uma organização decorativa "tipo Penha"

Dentre os fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro são de distinguir quatro exemplares, de fabrico manual, apresentando características de certa antiguidade dentro da cerâmica castreja da região.

- Fundo plano, muito corroído, com a superfície exterior de cor bege e a interior cinzenta, com muita mica e pequenos grãos de quartzo (Est. XXVII, 13).

- Bordo horizontal pertencente a um vaso de contenção, de cor bege/alaranjada, de superfícies rugosas e pasta com maior quantidade de grãos de quartzo do que mica (Est. XXVII, 8).

- Bordo em aba soerguida, pertencente a um púcaro, de pasta com maior percentagem de grãos de quartzo do que mica, com a superfície exterior rugosa e a interior alisada e de cor bege (Est. XXVII, 9).

- Bordo ligeiramente esvasado, pertencente a um púcaro, com vestígios de fuligem no exterior, de pasta micácea mas com distribuição pouco uniforme, com a superfície interior bem alisada e de cor castanha (Est. XXVII, 5).

Na cerâmica do Bronze Final, constituída por várias dezenas de fragmentos, podemos distinguir vários fabricos e, não obstante a grande fragmentação da cerâmica e a reduzida dimensão da maioria dos exemplares, identificar meia dúzia de formas. Dois recipientes de grandes dimensões, aparentemente sem vestígios de utilização sobre o fogo (Est. XXVII, 10-11), de cor castanha e com superfícies cuidadas, possuindo perfil em S, com colo curto, pança

esférica e lábios adelgaçados, pertencendo ao grupo vulgarmente designado dos potes, poderão ter servido como vasos de contenção. Um outro conjunto de grandes recipientes, de superfícies menos cuidadas, com vestígios de utilização no fogo, pertencentes ao mesmo grupo dos potes, mas com funcionalidade distinta dos anteriores está representado por um exemplar (Est. XXVII, 6) com o bordo ligeiramente reentrante e terminando num lábio espessado para o exterior, e por um outro (Est. XXVII, 7) também de cor castanha e superfícies rugosas, com perfil em S pouco acentuado, com colo incipiente, e lábios arredondados. Um terceiro vaso, de dimensões médias (Est. XXVII, 3), com bordo ligeiramente esvasado, ombros quase rectos e lábio arredondado, de cor castanha parece fazer parte da mesma família, assim como um fundo plano de cor castanha, com alisamento fruste, que cremos ter pertencido, a um vaso como os aqui considerados (Est. XXVII, 12).

Fora do grupo dos potes temos um interessante vaso, de forma tronco-cónica, com decoração incisa, (Est. XXVII, 2), com lábio em pequena aba soerguida. Este exemplar vem enriquecer a pequena lista destes recipientes conhecida de contextos habitacionais.

14- Castro de S.Miguel-o-Anjo (Calendário) - Vila Nova de Famalicão

Lat. 41° 23' 35" N

Long 8° 32' 04" W

Alt. 194 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 83)

O Castro de S. Miguel-o-Anjo assenta na parte mais elevada de um outeiro, de altitude média, sobranceiro ao rio Pelhe, rodeado de solos de elevada produtividade. O seu posicionamento topográfico confere-lhe um domínio visual de excepcional alcance, em todos os sentidos menos para ONO onde se situa o vizinho castro do Facho e, tirando o lado OSO, rodeiam-no fortes ou médias pendentes que lhe oferecem excelentes condições naturais de defesa (Est. XXV, 1). Do alto do monte avistam-se alguns povoados fortificados situados a longa distância, nomeadamente, Monte Padrão, S. Miguel-o-Anjo em Ruivães, Santa Cristina, Cruito e Bóca.

O substrato geológico do monte de S. Miguel é constituído por granitos calco-alcalinos, se bem que muito perto -menos de 500 metros- da zona de contacto com as rochas do complexo xisto-grauváquico ante-Ordovícico.

Tal como em outros locais de interesse arqueológico a tradição popular conservou, até aos nossos dias, no Monte de S. Miguel, uma lenda da moura (BRANDÃO 1892, 227), apelando para a sua antiguidade. Aqui existiu um povoado fortificado da Idade do Ferro, romanizado e, ao que tudo indica, terá também assentado um castelo denominado, na documentação medieval, como castelo de *Costoias* (COSTA A.J. 1959, 44).

Nos finais do século passado foram realizadas neste castro "explorações", pela mulher do Delegado de Famalicão, ficando o evento registado numa carta que o Abade Pedrosa endereçou a Martins Sarmiento em Novembro de 1894 (LIMA 1940, 211-212).

Nos inícios da década de oitenta o Castro de S. Miguel-o-Anjo foi alvo de grande polémica devido aos projectos de urbanização que estavam destinados para o sopé da sua área e que iriam por em risco a sua conservação, já tão abalada pelo arranque sistemático de pedra. Acabou por ser classificado como Imóvel de Interesse Público, no âmbito da Carta Arqueológica concelhia, salvando-se, desse modo, dos planos da construção civil que ainda deixou as suas marcas, junto do limite da sua área de protecção.

Bibliografia - BRANDÃO 1892, 227; LIMA 1940, 211-212; COSTA A.J. 1959, 44; QUEIROGA 1983, 49; 1992, 157, nº 122; CENTENO 1987, 112.

O povoado possui uma plataforma central, alongada no sentido E-O, e mais dois tabuleiros definidos por taludes, particularmente visíveis do lado voltado a leste, que nos parece não circundarem a totalidade o povoado (Est. XXVI, 1). As destruições operadas no seu interior e a densa vegetação que cobre a vertente Oeste não deixam perceber, com clareza, a organização do sistema defensivo.

Dentre o espólio exumado nas escavações de finais do século passado há a destacar o achado de quatro moedas romanas, sendo dois denários de Augusto da série *Caius* e *Lucius*, datáveis de 2 a.C.-(?) 4 d.C., e provavelmente dois asses do mesmo imperador (CENTENO 1987, 112)³⁹.

³⁹ - Segundo a informação do Abade Pedrosa sabemos que: "*apparecerem duas moedas de prata d'Augusto, eguais ás encontradas o anno passado em Alvarelhos, mais dois bronzes de cunho differente e que julgo serem tambem d'Augusto; metade d'uma conta e que parece de vidro azul do tamanho d'uma noz pequena, a qual tem tambem uns pequenos circulos amarelllos, alguns pezos de tear de differentes tamanhos; um objecto de ferro ou parte d'elle, que parece ter servido de chuço ou lança para encavar num pau etc. etc.*". (LIMA 1940, 211).

Uma outra moeda do reinado de Constantino⁴⁰ provém, igualmente deste monte, assim como um machado de bronze⁴¹ e muitos fragmentos cerâmicos (BRANDÃO 1892, 227).

Os trabalhos de prospecção realizados neste povoado proporcionaram a recolha de algumas dezenas de fragmentos de cerâmica indígena de fabrico micáceo e de cerâmica romana - *tegulae*, ânfora e cerâmica comum. Dentro da cerâmica indígena foi possível seleccionar meia dúzia de fragmentos cuja forma pôde ser identificada. Um bordo de aba soerguida com lábio horizontal, de cor bege/alaranjada, tendo como desengordurante além de mica uma percentagem elevada de quartzo pertence a um grande vaso para provisões - uma talha (Est. XXVI, 2.8). De um outro vaso, morfologicamente semelhante a este, temos cerca de metade da parte inferior do bojo e respectivo arranque de fundo que tinha um ressalto (Est. XXVI, 2.9). Possui a superfície exterior ligeiramente alisada, de cor castanho/alaranjado e a interior rugosa, de cor laranja. A pasta, além de muita micácea incorpora, também, grãos de quartzo de pequeno e médio calibre. Dois outros bordos, com vestígios de utilização no fogo, deverão pertencer a tachos de asas interiores. Um deles de cor laranja tem lábio horizontal plano e outro de cor castanho/alaranjada tem o lábio oblíquo para o exterior, com rebordo interno e externo (Est. XXVI, 2.5-6). Os dois últimos bordos pertencem a um pote de aba soerguida (Est. XXVI, 2.2) e a um púcaro com perfil em S, de cor cinzenta e com as superfícies bastante bem alisadas (Est. XXVI, 2.7).

As decorações estão presentes em dois fragmentos. Um, provavelmente pertencente a uma talha, tem decoração plástica constituída por duas molduras paralelas (Est. XXVI, 2.3). O outro, de pequenas dimensões, tem decoração incisa composto por linhas paralelas, cruzadas, que definem uma série de losangos (Est. XXVI, 4)⁴².

Numa das visitas efectuadas ao castro de S. Miguel encontrámos uma pequena e fina chapa em bronze, estreita e alongada, furada nos dois extremos e atravessada, num deles, por um rebite cuja função desconhecemos (Est. XXVI, 2.1).

⁴⁰ - Segundo a opinião de Martins Sarmento: "*o que se lê na moeda em questão é - na face CONST-NI ? F(i)lius?) AVG(vstvs)*. No reverso apenas se distingue da legenda - VICTORIA" (BRANDÃO 1892, 227).

⁴¹ - Trata-se de um machado de talão com um anel, que admitimos pertencer ao vizinho Monte do Facho onde registamos uma inequívoca ocupação dos finais da Idade do Bronze.

⁴² - Esta decoração é idêntica à número 273, com exemplares no Coto da Pena, Facha e Monte Padrão, os dois primeiros cronologicamente integráveis na Fase II (SILVA 1986, Est. LXVIII).

15- Castro das Ermidas (Jesufrei) - Vila Nova de Famalicão

Lat. 41° 27' 40" N

Long. 8° 31' 20" W

Alt. 209 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 83)

O Castro das Ermidas ocupa uma das proeminências existentes num esporão, do relevo que desce da Serra do Carvalho sobre o vale do rio Este, dominando, em consequência, não só o vale vizinho daquele rio mas, também, o do rio Guizando que lhe corre a sul (Est. XXVIII, 1).

O local, densamente arborizado por pinheiros e eucaliptos, não dispõe de condições naturais de defesa excepcionais, em virtude das pendentes suaves que possui.

Este local, povoado de lendas de mouras encantadas⁴³, mereceu a atenção do Pe. Luis Cardoso que se lhe refere nas "Memorias parochiaes" de 1758, pondo em destaque as suas ruínas a inciciar uma ocupação antiga do local⁴⁴.

A análise de três documentos dos séc. XI e XII ⁴⁵ parece identificar o Castelo de *Beati* com o castelo do Monte das Ermidas, referido nas Memórias Paroquiais de 1758. A ocupação medieval do Monte das Ermidas é comprovada pelas cerâmicas recolhidas à superfície, com tipologia claramente medieval.

Entre 1983 e 1987 realizaram-se escavações arqueológicas neste povoado, sob a responsabilidade de Francisco Queiroga. O resultado desses trabalhos, disperso em vários artigos dá-nos conta da ocupação contínua deste sítio entre o séc. IV a.C. e o séc. I da nossa Era (QUEIROGA 1985b, 56-7; 1985c, 5-43; 1986b-35) (PAUTREAU-QUEIROGA 1990, 44-9).

⁴³ - Vd. BRANDÃO 1889, 205.

⁴⁴ - No Tomo XX, fl. 567 lê-se: *Castello das Ermidas* - "Tem este monte de comprido mejo coarto de Legoa e sobre elle se forma hum picoto ou outeiro chamado o Monte das Ermidas ou Castelllos das Ermidas porque dizem os antigos que antigamente fora Castello e com effeito ao rredor delle se acham vestigios de muros delle feitos de pedras de canto cortadas ao pico que a mayor parte dellas se tem desfeito pelos Labradores para fazerem paredes em outras partes" (Cfr. Azevedo 1900, 91).

⁴⁵ - No primeiro dos documentos, datado de 1057, lê-se: "*villa lemeni subtus monte castro beati inter duos rivulos pelelio et alister*"; O segundo, de 1123 refere: "*in villa Segefredi subtus mons castro Beti*"; (Cfr. COSTA A.J. 1959, 71); O terceiro datado de 1151 diz: "*in villa Maloquin subtus mons castro Beati*".

Bibliografia - BRANDÃO 1889, 205; QUEIROGA 1983, 49; 1985b, 56-57; 1985c, 5-43; 1986b, 35; SILVA 1986, 80, nº 257; PAUTREAU-QUEIROGA 1990, 44-49; FIGUEIRAL 1990; QUEIROGA 1992, 157, nº 126.

O povoado, de forma alongada no sentido Nordeste-Sudoeste, possui um recinto central delimitado por uma muralha e na ligação ao esporão um reforço defensivo constituído por dois fossos e um talude. Para Noroeste e Sudeste notam-se algumas plataformas.

O espólio exumado nas escavações arqueológicas é muito diversificado, se bem que maioritariamente composto por cerâmica indígena. A atestar a ocupação antiga do sítio, será de assinalar, no entanto, o aparecimento de cerâmica grega e campaniense, vidro fabricado pela técnica do núcleo de areia bem como uma fíbula "tipo Sabroso".

As muralhas e as diversas estruturas domésticas escavadas, bem como o abundante espólio cerâmico e metálico atribuíveis aos finais do séc. I a.C. - inícios do séc. I d.C. são reveladores do grande dinamismo que o Castro das Ermidas alcançou na fase terminal da Cultura Castreja.

Numa recente visita que efectuámos às Ermidas recolhemos, num corte originado pelo derrube de um pinheiro, vários fragmentos de cerâmica, dentre os quais há a salientar um vaso decorado pela técnica da incisão e puncionamento com uma organização de grande valor estético (Est. XXVIII, 2.1) e dois grandes recipientes, eventualmente tachos de asas interiores, um deles quase completo (Est. XXVIII, 2.3-4).

16- Torre Alta (Areias) - Santo Tirso

Lat. 41° 21' 21" N

Long. 8° 28' 33" W

Alt. 63 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 98)

O Castro de Areias, ou Torre Alta, hoje completamente adulterado pela construção de uma capela e urbanização da zona envolvente, assenta num outeiro, alcandorado sobre o rio Ave, na sua margem direita (Est. XLIX, 2). Como consequência das suas vertentes abruptas o local dispõe de óptimas condições defensivas, em mais de metade do seu perímetro, sendo

vulnerável, apenas do lado Nordeste onde se une ao esporão, e domina uma ampla paisagem, particularmente a fértil planície aluvial que se abre à sua frente.

As referências à existência no lugar da Torre, em Areias, de um hipotético povoado fortificado são poucas e quasi sempre marginais. No local existiu uma imponente torre ameada, demolida para reutilização dos materiais na construção de uma ponte sobre o rio Ave (Cfr. LIMA 1956, 225-227), e será este monumento o tema principal quando se aborda o sítio. Porém, já desde os inícios do séc. XVIII que se constataria no local a existência de outras ruínas⁴⁶, entretanto identificadas com um castro luso-romano (PIMENTEL 1902, 64).

Bibliografia - COSTA 1706, 324; PIMENTEL 1902, 64; LIMA 1956, 222-223; SILVA 1986, 83, nº 337; QUEIROGA 1992, 168, nº 241.

Não são visíveis quaisquer estruturas e do espólio, além de alguns fragmentos quer cerâmica de fabrico micáceo quer com aspecto já romano, que aí se recolhem, apenas temos a informação do aparecimento de um bico de lucerna encontrado pelo Abade Pedrosa e fragmentos de mós e de tijolos recolhidos por vizinhos do local (LIMA 1956, 222).

17- Castro da Bóca (Vale S. Cosme) - Vila Nova de Famalicão

Lat. 41° 27' 22" N

Long. 8° 28' 24" W

Alt. 289 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 84)

O Castro da Bóca é um povoado de pequenas dimensões que assenta numa elevação pouco destacada na meia encosta do relevo que do Penedo das Letras desce sobre o fértil vale do rio Pelhe, em Vale S. Cosme.

A sua posição topográfica, em zona de ladeira, condiciona o domínio visual sobre o espaço envolvente, podendo-se considerar excelente apenas de Este para Sudoeste (Est.

⁴⁶ - Na Corografia Portuguesa, a propósito da freguesia de *Santiago de Areas*, do Julgado de Vermoim Carvalho da Costa diz o seguinte: (...) *Sobre o rio Ave pouco abaixo do Mosteiro de Santo Thirso, está huma grande, & alta Torre com vestígios de mais fortificaçoens, que devia servir em tempo de Mouros, quando este no fosse raya entre elles, & os Christãos* (COSTA 1706, 324).

XXIX, 1). As condições naturais de defesa do sítio são boas, exceptuando, como é lógico, o lado de ligação ao esporão considerado de grande vulnerabilidade.

Não são conhecidas quaisquer referência escritas à existência desta estação arqueológica, até à sua descoberta ocorrida no âmbito dos trabalhos de prospecção de campo, levados a cabo para a realização da Carta Arqueológica do concelho.

Bibliografia - QUEIROGA 1992, 158, nº 129.

De forma sub-circular possui duas plataforma circundadas por muralhas, com um fosso na ligação ao esporão (Est. XXIX, 2). O seu estado de conservação é consideravelmente mau devido à exploração de pedreiras no interior.

A cerca de 150 metros para Oeste do Castro da Bóca, e provavelmente consigo relacionado, existiu, também, ocupação humana, num pequeno morro ao lado da estrada para Sezures que o seccionou, em parte. O topo aplanado formava uma plataforma central e de Noroeste estava protegido por um fosso. Nas prospecções que efectuámos à sua superfície recolhemos alguns poucos fragmentos de cerâmica indígena, muito micácea, sendo reconhecido um vaso de asas no interior e dois púcaros de perfil em S. Infelizmente este local foi praticamente destruído para exploração de saibro a utilizar na construção da auto-estrada Porto-Braga, que passa ao lado.

18- Castro do Cruito (Vale S. Martinho) - Vila Nova de Famalicão

Lat. 41° 25' 55" N

Long. 8° 28' 11" W

Alt. 210 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 84)

Este povoado ocupa o topo de um outeiro sobranceiro ao fértil vale do rio Pelhe, do qual se eleva cerca de 70 metros (Est. XXX, 1). O morro está rodeado por pendentes bastante pronunciadas, característica que lhe faculta excelentes condições naturais de defesa em mais de dois terços do seu perímetro.

O seu posicionamento topográfico confere-lhe um domínio visual excelente sobre a veiga e permite-lhe contacto visual com os castros de Santa Cristina, da Bóca e de S. Miguel-o-Anjo, em Calendário.

O Castro do Cruito foi descoberto, recentemente, durante trabalhos de prospecção levados a cabo nas zonas baixas do concelho, por elementos do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Famalicão.

Bibliografia - QUEIROGA 1992, 158, nº 130.

Possui um único recinto de forma sub-circular, com um diâmetro de cerca de 100 metros, arredondado no topo (Est. XXIX, 3).

Não são visíveis quaisquer estruturas defensivas ou domésticas em toda a sua área. À superfície recolhe-se cerâmica micácea de fabrico indígena.

19- Castro de Santa Cristina (Requião) - Vila Nova de Famalicão

Lat. 41° 25' 38" N

Long. 8° 27' 44" W

Alt. 336 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 84)

O castro de Santa Cristina assenta no rebordo de uma rechã, limite do relevo que da Serra do Carvalho desce para Sudoeste até Requião, separando, em consequência, o vale do rio Pele do vale do rio Pelhe. O seu posicionamento topográfica assegura-lhe uma posição dominante em relação aos dois férteis vales e, provavelmente, poderá ter tido um papel de destaque no controle da passagem para Braga, pelo vale de S. Cosme, onde virá a passar a via romana *Cale-Bracara* (Est. XXX, 1).

No jornal Notícias de Famalicão de 16 de Setembro de 1960 é referido o achado da parte dormente de uma mó circular, o que levou o articulista a colocar a hipótese que o monte pudesse ser uma citânia pelas semelhanças daquele achado lítico com idênticos objectos que havia visto na Citânia de Sanfins, em Paços de Ferreira. Durante os trabalhos de prospecção

de campo realizados no âmbito da Carta Arqueológica concelhia, este povoado fortificado foi re(descoberto) por Francisco Queiroga. O Castro de Santa Cristina vem cartografado na folha 9-B da Carta Geológica de Portugal, editada em 1986.

Bibliografia - QUEIROGA 1992, 158, nº 128.

A degradação provocada pelo arranque de pedra, plantação de eucaliptos, construção de um largo e comprido muro no seu interior e pela abertura de corta-fogos ao longo das suas plataformas, em especial do lado voltado a SSE, desfiguraram, por completo, o castro. Hoje é possível identificar uma plataforma central definida por um talude que vai de encontro no lado Noroeste a um caos de grandes monólitos, cuja escarpa proporciona uma defesa natural por excelência. Para Oeste existe, ainda, uma estreita plataforma limitada por uma muralha pétrea, visível nalguns dos seus troços e reforçada do lado SSO com um fosso e talude. Para leste e ENE detectam-se, no seguimento da acrópole, mais duas plataformas, e cerca de 250 metros mais adiante um novo talude que orientando-se para Oeste parece ir entroncar na muralha pétrea atrás referida (Est. XXX, 2).

Durante as prospeções de campo que aqui realizámos pudemos recolher, especialmente nas terras acumuladas pelas máquinas, aquando da abertura dos corta-fogos, algumas dezenas de fragmentos cerâmicos de fabrico micáceo, além de dois fragmentos de cerâmica medieval, um deles uma asa de cor esbranquiçada, decorada com incisões.

Dentro da cerâmica castreja pudemos identificar as seguintes formas: Talhas, tachos de asas interiores, potes e púcaros (Est. XXXI, 1-9).

20- Castro de Lages (Figueiredo) - Braga

Lat. 41° 29' 54" N

Long. 8° 26' 53" W

Alt. 308 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 70)

O Castro de Lages assenta sobre um pequeno outeiro situado no extremo Norte de um relevo definido pela curva de nível dos 250 metros, delimitado de Norte e Oeste pelo rio Este e pelos seus afluentes os rios da Veiga e Guizando, respectivamente, de Este e Sul.

A sua posição topográfica é excelente relativamente às terras férteis das formações aluviais do Este e do rio da Veiga (Est. XXXII, 1).

O povoado foi identificado por elementos da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Aí encontraram cerâmicas manuais grosseiras atribuíveis aos finais da Idade do Bronze.

Bibliografia - FONTES 1990, 127.

O local foi muito alterado devido à construção de uma capela, escadaria de acesso e outras estruturas ligadas ao culto, assim como pela edificação de um bloco habitacional e a florestação com eucaliptos. À excepção de um provável talude, perceptível do lado Oeste, não se detectam quaisquer estruturas.

Numa prospecção superficial recolhemos duas dezenas de fragmentos de cerâmica grosseira, de cor castanho/alaranjada, pertencentes a dois fabricos distintos. Um, composto por grandes vasos, provavelmente para contenção de água ou alimentos, de paredes muito grossas, com a superfície externa rugosa e a interior ligeiramente alisada e com pastas com muitos grãos de quartzo. Outro, com pastas e superfícies mais cuidadas, integrando pequenos vasos, tendo-se identificado duas malgas de pança esférica, com o bordo no prolongamento da pança e com o lábio adelgado (Est. XXXII, 2.1-2)⁴⁷.

A julgar pela aparente ausência de cerâmicas doutros períodos culturais, o Castro de Lages terá tido, apenas, uma ocupação correspondente aos finais da Idade do Bronze.

21- Castro de Vermoim (Vermoim) - Vila Nova de Famalicão

Lat. 41° 25' 54" N

Long. 8° 26' 53" W

Alt. 356 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 84)

O Castro de Vermoim ocupa uma proeminência, no bordo de um relevo de média altitude, que da Serra do Carvalho se prolonga na direcção de Famalicão, separando os vales

⁴⁷ - Estes vasos parecem corresponder à forma 6 identificada em S. Julião (MARTINS 1988, 140-141).

dos rios Pele e Pelhe. O posicionamento topográfico do povoado condiciona a sua visibilidade que, no entanto, é excelente para o fértil vale do rio Pele que no sopé do relevo corre de NE para SO a um desnível de cerca de 240 metros (Est. XXXIII, 1). O sítio, densamente arborizado por pinheiros e eucaliptos, possui boas condições naturais de defesa, com excepção do lado Norte.

Segundo a *Chronica Gotorum*, em 1016, durante uma incursão dos Normandos, o castelo de Vermoim foi atacado, ao que se supõe sem sucesso para os invasores. Esta é uma, entre as muitas referências, em que a documentação medieval cita o monte⁴⁸, o castro⁴⁹ ou o castelo de Vermoim⁵⁰.

Foi nos séculos XVIII e XIX que o local começou a ser referido como sítio muito antigo⁵¹. O verdadeiro interesse arqueológico do local foi revelado por Martins Sarmento, não pelas estruturas observadas, mas pelo achado de duas pedras⁵² com decoração idêntica a outras de estações por si exploradas (SARMENTO 1933, 81). Além deste importante achado, o Castro de Vermoim passará, também, a ser referência obrigatória pelo aparecimento, durante uma visita que Sarmento fez aos montes de Vermoim em 1880, de um balneário castrejo, que comparou a idênticas estruturas aparecidas no Monte da Saia e no Castro de Sabroso (CARDOZO 1932, 23-5). Este monumento tem vindo, no entanto, a ser erradamente associado ao Castro de Vermoim uma vez que ele faz parte do Castro das Eiras, povoado vizinho daquele. A confusão ter-se-á ficado a dever a erro de leitura e transcrição incompleta do manuscrito de Sarmento, feita por Cardozo, pois da análise do original, agora divulgado, conclui-se, facilmente, estarmos perante um outro castro que não o de Vermoim (SARMENTO 1989, 17-22).

⁴⁸ - Por exemplo num documento de 1194: "*villa que vocitant Pousada subtus mons Vermui territorio Bracarense discurrante rivulo Peelio*" (Cfr. COSTA A.J. 1959, 32).

⁴⁹ - Por exemplo num documento de 1065: "*in villa Joannis suptus mons Kastro Vermui*" (*idem*, 127).

⁵⁰ - Por exemplo num documento de 1114: "*in villa Riquilani subtus castelo Vermudi territorium Bracarense discurrante ribulo Ageredi*" (*idem*, 37).

⁵¹ - Por exemplo em 1706, a propósito da freguesia de *São Salvador de Joanne* (...) é dito que: "*Aqui em huma alta serra, chamada de Corvean, estão muitas ruínas de hum Castello, donde se dominava grande quantidade de terras, serviria no tempo dos Mouros*" (COSTA, 1706, 326). Em 1873, no *Portugal Antigo e Moderno*, diz-se a respeito da freguesia de Vermoim: "*É povoação antiquíssima, pois já existia, pelo menos, no tempo dos romanos e era defendida por um castello...*" (LEAL-FERREIRA 1873, X, 309).

⁵² - Os exemplares encontram-se depositados no Museu da Sociedade Martins Sarmento (CARDOZO 1972, 173 n° 104, 175 n° 106).

Em 1982 F. Queiroga iniciou escavações arqueológicas no Castro de Vermoim, no âmbito de um projecto de estudo da cultura castreja da região, trabalhos retomados, anualmente, até 1985. Os resultados obtidos, só em parte divulgados, mostraram a ocupação do sítio entre os séculos III/II a.C. e a época de Augusto, além da posterior utilização medieval (QUEIROGA 1985a, 56).

Bibliografia - COSTA 1706, 326; SARMENTO 1882 = 1933, 81; 1883-1884 = 1933, 165; CARDOZO 1932, 23-25; 1972, 173, 175, n.ºs 104, 106; ROSÁRIO 1973, 59; ALMEIDA 1974b, 163; CUNHA 1975, 519-520; QUEIROGA 1983, 48-50; 1985a, 56; 1986a, 35; 1992, 158, n.º 131; SILVA 1986, 80, n.º 258; CALO LOURIDO 1991, 614-619.

O povoado possui um recinto definido por uma muralha que acompanha, grosso modo, a curva de nível dos 325 metros, reforçado no lado mais vulnerável, o Norte, por um conjunto de três taludes e três fossos. No interior deste recinto, ligeiramente descentrado para Norte, eleva-se a acrópole de forma ovalada, definida por um talude. A este núcleo terá sido adossado um outro recinto, alongado no sentido NE-SO (Est. XXXIII, 2).

Duas casas de planta circular e um muro recto de contenção além de numeroso espólio foram exumados durante as quatro intervenções arqueológicas efectuadas. Dentre os materiais há a referir uma fíbula em omega, um anzol e um alfinete de secção trapezoidal, em bronze, e dentro do material ceramológico um conjunto de cerâmicas, num nível superior, composto por *dolia*, tachos de asas interiores e vasos com perfil em S, e num nível mais antigo, cerâmicas de pastas mais escuras e de fabrico manual com pequenos vasos, bojudos, com bordo ligeiramente esvasado.

22- Alto das Eiras (Pousada de Saramagos/Joane/Vermoim/Telhado) - V.N. Famalicão

Lat. 41° 26' 16" N

Long. 8° 26' 32" W

Alt. 384 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 84)

O Alto das Eiras é uma das proeminências existentes na parte média de uma linha de montes que da Serra do Carvalho descem na direcção de Famalicão e que separam o vale do

rio Pele do do rio Pelhe. Nas suas vertentes nascem inúmeros regatos que vão alimentar os rios que correm no sopé -de Noroeste o Pelhe e de Sudeste o Pele.

O posicionamento topográfica do Castro das Eiras confere-lhe um assinalável controle visual sobre os vales, em particular o do rio Pele que domina em grande parte do seu curso e permite-lhe visualizar vários povoados, nomeadamente Santa Tecla e S. Miguel-o-Anjo de Ruivães, S. Bartolomeu e S. Miguel-o-Anjo de Vermil, além do vizinho castro de Vermoim (Est. XXXIV, 1).

O Castro das Eiras foi identificado nos últimos anos, durante os trabalhos de prospecção desenvolvidos com o objectivo de elaborar a Carta Arqueológica do concelho.

A existência próxima do castro e castelo de Vermoim, sobejamente conhecido pelas muitas citações na documentação medieval e em particular pelo episódio do ataque Normando que no início do séc. XI sofreu, relegaram as Eiras para segundo plano. Ao longo de um século, os achados de monta ocorridos na vertente sul dos Montes de Santa Cristina foram associados, sistematicamente, com o Castro de Vermoim⁵³. No entanto, na visita que aí realizou, em 1880, Martins Sarmiento individualiza, muito claramente, os dois povoados⁵⁴.

Bibliografia - SARMENTO 1883-1884 = 1933, 166; 1970-1989, 20-22; CALO LOURIDO 1991, 649; QUEIROGA 1983, 48-49; 1992, 157, nº 127.

O Castro das Eiras é um povoado de grandes dimensões e aparente complexidade nas suas estruturas, tanto quanto os vestígios de superfície deixam antever. De forma ovalada tem cerca de 900 metros de eixo maior no sentido NE-SO, por cerca de 600 metros de eixo menor, com orientação NO-SE. Estas dimensões definem o Castro das Eiras como uma das maiores estações castrejas conhecidas do Norte de Portugal (Est. XXXIV, 2).

A área da acrópole revela alguns vestígios de escavações clandestinas, mormente remeximentos junto a zonas de entalhes mais visíveis nos inúmeros rochedos que juncam o local, entalhes estes que certamente estariam associados a estruturas. Existem ainda

⁵³ - Assim aconteceu com as pedras decoradas guardadas no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, com o Monumento para banhos, castrejo, recentemente escavado no Castro das Eiras e com o achado ocasional de objectos pré-históricos (SOUSA 1975, 163).

⁵⁴ - Eis um excerto do que escreveu Sarmiento a respeito do Alto das Eiras: (...) *Salvo erro a povoação de Vermoim era ali. É possível que o sítio do Castelo fosse uma primeira estação: mas o "Alto das Eiras" foi importante, e a clareza dos seus vestígios torna crível a minha suposição* (SARMENTO 1970-1989, 20).

inúmeros outros remeximentos, em toda a área do castro, relacionados com captações de água, pois a grande maioria do abastecimento de água das casas de lavoura dos vales adjacentes provém destes montes.

Em toda a área se notam inúmeras estruturas à superfície, nomeadamente muralhas e taludes, que conferem ao relevo da estação um ordenamento topográfico em sequência de plataformas, certamente com a finalidade de criar condições topográficas para a implantação de estruturas habitacionais.

Os materiais de superfície contam-se entre as cerâmicas calaico-romanas, locais e de importação, bem como inúmeros fragmentos de *tegulae* e *imbrices*, apontando este conjunto para um período de ocupação situado, *grosso modo*, entre os finais do séc. I a.C. e o século III d.C.

No verão de 1990, F. Queiroga e A. Dinis escavaram, neste sítio, um monumento para banhos, castrejo, estruturalmente idêntico a outros existentes no Noroeste do país, mas apresentando uma "pedra formosa" beneficiada na parte exterior com uma associação decorativa bastante profusa e cuidada (Est. XXXV). Os autores propõem para a construção deste monumento uma data avançada do séc. I, e aceitam que o seu funcionamento continuasse pelo século II adentro.

Em 1991 os arqueólogos referidos, no prosseguimento do estudo deste importante povoado, abriram um sector de escavação numa pequena plataforma voltada a sul, adjacente à zona da acrópole. A curta intervenção revelou um conjunto de muros rectos e lajeados pertencentes a um conjunto habitacional, cuja planta não foi possível definir devido ao estado de grande perturbação das estruturas. Tudo parece apontar para um edifício dos finais do séc. I e os inícios do séc. II.

23- Monte Redondo (Guizande) - Braga

Lat. 41° 38' 59" N

Long. 8° 26' 30" W

Alt. 427 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 70)

O Castro do Monte Redondo, também conhecido como Castro de Guizande, é um povoado fortificado que ocupa uma elevação no rebordo de uma rechã. O relevo alongado no

sentido Nordeste-Sudoeste, separa os vales dos rios Pelhe e Guizande. Exceptuando o lado Sudoeste, onde se faz a ligação ao esporão, o local possui excelentes defesas naturais que lhe advêm das suas abruptas vertentes. O seu posicionamento topográfico permite-lhe um amplo domínio visual sobre o vale do rio Guizande, desnivelado cerca de 270 metros em relação ao povoado. Este é o local de maior proximidade onde se encontram, actualmente, os solos de maior fertilidade (Est. XXXVI, 1).

O castro, já referenciado por Carvalho da Costa nos inícios do séc. XVIII⁵⁵, foi escavado por Albano Bellino, em duas curtas campanhas realizadas em 1899 e 1900. As informações que dão conta destes trabalhos foram publicadas, a título póstumo, no *Archeologo Portugues* (BELLINO 1909). Como é usual na época este resumo será, fundamentalmente, um diário dos principais acontecimentos, com alusões genéricas às estruturas e aos espólios exumados, que no entanto se revelam de importância capital para o estudo desta estação.

O Castro do Monte Redondo está classificado como Monumento Nacional desde 1910.

Bibliografia - VASCONCELOS 1905, 334; 1913, 75 fig. 37-38; FORTES 1905-1908a, 17-18; BELLINO 1909, 7-15, 19-28; TEIXEIRA 1936, 231; ENCARNAÇÃO 1970, 215-216; CUNHA 1975, 497-498; CASTRO *et alii* 1980, 39; PONTE 1980, 116; SILVA 1986, 79, nº 239; CALO LOURIDO 1991, 341-346; QUEIROGA 1992, 149, nº 37.

As notícias da escavação do Castro do Monte Redondo referem a existência de três muralhas, tendo a primeira mais de 1 Km de perímetro⁵⁶ (BELLINO 1909, 13) e um conjunto de estruturas domésticas, integráveis em dois grupos -um com plantas circulares e outro com plantas quadradas. Ao primeiro grupo pertencia uma casa "*de esmerada construção*" com diâmetro interior de 4,35 m e com cerca de 0,60 m de espessura⁵⁷, outras de "*construção mais grosseira mas resistente*", uma delas conservando em volta da parede interior um largo banco de pedra e uma outra de grandes dimensões com porta bem marcada (BELLINO 1909,

⁵⁵ - Na Corografia Portuguesa, a respeito da freguesia de S. Miguel de Guizande, é dito: (...) *Aqui está o alto monte de S. Mamede com vestígios de fortificação, & seria notavel; mas quando se valêraõ de sen prestimo nam sabemos* (COSTA 1706, 325).

⁵⁶ - Do lado Sul, veêm-se, ainda, troços desta muralha, com um aparelho cuidado.

⁵⁷ - No interior da primeira plataforma são visíveis várias estruturas de planta circular, de grande diâmetro e paredes espessas, com aparelho muito cuidado.

8-10). Ao segundo grupo, identificado para nascente, pertenceriam casas quadradas construídas com grandes pedras. Além das muralhas e dos muros das habitações foi identificado outro tipo de estruturas, nomeadamente arruamentos, canalizações em pedra, cercas de pedras ao alto delimitando casas, etc..

A observação cuidada deste povoado transmite uma realidade um pouco mais complexa do que a que transparece da leitura dos apontamentos de escavação. Efectivamente, embora se admita a existência das três muralhas, como refere Bellino, torna-se perceptível um sistema defensivo bastante mais elaborado, cuja clarificação se torna difícil de precisar, devido à existência de um denso manto vegetal. Pelo menos do lado Sul, são evidentes dois taludes e dois fossos, actualmente muito assoreados, que reforçaram a defesa no ponto mais vulnerável do castro (Est. XXXVI, 2).

O espólio lítico, metálico e, especialmente, cerâmico quer de fabrico indígena, quer romano, recolhido nos trabalhos de escavação, foi numeroso. Estamos perante materiais, genericamente enquadráveis na Fase III da cultura castreja, e a denotar um grande grau de romanização do povoado como é salientado pelo achado de fundos de ânfora, fragmentos de *terra sigillata*, um fragmento de lucerna, *tegulae* e *imbrices*, aliás em sintonia com a impressão de um certo ordenamento do povoado que ressalta da leitura das memórias da escavação e da grande quantidade de pedras esculpturadas⁵⁸, bem como da ara dedicada a ANTISCREUS, na opinião de Encarnação (1970, 215), um hipotético deus⁵⁹ e do busto de uma estátua em granito, que segundo Calo Lourido (1991, 344) será uma obra romana.

⁵⁸ - Mário Cardozo descreve alguns dos materiais em pedra, provenientes das escavações de Monte Redondo, doados ao Museu da Sociedade Martins Sarmento pela viúva de Bellino (CARDOZO, 1985, 25, 151, 187). Além de cinco pedras de mós manuais, sete fragmentos de outras e uma pedra vasada denominada prisão de gado são destacadas uma hipotética padieira decorada com uma dupla e paralela sucessão de SS encadeados e duas outras pedras, já referidas nos inícios deste século (VASCONCELOS 1913, 75 fig. 37 e 38), sendo uma decorada com uma roseta de seis pétalas inscrita numa circunferência e outra, fragmentada, contendo uma suástica de cinco braços associada a motivos em SSS.

⁵⁹ - Leite de Vasconcelos refere-se a esta ara como dedicada a uma divindade dos *Bracari* de nome Antiscreus e chamando a atenção para a interpretação de Fidel Fita de ela ser dedicada a Proserpina (VASCONCELOS 1905. 334); (*idem* 1913 215-7 fig. 90).

24- Castro de S. Miguel-o-Anjo (Ruivães/Delães) - Vila Nova de Famalicão

Lat. 41° 23' 59" N

Long. 8° 25' 30" W

Alt. 291 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 84)

O Castro de S. Miguel-o-Anjo ocupa o topo de uma elevação na parte Sudoeste de um relevo de média altitude que se desenvolve paralelo ao rio Ave e que separa o vale deste rio do do rio Pele, seu afluente. As águas destes rios são engrossadas por algumas linhas de água que nascem nas vertentes do monte de S. Miguel (Est. XXXVII, 1).

O local dispõe de boas condições naturais de defesa que lhe advêm das suas pendentes, particularmente abruptas do lado Oeste, e possui um domínio visual total sobre o território circundante. Do ponto mais elevado do povoado estabelece-se contacto visual com vários outros castros, nomeadamente Santa Marta da Falperra, Vermoim, Alto das Eiras, Santa Cristina, S. Miguel de Calendário e o vizinho castro de Santa Tecla.

A mais antiga referência aos vestígios do Castro de S. Miguel-o-Anjo é-nos dada por Carvalho da Costa na Corografia Portuguesa de 1706⁶⁰. Pinho Leal, no Portugal Antigo e Moderno, alude, também, à antiguidade de alguns vestígios encontrados na freguesia de Delães⁶¹.

O achado de uma ara dedicada a uma hipotética divindade denominada BRIGUS, em 1884, nas proximidades do castro, será motivo para mais uma abordagem à ocupação humana neste povoado. Por esse motivo nos chegaram informações pela mão dos maiores vultos da arqueologia de então, Martins Sarmiento (1887-1888, 231-2 = 1933, 301); (1894 = 1933, 420-1); (1896 = 1933, 428-30) e Leite de Vasconcelos (1905, 327-9). Pelo primeiro ficámos a saber características das suas estruturas e, bem assim, do espólio aparecido, algum dele pela acção de um escavador de Ruivães⁶².

⁶⁰ - Na descrição da freguesia de *S. Salvador de Delaens do Julgado de Vermoim*, a respeito da capela de S. Miguel, o autor diz: (...) *Esteve esta igreja no alto de S. Miguel do Monte, & he tradição que nos tempos passados fora cidade (ao menos devia ser fortificação, pelo que mostraõ os vestígios)* (COSTA 1706, 329).

⁶¹ - O autor diz que: (...) *No alto do monte ha vestígios de edificios antiquissimos, e é também tradição que existiu aqui uma cidade cujos nomes se ignora, a qual foi arrazada com as guerras da edade média.*(...) (LEAL-FERREIRA 1873, II, 466).

⁶² - Sarmiento refere-se às linhas de muralhas e restos de construções, assim como ao variado espólio constituído por telha com rebordo e fragmentos de vasilhas, assim como mós de moinhos, objectos de bronze, moedas, etc. (SARMENTO, 1887 = 1933, 301).

O Castro de S. Miguel voltaria a ser notícia nos finais dos anos vinte (LIMA 1926-28, 289-99), agora devido à descoberta, nos escombros da capela que existia no cume do monte, dedicada ao santo que deu o nome ao local, de uma pedra ornamentada nos seus quatro lados, com uma decoração que encontra paralelos na temática da cultura castreja (CALO LOURIDO 1992, 456-60).

Bibliografia - COSTA 1706, 329; LEAL-FERREIRA 1873, II, 466; SARMENTO 1883-1884 = 1933, 165, 169; 1887-1889 = 1933, 301; 1894 = 1933, 420; VASCONCELOS 1905, 327-329; LIMA 1926-1928, 289-299; ENCARNAÇÃO 1970, 220-222; QUEIROGA 1983, 49; SILVA 1986, 80, nº 260; CALO LOURIDO 1991, 456-460; QUEIROGA 1992, 157, nº123.

A exploração de pedreiras no monte de S. Miguel alterou profundamente o local, tendo provocado destruições significativas no povoado castrejo, especialmente na zona da acrópole. Do lado voltado a NO, onde parece estarem melhor conservadas as estruturas, são visíveis quatro linhas de taludes que delimitariam as suas muralhas (Est. XXXVIII, 1).

Um conjunto de fragmentos de cerâmica que recolhemos pelos recintos, parecem comprovar o elevado grau de romanização do local (Est. XXXVIII, 2).

25- Castro de Santa Tecla (Oliveira Santa Maria) - Vila Nova de Famalicão

Lat. 41° 25' 01" N

Long. 8° 24' 08" W

Alt. 328 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 84)

O Castro de Santa Tecla assenta no topo de um outeiro, densamente arborizado por pinheiros e eucaliptos, que se destaca na parte Nordeste de um relevo de média altitude que se desenvolve paralelo ao rio Ave separando o vale deste rio do vale do rio Pele (Est. XXXVII, 1). Nas vertentes do monte formam-se algumas ribeiras tributárias daqueles dois rios.

O sítio possui boas condições naturais de defesa proporcionadas por pendentes mais ou menos abruptas e um domínio visual em altitude sobre os quatro pontos cardeais. É possível avistar de Santa Tecla os castros de Santa Cristina, Vermoim e Eiras, do outro lado do vale

do rio Pele e S. Miguel de Vermil, S. Bartolomeu, Falperra e S. Miguel de Calendário, além de S. Miguel de Ruivães que dista menos de 3 Km para Sudoeste.

As referências escritas a este povoado são muito parcas. Visitado por Martins Sarmento em 1880 do qual nos deixou as suas impressões (SARMENTO 1901, 14-5)⁶³, foi cartografado pela primeira vez um século mais tarde, na sequência dos trabalhos de prospecção desenvolvidos em Famalicão por Francisco Queiroga, com o objectivo de realizar a Carta Arqueológica concelhia.

Bibliografia - SARMENTO 1901, 14-15; QUEIROGA 1983, 49; 1992, 157, nº 125; SILVA 1986, 80, nº 259.

Quem se desloca hoje a este sítio descobre na elevação em que assenta a capela de Santa Tecla -onde chega com facilidade através de uma estrada em paralelo- um espaço urbanizado, a pensar no melhor acolhimento dos devotos da santa. A edificação da capela, os arranjos urbanísticos envolventes e a instalação de uma grande antena destruíram as estruturas que, eventualmente, aí terão existido, sendo a sua antiguidade apenas indiciada pelos fragmentos de cerâmica de aspecto muito romanizado que se encontram pelo chão.

A elevação fronteira denominada o *Castro* não escapou, também, à quasi completa destruição, desta feita por acção de profundas terraplanagens, para plantio de eucaliptos. Apenas escapou à sanha destruidora uma pequena faixa que coroa um imponente talude do lado voltado à capela. A análise cuidada desta elevação mostrou-nos a existência de uma plataforma rodeada por uma muralha pétrea, parecendo ter, no lado voltado a NNE, um pequeno recinto adjacente, em forma de asa, no entanto difícil de precisar pela aglomeração de monólitos (Est. XXXVII, 2). No meio da terra e das pedras, levantadas pelas máquinas, recolhemos um número considerável de fragmentos de cerâmica, unicamente micácea, de

⁶³ - Das impressões colhidas por Sarmento tomamos a liberdade de transcrever um pequeno excerto, atendendo à importância de que se reveste, já que o local tem vindo a ser desfigurado por diferentes agressões: "*O monte do Castro e o de Santa Tecla estão apenas separados por uma pequena garganta. N'uma e n'outra ha vestígios de muralhas; no Santa Tecla apenas visíveis pelo seu talude na parte que olha para o Castro (norte) e no Castro em toda a corôa do Monte. Aqui o talude é muito pronunciado (...) mas os fragmentos ceramicos são mui poucos e nem sequer vi vestígios de telha. No Santa Tecla abundam estes vestígios e os cacos são mais abundantes (...)*" (SARMENTO 1901, 14).

fabrico manual indígena, cuja cronologia poderíamos situar anterior ao séc. II a.C. a julgar pelos bordos, maioritariamente, em aba soerguida ou horizontais (Est. XXXIX, 1-10).

A ausência de qualquer estrutura defensiva envolvendo, simultaneamente, as duas elevações e a diversidade do material recolhido nos dois locais, poderá indiciar dois momentos de ocupação diferenciados nesta estação arqueológica⁶⁴.

26- Castro de S.Miguel-o-Anjo, (Vermil/Oleiros) - Guimarães

Lat. 41° 27' 36" N

Long. 8° 23' 02" W

Alt. 385 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 84)

O Castro de S. Miguel-o-Anjo está implantado no monte com o mesmo nome, na margem direita do rio Ave, entre as freguesias de Oleiros, Vermil, Brito e Figueiredo. Este monte corresponde a uma elevação de média altitude, bem destacada, no limite sul de uma crista montanhosa que desce sobre o vale do Ave desde a Serra do Carvalho (Est. XL, 1). Nas suas vertentes formam-se uma série de regatos que correm directamente para o Ave, ou vão engrossar o rio Pele, seu afluente, cuja nascente não fica muito distante.

O posicionamento topográfico deste povoado é excelente, dominando amplamente pela altura em todas as direcções, mas está rodeado de pendentes pouco pronunciadas que não oferecem condições naturais de defesa excepcionais. Do marco geodésico, que ocupa o ponto central, avistam-se alguns castros da região, nomeadamente Santa Tecla, Monte da Forca, S. Bartolomeu, Sabroso, Falperra e Eiras.

Uma densa arborização de eucaliptos cobre a maior parte da área desta estação.

As ruínas existentes no monte de S. Miguel, em Oleiros/Vermil, já são referidas, pelo menos, desde os inícios do séc. XVIII como se depreende da descrição da freguesia de S. Vicente de Oleiros da Corografia Portuguesa de Carvalho da Costa⁶⁵.

⁶⁴- A análise da dispersão do material parece apontar para que a população poderá, em determinado momento, ocupar, também, o cabeço fronteiro ao morro de Santa Tecla. No castro do Peso, em Santa Leocádia de Geraz do Lima, parece ter acontecido algo semelhante (ALMEIDA, CAB. 1990, 44).

⁶⁵- Aí se encontra a seguinte referência: (...) *Aqui está o monte de S. Miguel, com vestígios de fortificação, que dizem ser do tempo dos Mouros* (COSTA 1706, 111-2).

Martins Sarmiento efectuou uma em 1879 e, partindo das impressões colhidas, fez uma descrição genérica deste povoado, não se apercebendo, no entanto, da sua real dimensão pois compara o seu diâmetro com o do castro de Sabroso (SARMENTO 1901, 20). Para além das informações de Sarmiento, base de conhecimento sobre o castro de S. Miguel, há ainda a referência ao aparecimento, no seu perímetro, de um machado em bronze, de alvado com 2 anéis (PINTO 1929, 9; KALB 1980, nº 18, Abb.4).

O castro tem sido alvo de várias agressões que lhe vêm alterando a sua fisionomia. A este facto não é alheia a existência de uma capela de invocação a S. Miguel que acolherá muitos devotos a julgar pelo parque de merendas contíguo e a acção dos escuteiros que mantêm um parque de lazer no interior da estação arqueológica e que são responsáveis pela exumação de um troço de muralha com mais de 40 m de extensão e cerca de 2 m de altura⁶⁶.

Bibliografia - COSTA 1706, 111-112; SARMENTO 1883-1884 = 1933, 166, 169; 1901, 20; AYRES 1896, 388; PINTO 1928-1929, 194; KALB 1980, nº 18, Abb. 4; SILVA 1986, 81, nº 277; QUEIROGA 1992, 154, nº 86.

O povoado, de forma ovalada com o eixo maior orientado no sentido Norte-Sul, possui uma plataforma central delimitada por uma muralha⁶⁷, no centro da qual há uma sobreelevação com uma grande aglomeração de afloramentos graníticos sobre um dos quais assenta o marco geodésico. Este pequeno recinto vem definido por um talude que no lado Norte é mais vigoroso. Rodeando a plataforma central há uma segunda plataforma, com maior desenvolvimento para Sul, circundada por uma muralha pétrea de aparelho poligonal, com cerca de 1,20 m de largura⁶⁸. Esta muralha rodeia a pequena capela de S. Miguel⁶⁹ e, nesta zona, integra uma série de afloramentos graníticos.

⁶⁶ - Para recordar o acto os escuteiros colocaram na muralha uma lápide em mármore com os seguintes dizeres: "*Ruínas da muralha celta (séc. V a.c.) descobertas pelos escuteiros de Vermil em Janeiro de 1991*"!

⁶⁷ - Na visita que Sarmiento efectuou a S. Miguel pôde ver esta muralha em quase toda a sua extensão e quase intacta (SARMENTO 1901, 20), facto que lhe causou grande surpresa como se depreende dos apontamentos que tomou (...) *tomei o alto em que elle fica, pelo S-N e dei logo com um talude de terra. Tate! Subido o talude, vi logo que a muralha ainda mostrava a corôa n'uma grande extensão. É um muro de supporte e está todo ainda quasi intacto (escondido na terra do talude, claro é) em toda a volta do norte, poente e quasi todo o sul (idem, ibidem).*

⁶⁸ - O troço de muralha, exumado pelos escuteiros, com cerca de 43 metros de comprimento por cerca de 2 metros de altura, revela um aparelho cuidado, nalguns pontos a apontar para o helicoidal e com pedras bem faceadas. Estas características parecem apontar para uma obra dos finais do I Milénio a.C.

⁶⁹ - Junto desta capela, um pouco a Norte, na zona de merendas, notam-se, à superfície, alicerces e muita telha provavelmente pertencentes a um templo mais antigo.

Quer-nos parecer que pelo Sul o povoado teria, pelo menos, mais uma plataforma. Os monólitos graníticos e a densa vegetação não permitem, no entanto, maior precisão (Est. XL, 2).

Durante a prospecção que efectuámos à superfície do castro tivemos oportunidade de recolher, especialmente nas terras acumuladas nas bermas do estradão, recentemente aberto, algumas dezenas de fragmentos de cerâmica indígena e de cerâmica romana, assim como dois fragmentos em granito pertencentes um à parte dormente de uma mó circular e um outro à parte movente de um outro exemplar (Est. XLI, 16-17).

Dentre a cerâmica romana que se resume a meia dúzia de fragmentos, metade dos quais *tegulae*, é de salientar parte da asa de uma ânfora.

Os fragmentos de cerâmica indígena comportam alguns exemplares cuja forma foi possível identificar e que pertencem, a maioria deles, ou a vasos para contenção, tipo *dolia*, com os bordos engrossados e os fundos rectos com ressalto exterior (Est. XLI, 1, 10), ou a potes e púcaros com as superfícies bem alisadas e pastas, no geral, bem cozidas, de cores escuras -castanhos e acinzentados ou negros- com muita fuligem no exterior (Est. XLI, 2, 5, 7, 13-14). Estão presentes, ainda, os vasos de asas interiores para suspender sobre o lume, com lábio horizontal ou redondo e ressalto interior ou exterior, com asas de secção em D ou circular (Est. XLI, 8-9, 12, 15), e as taças, baixas, de cores claras e com um melhor tratamento das suas superfícies (Est. XLI, 4).

As decorações resumem-se a dois pequenos fragmentos de cerâmica muito micácea . Um deles, de cor bege/alaranjada no interior e castanho/acinzentado no exterior, mal alisado, possui uma associação de motivos estampados e linhas paralelas incisas. Delimitada por duas linhas horizontais feitas por incisão desenvolve-se uma banda de SS estilizados, que se sobrepõe a outra banda de motivos triangulares (Est. XLI, 6). O outro, de cor bege/alaranjada com alisamento razoável, apresenta uma banda composta por duas filas de escudetes, delimitada na parte superior por uma linha incisa (Est. XLI, 3).

27- Monte da Falperra, Santa Marta das Cortiças (Esporões) - Braga

Lat. 41° 30' 50" N

Long. 8° 23' 36" W

Alt. 563 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 70)

O Castro da Falperra é um povoado fortificado, com vestígios de ocupação desde o Bronze Final até ao séc. V/VI d.C., assente no Monte de Santa Marta que é o ponto mais elevado do extremo Sudoeste duma crista montanhosa que da Serra do Carvalho se desenvolve paralela ao rio Este, até ao vale do Penso (Est. XLII, 1). Nas vertentes do monte formam-se inúmeros regatos que vão engrossar a ribeira do Barral a Norte e a ribeira de Morreira a Sul, ambas subsidiárias do rio Este, e o rio de Paus a leste, afluente do Ave.

O Castro da Falperra está rodeado de fortes pendentes que lhe oferecem assinaláveis condições naturais de defesa, à excepção do lado Nordeste onde se faz a ligação ao esporão e que apresenta pendente mais suave. O seu posicionamento topográfico permite-lhe o domínio visual dos quatro pontos cardeais, mas com especial incidência para o vale do rio Este, onde existem solos de grande fertilidade agrícola e avistar um número excepcional de povoados da região estudada, nomeadamente os castros da Consolação, Monte de Vasconcelos, Pau de Bandeira, Sabroso, S. Bartolomeu, S. Miguel de Vermil, Santa Tecla, S. Miguel de Ruivães e Monte Redondo.

A sua ocupação antiga é referenciada, pelo menos, desde os inícios do séc. XVIII. Segundo Carvalho da Costa (...) *Ao pé da Serra de S. Martha está Santa Maria Magdalena (...) & no alto da serra ha huma capella de Santa Martha, de que toma o seu nome, com vestigios de grande fortificação, que entendemos foy dos Romanos, quando conquistaraõ Braga* (COSTA 1706, 183).

Nos finais do séc. XIX esta estação arqueológica suscitou o interesse dos investigadores⁷⁰, de tal forma que em 1899 Bellino aí realizaria as primeiras escavações. As

⁷⁰ - Martins Sarmiento visitou Santa Marta em 1883 e descreveu o que viu da seguinte forma: (...) *No alto onde fica a cappella, havia uma ordem de muralhas, cercando um recinto não grande. (...) Do lado de Guimarães ha uma segunda ordem de muralhas d'um muito não largo ambito. (...) Não tive tempo para seguir a linha da 2ª muralha, mas ella deve ser larga tambem pelo lado de Braga. O caminho trilhado passa por ella, mas, como está muito desfeita n'esta parte, só fazendo a vistoria seguida do nascente para norte é que se vê por onde ella ia* (SARMENTO 1901, 124-5).

impressões registadas nesses trabalhos foram reunidas numa publicação póstuma (BELLINO 1909, 1-28), juntamente com o resultado de outras intervenções e visitas feitas a estações do aro bracarense.

Mais de meio século separam estes primeiros trabalhos com os que lhe sucederam, nos anos 50, da responsabilidade de Arlindo Cunha e Russel Cortez. Dessas escavações apenas se publicaram pequenas informações, dispersas por vários artigos, insertos em jornais da região, cujo valor arqueológico, infelizmente, é muito deficiente. Nos anos 70 o primeiro dos estudiosos retomou os trabalhos na estação e os resultados integrados numa publicação de 1975, conjuntamente com as impressões colhidas em muitos outros povoados.

Nos anos 60 coube a Rigaud de Sousa e Pinho Brandão retomarem os trabalhos em Santa Marta. São desta fase as informações mais detalhadas sobre o sítio, não só no que toca às estruturas e espólio exumados, mas, principalmente, as de natureza estratigráfica que põem em evidência, pela primeira vez, duas ocupações distintas no sítio.

Nos anos 80 Manuela Martins dirigiu duas curtas intervenções na parte superior do povoado, tendo precisado o tipo de ocupação mais antiga no castro, que corresponderia ao Bronze Final.

Esta estação arqueológica foi classificada como Imóvel de Interesse Público em 1955.

Bibliografia - SARMENTO 1883-1884 = 1933, 166; BELLINO 1909, 15-18; CUNHA 1948, 3, 6; 1949, 2; 1952, 3; 1953, 4; 1953-1954, 241-243; 1954-1955, 1, 4; 1955, 1, 3; 1975, 487-496; FEIO 1956 = 1984, 99; SOUSA 1968-1970, 57-64; TEIXEIRA *et alii* 1973, 47; CASTRO *et. alii* 1980, 39; PONTE 1984, 136, nº 63; SILVA 1986, 79, nº 240; MARTINS 1990, 119; QUEIROGA 1992, 149, nº 35.

A análise das informações disponíveis, recolhidas nas dezenas de páginas escritas sobre o povoado, e as nossas próprias observações levam-nos a enumerar vários momentos da ocupação do sítio.

- Ocupação nos finais da Idade do Bronze comprovada, na parte superior da estação, por estruturas -pisos de argila, alguns com buracos de poste- e cerâmicas (MARTINS 1990, 119). Alguns materiais líticos e cerâmicos achados em escavações anteriores deverão pertencer, também, a este horizonte.

- Ocupação castreja atestada pelas muralhas que circundam o povoado e por um conjunto de estruturas domésticas com plantas circulares e angulares, além das cerâmicas micáceas, algumas com decoração incisa ou impressa com SS e círculos, bem como materiais metálicos diversos, de que se destaca uma falcata em ferro. A romanização do local terá sido intensa como comprovam diversas estruturas e a grande quantidade de materiais de importação - *Sigillata*, ânfora, vidros, assim como moedas e materiais metálicos diversos.

- Ocupação tardo-romana ou alti-medieval comprovada quer por edifícios, com destaque para um provável templo paleo-cristão, quer por um espólio riquíssimo que inclui vidros, *sigillata* clara, telhas, moedas, fíbula em "P", etc.

Classificado como imóvel de interesse público, sofreu ao longo dos séculos várias destruições que provocaram danos irreparáveis à sua estrutura.

28- Castro da Consolação (Nogueiró) - Braga

Lat. 41° 33' 01" N

Long. 8° 23' 04" W

Alt. 340 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 70)

O Castro da Consolação assenta num pequeno morro bem destacado na ladeira Nordeste da crista montanhosa que se desenvolve paralela ao rio Este, desde a Serra do Carvalho para Sudoeste até ao Monte da Falperra (Est. XLII, 1).

O local possui boas condições naturais de defesa que lhe advêm das fortes pendentes que o rodeiam, com excepção do lado voltado a Sudeste onde se faz a ligação ao esporão. O seu posicionamento topográfico confere-lhe especial domínio visual sobre os férteis solos do vale do rio Este, do qual se eleva cerca de 170 metros e onde acede em pouco mais de um quarto de hora a pé.

O Castro da Consolação é o único povoado assente sobre uma mancha de rochas do Silúrico, mais precisamente na zona de contacto desta formação geológica com o complexo granítico, maioritário no território. Esta situação faz com que pelo local afluam quer granitos, quer xistos altamente metamorfizados.

A memória sobre a antiguidade do local conservou-se no topónimo Crasto transferido para o sopé Norte do morro.

A mais antiga referência aos vestígios deste povoado data do início do séc. XVIII da autoria de Carvalho da Costa. Na Corografia Portuguesa, a respeito da freguesia de *S. Vaya de Tonois* é dito que (...) *Em hum monte, aonde está Nossa Senhora da Consolação, se vem vestígios de fortificação antiga, que dizem ser huma das com que os Romanos sitiàraõ Braga, quando a ganhàraõ.* (COSTA 1706, 185).

No início do século, Albano Bellino, a propósito dos castros do aro de Braga, refere-se ao montículo onde assenta a capela de N^a. Sra. da Consolação como local onde teria existido um pequeno castro e relata o aparecimento de uma fusaiola e, num muro próximo, de uma mó (BELLINO 1909, 4-5). Carlos Teixeira, nos anos 30, cartografou o sítio num mapa dos castros de Braga (TEIXEIRA 1936, 232). Aparece assinalado, também, na Carta Geológica de Portugal na escala 1:50.000 e referido na respectiva Notícia Explicativa, mas denominado como pequeno Castro de Nogueira (TEIXEIRA *et alii* 1973, 47), e cartografado num Mapa da Ocupação Pré-Romana da região bracarense (OLIVEIRA 1982, 8-9).

O Museu Pio XII conserva alguns materiais provenientes do Castro da Consolação, nomeadamente três mós completas e mais duas metades de mós em granito, castrejas (ROSÁRIO 1974, 23, 59, n.ºs. 6, 18A, 346, 349, 349A).

Bibliografia - COSTA 1706, 185; BELLINO 1909, 4-5; TEIXEIRA 1936, 232; FEIO 1956 = 1984, 99; TEIXEIRA *et alii* 1973, 47; ROSÁRIO 1974, 23, 59; CUNHA 1975, 501-502; CASTRO *et alii* 1980, 39; OLIVEIRA 1982, 8-9; SILVA 1986, 79, n.º 237; QUEIROGA 1992, 149, n.º 39.

A estação foi muito perturbada pela edificação de uma capela, pelos arranjos urbanísticos de acesso e à volta do templo e pela construção, há cerca de um ano, de dois grandes depósitos de água para abastecimento público. Parece ter uma única plataforma, correspondente ao topo aplanado do morro (Est. XLIII, 2). Não são visíveis quaisquer estruturas, embora há menos de vinte anos ainda fossem referenciados um profundo fosso defensivo e restos de muralha (CUNHA 1975, 501). No corte aberto para construção de um dos depósitos encontrámos restos de piso em argila, sobre os quais pousavam fragmentos de cerâmica castreja, o que documenta a existência na plataforma estruturas domésticas.

O espólio recolhido na zona envolvente ao depósito é constituído por escória ferrosa e cerca de uma centena de fragmentos de cerâmica, unicamente castreja, alguma feita à mão, integrando principalmente vasos de asas interiores, a maioria com o lábio horizontal e ressalto exterior, talhas, púcaros e em menor número potes e taças (Est. XLIV, 1-16).

As decorações estão praticamente ausentes, se bem que tenhamos encontrado dois fragmentos, pertencentes ao mesmo vaso, decorados segundo as técnicas de incisão e estampagem, com uma organização decorativa de belo efeito (Est. XLIII, 3.3). Trata-se do arranque do colo e parte do bojo de um púcaro, de pasta bem depurada com muita pouca mica de pequeno calibre utilizada como desengordurante, de cor castanho com o exterior mais escuro devido aos vestígios da fuligem da sua utilização sobre o fogo, e as superfícies alisadas, tendo a exterior melhor tratamento. Paralelo ao colo desenvolve-se, horizontalmente, uma banda de SSS estilizados, delimitada por uma linha incisa na parte superior e duas linhas incisadas paralelas pela parte inferior. Sob esta linha desenvolve-se uma organização diferente composta por uma nova banda de SSS estilizados interrompida por agrupamentos de círculos concêntricos ao que parece em número de três, dispostos em forma triangular. Esta organização decorativa do Castro da Consolação aproxima-se da de um vaso proveniente de Briteiros, de fase não determinada (SILVA 1986, Est. LXXIII, nº597).

29- Monte de S. Bartolomeu, (S. Clemente de Sande⁷¹) - Guimarães

Lat. 41° 28' 41" N

Long. 8° 22' 54" W

Alt. 421 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 70)

Esta estação arqueológica assenta num monte de média altitude, bem destacado na vertente SSE da Serra da Morreira. A posição topográfica ocupada pelo povoado aliada à altitude absoluta a que se encontra e à altitude relativa ao vale do Ave que atinge cerca de 300 metros -a altitude relativa mais elevada de todos os povoados estudados-, confere-lhe um domínio visual assinalável, em particular de Nordeste até Este e todo o quadrante Este-Sul

⁷¹ - Atendendo à grande extensão deste povoado é provável que pertença, também, às freguesias de S. Martinho de Leitões e S. Paio de Figueiredo, ambas do concelho de Guimarães, pois os seus limites estendem-se até este monte.

(Est. XLV, 1). Só de Norte é que o domínio visual é mais restrito devido à existência de elevações idênticas ou superiores, como são os casos de Outinho (485 m) e Falperra (563 m).

O local possui boas condições defensivas, particularmente do lado voltado ao vale de Sande onde a pendente se torna muito abrupta.

As referências escritas à ocupação antiga do Monte de S. Bartolomeu, em S. Clemente de Sande, são raras e muito vagas. Da exaustiva pesquisa bibliográfica que efectuámos será de destacar um curto relato de Martins Sarmento alusivo a uma visita que efectuou ao local em 1885 à procura de algumas mamoadas que lhe haviam informado aí existirem (SARMENTO 1901, 119) e onde, segundo a descrição do autor, acabaria por descobrir a *provável existência de uma grande fortaleza a julgar pelos restos das muralhas, cujas pedras tinham sido quasi na totalidade arrancadas (idem, 120)* e uma outra citação, breve mas muito curiosa, da autoria de Christovam Ayres que integra o castro de S. Bartolomeu no 1º tipo da sua sistematização, correspondente a um povoado pré-romano (AYRES 1896, 388).

Bibliografia - AYRES 1896, 388; SARMENTO 1901, 119-120; SILVA 1986, 80, nº 274.

O Castro de S. Bartolomeu apresenta uma planta muito irregular, grosso modo semelhante a um triângulo-rectângulo, forma que é imposta pela topografia do terreno. Trata-se de um povoado de grandes dimensões, com uma série de recintos alguns, infelizmente, já mal definidos, parecendo desenvolver-se, preferencialmente, para o lado Norte⁷². O lado Sul foi densamente arborizada com eucaliptos e, por isso, torna-se impossível identificar, se é que as houve, quaisquer plataformas ou eventuais estruturas defensivas.

A porta de entrada para o povoado, pelo lado Norte, é ainda bem perceptível, demonstrando grandes preocupações defensivas que se expressam num conjunto especial de estruturas. Além do fosso que reforçava, por este lado, o sistema defensivo identificámos, também, um talude a proteger a porta de acesso ao povoado e a obrigar as pessoas a passar por um género de corredor estreito, tornando-as mais vulneráveis. Possui ainda, de cada um

⁷² - Este lado está bem protegido dos ventos por um conjunto de relevos mais elevado que lhe estão próximos, dentre os quais salientamos o Outinho e Santa Marta da Falperra.

dos lados da porta de entrada, adossado à muralha, um estreito recinto com um talude pronunciado (Est. XLVI, 1).

A recolha superficial levada a cabo no povoado, muito dificultada pela densa vegetação rasteira que cobre o solo, apenas nos facultou alguns fragmentos de escória ferrosa, pouco mais de uma dezena de fragmentos de cerâmica indígena de fabrico micáceo e alguns fragmentos de telha, recolhidos junto dos alicerces da antiga capela de S. Bartolomeu, que assentou sobre um enorme afloramento rochoso, voltado ao vale de S. Clemente de Sande ⁷³.

Na pequena amostragem de cerâmica micácea são de assinalar alguns fragmentos cuja forma e processos de fabrico parecem acusar uma certa antiguidade, dentro da cerâmica castreja da região. Referimo-nos a cinco fragmentos pertencentes ao bojo e ao bordo de um vaso de fabrico manual, com vestígios de utilização sobre o fogo, de cor castanha/alaranjada, com um alisamento fruste e melhor cuidado interior. Além da mica, distribuída de forma pouco uniforme, com grandes palhetas, a pasta inclui, também, grãos de quartzo de pequeno calibre. Embora o bordo não esteja completo parece tratar-se de um púcaro de aba soerguida e com o colo bem pronunciado por uma carena interna (Est. XLVI, 2.1). Um outro fragmento bastante corroído, se bem que tenha indícios de alisamento das suas superfícies, pertence a um vaso feito à mão, de cor bege/alaranjado, com a pasta com muita mica e pequenos grãos de quartzo. Parece tratar-se de um recipiente de contenção com um bordo horizontal e lábio boleado (Est. XLVI, 2.1).

30- Monte da Forca (Vila Nova de Sande) - Guimarães

Lat. 41° 28' 10" N

Long. 8° 22' 04" W

Alt. 266 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 84)

O Castro do Monte da Forca ocupa um outeiro que se destaca num esporão que da Serra da Morreira se desenvolve no sentido NO-SE, em direcção ao rio Ave. O sítio é conhecido, entre a população local, pelo nome de Moinho de Vento, devido à existência, no ponto mais elevado, de um moinho de vento arruinado.

⁷³ - Ainda é possível identificar a planta desta pequena capela, pois descobre-se grande parte da primeira fiada de pedras dos muros e, do lado voltado a Norte um entalhe, na rocha, no local onde haveria uma porta.

O povoado dispõe de boas condições naturais de defesa, em especial do lado Este onde a pendente é muito pronunciada. A posição topográfica do Monte da Forca confere-lhe assinalável domínio sobre toda a zona envolvente, particularmente para o quadrante E-S onde se desenvolve o fértil vale do rio Ave. Para SO e NO a visibilidade é mais restrita, devido à existência, respectivamente, dos monte de S. Miguel e de S. Bartolomeu, locais onde assentam os castros com o mesmo nome (Est. XLV, 1).

São muito parca as referências escritas à ocupação antiga do Monte da Forca. Elas resumem-se, praticamente, a um relato da autoria de Martins Sarmento, sobre a visita efectuada àquele local em 1880 (SARMENTO 1901, 118)⁷⁴ e um curto apontamento de Luís de Pina, certamente apoiado nas informações de Sarmento, sobre a existência de muralhas no Outeiro do Monte da Forca, em Vila Nova de Sande (PINA 1940, 509).

Bibliografia - SARMENTO 1883-1884 = 1933, 166; 1901, 118; PINA 1940, 509; SILVA 1986, 80, nº 275; QUEIROGA 1992, 155, nº 97.

Este castro, de pequenas dimensões, possui forma ligeiramente ovalada, com desenvolvimento do seu eixo maior no sentido E-O (Est. XLV, 2). Encontra-se em adiantado estado de degradação devido à construção do moinho de vento que modificou, consideravelmente, a parte Este da acrópole, ao arranque de pedra no seu interior, com a consequente construção de acessos para escoamento dos blocos e que alteraram a topografia do monte, à florestação com pinheiros e eucaliptos, à construção de um muro de divisão de propriedades que o cortou no sentido do comprimento e, recentemente, à abertura de um estradão que lhe amputou parte da área da acrópole pelos lados Sul e Sudoeste, além de ter seccionado a segunda linha da muralha defensiva. Não obstante as inúmeras agressões sofridas ainda é possível descobrir alguns traços da sua estrutura primitiva. No limite Este, numa área ligeiramente sobre-elevada, precisamente onde será construído o moinho de vento, descobre-se um tabuleiro aplanado rodeado por uma muralha pétrea construída com grandes

⁷⁴ - Relativamente a esta estação arqueológica Sarmento diz o seguinte: "A coroa do monte é cercada ainda hoje por restos d'um socalco de pedras quasi cyclopicas. Não faltam fragmentos muito miudos de ceramica. Para o lado do poente ha pelo menos tres taboleiros mais, com talude e onde restos de muralha de pedra mais miuda abundam ainda. Os cacos continuam a aparecer. Perto d'alli passava a antiga estrada de Braga. Aquella estação tem um caracter soffrivelmente primitivo. O outeiro chama-se Monte da Forca" (SARMENTO 1901, 118).

blocos de que resta, nalguns pontos, a primeira fiada do alicerce. Envolvendo esta plataforma existe uma segunda, definida por um talude bem pronunciado, que cobre uma muralha pétrea idêntica à primeira, e que em parte foi destruída pela abertura do estradão.

Uma cuidada prospecção efectuada nesta estação, com especial incidência nos cortes provocados pela abertura da estrada que a seccionou e nas terras acumuladas nas suas bermas, permitiu a recolha de cerca de uma centena de fragmentos de cerâmica que indiciam uma ocupação humana do local desde a Idade do Bronze até à Romanização. À ocupação mais antiga pertence um conjunto de cerca de duas dezenas de fragmentos de cerâmica de pastas alisadas, bem cozidas, de cores escuras -castanhas escuras, por vezes com a superfície interior castanho/alaranjado ou acinzentado e o cerne negro-, utilizando como desengordurante grãos de quartzo de pequeno e médio calibre. Com paralelos no Monte de Vasconcelos e no Monte do Facho estas cerâmicas integram-se no grupo de cerâmicas locais do Bronze Final.

As cerâmicas indígenas de fabrico micáceo são as mais representadas no conjunto recolhido. Algumas, de aspecto arcaico, com as superfícies rugosas ou com alisamento fruste, são pouco micáceas e utilizam como desengordurante grãos de quartzo, por vezes de grande calibre, com cores escuras dentro do cinzento, castanho ou bege/acinzentado e interior negro.

31- Alto do Crasto, (S.Pedro de Este) - Braga

Lat. 41° 33' 17" N

Long. 8° 21' 57" W

Alt. 441 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 70)

O Alto do Crasto ocupa uma pequena elevação, extremamente pedregosa e densamente arborizada, num remate de esporão do Monte do Rio Mau, sobranceiro ao vale de S. Pedro de Este. O seu posicionamento topográfico além de lhe possibilitar excelente domínio visual sobre o vale do rio Este fornece-lhe óptimas condições de defesa em mais de metade do seu perímetro como consequências das suas abruptas vertentes (Est. XLVII, 1). Como se trata de um povoado de ladeira possui um lado de extrema vulnerabilidade, o lado voltado a Sudeste, por onde se faz a ligação ao esporão

Esta estação arqueológica foi identificada, recentemente, por elementos da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. No local foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica grosseira, feita à mão, provavelmente integráveis no mundo das cerâmicas da região, dos finais da Idade do Bronze, ou do Ferro Inicial⁷⁵.

A grande quantidade de monólitos que afloram neste sítio e a espessa vegetação que o cobre não permitiram a identificação de quaisquer estruturas que, eventualmente, tenha possuído. Também não recolhemos no local quaisquer cerâmicas. É de assinalar, no entanto, o topónimo Alto do Crasto porque é conhecido o local.

32- Pedrais (Longos) - Guimarães

Lat. 41° 31' 04" N

Long. 8° 21' 01" W

Alt. 268 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 70)⁷⁶

Martins Sarmento deixou-nos algumas informações sobre esta estação, sita numa mata de Pedrais, não muito distante do castro de Sabroso. Numa visita aí efectuada em 1881 comprovou a existência de um pequeno povoado, sem grandes condições defensivas e com vestígios de ter sido romanizado a avaliar pela abundante quantidade de *tegulae* (SARMENTO 1901, 123-4)⁷⁷.

As prospekções que efectuámos na freguesia de Santa Cristina de Longos, particularmente no lugar de Pedrais, não permitiram a localização deste sítio. Todavia pareceu-nos ser aceitável a inclusão deste provável castro, romanizado, neste catálogo.

Bibliografia - SARMENTO 1901, 123-4; PINA 1940, 509-510, 512; SILVA 1986, 80, nº 264; QUEIROGA 1992, 153-154, nº 82.

⁷⁵ - Informação de Luís Fontes.

⁷⁶ - Utilizámos a localização propostas por Queiroga (1992, 298).

⁷⁷ - Martins Sarmento sentiu muitas dificuldades na prospekção efectuada devido à densa arborização. Os seus informadores falaram-lhe, no entanto, em casas de planta circular, tijolos, vasilhas com asas e mós de moinho (Sarmento 1901, 123-4).

33- Pau de Bandeira, (Pedralva) - Braga

Lat. 41° 33' 49" N

Long. 8° 20' 30" W

Alt. 570 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 56)

O Castro de Pau de Bandeira assenta numa sobreelevação, correspondente a uma massa de afloramentos graníticos, que se destaca num estreito e alongado planalto, voltado ao vale do rio Este, na Serra do Carvalho (Est. XLVII, 1). Este planalto é extraordinariamente rico em vestígios arqueológicos, pois além de albergar uma importante necrópole dolménica possui, a menos de 1 Km para Nordeste do Pau de Bandeira, um outro povoado, eventualmente seu contemporâneo.

No conjunto dos povoados integrados neste estudo, o Pau de Bandeira ocupa a cota mais elevada - 570 metros, sendo possível ver, do marco geodésico que coroa o seu cume, os povoados de Santa Marta da Falperra, das Eiras Velhas, do Monte de Vasconcelos, do Monte dos Picos e até o de Sabroso.

O seu posicionamento topográfico confere-lhe algumas condições naturais de defesa, particularmente, de Noroeste e um domínio visual amplo com especial incidência sobre o vale de S. Mamede de Este do qual se eleva cerca de 300 metros.

As referências escritas a este povoado são escassas. O Abade de Sobreposta num apontamento à riqueza arqueológica das freguesias de Sobreposta e Pedralva faz-lhe alguns comentários, concretamente ao seu sistema defensivo e aos vestígios de casas redondas que teve oportunidade de ver (MACEDO 1896, 122-3). Albano Bellino também se lhe refere (BELLINO 1909, 5) e Carlos Teixeira, servindo-se provavelmente dessas informações cartografou-o, pela primeira vez, num mapa dos castros dos arredores de Braga (TEIXEIRA 1936, 233). Além destas informações há uma outra alusão de Carlos Teixeira na Notícia Explicativa à folha 5-D da Carta Geológica de Portugal na escala 1:50.000 (TEIXEIRA *et alii* 1973, 47) e a localização na respectiva Carta.

Por vezes tem-se confundido este castro com o vizinho do Monte dos Picos, provavelmente, devido à informação de Macedo que achava que os dois formariam uma só unidade comprovada por uma muralha que envolvia os dois morros (MACEDO 1896, 123).

Bibliografia - SARMENTO 1883-1884 = 1933, 165, 171; MACEDO 1896, 121-123; BELLINO 1909, 5; TEIXEIRA 1936. 232-233; TEIXEIRA *et alii* 1973, 47; SILVA 1986, 79, nº 238; QUEIROGA 1992, 150, nº 45.

O povoado de forma ovalada com o eixo maior orientado no sentido NE-SO, possui três linhas de muralhas que o parece envolverem na totalidade do seu perímetro (Est. XLVII, 2). Alguns panos da muralha, construídos com grandes blocos de pedra, conservam ainda, nalguns sítios, quase 1 metro de altura. Um alicerce de uma estrutura circular integrando grandes pedras e com um diâmetro considerável, situado sobre a muralha que envolve a zona da acrópole e num local onde esta forma um cotovelo, fez-nos pensar na existência de torreões similares aos da Citânia de S. Julião, em Vila Verde.

Nas plataformas cobertas de densa vegetação rasteira e de muita pedra proveniente do derrube das suas estruturas, especialmente das muralhas, consegue-se, ainda, descortinar vestígios de diversas construções de planta circular e alguns fragmentos de cerâmica indígena de fabrico micáceo.

34- Castro de Sabroso (Longos/S.Lourenço de Sande/S.Salvador de Briteiros)- Guimarães

Lat. 41° 30' 37" N

Long. 8° 20' 24" W

Alt. 278 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 70)

O Castro de Sabroso ocupa o bordo de uma elevação, definida pela linha dos 230 metros, alongada de Nordeste para Sudoeste, no remate de um esporão que se desenvolve paralelo à ribeira de Agrela, tributária do Ave, rio que dista da estação cerca de 2,5 Km (Est. XLVIII, 1).

As pronunciadas pendentes do local oferecem condições naturais de defesa assinaláveis, com excepção de Nordeste, o lado por onde se estabelece a ligação ao esporão. A posição topográfica do povoado permite-lhe um domínio visual em três quartos do seu perímetro, com especial incidência para o vale do Ave onde se localizam, na actualidade, os melhores terrenos agrícolas.

O povoado encontra-se coberto por densa vegetação constituída, especialmente, por mimosas.

As escavações realizadas por Martins Sarmiento em Sabroso, nos finais dos anos setenta do século passado, deram a este povoado um especial estatuto no conjunto das estações arqueológicas nacionais. De facto, a precocidade na ocupação e no abandono, relativamente à Citânia de Briteiros, detectada nessa época pelo investigador, trará importantes avanços ao conhecimento desta cultura e servirá de modelo para o estabelecimento das primeiras tipologias de castros⁷⁸.

O estatuto de Sabroso, veiculado pelos trabalhos de Sarmiento, veio a ser reforçado na sequência dos trabalhos de investigação efectuados na Primavera de 1958 pelo arqueólogo inglês Christopher Hawkes. Pela primeira vez na investigação da cultura castreja em Portugal, é apresentada uma proposta de periodização para a ocupação dum povoado, assente nas sucessivas fases de construções comprovadas estratigraficamente.

A última intervenção arqueológica dirigida por Teresa Soeiro, Rui Centeno e Armando Coelho ocorreu em 1981 comprovando, genericamente, as propostas de Hawkes.

O visitante que demande hoje o Castro de Sabroso não se consegue aperceber, sob a densa vegetação e o ar de abandono que cobrem as ruínas, do importante papel que este povoado representou na investigação arqueológica nacional. A estação está classificada como Monumento Nacional desde 1910.

Bibliografia - SARMENTO 1879 = 1933. 22-35; 1883-1884 = 1933, 166, 168; 1906-1909, (23), 41-51, (24), 53-66, 113-122, (26), 5-19; CARTAILHAC 1888, 124-129; FORTES 1904; PINTO 1929, 9; CARDOZO 1958a, 439-446; 1980; HAWKES 1958, 446-453; 1971, 283-287; ROMERO MASIÁ 1976; KALB 1980, nº 16, Abb. 2; SOEIRO *et alii* 1981, 341-350; PONTE 1984, 128-138, n.ºs. 2, 3, 12, 13, 19, 50, 64, 69, 77, 88; SILVA 1986, nº 265, *passim*; CENTENO 1987, 117; CALO LOURIDO 1991, 414-426; QUEIROGA 1992, 153, nº 81.

Na sua fase mais antiga o Castro de Sabroso era constituído por um recinto, situado no topo Norte do morro, de forma ovalada, delimitado por uma muralha pétreia. O recinto tinha

⁷⁸- Atente-se, por exemplo, na sistematização proposta, nos finais do século passado (AYRES 1896, 385).

cerca de 120 m no eixo N-S e cerca de 100 m no eixo E-O e a muralha, com cerca de 4 m de espessura, feita em talude, tinha duas faces regularizadas de grandes blocos e enchimento de pedras e terra. A entrada fazia-se através de uma porta, voltada a Norte, defendida por um sistema tipo clavícula. Do lado voltado a Nordeste, na ligação ao esporão, a defesa era reforçada com um fosso. Este recinto inicial foi entretando ampliado para Sul e Sudeste tendo para isso sido alterada a muralha que passou a envolver uma maior área (Est. XLVIII, 2).

No interior do povoado foram escavadas mais de três dezenas de estruturas domésticas quase todas de planta circular e quatro delas com vestíbulo. A maioria das casas têm suporte para poste central e, curiosamente, não há referências à existência de lareiras com excepção de duas em que apareceu uma pedra alongado no centro. É de destacar o aparecimento de um excepcional conjunto de pedras decoradas, formado por ombreiras e friso inferior de uma casa de planta circular, com motivo de tripo cordão e duas séries de círculos concêntricos enlaçados (CARDOZO 1980, Est. XXXIII, 1).

O espólio metálico e ceramológico de Sabroso é rico e variado. Exceptuando poucos fragmentos de cerâmica romana, toda a produção aparecida é de fabrico indígena. Em bronze, além de um bracelete aberto com remates campanulares troncocónicos (Est. XLIX, 2) (SILVA 1986, Est. XCIX, 8) e de um machadinho bipene exumaram-se mais de três dezenas de fíbulas entre exemplares tipo Sabroso, de Longo travessão sem espira e Aucissa (Est. XLIX, 2-5)⁷⁹, duas dezenas de fíbulas anulares (Est. XLIX, 6-9)⁸⁰, alfinetes, agulhas, um bordo de vasilha com asa e uma placa de cinto com círculos concêntricos. Menos numeroso é o espólio em ferro que inclui um machado de alvado e uma enxada (Est. XLIX, 10) (SILVA 1986, Est. LXXXVIII, 8), uma lâmina de tesoura e dois colares. Finalmente há a referir meia dúzia de contas de pasta vítrea, um denário republicano⁸¹, algum material lítico - pesos de rede, machados de pedra polida, pontas de seta- e mais algumas pedras decoradas.

⁷⁹- Vide (PONTE 1984); (SILVA 1986, 214, GRÁFICO 5).

⁸⁰- Presentes os tipos Fowler Aa, B e B1 (SILVA 1986, 224, Gráfico 7).

⁸¹- A datação proposta é 179-170 a.C. (CENTENO 1987, 117).

35- Monte dos Picos, (Pedralva) - Braga

Lat. 41° 34' 06" N

Long. 8° 19' 57" W

Alt. 564 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 56)

O Monte dos Picos é a denominação atribuída a uma das proeminências mais elevadas da Serra do Carvalho, no rebordo voltado a Pedralva, bem destacado no estreito e alongado planalto (Est. XLVII, 1). De forma ovalada com o eixo maior orientado no sentido Noroeste-Sudeste possui nos dois topos ligeiras sobrelevações, que correspondem a uma massa de afloramentos graníticos, conhecidas pelos topónimos Castro 1º e Castro 2º. Esta estação dista cerca de 900 metros para Nordeste do castro de Pau de Bandeira.

O posicionamento topográfico do sítio, além de oferecer condições naturais de defesa, particularmente do lado Sul e Sudeste, proporciona um domínio visual excepcional sobre o planalto envolvente e sobre o vale de Pedralva.

Esta estação é conhecida desde há um século, em virtude de ter aparecido, nas suas vizinhanças, uma enorme estátua conhecida como Colosso de Pedralva, adquirida por Martins Sarmiento em 1892 e transportada para o Museu de Guimarães em 1929, onde ainda se mantém (CARDOZO 1972, 160, nº 102). Foi cartografado, pela primeira vez nos anos 30, num pequeno mapa relativo às zonas exploradas por Sarmiento (CARDOZO 1980, Est. II) e, mais recentemente, na Carta Geológica de Portugal à escala 1:50 000 e num Mapa da Ocupação Pré-Romana da região bracarense (OLIVEIRA 1982, 8-9). Carlos Teixeira chama-lhe Castro de Pedralva, na Notícia Explicativa à respectiva folha da Carta Geológica (Teixeira *et alii* 1973, 47). Dada a proximidade deste castro com o de Pau de Bandeira há a tendência para se confundirem estas duas estações.

Bibliografia - CARDOZO 1972, 160, nº 102; TEIXEIRA *et alii* 1973, 47; CARDOZO 1980, Est. II (1ª edição 1930); CASTRO *et alii* 1980, 39.

O monte está bastante perturbado pela plantação, na parte Nordeste, de pinheiros e pelo corte de granito. Grandes quantidades de pedra solta, distribuídas de forma anárquica, cobrem toda a superfície. Dificilmente se descobre, neste caos, qualquer alinhamento coerente

pertencente às antigas estruturas. Na parte mais elevada, foi possível, todavia, identificar uma estrutura de planta circular com duas faces.

Alguns poucos fragmentos de cerâmica micácea e de cerâmica comum romana foram recolhidos por entre a espessa camada de tojo, permitindo assumir que a ocupação do sítio terá ocorrido, pelo menos nos finais do I milénio a.C.

III - Povoados a sul do rio Ave

36- Castro da Retorta (Retorta) - Vila do Conde

Lat. 41° 21' 33" N

Long. 8° 43' 21" W

Alt. 40 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 96)

O Castro da Retorta assenta numa colina de baixa altitude, sobranceira ao rio Ave na sua margem esquerda, disfrutando de um posicionamento excelente relativamente ao rio (Est. XIV, 1). A topografia do local confere-lhe óptimas condições naturais de defesa, particularmente do lado voltado ao rio, onde o monte é muito escarpado. A zona envolvente desta estação arqueológica possui potencialidades agrícolas assinaláveis.

Embora referido por diversas vezes, a divulgação deste sítio é devida, principalmente, aos importantes vidros aí achados, estudados por Adília e Jorge Alarcão (ALARCÃO-ALARCÃO 1963, 197-9). Já em 1883 Martins Sarmiento, numa carta dirigida a Leite de Vasconcelos, se refere a este castro (AP 1901, 46-7). Ricardo Severo e Fonseca Cardoso também se lhe referem, cartografando-o, inclusivé, o que acontece pela primeira vez (SEVERO-CARDOSO 1899-1903, 179-180). Mais recentemente, num estudo monográfico sobre a freguesia, Eugénio Freitas destacou a importância deste povoado no contexto das fortificações castrejas da região (FREITAS 1949). Segundo a sua opinião o Castro da Retorta corresponderia ao *Castro Celoria* referido em dois documentos medievais⁸².

Bibliografia - SARMENTO 1883-1884 = 1933, 165; SEVERO-CARDOSO 1899-1903, 179-180; FREITAS 1949, 20-27; ALARCÃO-ALARCÃO 1963, 197-199; ALMEIDA 1969, 33; SILVA 1986, 83, nº 325; QUEIROGA 1992, 170, nº 253; ALMEIDA C.A.B. 1992.

O Castro da Retorta possui forma ovalada tendo o seu eixo maior orientação Noroeste-Sudeste. É neste último lado, aliás, que se conseguem ver alguns poucos indícios do seu sistema defensivo que deveria ser composto por duas muralhas pétreas⁸³ e um fosso.

⁸² - Numa escritura de compra datada de 1100 "*castro celoria*" e "*kastro celouria*" numa outra escritura de venda de 1110 (FREITAS 1949, 20-1).

⁸³ - Nos anos 40 os restos dessas muralhas ainda seriam bem visíveis (FREITAS 1949, 21).

Actualmente a estação arqueológica está, praticamente, arrasada, com os níveis superiores revolidos pela transformação do local em pastagem permanente, e o lado Sul e Oeste cobertos por densa vegetação de eucaliptos.

No seu perímetro recolhe-se cerâmica castreja e cerâmica de época romana.

37- Castro do Boi (Vairão) - Vila do Conde

Lat. 41° 19' 21" N

Long. 8° 40' 30" W

Alt. 123 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 97)

Bem destacada na planície costeira ergue-se uma colina, sobre a qual assentou o Castro do Boi, também conhecido como Castro de Santo Ovídio (Est. L, 1), hoje bastante desfigurado por diversas construções e, particularmente, a de uma capela situada bem no centro do que seria a sua acrópole. Dispondo de condições naturais de defesa bastante razoáveis, em especial, para o lado orientado ao mar, este castro disfruta, também, de ampla visão sobre a fértil área que o circunda.

A antiguidade do local conserva-se na memória popular a ponto de ter sido dado o nome de Travessa da Moura a uma rua fronteira ao morro.

Sobre o castro teria sido erguido um castelo -na opinião de C.A. Ferreira de Almeida uma construção relativamente cuidada-, um dos mais citados na documentação medieval, a partir do ano 907, certamente articulado com a via romana próxima, a foz do Ave e o Convento de Vairão que lhe fica no sopé (ALMEIDA 1978, 34).

A demonstração que o sítio do Castro do Boi foi ponto de referência de quase todos os documentos antigos, relativos a prédios situados a sul do Ave, é-nos dada por Agostinho Azevedo que enumera 40 diplomas dos *Portugaliae Monumenta Historica* que a ele se referem (AZEVEDO 1939, 102), variando a denominação entre castellu de bove rribulum

ave ⁸⁴, *subtus Castro de Bove, territorio portugelensis, discurrente rivolo Ave* ⁸⁵ ou *subtus mons Kastro de bove* ⁸⁶.

Exceptuando as referências por via da documentação medieval, pouco interesse tem sido manifestado por este povoado fortificado. Martins Sarmiento refere-se-lhe em 1883, em correspondência dirigida a José Leite de Vasconcelos (Sarmiento 1901, 46-7), mas apenas num contexto de enumeração de sítios visitados na Póvoa e em Vila do Conde. C.A. Ferreira de Almeida aborda-o, no âmbito de um trabalho sobre a romanização da Terra da Maia, potenciando o seu valor estratégico na Idade Média e sendo, entretanto, o único autor a fornecer alguma informação de cariz arqueológico, concretamente a alusão à existência, no local, de *imbrices* e de aparelho pertencente a casas redondas de tipo castrejo (ALMEIDA 1969, 34).

Bibliografia - SARMENTO 1883-1884 = 1933, 165; 1901, 46-47; FERREIRA 1907, 285; 1923, 47; AZEVEDO 1939, 102; FREITAS 1949, 20; ALMEIDA 1969, 34; 1978, 34; SILVA 1986, 83, nº 333; QUEIROGA 1992, 170, nº 254; ALMEIDA C.A.B. 1992.

Este pequeno povoado foi seriamente afectado por diversas agressões que modificaram, por completo, a sua primitiva estrutura⁸⁷. Tanto quanto se consegue perceber, através de alguns poucos indícios, tinha forma sub-circular, com uma plataforma central, provavelmente circundada por uma muralha, e pelo menos mais uma plataforma envolvente, cujo talude se consegue vislumbrar, entre a densa vegetação, do lado Sudoeste que, mesmo assim, é o que melhor se conservou.

Entre os poucos fragmentos de cerâmica micácea recolhidos à superfície pudemos identificar alguns pertencentes a grandes vasos de contenção.

⁸⁴ - Referido numa carta de doação de 974, transcrita por Monsenhor Ferreira (FERREIRA 1907, 283).

⁸⁵ - (*Idem*, 284).

⁸⁶ - Como se vê numa escritura de compra de 1100 (Cfr. FREITAS 1949, 20).

⁸⁷ - Referimo-nos à construção da capela de Santo Ovídio que se eleva no ponto mais elevado, e da respectiva rampa de acesso, pelo lado Este, à edificação de uma série de habitações de Norte e Sul, à abertura de um caminho rodeando a meia altura todo o morro e à florestação do restante espaço livre de construções, com eucaliptos e austrálias.

38- Castro de Alvarelhos (Alvarelhos) - Santo Tirso.

Lat. 41° 18' 02" N

Long. 8° 37' 10" W

Alt. 222 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 97)

O Castro de Alvarelhos, ou de S. Marçal, está implantado num contraforte da Serra de Santa Eufémia, numa posição de domínio visual relativamente ao vale da ribeira da Aldeia, afluente do rio Ave, zona onde se encontram os solos com melhor aptidão agrícola (Est. LI, 1). As vertentes Norte, Sul e Este, com inclinação considerável, possibilitam boas condições naturais de defesa, característica inexistentes de Sudoeste, o lado mais vulnerável devido à ligação ao maciço montanhoso.

As ruínas desta estação arqueológica, embora já referidas nos inícios do séc. XVIII⁸⁸, não mereceram grande atenção por parte dos estudiosos. De facto, os trabalhos que existem sobre Alvarelhos reportam-se, fundamentalmente, a achados importantes, a maioria já de época romana, ocorridos quer no perímetro da estação, quer na área circundante. Serão de destacar, pelo seu carácter excepcional, um marco miliário, do Imperador Adriano, pertencente à via romana *Cale-Bracara* que passava próxima do povoado (CAPELLA 1895, 59; 132-3), um tesouro de cerca de cinco mil denários e nove ponderais em prata, dois deles com o nome *CAESAR* grafitado numa das faces (TORRES J. 1978-79; CENTENO 1978, 35-41)⁸⁹, uma lápide referindo os MADEQUISENSES (SANTARÉM 1977; SILVA 1980, 79-90), uma ara dedicada ao GENIUS (VASCONCELLOS 1913, 295), o fundo de uma pátera de prata, uma estatueta em bronze representando uma Nereida (SANTARÉM 1954, 31) e alguns objectos em bronze de que se salienta um umbo (Est. LI, 2.1) e elementos de sítula (SOEIRO 1980, 237-243).

Nos últimos dez anos têm-se vindo a desenvolver alguns trabalhos de escavação, cujos resultados ainda não foram publicados, mas que fornecerão, certamente, informações importantes ao conhecimento desta estação arqueológica (MOREIRA 1992, 37-8).

⁸⁸ - Carvalho da Costa referindo-se a Santa Maria de Alvarelhos diz que (...) *perto da qual (Ermida de Sta. Eufémia) se vem ruínas de huma cidade antiga chamada Palmazão* (Costa 1706, 366).

⁸⁹ - Além deste importantíssimo tesouro muitas outras moedas têm sido encontradas no Castro de Alvarelhos (FORTES 1899, 12-3; vd. CENTENO 1987, 34-5; 111).

O Castro de Alvarelhos está classificado como Monumento Nacional desde 1910.

Bibliografia - COSTA 1706, 366; SARMENTO 1883-1884 = 1933, 165, 168; 1970, 48-52; FORTES 1899, 7-28; FERREIRA 1907, 285; 1923, 47; AZEVEDO 1939, 101-102; SANTARÉM 1956, 63-64; 1977, 161-170; TEIXEIRA *et alii* 1965, 46; ALMEIDA 1969, 31-32; 1973, 207; TORRES J. 1978-1979, 15-250; SOEIRO 1980, 237-243; SILVA 1980, 79-90; 1986, 83, n° 335; CENTENO 1987, 34-41, 111; MOREIRA 1992, 34-47; QUEIROGA 1992, 168, n°240; ALMEIDA C.A.B. 1992.

Ignora-se qual a área ocupada durante a Idade do Ferro, pois o desenvolvimento do povoado, durante a época romana, facto a que não será de todo alheia a sua situação junto da via romana *Cale-Bracara*, terão alterado a sua fisionomia.

Ao longo de uma área bastante extensa identificaram-se, no passado, diversas estruturas de carácter defensivo e doméstico, nomeadamente estruturas de planta circular quer do lado nascente (FORTES 1899, 17)⁹⁰ quer no lugar de Sobre Sá (SANTARÉM 1954, 39) e muros rectilíneos, pertencentes a edifícios datáveis, provavelmente dos séculos III ou IV da nossa era (ALMEIDA 1969, 32). Actualmente são visíveis, além dos restos de taludes e de muros circulares e rectangulares que afloram à superfície, diversas estruturas exumadas nas campanhas de escavação realizadas em 1984⁹¹, 1986⁹² e em 1992⁹³.

O espólio recolhido no povoado de Alvarelhos parece mostrar uma ocupação longa para este sítio, pelo menos desde o Bronze Final, atestado por um número considerável de fragmentos de cerâmica manual (MOREIRA 1992, 37), passando pela Idade do Ferro com uma abundante representação de cerâmica indígena de fabrico micáceo, até ao período romano com um conjunto assinalável de metais e cerâmicas (*Idem, ibidem*; ALMEIDA 1969, 32). Alguns achados dispersos indiciavam, já, uma ocupação bem antiga do sítio. Referimo-nos concretamente a um fragmento de um vaso com carena de excelente fabrico (Est. LI,

⁹⁰ - Apareceu um fundo e alicerce de casa circular com o diâmetro interno de 3,20 m.

⁹¹ - Nesta intervenção de emergência foram exumados muros pertencentes a estruturas de planta circular (MOREIRA 1992, 37; Est. III, fig. 1).

⁹² - Em 1986 foi escavado um conjunto arquitectónico hipoteticamente identificado com um edifício termal (*Idem, ibidem*).

⁹³ - Na área escavada nesta campanha é visível um nível de ocupação com estruturas de planta circular e um outro nível sobreposto, com estruturas idênticas às da "*domus*" de Monte Padrão.

2.2)⁹⁴ e um machado de talão com dois anéis proveniente de Palmazão, mas que poderá também estar relacionado com a ocupação dos finais do Bronze Final deste povoado.

39- Castro do Monte Padrão (Monte Córdova) - Santo Tirso

Lat. 41° 18' 53" N

Long. 8° 26' 51" W

Alt. 413 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 98)

O Castro do Monte Padrão ocupa o topo do monte do mesmo nome, num dos rebordos voltados a Ocidente do maciço montanhoso denominado Monte Córdova, delimitado de Oeste pelo rio Sanguinhedo e de Este e Sul pelo rio Leça (Est. LII, 1).

As vertentes acentuadas do monte conferem ao sítio boas condições naturais de defesa, com excepção do seu lado Este, a zona mais vulnerável, onde há a ligação ao maciço montanhoso com características semi-planálticas.

A posição topográfica do povoado é assinalável, com um domínio visual excelente sobre o fértil vale do rio Ave, o local onde se encontram as terras de maior potencialidade agrícola.

As referências à ocupação antiga do Monte Padrão poderão remontar, pelo menos, ao séc. XVII⁹⁵. Eventualmente, foram as ruínas desta estação arqueológica que terão levado à associação com o mosteiro e igreja onde terá sido baptizado S. Rosendo, no séc. X (LEÃO 1651, 159-160).

O Castro do Monte Padrão suscitou o interesse dos arqueólogos desde o início deste século, o que é comprovado pela sua classificação como Monumento Nacional já em 1910.

Entre 1951 e 1956 Carlos Santarém procedeu a escavações nesta estação arqueológica tendo posto a descoberto um extenso conjunto de estruturas e recolhido quantidade apreciável

⁹⁴ - Este fragmento de cerâmica foi-nos cedido pelo Prof. Doutor C.A. Ferreira de Almeida, que o recolheu na área de Alvarelhos.

⁹⁵ - Pinho Leal, com certeza baseando-se na *Benedictina Lusitana*, refere-se à freguesia de Monte Córdova e, provavelmente, ao Monte Padrão, dizendo que "*Vêm-se aqui ruínas de palácios e de varios edificios, que denotam muita antiguidade. Proximo a este monte existiu a antiga villa de Sálas (...)*" (LEAL-FERREIRA 1873, V, 471-2).

de espólio, que hoje faz parte da reserva do Museu Municipal Abade Pedrosa, em Santo Tirso.

Depois de um interregno de quase três dezenas de anos, as escavações arqueológicas foram retomadas e desencadeado um processo de recuperação, estudo e divulgação deste importante assentamento.

Bibliografia - TOMÁS 1651, 159-160; LEAL-FERREIRA 1873, V, 471-472; SANTARÉM 1951, 49-66; 1955, 397-429; PONTE 1984, 129, nº 15; MARTINS 1985, 217-230; SILVA 1986, 83, nº 344; CENTENO 1987, 115-116; MOREIRA 1991; QUEIROGA 1992, 169, nº 242.

O Castro do Padrão possui uma recinto central, rodeada por uma muralha, de forma ovalada com cerca de 200 metros de comprimento por cerca de 100 metros de largura. As plataformas adjacentes e os taludes que as delimitam indiciam a existência de mais duas linhas de muralha.

No tabuleiro central distribuem-se um conjunto considerável de estruturas, exumadas nas várias campanhas de escavação realizadas no povoado, cobrindo um período cronologicamente amplo que abarca desde a Idade do Ferro até à Baixa Idade Média.

Embora não tenham sido identificadas estruturas correlacionadas com um habitat do Bronze Final, esta ocupação está atestada por um conjunto de materiais em pedra e cerâmicos que integram um machado polido e vasos carenado e tronco-cónicos, assim como decorações boquique (Est. LII, 2) (MARTINS 1985, 220-221). À Idade do Ferro pertencem diversas estruturas de planta circular, algumas sobrepostas, evidenciando diferentes momentos construtivos e um importante espólio cerâmico e metálico.

Da ocupação romana exumaram-se dois complexos edifícios -um deles uma *domus*, de planta quadrangular, com um pátio central lajeado à volta do qual se desenvolvem vários compartimentos- a atestar o impacto da romanização nos habitantes do Noroeste. Associado a estes edifícios há um conjunto de objectos que situam este momento de ocupação entre os séc. I e IV. À Idade Média pertencem uma estrutura interpretada como um templo altimedieval sobre a qual assentou um outro edifício numa época mais tardia, ao que parece contemporânea duma necrópole de inumação datada entre os séc. XIV e XV.

IV - Povoados junto ao mar

40- Castro de S. João (Vila do Conde)

Lat. 41° 21' 15" N

Long. 8° 44' 18" W

Alt. 30 m (Carta 1/25.000, SCE, fl. 96)

O Castro de S. João, em Vila do Conde, conhecido por alguns documentos e escritos antigos, estaria implantado num morro, de pendentes pronunciadas, sobranceiro ao rio Ave, com um posicionamento topográfico excelente (Est. XIV, 1).

Teria sido arrasado, no século XIV, pelas obras de construção do Mosteiro de Santa Clara, não chegando até nós quaisquer vestígios das suas estruturas ou materiais. A memória popular conservou, porém, o topónimo Castro atribuído ao monte (FERREIRA 1906, 264).

Embora se encontrem algumas referências a este povoado, principalmente em obras do século XIX ⁹⁶, é Monsenhor Ferreira que, verdadeiramente, valoriza este sítio, através da divulgação de importantes documentos com a referência expressa ao Castro de S. João. Um deles, uma carta de venda feita no ano de 953, refere: "... *ecclesia quae est fundata in castro vocitato Santo Johanne...*" (Cfr. FERREIRA 1923, 11) e num outro, uma doação datada de 1100, está expresso: "... *subtus mons Castro Sancti Johanis discurrente rivo Ave.*" (*idem*, 13).

A aceitação da localização do castro de S. João no morro do Mosteiro de Santa Clara admitia-se, perfeitamente, atendendo à topografia do local, mas resulta mais evidente pela indicação expressa num outro documento, a carta de Fundação da Colegiada de Vila do Conde, de 1518, onde se infere a mesma localização quer para o Castro de S. João quer para o Mosteiro de Santa Clara (Cfr. AMORIM 1988, 11)⁹⁷.

Bibliografia - LEAL-FERREIRA 1873, XI, 691-692; VIEIRA 1886, 262; AYRES 1896, 386; FERREIRA 1906, 264; 1923, 11-13; TEIXEIRA *et alii* 1965, 46; SILVA 1986, 83, nº 324; AMORIM 1988, 11; QUEIROGA 1992, 170, nº 255; ALMEIDA C.A.B. 1992.

⁹⁶ - Por exemplo no Portugal Antigo e Moderno (LEAL-FERREIRA 1873, XI, 691-2), no Minho Pitoresco (VIEIRA 1886, 262), assim como na Historia do Exercito Portuguez (AYRES 1896, 386).

⁹⁷ - Provavelmente, nos inícios do séc. XVI ainda restariam no local vestígios claros do antigo assentamento castrejo, entretanto destruídos com as remodelações e ampliações que o Mosteiro sofreu, especialmente, no séc. XVIII.

41- Castro de S.Paio (Labruje) - Vila do Conde

Lat. 41° 16' 58" N

Long. 8° 43' 44" W

Alt. 14 m ((Carta 1/25.000, SCE, fl. 109)

Este povoado fortificado, de reduzidas dimensões, assenta num pequeno cabeço, frente ao mar, junto da praia de Labruje (Est. L, 3.1). Não possui especiais condições naturais de defesa, exceptuando as que o mar lhe oferece, pelo lado ocidental.

A sua especial localização é causa do estado de desenvolvida destruição em que se encontra. A acção do mar, a edificação da capela de S. Paio no seu interior e, ultimamente, a construção de diversas estruturas de apoio aos veraneantes têm sido responsáveis pela sua acelerada danificação.

A estação foi identificada, nos anos 60, por Fernando Lanhas e Domingos Pinho Brandão. A estes investigadores devemos as parcas informações que existem sobre o Castro de Labruje.

A antiguidade deste local perdurou na memória popular expressa no topónimo "Os Crastos", nome por que é conhecido o local.

O castro foi alvo, este Verão, de uma campanha de escavação, dirigida pelos Drs. Paulo Costa Pinto e C.A. Brochado de Almeida.

Bibliografia - LANHAS-BRANDÃO 1969, 302, 328-335; SILVA 1986, 83, nº 334; QUEIROGA 1992, 169, nº 252; ALMEIDA C.A.B. 1992.

O povoado ocupa o topo aplanado do pequeno e baixo outeiro. Seria defendido de Oeste pelo mar e dos restantes lados, pelo menos, por um talude e fosso de que ainda se vêem vestígios (Est. L, 3.2). À superfície recolhem-se fragmentos de cerâmica indígena de fabrico micáceo.

Alguns espólios ilustrados por Lanhas e Brandão (1969, 331-335) parece apontar para um tipo de economia baseada na agricultura⁹⁸ e nos recursos marinhos⁹⁹. Dentre os fragmentos de cerâmica ilustrados alguns pertencem a vasos para armazenamento, tipo *dolia*., com o bordo oblíquo e ressalto interno para segurar o testo. As decorações presentes combinam a incisão (linhas paralelas) com a estampagem (SSS estilizados e escudetes).

Durante as recentes escavações, foram postas a descoberto estruturas de planta circular e recolhido diverso espólio, atribuível ao séc. I a.C., de que destaca uma conta de colar em pasta vítrea, uma fíbula em bronze, duas mós e cerâmica indígena alguma decorada (Jornal de Notícias 25/7/93).

⁹⁸ - Por exemplo mós circulares e, eventualmente, vasos de cerâmica para armazenamento de cereais.

⁹⁹ - Referimo-nos a algum material lítico que nos parece associado à pesca (pesos de rede) e à recolha de moluscos.

Além das quatro dezenas de povoados que acabámos de descrever, seguramente com ocupação ao longo do I Milénio a.C., têm sido citados como castros, nesta região, mais uma dezena de sítios, cuja existência ou morfologia não nos pareceu suficientemente demonstrada, para ser integrada no nosso estudo. No entanto porque prospecções futuras poderão vir a demonstrar o contrário fica o registo das razões que levaram à sua omissão no catálogo.

1. Monte do Castro, (Courel) - Barcelos

Os trabalhos de prospecção realizados, na freguesia de Courel, no âmbito deste estudo, não comprovaram a existência deste castro, referido de forma pouco clara por Teotónio da Fonseca.

Bibliografia - FONSECA 1948, 138; SILVA 1986, 78, nº 210.

2 e 3. Touguinha e Touguinhó - Vila do Conde

As informações sobre os castros de Touguinha e Touguinhó parecem basear-se numa informação pouco precisa e num pequeno mapa, da autoria de Ricardo Severo e Artur Cardoso, elaborado na viragem do século.

Os trabalhos de prospecção realizados no concelho de Vila do Conde, no âmbito deste estudo, não comprovaram a sua existência, pelo que os excluímos do catálogo de estações pré-romanas apresentado¹⁰⁰.

Bibliografia - SEVERO-CARDOSO 1899-1903, 180; , SILVA 1986, 83, nºs 326 e 327; QUEIROGA 1992, 315.

4. Outeiro Maior - Vila do Conde

Este sítio consta do inventário das estações castrejas do Norte de Portugal realizado por Armando Coelho. Além desta referência não encontrámos quaisquer vestígios da existência de um castro nesta freguesia¹⁰¹.

Bibliografia - SILVA 1986, 83, nº 331.

¹⁰⁰ - Resultado idêntico tiveram os trabalhos de prospecções efectuados pelo Dr. C.A. Brochado de Almeida, no âmbito da realização do P.D.M. de Vila do Conde (informação pessoal).

¹⁰¹ - vd. nota anterior.

5. Monte dos Saltos, (Sequeirô) - Santo Tirso

Embora, desde o início do século, venha sendo referida a existência de um castro no Monte dos Saltos em Sequeirô, no concelho de Santo Tirso¹⁰² não considerámos este sítio como pré-romano, pois a argumentação utilizada por Monteiro¹⁰³ e a observação cuidada do local levam-nos a duvidar de uma ocupação anterior ao séc. I/II da nossa era¹⁰⁴.

Bibliografia - PIMENTEL 1902, 349; SARMENTO 1940, 103; MONTEIRO 1985-5/6/7, 3; SILVA 1986, 83, nº 339.

6. Ronfe (Guimarães)

Não existe na freguesia de Ronfe quaisquer vestígios de um povoado castrejo. O erro deverá provir do achado na face interna da parede da torre da igreja de uma ara¹⁰⁵ dedicada a DURBEDICUS (VASCONCELOS 1905, 64, 329-331).

Bibliografia - SILVA 1986, 81, nº 278; QUEIROGA 1992, 154, nº 93.

7. Sever, (S. Clemente de Sande) - Guimarães

Sobre o lugar de Sever, na freguesia de S. Clemente de Sande, que Martins Sarmiento visitou quando demandava o Monte de S. Bartolomeu, foi referido o aparecimento de muitos restos de telha romana (SARMENTO 1901, 119). Além desta referência que parece apontar para uma ocupação romana ou alti-medieval não encontramos quaisquer prova que nos levasse a considerar este sítio como habitat castrejo. Armando Coelho também cartografou este sítio (SILVA 1986, 80, nº 274), mas pensamos que terá associado este nome de Sever ao Monte de S. Bartolomeu onde, de facto, existe um povoado castrejo. Uma outra referência a

¹⁰² - Na correspondência entre Martins Sarmiento e o Abade Pedrosa referente a 1885 já se faz referência à existência em Monte dos Saltos dum castro luso-romano (SARMENTO 1940, 103).

¹⁰³ - Consideramos insuficiente a fundamentação de Monteiro para a ocupação pré-romana do Monte dos Saltos, por si proposta, pois baseia-a na toponímia e tradição popular, no aparecimento de uma suástica flamejante incrustada na parede da igreja cuja proveniência atribui (sem qualquer justificação) ao castro de Sequeirô, na existência de um troço de talude com muro a suportá-lo (que entendemos ser resultado da adaptação do terreno à prática agrícola) e no aparecimento de mós manuais (uma mó de vai-vém, de grandes dimensões, que observámos na residência do Sr. Pe. Monteiro, proveniente do Monte dos Saltos, apresenta uma tipologia diferente da dos exemplares que conhecemos dos nossos castros).

¹⁰⁴ - Pese o facto de toda a área ter sofrido os efeitos de arranjos urbanísticos, a ocupação romana do sítio é atestada pela referência ao achado de sepulturas revestidas de tijolo e moedas (PIMENTEL 1902, 349) e de um tesouro de 400 moedas de Constantino (CRUZ 1896, 292). Espalhados pelo solo encontram-se fragmentos de cerâmica romana.

¹⁰⁵ - Martins Sarmiento ao relatar em primeira mão este achado afirma não existirem nas cercanias da igreja quaisquer ruínas que, no entanto, poderão ser encontradas a pouco mais de meia légua (SARMENTO 1887-1889 = 1933, 305).

Sever encontra-se num trabalho recente de Francisco Queiroga, porém sem qualquer relação com o Castro de S. Bartolomeu, pois as coordenadas e a altitude atribuídas não são, de forma alguma, coincidentes.

Bibliografia - SILVA 1986, 80, 274; QUEIROGA 1992, 155, nº 96.

8. S. Gens de Cidai, (Santiago de Bougado) - Santo Tirso

Embora o local possua boas condições naturais de defesa o que poderia favorecer a escolha para o assentamento de um povoado castrejo, não se encontram, no entanto, quaisquer vestígios de estruturas, nem se conhecem materiais daí provenientes.

A referência à provável existência de um castro em Cidai deve-se a Martins Sarmiento que fundamenta a sua hipótese nas informações recolhidas, que nos parecem, no entanto, pouco convincentes.

Bibliografia - SARMENTO 1888, 157; SILVA 1986, 83, nº 336.

9. Castro do Moutinho (Santo Tirso)

Foi Ruy de Serpa Pinto que se referiu, vagamente, a este castro, num apontamento sobre materiais arqueológicos da colecção do Abade Pedrosa que, entretanto, havia observado. Atribuía, então, ao castro de Moutinho a origem de uma foice roçadeira de ferro (PINTO 1930, 306).

Este sítio poderá estar relacionado com um outeiro denominado Montinho, da freguesia de Areias, onde foram encontrados fragmentos de mós e de ânforas (LIMA 1940, 7). É também possível que nada tenha a ver com este local de Areias mas esteja relacionado com o outeiro, de igual denominação, onde foi construído o cemitério de Santo Tirso. Seja qual for o local, parece não se justificar a sua inclusão no catálogo de povoados fortificados.

Bibliografia - PINTO 1930, 306; SILVA 1986, 83, nº 338.

10 e 11. Mouro e Morro da Vela, (Monte Córdova) - Santo Tirso

O achado de materiais pré-históricos na área do Mouro e do Morro da Vela, nomeadamente de machados de pedra polida e fragmentos de cerâmica grosseira manual parece confirmarem uma ocupação muito antiga deste local (SANTARÉM 1952, 106-107).

Os fragmentos de cerâmica que se recolhem à superfície no Mouro poderão ser atribuíveis à época medieval.

Não considerámos, por conseguinte, estes locais como habitats castrejos, não obstante terem sido incluídos no inventário das estações castrejas do Norte de Portugal.

Bibliografia - SILVA 1986, 83, n.ºs 342 e 343.

12 e 13. Santa Cruz e S. João de Carvalhido, (Burgães) - Santo Tirso

A propósito da ara aparecida em Burgães dedicada ao deus CUSUS NENEOECUS (ENCARNAÇÃO 1970, 225-228), Martins Sarmento refere-se a um outeiro próximo ao local do achado (Santa Cruz) onde apareciam fragmentos de telha com rebordo e se viam alicerces de construções (SARMENTO 1887 = 1933, 303-304).

Um pouco mais a Norte fica o monte conhecido por Carvalhinho que embora a uma cota mais baixa que Santa Cruz possui melhores condições para o assentamento de um povoado fortificado.

Não incluímos estas estações no nosso catálogo pois além das condições naturais de defesa que os sítios, especialmente o segundo, possuem e alguma *tegula* que se vê em Santa Cruz não se encontram outros indícios que apontem para uma ocupação claramente castreja.

Bibliografia - SILVA 1986, 83, n.ºs 341 e 340.

4. Evolução do Povoamento

4.1 - Do Paleolítico ao I Milénio a. C.

Nos inícios dos anos 60 foram recolhidos na freguesia de Modivas (Vila do Conde), junto do rio Donda, quatro quartzitos rolados, entretanto associados a indústrias do Paleolítico Inferior (PAÇO-PINTO 1964, 145-6)¹. Um outro objecto lítico, na opinião de C.A. Ferreira de Almeida *um biface indiscutivelmente acheulense*, apareceu na freguesia de Guilhabreu, também em Vila do Conde (ALMEIDA 1972, 8, nota 12)².

Embora sem associação a quaisquer contextos arqueológicos, o achado dos utensílios líticos de Modivas e Guilhabreu, no Baixo Ave, reveste-se de especial importância, pois poderá demonstrar que a presença humana no território do nosso estudo remontará já ao Paleolítico Inferior, em conformidade, aliás, com o verificado um pouco por toda a faixa litoral do Entre-Douro-e-Minho.

Com o advento da agricultura e a modificação da paisagem natural, como consequência da desflorestação, certamente provocada por uma maior pressão humana e pelo domínio de uma utensilagem de corte mais eficaz, multiplicam-se os vestígios da presença humana no Baixo Ave, bem atestada pelas sepulturas megalíticas.

Numerosos são os monumentos megalíticos que ainda encontramos por toda a região³ e muitos mais terá havido a julgar pela toponímia e pela documentação antiga, indiciadoras da provável existência de mais algumas dezenas de monumentos em terrenos de contínua utilização agrícola⁴. Disseminadas um pouco por toda a paisagem encontramos as mamoaas, ora isoladas nos *plateaux* de baixa altitude que caracterizam a faixa litoral, ora organizadas

¹ - Esta classificação é mantida na Carta Geológica de Portugal (TEIXEIRA *et alii* 1965, 45-6).

² - Pelo seu carácter excessivamente vago não é valorizada a referência à existência de indústrias líticas no vale do Ave, concretamente nas freguesias de Bagunte, Outeiro Maior, Macieira de Rates e Bougado e nas proximidades de Azurara e Vila do Conde (CORTEZ 1948, 270).

³ - Reportando-nos aos inúmeros dados existentes, maioritariamente compilados numa obra da especialidade (JORGE 1982), poderemos admitir, para o Baixo Ave, a existência de mais de meia centena de monumentos.

⁴ - O assentamento destes monumentos em zonas com potencial agrícola, entretanto postas a produzir, poderão explicar o desaparecimento de um número considerável de monumentos no Entre-Douro-e-Minho. Esta é pelo menos a conclusão a que se chegou em estudos realizados na Galiza, onde ficou demonstrado o desaparecimento recente de alguns monumentos megalíticos, em áreas cultiváveis que entretanto foram postas a produzir (POMBO MOSQUERA 1983); (CRIADO BOADO-RODRIGUEZ CASAL 1983). A toponímia de alguns terrenos agrícolas da faixa litoral -por exemplo na Póvoa de Varzim, Campo da Anta, Leira da Anta, Agra da Mamoa e Campo da Mamoa (ROSÁRIO 1974, 5-13) e Agra de Trás-as-Mamoas, Agra de sob as Antas e Leira das Mamoas, em Vila do Conde (*idem*, 484), parecem reforçar essa mesma hipótese.

em núcleos de número variável, constituindo, por vezes, autênticas necrópoles, como as existentes nos planaltos do interior.

Além das dezenas de monumentos isolados, especialmente distribuídos pelo litoral, são de assinalar importantes agrupamentos de mamoaas, nomeadamente, na Serra do Carvalho, na periferia do Castro do Monte dos Picos, com referências escritas desde o século passado (SARMENTO 1883-1884 = 1933, 171); (MACEDO 1896, 121-2), em Fraião, nas cercanias da Falperra (JORGE 1982, 448), nos arredores do Castro de Sabroso (SARMENTO 1901, 128-130)⁵ e, no prolongamento daquela serra para o litoral, nos Montes de Santa Cristina, a curta distância do Castro de Vermoim (DINIS 1989).

Perto do mar existiram, da mesma forma, importantes conjuntos, especialmente, na Serra de Rates, onde se destacavam, pelo menos dois núcleos, um em Laundos (SARMENTO 1883-1884 = 1933, 171) e outro nos arredores da Cividade de Terroso.

Referência especial merece, finalmente, o conjunto de mamoaas da área SSO do território, na zona de Alvarelhos/Serra de Santa Eufêmia (MAIA 1912, 105), num total de cinco monumentos (JORGE 1982, 501).

Contemporâneos da fase final do fenómeno megalítico, embora discutível a sua eventual correlação, existem no território diversos sítios, provavelmente povoados de ar livre, donde provêm cerâmicas decoradas de fácil identificação devido ao elevado grau de padronização, vulgarmente designadas "tipo Penha", pela semelhança com as cerâmicas encontradas na estação epónima. Estes povoados vêm sendo associados a comunidades calcolíticas, entendidas num sentido amplo, pois tanto podem contemplar populações que conheceram o metal como as que apenas o manusearam, demonstrando, no entanto, o progressivo desenvolvimento económico de algumas comunidades, atestado pela introdução de uma nova série de artefactos de prestígio⁶.

Um desses povoados poderá ter existido em Sabroso, local onde apareceram algumas cerâmicas metopadas (CARDOZO 1971, 246) idênticas às aparecidas na Penha⁷, tendo um

⁵ - Estas mamoaas foram exploradas por Martins Sarmiento em 1880, tendo uma delas fornecido três pontas de seta (SARMENTO 1901, 129; CARDOZO 1950, 448-49, FIG. 21).

⁶ - Na área de Vila Pouca/Chaves, esta cerâmica surge aquando ao cobre, ao manuseamento mais intensivo do sílex e ao aparecimento de matérias-primas raras, utilizadas na feitura de objectos de adorno, como a variscite e o talco (JORGE S. 1986).

⁷ - Os fragmentos cerâmicos de Sabroso são decorados com a técnica da incisão, segundo a organização II-a (*idem*, 817).

dos fragmentos sido oportunamente publicado (ALMEIDA 1974a, Est. III, 7)⁸. Idêntica hipótese tem sido posta para o Monte da Falperra, em Braga, donde provêm alguns fragmentos de cerâmica manual, decorados⁹ segundo a técnica da incisão (JORGE S. 1986, 817).

Como resultado das prospecções por nós conduzidas, no concelho de Famalicão, encontrámos no Monte do Facho, em Calendário, alguns fragmentos de cerâmica manual, cinco deles pertencentes ao mesmo vaso, decorados segundo a técnica da incisão e integráveis neste mundo das cerâmicas "tipo Penha", considerando a técnica e a organização decorativas. Trata-se de parte do bojo de um recipiente, provavelmente, esférico ou hemisférico, com vestígios de utilização no fogo, de cor castanha clara, com alisamento fruste e utilizando como desengordurante palhetas de mica de médio calibre e grãos de quartzo de pequeno e médio calibre. A organização decorativa visível, mostra uma sequência de linhas quebradas horizontais, separadas por uma linha incisa vertical e delimitada na base por uma linha também incisa (Est. XXVII, 4).

Um outro povoado deverá ter existido num local denominado Bouça do Pique, em Pousada de Saramagos, perto dos Castros de Vermoim e das Eiras¹⁰, no concelho de Famalicão, onde foram encontrados um machado polido de quartzito e dois vasos cerâmicos inteiros, decorados segundo as técnicas da incisão e puncionamento, de forma hemisférica (SOUSA 1975), entretanto associados ao grupo das cerâmicas "tipo Penha" (SOUSA O. 1987, 67).

Uma última estação, eventualmente integrável neste horizonte, foi por nós encontrada, no início deste ano, no lugar de Pilatos, na freguesia de S. Martinho do Vale, em Famalicão, num local aberto, sem quaisquer condições naturais de defesa, perfeitamente integrado nos

⁸ - Poderiam, hipoteticamente, ser integrados, neste horizonte cultural, alguns outros materiais referidos por Mário Cardoso, como por exemplo: *machados de pedra polida, lâminas de sílex e eventualmente pedras de forma elipsóide, com estrangulamento no eixo menor, que poderiam ter a função de pesos de rede ou de tear* (CARDOZO 1980, 63)

⁹ - Estas cerâmicas encontram-se no Museu Pio XII, em Braga e provêm das escavações de Rigaud de Sousa que as descreve como: *uma série de fragmentos cerâmicos de pasta acastanhada, grosseira, com grandes grãos de quartzo, muito micácea e ostentando, por vezes, uma decoração incisa, de aspecto geométrico linear muito profunda* (SOUSA 1968/70, 58)

¹⁰ - A localização deste sítio foi por nós precisada, recentemente. As recolhas de superfície que aí efectuámos revelaram-nos mais um fragmento "tipo Penha", pertencente ao bordo de um vaso hemisférico com decoração metopada.

férteis solos do vale do rio Pelhe. Aí recolhemos duas dezenas de fragmentos de cerâmica alguns deles decorados segundo as técnicas de incisão e impressão simples e arrastada.

A exploração de alguns monumentos megalíticos da área em estudo¹¹, pese o facto de não ter obedecido a critérios mínimos de rigor científico, acabou por fornecer um conjunto de materiais líticos e cerâmicos,¹² de acrescida importância, pelo contributo prestado ao conhecimento do megalitismo do NO e concretamente para uma melhor afinação da sua cronologia, a apontar para uma grande pervivência deste fenómeno na região¹³.

O espólio campaniforme da mamoa de Vilar composto por um braçal de arqueiro em xisto, uma ponta de seta tipo Palmela em cobre arsenical, seixos rolados e cristais de quartzo hialino, parecendo corresponder a uma inumação individual com reutilização de um monumento tradicional (JORGE S. 1988b, 221), faz parte do limitado conjunto de objectos atribuíveis aos incios da Idade do Bronze que integrará, também, um machado plano em cobre de Monte Córdova, em Santo Tirso e duas peças em ouro¹⁴ provenientes de Bougado, do mesmo concelho (*idem* 1986, 863-864, 867).

Relativamente ao Bronze Médio as referências são, ainda, mais escassas pois além do bracelete de bronze maciço, decorado, encontrado em Corvilho (*idem* 1988b, 229) talvez se possam considerar, apenas desta época, mais os seis recipientes¹⁵ que acompanhavam aquele achado de Santo Tirso (SANTARÉM 1956).

11 - Na área SW do território foram escavadas em 1905 pelo Abade Sousa Maia as Antelas das Alminhas e de Farilhe, na freguesia de Canidelo (Vila do Conde) e a Antela dos Córregos, na freguesia de Bougado (Santo Tirso). No concelho de Vila do Conde foram ainda escavadas as Mamoas de Guilhabreu e de Vilar, em 1952, por Elísero Pinto.

12 - Especialmente a Antela de Farilhe que forneceu um vasto conjunto de pontas de seta (MAIA 1908, 623, fig. 2), a Mamoa de Guilhabreu donde provém um valioso espólio integrando onze pontas de seta em sílex e vários fragmentos de cerâmica campaniforme (PAÇO-PINTO 1961, 15, Fig. 3, 5, 6, 7), de estilo marítimo, correspondendo, provavelmente a três vasos distintos, sendo um de forma acampanulada aberta e outro com fundo em omphalos (JORGE 1982, 796-797), além de uma conta de variscite (*idem*, 803) e a Mamoa de Vilar que forneceu diversos artefactos campaniformes com destaque para uma ponta de cobre de tipo Palmela (*idem*, 492). Em Santo Tirso a Mamoa de Alvarelhos e a Mamoa do Monte Grande forneceram um conjunto invulgar de cerâmicas lisas e decoradas (*idem*, 789-790, 793-795), bem como a Antela dos Córregos onde além de um importante espólio lítico se exumou um anel de cobre (CRUZ-BRITO 1991, 6, fig. 4-6).

13 - Atente-se no achado de cerâmica e diversos artefactos campaniformes da Mamoa de Guilhabreu e da Mamoa de Vilar, assim como de um anel de cobre da Antela dos Córregos.

14 - Trata-se de um par de largos aros decorados, provenientes da necrópole de Bairral, do lugar de Bairros da freguesia de Bougado referidos por A. Cruz -baseado em Vasconcelos (1912)- como peças pertencentes a um diadema celúbérico (CRUZ 1940, 206) e recentemente estudados (SILVA 1986, 263-264, Est. CXIX 1 e 2).

15 - Os vasos têm formas que vão do tronco-cónico ao sub-cilindrico ou sub-elíptico, alguns com asas laterais e dois deles decorados com mamilos (SANCHES 1982, 56-61). A atribuição destes vasos ao Bronze Médio é problemática, embora não seja impossível, já que vasos morfologicamente idênticos a estes foram encontrados quer em contextos megalíticos, quer em contextos do Bronze Final (*idem*, 61). Por essa razão vem sendo atribuída a este tipo de vasos uma ampla cronologia, com início provável nos finais do III

O Bronze Final, ao contrário, já se encontra suficientemente representado no território, não só na quantidade de achados, mas também na sua distribuição espacial. A par de um conjunto de materiais metálicos e cerâmicos provenientes de contextos sepulcrais, assim como de mais de meia centena de machados de bronze, oriundos de vários esconderijos, encontramos agora uma série de povoados ora assentes em locais abertos, sem preocupações defensivas, ora em sítios alcantilados, com condições naturais de defesa assinaláveis, expressando, certamente, estratégias específicas para o seu assentamento, já que se parte do princípio da sua contemporaneidade.

A uma primeira etapa da Idade do Bronze Final, cronologicamente situada entre cerca de 1250 a cerca de 1000 a.C. (JORGE S. 1990, 245-246), pertence um conjunto de vasos, denominados de "Chapéu invertido" ou "Largo bordo horizontal", aparecidos em sítios do litoral provavelmente em contextos sepulcrais, que se admite poderem, nalguns dos casos, sinalizar a introdução de práticas de incineração (SILVA *et alii* 1993, 257).

Na região do Baixo Ave, conhecem-se três destes vasos achados na freguesia de Touguinha, em Vila do Conde (FORTES 1905-1908d, 662-663, fig. 1-3; SOEIRO 1988, 57, Fig. XI, 1-2), um exemplar proveniente da Cividade de Terroso (FORTES 1905-1908d, 664, fig. 4-5; PINTO 1932, 85), dois de Guidões, do concelho de Santo Tirso, oferecidos pelo Abade Sousa Maia ao Museu Nacional de Arqueologia (SOEIRO 1988, 42, 57, Fig. XI, 3-4), outros dois da freguesia de Bairro, em Vila Nova de Famalicão, aparecidos conjuntamente com dois vasos morfologicamente distintos (SILVA *et alii* 1993, 257, 286, fig. 2, n.ºs. 5, 11) e um bracelete de ouro maciço (FORTES 1905-1908b, 413, fig. 3; PARREIRA-PINTO 1980, 14, n.º 55; SILVA 1986, 255, Est. CXVI 3), e um exemplar encontrado, um pouco mais para o interior, em S. Martinho de Sande, Guimarães (SOEIRO 1988, 43).

A esta fase pertencerá, também, um bracelete de ouro maciço, aparecido em Vila do Conde, idêntico ao de Bairro (Famalicão) (VASCONCELOS 1905, 448; PARREIRA-PINTO 1980, 14, n.º 58; SILVA 1986, 255, Est. CXVI 4).

milénio a.C. e desenvolvimento ao longo da Idade do Bronze (JORGE S. 1986, 875-876). Também na área do nosso estudo se encontraram recipientes da mesma família dos tronco-cónicos, em contextos do Bronze Final. Dois vasos provêm das escavações do Monte Padrão, em Santo Tirso (MARTINS 1985a, 223), e um outro, decorado, foi recolhido à superfície, no Monte do Facho, em Famalicão.

Provenientes de esconderijos ou ocorrendo em contextos menos claros temos um assinalável conjunto de machados que passamos a referir:

De talão com 1 anel - Dois exemplares de Famalicão, um da freguesia do Louro e outro da freguesia de Calendário (PINTO 1929, 9).

De talão com 2 anéis - 14 exemplares¹⁶ aparecidos na freguesia de Viatodos, em Barcelos (SILVA 1986, Gráfico 4); um no Monte de Santa Marta da Falperra, em Braga; um em Nine, do concelho de Famalicão; 36¹⁷ provenientes do lugar de Abelheira, freguesia de Bougado, em Santo Tirso (SILVA 1986, Gráfico 4), um exemplar de Chã da Presa, do mesmo concelho (SANTARÉM 1956, 170) e um exemplar de Palmazão, em Vila do Conde (CRUZ-BRITO 1991, 6, fig. 1).

De alvado com 2 anéis - um exemplar do Monte de S. Miguel-o-Anjo de Oleiros/Vermil, do concelho de Guimarães) (PINTO 1928-1929, 194), um outro de Santo Tirso e ao que parece um exemplar de Sabroso (KALB 1980, 27, Abb. 2, 16); (PEREIRA 1903, 135)¹⁸.

De aletas - um exemplar da Cividade de Bagunte, em Vila do Conde.

Como consequência de um trabalho de investigação mais cuidado, expresso nas recentes escavações e nos novos trabalhos de prospecção de campo, dispomos, hoje, de um assinalável conjunto de indícios referentes à ocupação durante o Bronze Final, num número considerável de sítios, quer em áreas abertas, quer em locais alcantilados.

No primeiro tipo parecem integrar-se os habitats identificados no Alto da Cividade, em Braga (MARTINS 1990, 81, 200), na Quinta dos Cavaleiros -encosta Sul da Cividade de Bagunte-, em Vila do Conde (ALMEIDA C.A.B. 1992, 44) e, eventualmente, em Beiriz, Póvoa de Varzim, cuja ambiência e cerâmica acusa nítidas semelhanças com a Bouça do Frade, em Baião (SILVA *et alii*, 1993, 261, 286, fig. 2, nº 14). Estamos em crer que, à medida que progredirem os trabalhos de prospecção sistemática, mais habitats deste tipo virão a ser identificados no futuro

Os habitats do segundo tipo, encontram-se distribuídos um pouco por todo o território, quer no litoral, quer no interior, conhecendo-se até ao momento 9 povoados com ocupação

¹⁶ - KALB refere 15 exemplares (1980, 28, Abb. 3, 17).

¹⁷ - Martins Sarmiento que adquiriu 30 exemplares para o Museu de Guimarães refere o aparecimento de apenas 34 machados (SARMENTO 1888, 157).

¹⁸ - Serpa Pinto refere-se a este machado como tendo apenas 1 anel (PINTO 1929, 9).

comprovada e havendo a possibilidade de este número aumentar para 12 se entretanto se provar a ocupação em mais 3 povoados - Castros de Sabroso e do Monte da Saia e Cividade de Bagunte, neste momento apenas indiciada pelo achado de machados de talão, de alvado ou de aletas ¹⁹.

¹⁹- A assunção desta permissa poderá parecer abusiva atendendo ao desconhecimento dos contextos arqueológicos em que ocorreram os achados, e considerando que o material metálico em bronze, pela sua especificidade, pode ser refundido e, por conseguinte, guardado durante muito tempo. Porém, a hipótese poderá ser válida como mostra o exemplo do Castro de S. João de Rei, na Póvoa de Lanhoso, local donde provinha uma machadinha, integrada no Bronze Final Atlântico (MARTINS 1990, 92), cujas escavações recentes comprovaram a existência de níveis do Bronze Final (Informação de Ana Bettencourt).

4.2 - O I Milénio a. C.

A investigação arqueológica desenvolvida, nos últimos 15 anos, no Norte de Portugal, entre os muitos avanços permitidos, contribuiu, de forma muito particular, para a calibração do âmbito cronológico da cultura castreja, assim como para a afinação de propostas relativamente à sua periodização interna.

É hoje quase consensual a aceitação de que a cultura castreja busca as suas raízes nos finais da Idade do Bronze²⁰ e termina na segunda metade ou finais do séc. I d. C., como consequência das reformas flavianas, percorrendo, praticamente, todo o I milénio a.C.. Relativamente à sua periodização interna, o panorama afigura-se distinto, porquanto, a unanimidade não é a tónica dominante. De facto, de acordo com as premissas que cada investigador tem valorizado, em função do território estudado, têm resultado propostas de faseamento nem sempre coincidentes mas que se assumem da maior importância no prosseguimento dos estudos orientados para as questões evolutivas que, poderemos considerar, ainda se encontram na sua "infância".

Só com elementos cronológicos mais finos, assentes em estratigrafias seguras, análises de C14 e estudos dos materiais se poderão ultrapassar as dissonâncias hoje existentes e construir uma matriz que se venha afirmar consensual.

Das propostas de faseamento até agora apresentadas, no âmbito desta questão, valorizamos as de ALMEIDA (1983b), FARIÑA BUSTO *et alii* (1983), SILVA (1986) e MARTINS (1990).

Sendo este trabalho de carácter marcadamente regional, como aliás é o de Manuela Martins, e dada a proximidade geográfica e sintonia tipológica e cultural com os materiais apresentados por esta (MARTINS 1987, 1988a, 1988c, 1989), não esquecendo a novidade da lição apresentada pelo Castro de Penices, optamos por seguir as propostas de cronologia interna apresentadas para o vale do Cávado.

Consideraremos, por conseguinte, três grandes fases com as balizas seguintes:

Fase I - séc. X/IX a.C. - séc. VII/VI a.C.

Fase II - séc. VII/VI a.C. - séc. II a.C.

Fase III - séc. II a.C. - séc. I d.C.

²⁰ - A comprovação em muitos dos castros do NO do país de uma ocupação datada do início do I milénio a.C. - casos do Coto da Pena, S. Julião e Barbudo tem servido para resolver este problema.

4. 2. 1 - Formação da Cultura Castreja (FASE I)

Durante os últimos anos têm vindo a somar-se os indícios da ocupação humana, nos primeiros séculos do I Milénio a. C., em sítios proeminentes do Baixo Ave, fenómeno já referenciado há pelo menos duas décadas²¹. Recentes trabalhos de escavação arqueológica, particularmente os desenvolvidos em alguns dos castros dos concelhos de Santo Tirso, Póvoa de Varzim, Braga e Vila Nova de Famalicão, têm fornecido conjuntos de dados que, embora ainda bastante limitados, nos mostram, antes de mais, uma elevada densidade de ocupação do Baixo Ave, já na Fase I do esquema evolutivo acima referenciado, balizado entre aquilo que convencionou chamar-se como a Idade do Bronze Final e as primeiras manifestações do que se tem designado como cultura castreja.

- Povoados

Com comprovação atestada em escavações recentes, elevam-se já a cinco os povoados cuja ocupação se inicia durante a Fase I.

No concelho de Braga, no Castro da Falperra, Manuela Martins realizou escavações arqueológicas, em 1984, identificando uma ocupação no Bronze Final, na plataforma superior do povoado, atestada por pisos de argila, alguns com buracos de poste, em articulação com cerâmicas finas e grosseiras com paralelos em S. Julião I (MARTINS 1990, 119)

As recentes escavações realizadas por Armando Coelho na plataforma superior da Cidade de Terroso, no concelho da Póvoa de Varzim, em níveis inferiores aos pavimentos das habitações exumadas nos inícios deste século, revelaram a ocupação do sítio nos finais da Idade do Bronze, atestada por pisos em argila e cerâmicas.

Duas das sondagens arqueológicas, efectuadas no Monte Padrão, no concelho de Santo Tirso, em 1985, numa zona contígua à *domus*, testemunharam um momento de ocupação nos finais da Idade do Bronze. Infelizmente, não foram identificadas quaisquer estruturas correlacionáveis com o notável conjunto de materiais recolhidos que incluem parte de um machado polido, um peso de cerâmica e milho e meio de fragmentos de cerâmica, que incluem taças carenadas, vasos tronco-cónicos e potes, alguns decorados com técnica de Boquique, tipo Cogotas I (Est. LII, 2) (MARTINS 1985a, 220-223).

²¹ - Algumas cerâmicas recolhidas nas escavações realizadas nos anos 60 em Santa Marta da Falperra indicavam já uma ocupação antiga (SOUSA 1968-70, 60), atribuível à Idade do Bronze Final.

Também em Santo Tirso, mas no Castro de Alvarelos, foi recolhido nas últimas campanhas de escavação, um considerável número de fragmentos de cerâmica manual, testemunhando uma ocupação antiga deste povoado que parece situar-se nos finais da Idade do Bronze (MOREIRA 1992b, 37). Já há alguns anos tinha sido encontrado em Alvarelos um fragmento de um vaso com carena pouco pronunciada e de muito bom fabrico que apontava para uma ocupação antiga do local²² (Est. LI, 2.2). Um machado de talão com dois anéis proveniente de Palmazão poderá também estar relacionado com este povoado.

Os trabalhos que nos últimos cinco anos temos vindo a realizar, conjuntamente com Francisco Queiroga, no Castro de Penices, em Vila Nova de Famalicão, demonstraram a ocupação do sítio já na Fase I aqui considerada. Embora os contextos arqueológicos não estejam, ainda de todo, clarificados, os materiais cerâmicos recolhidos sugerem, sem sombra para dúvidas, uma ocupação dentro dos finais da Idade do Bronze. Trata-se de diversos fragmentos de cerâmica grosseira, com pastas com muito quartzo e cozeduras deficientes. Algumas destas cerâmicas apareceram conjuntamente com fragmentos de pisos de argila no enchimento da muralha pétreia que é constituído por terra e pedras. Isto mostra a significativa destruição dos níveis mais antigos do habitat e a consequente dificuldade sentida na interpretação do registo arqueológico, sistematicamente perturbado por novas construções e remodelações efectuadas ao longo de quase um milénio.

Um conjunto de achados cerâmicos e metálicos provenientes de diversos sítios do Baixo Ave permitirão assumir a ocupação de mais uma série de povoados, numa etapa cultural e cronológica dentro da Idade do Bronze Final.

No Castro de Lages e no Monte de Vasconcelos, ambos no concelho de Braga, recolhemos, durante os trabalhos de prospecção de campo que realizámos no âmbito deste estudo, muitos fragmentos de cerâmica manual grosseira, utilizando como desengordurante grãos de quartzo de médio e por vezes grande calibre, e sem inclusão de mica.

No Alto do Crasto, em Braga, apareceram, também, alguns fragmentos de cerâmica, aparentemente com características tecnologicamente idênticas às dos outros povoados aqui considerados. O número pouco significativo de fragmentos de cerâmica e as suas reduzidas

²² - Este fragmento, aqui reproduzido, (Est. L, 2.2) foi-nos cedido pelo Prof. Doutor C.A. Ferreira de Almeida, a quem agradecemos a gentileza.

dimensões aconselham-nos, no entanto, maior prudência na inclusão deste povoado no conjunto de estações com ocupação no Bronze Final.

No Monte da Forca, em Guimarães, e no Monte do Facho, em Famalicão recolhemos, também, centenas de fragmentos de cerâmica manual, grosseira, de cores predominantemente escuras - castanhas ou acinzentadas e geralmente com cozeduras deficientes.

As cerâmicas provenientes destes quatro povoados apresentam entre si evidentes traços comuns, e nítidos paralelos com as cerâmicas locais do povoado do Bronze Final de Castelo de Matos, em Baião, as quais estudámos recentemente (DINIS 1991b)²³.

Diversos achados metálicos, aos quais vem sendo atribuída uma cronologia dentro do final da Idade do Bronze, sem local exacto de proveniência mas na periferia de alguns dos castros da região, poderão indiciar uma ocupação antiga em mais algumas estações, pelo que será lícito admitir, com Martins (1990, 119), pelo menos nalguns dos casos, uma ocupação durante a Fase I em mais três povoados²⁴:

- No Monte da Saia, em Barcelos, de cujas proximidades provêm machados de talão com 2 anéis (Est. XI, 2.1-3) (KALB 1980, 28, 39);

- No Monte da Soledade, em Vila do Conde, local onde está implantada a Cividade de Bagunte, donde se conhece um machado de aletas (*idem*, 28, 40);

- No Castro de Sabroso, em Guimarães, donde provêm um exemplar de alvado com dois anéis (*idem*, 27, 38).

A descoberta de cerâmicas do Bronze Final no Monte da Forca, em Guimarães, mesmo em frente ao Castro de S. Miguel-o-Anjo de Vermil/Oleiros, a cuja estação se vinha atribuindo a proveniência de um machado de alvado com 2 anéis (*idem*, 28, 40) leva-nos a questionar, neste caso concreto, a existência de uma ocupação do Bronze Final em Vermil e a relacionar o referido machado com o Monte da Forca, donde possuímos vestígios muito mais seguros da existência de um habitat dessa época.

²³ - Este estudo, orientado por Susana Jorge, integrou a disciplina de Tipologia das Cerâmicas da Pré-História Recente, do Norte de Portugal, do Mestrado em Arqueologia.

²⁴ - Vd. nota 19.

- Organização do Habitat

A descoberta recente de vestígios de ocupação no castro de Penices na Fase I, pese o facto de não fornecer novos dados que possam ajudar à caracterização do habitat desta região, praticamente desconhecido veio, no entanto, corroborar algo já verificado noutras estações do Baixo Ave, concretamente nos povoados de Alvarelhos, Monte Padrão, Falperra e Terroso. A ocupação verifica-se na plataforma superior dos povoados tendo sido atestada pelo achado de fragmentos de cerâmica, nalguns casos em articulação com poucos vestígios de prováveis estruturas domésticas compostas por pavimentos em argila, por vezes com buracos de poste. Não foram detectados quaisquer indícios de estruturas defensivas correlacionáveis com esta Fase de ocupação embora isto não signifique que não tenham existido e, para além da precaridade das cabanas atestada pelos raros materiais perecíveis de que eram feitas, nada mais podemos acrescentar.

O povoado mais próximo desta região que forneceu, até à data, a melhor imagem da organização do habitat do Bronze Final é, sem dúvida, a Citânia de S. Julião, na vizinha Bacia do rio Cávado. Trata-se de uma ocupação concentrada na pequena acrópole, com cerca de 30 por 20 metros, delimitada por afloramentos rochosos e por uma estrutura defensiva formada por um talude em terra e por um fosso. As estruturas habitacionais distribuíam-se no interior desta plataforma e correspondiam a cabanas de planta circular, definidas por um conjunto de pedras, com cerca de 5 m de diâmetro, feitas de materiais perecíveis, com pisos de saibro e argila, algumas com lareiras (MARTINS 1985b; 1988a).

- Espólio

Exceptuando um machado polido de quartzito de secção sub-circular e um peso de forma discóide com perfuração central, em barro, exumados no Monte Padrão (MARTINS 1985a, 221), além de um seixo rolado com trancadura nos seus lados maiores, proveniente do Monte do Facho em Famalicão (Est. XXVII, 1)²⁵, todo o espólio recolhido nos povoados do

²⁵ - Seixos como estes têm sido encontrados em diversas estações arqueológicas, em articulação com espólios cronologicamente distintos. Na estação arqueológica de Pepim, em Amarante, foram encontrados mais de uma dúzia destes objectos, aparentemente em conjunto com materiais cerâmicos atribuíveis ao Calcolítico Final. A proximidade desta estação do rio Tâmega sugeriu-nos a sua interpretação como pesos de rede (DINIS 1990, 26-27). Na Citânia de S. Julião, em Vila Verde, foram exumados diversos destes objectos, em contextos do Bronze Final (MARTINS, 1988a). Também em diversos castros da vizinha Galiza se têm encontrado muitos destes objectos interpretados como pesos de rede por Hidalgo Cuñarro (1983, 25) mas também como pesos de tear por Cano Pan (1988, vol. I, 252).

Baixo Ave com ocupação no Bronze Final resume-se a cerâmicas, no geral muito fragmentadas, o que dificulta seriamente a identificação das respectivas formas.

Como os resultados da maioria das escavações estão ainda por divulgar, assumem especial significado na caracterização da cultura material os dados já publicados do Monte Padrão e as cerâmicas que recolhemos na superfície dos povoados, e que nos fornecem algumas informações de natureza morfológica e tecnológica.

O conjunto mostra um predomínio de cerâmicas lisas de fabrico grosseiro, identificadas em todos os povoados, e um conjunto de fragmentos de cerâmica de fabrico fino presente no Monte Padrão e Alvarelhos. As decorações resumem-se a cinco fragmentos do Monte Padrão e três fragmentos do Monte do Facho. As primeiras revelam-se de especial importância por serem consideradas produções locais utilizando uma técnica decorativa - "técnica Boquique", de nítida influência da Meseta Norte, o que parece mostrar, também, uma orientação continental das relações do povoado a juntar às da esfera meridional atestadas pela presença de cerâmicas carenadas (Est. LII, 2.1-3). Os fragmentos do Monte do Facho apresentam uma decoração simples, composta por linhas paralelas incisas que se desenvolvem, horizontalmente, sob o bordo dum vaso de forma tronco-cónica (Est. XXVII, 2).

Relativamente às cerâmicas lisas e começando pelas do primeiro grupo - as grosseiras, podemos subdividi-las em quatro grupos distintos, em função dos seus fabricos²⁶:

a) Grandes recipientes, provavelmente potes, de paredes espessas, superfície externa rugosa e a interna ligeiramente alisada, pasta de cor beije/rosado no exterior e castanha no interior, utilizando como desengordurante grãos de quartzo de médio e grande calibre²⁷.

b) Recipientes com pastas de cores escuras - castanho escuro, castanho/alaranjado ou acinzentado, utilizando como desengordurante grãos de quartzo de pequeno ou médio calibre, com as superfícies externas rugosas ou ligeiramente alisadas e o interior melhor cuidado²⁸;

c) Recipientes com paredes mais espessas que os anteriores, pastas de cor castanho/avermelhadas, com desengordurante constituído por grãos de quartzo de pequeno e médio calibre e superfícies rugosas²⁹;

26 - Esta divisão é resultado da análise conjunta aos fragmentos que recolhemos nos diversos povoados por nós prospectados ou escavados.

27 - Este fabrico está presente nos povoados de Lages e do Monte do Facho.

28 - Este fabrico está presente nos povoados de Lages, Vasconcelos, do Monte da Forca, de Penices e do Monte do Facho.

29 - Encontramos este fabrico em cerâmicas dos povoados de Lages e do Monte do Facho.

d) Recipientes com pastas de tonalidades muito escuras, com a superfície externa muito alisada e a interna rugosa, com desengordurante constituído por grãos de quartzo de pequeno e médio calibre³⁰.

Dentro das cerâmicas do Monte Padrão, em Santo Tirso, integradas neste grupo, destacam-se os potes³¹, cuja funcionalidade é sugerida pela camada de fuligem que cobre a superfície exterior. São, maioritariamente, de capacidade média e possuem perfis em S mais ou menos acentuados com bordos esvasados, reentrantes ou quase direitos (Est. LII, 8-11) (MARTINS 1985a, 220).

A esta mesma forma parece pertencerem os fragmentos de três bordos encontrados no Monte do Facho, em Vila Nova de Famalicão (Est. XXVII, 3, 6-7). O primeiro é um vaso com o bordo ligeiramente reentrante e terminando num lábio ligeiramente espessado para o exterior, de cor beije/alaranjada, cuja pasta inclui muitos grãos de quartzo de pequeno e médio calibre e com as superfícies ligeiramente alisadas. O segundo, de dimensão média, tem o bordo ligeiramente esvasado, ombros quase rectos e lábio arredondado, de cor castanha e com as superfícies rugosas. O último, também de cor castanha e superfícies rugosas, tem perfil em S pouco acentuado, com colo incipiente, e lábios arredondados.

Um fundo plano de cor castanha, com alisamento fruste, proveniente da mesma estação arqueológica, poderá ter pertencido a um vaso como os aqui considerados (Est. XXVII, 12).

Do Monte da Forca, em Guimarães, também integrável neste sub-grupo, é um fragmento de um vaso com o bordo ligeiramente reentrante e terminando num lábio com ligeiro espessamento para o exterior e o interior, recolhido conjuntamente com outras cerâmicas, cuja forma não foi possível determinar.

Dentre as cerâmicas recolhidas no Monte do Facho identificaram-se mais dois recipientes de grandes dimensões, aparentemente sem vestígios de utilização sobre o fogo (Est. XXVII, 10-11)³², de cor castanha e com superfícies cuidadas, possuindo perfil em S, com colo curto, pança esférica e lábios adelgaçados.

30 - Presente apenas no Facho.

31 - Encontramos paralelos na Forma 1 da tipologia proposta para o vale do Cávado (MARTINS 1987, 47).

32 - Encontramos paralelos, para estes dois vasos, na Forma 3 da tipologia proposta para o vale do Cávado (*idem*, 48).

A mostra das cerâmicas do Monte Padrão inclui, também, uma outra forma, designada de vasos tronco-cónicos (Est. LII, 7-8) (*idem, ibidem*)³³.

Um vaso com decoração incisa, com uma forma semelhante aos de Monte Padrão, foi encontrado no Monte do Facho, em Famalicão (Est. XXVII, 2). Com lábio em pequena aba soerguida, possui pasta grosseira e superfícies pouco cuidadas, sendo o exterior de cor beije e o interior castanho. Este interessante exemplar vem enriquecer a pequena lista de recipientes de forma tronco-cónica conhecida de contextos habitacionais, já que a quase totalidade tem sido encontrada em contextos funerários (SANCHES 1981, 95; JORGE S. 1986, 869).

No povoado de Lages, em Braga, identificaram-se dois vasos pertencentes a outro grupo morfológico. São duas malgas de pança esférica, com o bordo no prolongamento da pança, uma com lábio recto horizontal e outra, mais baixa, com lábio adelgado³⁴. Estes vasos, de cor alaranjada, têm superfícies irregulares, pouco alisadas (Est. XXXII, 2.1-2).

Relativamente às cerâmicas do segundo grupo - fabrico fino, temos a considerar um fragmento de uma taça encontrada em Alvarelos³⁵ e diversas taças carenadas do Padrão.

A taça de Alvarelos é baixa com perfil levemente carenado e colo pouco pronunciado. O bordo baixo, ligeiramente esvasado, remata em lábio convexo. De cor castanho-escuro, sendo a interior um pouco mais avermelhada, apresenta uma pasta fina, bem cozida, com pequenos elementos de desengordurante, distribuídos regularmente, e com superfícies muito polidas (Est. LI, 2.2)³⁶.

Do Monte Padrão são diversas taças carenadas, de diferentes dimensões, com bordos ligeiramente esvasados ou reentrantes, quase sempre rematando em lábios convexos (Est. LII, 2.4-6). Um dos vasos possui asas, e alguns têm mamilos sobre a carena, por vezes com perfuração vertical. Tendo como cores dominantes o castanho escuro e o cinzento, as peças apresentam pastas finas, com pequenos elementos de desengordurante, bem distribuídos, e superfícies bem polidas (MARTINS 1985, 220).

³³ - Esta forma parece estar representada apenas por um fragmento no povoado de S. Julião, na Bacia do Cávado. Foi considerada, na tipologia referida, como Forma 8 (*idem*, 49).

³⁴ - Estes vasos corresponderão à forma 6, identificada em S. Julião (MARTINS 1988a, 140-141).

³⁵ - *vd.* nota 26.

³⁶ - Encontramos paralelos para este vaso em cerâmicas do povoado do Bronze Final de Castelo de Matos, em Baião, nomeadamente as consideradas no Grupo 5, com a particularidade de esta de Alvarelos possuir bordo baixo enquanto aquelas possuem bordo alto (DINIS 1991b, 17).

Outros exemplares de cerâmica carenada foram encontrados na Bacia do Ave, concretamente na Falperra e em Alvarelhos (*idem*, 221, nota 3). No Entre-Douro-e-Minho há exemplares na Bacia do Lima, em Sto. Estevão da Facha (ALMEIDA *et alii* 1981, Fig. XXXVIII, 1-2) e no Castro do Peso (SOEIRO 1981, Fig. 2-3), na Bacia do Cávado, em S. Julião (MARTINS 1988a), no Barbudo (MARTINS 1989, Est. XLV, 3-4) e no Castro de Roriz (ALMEIDA-SOEIRO 1980, Est. IV, 1-3), e na Bacia do Ovil, em Castelo de Matos (FIGUEIRAL-QUEIROGA 1988, 144) e no Alto da Caldeira (JORGE S. 1981, Fig. 10.1).

- Cronologia

Não dispomos para a área estudada de quaisquer datações de C14 correlacionáveis com a Fase I de ocupação. Quatro datações do castro de Penices atribuíveis aos séc. VII-VI a.C., obtidas de contextos habitacionais relacionados com produções cerâmicas que já adicionam de forma intencional palhetas de mica às pastas, servem de suporte à proposta de início da fase II e, conseqüentemente, servirão também de marco para o estabelecimento do final da Fase I que não terá ultrapassado, por conseguinte, o séc. VII a. C.

As cerâmicas carenadas e as cerâmicas decoradas segundo a "técnica Boquique" servem-nos como indicadores de uma cronologia relativa, pelos paralelos com idênticos artefactos do Norte de Portugal para os quais existem datações de C14, concretamente os povoados de Castelo de Matos, S. Julião I e Bouça do Frade. As taças carenadas estão bem representadas em S. Julião I em contextos datados pelo C14 entre os séc. X-IX e VII-VI (MARTINS 1988a, 129). Também em Castelo de Matos esta cerâmica está bem representada em contextos recentemente datados pelo C14, com 95,4% de probabilidade de se situar entre 990-800 a.C.³⁷ (QUEIROGA-FIGUEIRAL 1989, 67). Quanto aos vasos com decoração "Boquique" encontramos paralelos no povoado da Bouça do Frade, em Baião, em contextos que se admite serem correlacionáveis com um conjunto de datações de C14 situadas no séc. VIII a.C. (JORGE, S. 1988, 70). Parece-nos pois coerente admitir que a Fase I da ocupação da Bacia do Ave se possa ter desenvolvido entre os séc. X-IX e os séc. VIII-VII a.C..

³⁷ - Calibração segundo a curva de Pearson & Stuiver 1986, a dois sigmas.

4. 2. 2 - Desenvolvimento da Cultura Castreja (FASE II)

A ausência de cerâmicas de fabrico micáceo, típicas da Cultura Castreja da região, em dois povoados do concelho de Braga - Lages e Vasconcelos, parece-nos ser indício seguro para afirmarmos o abandono de alguns povoados fortificados do Baixo Ave cuja origem remontaria ao Bronze Final.

O início desta Fase poderá, também, marcar o aparecimento de um novo conjunto de povoados fortificados, cujo assentamento será, todavia, muito difícil de precisar, porquanto a sua identificação resulta, grosso modo, da cronologia atribuível ao material cerâmico indígena que, no entanto, perdura ao longo de vários séculos. O conservadorismo das cerâmicas indígenas funciona, da mesma maneira, como um dos grandes óbices à comprovação da continuidade ou descontinuidade de ocupação de outros povoados da fase anterior que, em consequência, se torna extremamente problemática. A única certeza que possuímos é que esses povoados tinham vida em determinado momento da Fase II, não sendo possível, todavia, precisar quando. Esta problemática levanta a hipótese dos povoados poderem ter sido ocupados ininterruptamente ou terem sido abandonados temporariamente e depois reocupados. Provavelmente ambas as situações poderão ter ocorrido.

O único povoado que se nos afigura, até ao momento, mais claro, é o do Castro de Penices, a julgar pela alta cronologia disponível para os contextos desta fase, que nos leva a admitir não ter havido interrupção, pese o facto das sequências estratigráficas obtidas nas escavações ainda não terem sido completamente esclarecedoras. São, aliás, as datações de C14 obtidas, recentemente, para o Castro de Penices, de amostras provenientes de contextos habitacionais relacionados com produções cerâmicas que já adicionam de forma intencional palhetas de mica às pastas, que nos fornecem os dados mais seguros para apoiar a nossa proposta para os inícios desta fase na Bacia do rio Ave, que remontará aos séc. VII-VI a.C, corroborando, de forma genérica, as transformações verificadas por Manuela Martins em estações da bacia do rio Cávado e que a levaram a propor essa data como o início da Fase II.

Entre as Fases I e II detectam-se, assim, alguns fenómenos reveladores de descontinuidade, como reflexo de determinados ajustamentos no ordenamento da região. Esses fenómenos são:

- Desaparecimento dos "povoados com fossas";

- Abandono definitivo de alguns povoados situados em locais com boas condições naturais de defesa;

- Emergência de um novo conjunto de povoados fortificados.

O quadro traçado para o Baixo Ave não é, de forma alguma, inovador, corroborando, apenas, a ocorrência de fenómeno semelhante noutras regiões do Norte do país, concretamente na região de Baião, onde assistimos ao desaparecimento do "Povoado com Fossas" da Bouça do Frade e do povoado fortificado do Bronze Final de Castelo de Matos e, com toda a probabilidade, o povoado da Penha, situado ainda dentro da Bacia do rio Ave, mas já fora da área delimitada para este estudo.

- Povoados

Além dos povoados com ocupação durante os finais da Idade do Bronze, cuja continuidade na Fase II admitimos como provável³⁸, ter-se-á dado, agora, a emergência de mais um novo conjunto de povoados, a saber:

- Castros de Vermoim e Ermidas, em Vila Nova de Famalicão, com comprovação resultante dos dados estratigráficos obtidos em escavações arqueológicas (QUEIROGA 1985a, 56; 1985c, 40-41).

- Castro de Sabroso, com ocupação problemática na Fase I, mas com ocupação comprovada na Fase II através de dados estratigrafados (HAWKES 1971; SOEIRO *et alii* 1981, 349-350; SILVA 1986, 31);

- Castro do Monte da Saia, também com ocupação problemática durante a Fase I, mas com um notável achado em ouro (CARDOZO 1957, 184; SILVA 1986, 257) que poderá atestar a sua ocupação na Fase II;

- Castros de S. Bartolomeu, em Guimarães, e Santa Tecla, em Vila Nova de Famalicão, onde recolhemos cerâmica indígena acusando certo arcaísmo tecnológico e formal, bem visível nos bordos de aba soerguida e nos bordos horizontais, os quais nos parecem ser bem característicos desta Fase, como tivemos oportunidade de verificar no estudo realizado para as cerâmicas do Castro de Penices;

³⁸ - Com excepção dos povoados de Vasconcelos e Lages, no concelho de Braga, como atrás já foi explicado.

- Cividade de Bagunte e Castro do Monte Redondo donde provêm alguns materiais, nomeadamente fíbulas "tipo Sabroso", com provável atribuição a esta fase (FORTES 1905-1908a, 17-19; PONTE 1980, 116).

- Pensamos ser lícito integrar nesta Fase, também, os Castros de Eiras Velhas e Consolação, em Braga, pelas mesmas razões apontadas para S. Bartolomeu e Sta. Tecla, sem que o número de exemplares recolhido superficialmente seja bastante menos significativo. No entanto, pelo menos para as Eiras Velhas, possuímos uma conta de pasta vítrea oculada e um fragmento de fíbula de pé alto, que poderão ajudar a apoiar esta hipótese.

- Organização do Habitat: O caso de Penices

Dentre os povoados atrás citados damos especial ênfase ao Castro de Penices, alvo da nossa atenção desde 1987, que tem revelado dados importantes para a caracterização dos inícios desta Fase, insuficientemente conhecida nos outros povoados do Baixo Ave.

Em Penices a Fase II está atestada, desde os seus inícios, por um conjunto notável de estruturas defensivas e domésticas -uma muralha em pedra com um possível fosso que lhe está contíguo e diversas cabanas algumas, porém, apenas reconhecíveis pelos restos dos seus pavimentos em argila (Est. XVIII).

A petrificação da casa em Penices parece ter acontecido no final desta fase, pelo que os dados de uma estrutura de planta circular já em pedra, também, se revelarão importantes.

Estas evidências, somadas aos dados disponíveis para outras estações do Baixo Ave, são o suporte para a elaboração de um esboço de caracterização do habitat da Fase II.

O Sistema defensivo

As estruturas defensivas, que no actual estado da investigação poderemos assumir como sendo desta fase, restringem-se a um conjunto de muralhas pétreas, revelando uma certa variabilidade técnica e morfológica, mas utilizando as mesmas matérias-primas - o granito.

O Castro de Penices foi envolvido por uma muralha em pedra, com cerca de 3 metros de largura, constituída por duas faces e com um enchimento de terra e pedras (Est. XVIII, A, B). Os muros utilizam blocos de granito, assentes a seco, de tamanhos variados e com uma

disposição bastante irregular (Est. XIX, 2). Um fosso, contíguo a esta muralha, reforça a defesa do povoado, não havendo, no entanto, até agora, dados seguros que provem ou refutem a sua contemporaneidade. Até prova em contrário admitimos, por consequência, que as duas estruturas tenham sido construídas na mesma época.

Este fosso foi escavado na rocha e no saibro, apresentando uma profundidade máxima de cerca de 6 metros em relação com o nível do alicerce exterior da muralha. Pelo facto de parte desta estrutura ser cavada na rocha somos levados a concluir que esta seria uma das fontes de obtenção de granito para a construção da muralha.

Alguns séculos após a sua construção, provavelmente para os meados desta Fase II, houve necessidade de proceder a modificações na estrutura primitiva, pelo que esta foi alargada para o dobro, através da adição de uma nova face interior e do enchimento do espaço interior criado com pedras e terra (Est. XVIII, C)³⁹. A nova face interior, embora denote um aparelho mais regular que o da anterior, continua a exhibir uma certa imperfeição na construção, facto que explicará as várias reconstruções que patenteia, fruto de outras tantas situações de queda das pedras que formam a face.

Embora a cronologia deste alargamento não esteja devidamente clarificada, admitimos, no âmbito de uma cronologia relativamente ampla, que a nova muralha seja contemporânea das muralhas dos povoados de Terroso e de Sabroso. No entanto, entre as três estruturas, encontramos diferenças significativas, especialmente com Terroso, o que revela a grande heterogeneidade de soluções construtivas.

A muralha de Sabroso tem de largura 4 m e é composta de duas faces regularizadas, com pedras de pequeno tamanho e por vezes grandes blocos, assentes a seco, deixando juntas por preencher (HAWKES 1971; SOEIRO *et alii* 1981, 348; SILVA 1986, 31).

A muralha de Terroso afasta-se completamente da solução construtiva quer de Penices quer de Sabroso, pois é composta por dois muros paralelos com as faces exteriores de aparelho regularizado, ajustando-se de forma inteligente, sem utilização de saibro, pedras de grande tamanho com outras mais pequenas, o que resulta numa estrutura bastante sólida. O intervalo entre os muros é preenchido com saibro, atingindo o conjunto a espessura de 5,30 m (SILVA 1986, 30).

³⁹ - Este enchimento cobriu, por conseguinte, a face interior da muralha primitiva de Penices, conservando-a.

As Cabanas

Contígua à primeira face interior da muralha de Penices encontrámos o melhor exemplar de cabana que, até ao momento, se conservou no povoado (Est. XVIII, D). Esta circunstância ficou-se a dever ao alargamento da muralha primitiva, passando a face interior e o novo enchimento a assentar, precisamente, sobre parte da cabana, preservando-a.

Esta cabana, construída com troncos de *Quercus* (carvalho e sobreiro/azinheira)⁴⁰, apresenta forma circular, com cerca de 3,20 m de diâmetro. Está definida por um pavimento em argila e saibro compactado, por sua vez envolvida por um anel, ligeiramente sobreelevado, de saibro compacto com cerca de 60 cm de largura. A Oeste, esta camada de saibro prolongava-se mais um pouco no sentido NO definindo o local de entrada da estrutura.

A parte interior do anel estava claramente definida por um alinhamento de pedras de forma semi-circular. No interior da cabana, ligeiramente descentrado para o lado Sul, havia uma lareira em argila, de forma sub-circular com cerca de 80 cm de diâmetro (Est. XIX, 1).

Vários fragmentos de outros fundos de cabana, em argila calcinada, têm sido encontrados nos sectores adjacentes ao interior da muralha pétrea, porém, quase sempre em estado de grande degradação, devido ao assentamento de estruturas pétreas, dificultando a compreensão da estrutura e composição destas cabanas (Est. XVIII). O grande estado de fragmentação dos pisos e a falta de conexão dos poucos buracos de poste até à data encontrados não nos permite avaliar a quantidade de cabanas que lhes estariam afectas.

Na escavação de 1992, detectaram-se mais dois fundos de cabanas estruturados, compostos por pisos em argila calcinada, correspondentes a lareiras, sendo a área periférica de terra batida. Essa área é, por sua vez, delimitada por um conjunto irregular de buracos de poste os quais, todavia, não nos dão ainda indicação completa sobre a configuração das cabanas. Na falta desses indicadores, complementámos com outros aspectos, tais como maiores concentrações de cinzas, cerâmicas e sementes incarbonizadas como indicadores de lixeira que seria exterior, o que nos sugere que a sua planta seria circular.

A grande importância destas novas cabanas assenta no facto da sua construção ser posterior ao alargamento da muralha, o que vai mostrando que a petrificação das estruturas domésticas não será um fenómeno precoce.

⁴⁰ - A identificação destas espécies foi feita a partir dos grandes e grossos troncos incarbonizados que recolhemos sobre o piso da cabana (FIGUEIRAL, no prelo).

Petrificação da casa

A escavação da casa com vestíbulo do Castro de Penices, cuja construção deverá datar dos finais do séc. I a.C., revelou uma fiada de pedras do alicerce de uma estrutura, de planta circular, com um diâmetro superior à da habitação que se lhe sobrepôs (Est. XVIII). O elevado grau de perturbação, dos contextos arqueológicos anteriores à construção da casa com vestíbulo, não permitiu atribuir uma cronologia precisa a esta primeira estrutura pétrea. No entanto, admitimos como possível a sua construção nos finais da Fase II, o que corroboraria situações semelhantes de outras estações do Noroeste, nomeadamente da Bacia do Cávado (MARTINS 1990, 140).

A petrificação das estruturas domésticas está, no entanto, confirmada, no Baixo Ave, numa época mais antiga do que o observado em Penices. Os dados disponíveis para Terroso, referentes aos trabalhos de escavação de 1982, revelaram duas estruturas de planta circular, uma delas com vestíbulo, com 5,20 e 5,40 m de diâmetro, construídas com pedras geralmente de tamanho reduzido e sem vestígio de utilização do pico, que poderão datar do séc. III a.C., como sugere um fragmento de cerâmica de tradição púnica (SILVA 1986, 39-40).

Espólio

A cerâmica mais antiga desta fase, em Penices, é bastante indefinida no aspecto tipológico, pois aparece muito fragmentada e sem grande possibilidade de reconstituição de formas. O aspecto mais relevante desta fácies é certamente o tecnológico, a sugerir certo arcaísmo, notório nas paredes de razoável espessura em relação com o tamanho da forma e nas pastas com elevada percentagem de argila em relação com o desengordurante, sendo este último bastante mal depurado e de distribuição irregular. O torno parece não ter sido utilizado ao longo de toda a fase, ou pelo menos não deixou vestígios notórios e as cozeduras não se podendo apelidar de boas, também não são comparáveis a algumas das cozeduras que conhecemos em idênticas pastas. Pelo aspecto geral da tecnologia desta cerâmica e por comparação com espólios que temos vindo a estudar⁴¹ fica-nos a impressão de um certo arcaísmo comparável ao que conhecemos dos Finais da Idade do Bronze, ressaltando o

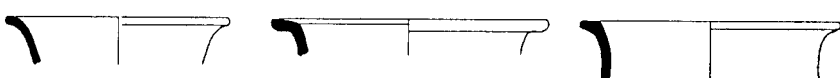
⁴¹ - Nomeadamente as cerâmicas do Povoado do Bronze Final de Castelo de Matos, em Baião.

notório ar de família castreja que a relativa percentagem de mica concede já às cerâmicas desta fase.

A análise de cerca de duas centenas e meia de fragmentos de cerâmica lisa exumados em Penices durante uma curta intervenção arqueológica realizada na Primavera de 1990 serviu-nos como suporte para a caracterização de alguns aspectos de natureza morfológica, tecnológica e funcional das cerâmicas deste povoado na primeira metade da Fase II.

O número de formas identificadas é extremamente reduzido, revelando pequena variabilidade morfológica. No geral as cores predominantes são as escuras, destacando-se as tonalidades castanho-escuro/castanho-alaranjado que no conjunto representam cerca de 75%. As cores claras (beges/castanho-claro) estão muito mal representadas quer em termos percentuais quer em relação às formas onde estão representadas, verificando-se que é nos grandes potes (Forma 2) que a sua presença se faz notar.

Foi possível identificar em 43 fragmentos da cerâmica analisada 4 grupos morfológicos que apresentamos no quadro seguinte:

QUADRO DE FORMAS DO CASTRO DE PENICES (Fase II)	
1	
2	
3	
4	

Quadro 2 - Formas do Castro de Penices

GRUPO 1 - Púcaro (17 exemplares)

Apresenta perfil em S, mais ou menos acentuado, com bordos esvasados, horizontais, ou em aba soerguida, lábios arredondados ou biselados e fundos simples. Os bordos cujo diâmetro foi possível definir, regra geral, oscilam entre os 14 e os 17 cm.

As cores dominantes são o castanho e o alaranjado e a maioria dos vasos apresenta vestígios de fuligem. No geral as superfícies são cuidadas apresentando, por vezes, ótimos alisamentos.

No conjunto dos púcaros o bordo destaca-se como o item que permite definir três agrupamentos distintos: A - Bordo esvasado - o mais representado com 7 exemplares, todos de cor castanha, com as superfícies alisadas; B - Bordo em aba soerguida - o menos representado, com apenas 4 exemplares, dois deles sem vestígios de utilização ao lume; C - Bordo horizontal - presente em 6 exemplares.

GRUPO 2 - Pote (21 exemplares)

Apresenta perfil em S, mais ou menos acentuado, com bordos esvasados, horizontais, ou em aba soerguida, lábios arredondados ou biselados e fundos simples ou reforçados. Os bordos cujo diâmetro foi possível definir, regra geral, oscilam entre os 24 e os 35 cm.

As cores mais frequentes são as claras e este tipo de recipientes não apresenta vestígios de utilização no fogo. As superfícies são maioritariamente alisadas, com o interior melhor cuidado.

Tal como para os púcaros, o bordo dos potes permite definir os mesmos três agrupamentos: A - Bordo esvasado - presente em apenas 1 exemplar, de cor alaranjada com as superfícies alisadas; B - Bordo em aba soerguida - presente em 9 exemplares; C - Bordo horizontal - o mais representado com 11 exemplares.

GRUPO 3 - Vaso de boca fechada (1 exemplar)

Provavelmente um pote de pança ovóide, possui bordo reentrante e lábios quase rectos, horizontais.

De cor castanho-alaranjada, com vestígios de fuligem da sua utilização sobre o fogo, apresenta as superfícies bem alisadas.

GRUPO 4 - Tacho ou Panela de asas interiores (4 exemplares)

De cor castanho-escura apresentam muita fuligem revelando a sua utilização sobre o fogo. As superfícies não são muito cuidadas sendo os alisamentos, normalmente, frustes. De três asas analisadas duas tinham secção circular e uma em D.

O único exemplar que permitiu definir o seu diâmetro apresenta 31,4 cm.

Esta forma, muito divulgada na Fase seguinte, aparece também já representada na Cividade de Terroso (SILVA 1986, Quadro 3).

Relativamente aos fundos distinguiram-se em 16 fragmentos estudados dois tipos: A - fundos simples - representado por 11 exemplares, 6 deles com vestígios de fuligem, de cor castanha e, na maioria, com as superfícies alisadas; B - fundos com rebordo - representado por 5 exemplares.

As cerâmicas desta Fase, conhecidas noutras estações do Baixo Ave, revelam uma certa homogeneidade quer no fabrico, quer nas formas, apresentando uma certa originalidade bem patente nos bordos. Algumas cerâmicas recolhidas à superfície, nos castros de Eiras Velhas, Consolação, Monte do Facho, Monte da Forca, Santa Tecla e S. Bartolomeu são invariavelmente feitas à mão, tipologicamente integráveis nos Grupos 1 (púcaros) ou 2 (potes) do Quadro de Formas proposto para o Castro de Penices, apresentando bordos maioritariamente horizontais ou em aba soerguida, o que lhes dá um certo "ar de família" que serve, da mesma forma, para aparentar com cerâmicas exumadas no Castro das Ermidas ou na Cividade de Terroso onde estas duas formas parecem ser maioritárias.

Embora a cerâmica estudada para Penices fosse totalmente lisa conhecem-se algumas decorações para esta Fase, nomeadamente em exemplares da Cividade de Terroso e do Castro das Ermidas. A técnica mais representada é a incisa, se bem que apareça, também, o estampado. Os motivos em corda e "espinha-de-peixe" aplicados sobre um cordão são bastante vulgarizados e também são frequentes as associações de triângulos, por vezes preenchidos com traços paralelos ou oblíquos. O exemplar mais notável exumado nas Ermidas, apresenta uma organização decorativa com linhas de 3 círculos concêntricos, com o círculo interior pontilhado e uma ou duas orlas de pontos no exterior. Os círculos por vezes são ligados por duas bandas de pontos, "espinha-de-peixe", ou a associação dos dois (QUEIROGA 1985c, Fig. 23).

O aparecimento de um fragmento de cerâmica grega, em Penices, é mais um dado da existência de contactos supra-regionais desta região, a juntar ao vidro fabricado pelo processo do núcleo de argila e aos fragmentos de cerâmica grega encontrados nas Ermidas

(PAUTREAU-QUEIROGA), e ao fragmento de bordo, púnico, da Cidade de Terroso (SILVA 1986, 135, Est. LXXX, 11).

É significativo o número de objectos em metal, indiscutivelmente desta fase, provenientes de povoados do Baixo Ave, a atestar o grande desenvolvimento da metalurgia do bronze desta região, possivelmente como reflexo da maior facilidade de obtenção das matérias-primas necessárias para este trabalho. Até ao momento, identificámos cerca de quatro dezenas de artefactos, distribuídos por pouco mais de meia dúzia de estações, sobressaindo, pelo elevado número de exemplares, os Castros de Sabroso e Penices e a Cidade de Terroso.

A grande concentração de objectos em bronze, no Baixo Ave parece, pois, apoiar a tese da existência, na zona, de um importante centro de produção metalúrgica (SILVA 1986, 188).

O objecto mais notável da região, é sem dúvida o bracelete em ouro, com decoração estampada, achado no Castro do Monte da Saia, cujas características apontam para uma filiação hallstática centro-europeia (SILVA 1986, 240-241).

Os restantes artefactos, todos em bronze⁴², integram um conjunto notável de duas dezenas de fíbulas de pé alto, típicas do Noroeste, pertencentes aos grupos morfológicos "tipo Sabroso" e "tipo Sta. Luzia", presente em Penices, Terroso, Sabroso, Ermidas, Monte Padrão, Bagunte e Monte Redondo.

Para além das fíbulas há também a destacar, um importante bracelete com remates campanulares troncocónicos, proveniente de Sabroso, e mais uma dezena de artefactos, do Castro de Penices, que a seguir descrevemos, cuja análise morfológica, metalográfica e da composição química fez parte de um estudo que realizámos recentemente (DINIS 1991a).

1 - Fíbula Anular Hispânica (?)⁴³ - Arco de secção sub-rectangular, com duas caneluras na parte superior, ligando ao travessão, já desaparecido, por uma chapa

42 - Há uma única peça de excepção, composta por uma chapa de ferro sobre a qual foram aplicadas duas finas chapas de bronze fixadas por meio de rebite, também de ferro, proveniente do Castro de Penices.

43 - Basicamente a fíbula anular hispânica é composta por um aro fechado, mais ou menos circular, perpendicular ao plano do arco da fíbula. O arco abraça o aro nos seus dois extremos com a cabeça e o pé. A mola, quando espiralada enrosca-se no aro para ambos os lados da cabeça da fíbula. A agulha descansa numa goteira que é uma expansão lateral do arco, junto ao pé. (FORTES 1905-1908a; CUADRADO 1957; DAUGAS-TIXIER 1977). As peças mais antigas da Península Ibérica são datadas dos finais do séc. VI, inícios do séc. V a.C. (CUADRADO 1963, 59). A datação proposta por Cuadrado adequa-se a este

cravada no arco por meio de um rebite. Desconhece-se se ela teria pé, mas a parte terminal do arco mostra uma inflexão destinada ao apoio do fusilhão.

Medidas: comp. - 46 mm; larg. - 7 mm; espes. - 3 mm; alt. máx. - 23 mm.

Embora a peça esteja incompleta⁴⁴, admitimos poder tratar-se de uma interpretação regional da Fíbula Anular Hispânica, uma variante de tamanho médio do tipo 4 de Cuadrado (Cuadrado 1957).

- 2 - Arco, provavelmente de uma fíbula, de secção losângica, com 28 mm de comprimento e 16 mm de altura máxima.

A análise química realizada a este objecto revelou a existência de razoáveis teores quer de estanho quer de chumbo.

- 3 - Fusilhão de fíbula de secção circular com 2 mm de diâmetro. Possui 36 mm de comprimento, encontrando-se fracturado e deformado.

- 4 - Agulha de secção semi-circular, fragmentada na ponta e no olhal e algo deformada. Possui 57 mm de comprimento e 5 mm de largura.

- 5 - Peça de pequenas dimensões, com 42 mm de comprimento total com aspecto muito semelhante aos das peças de bridão de cavalo e cuja tipologia ou funcionalidade desconhecemos⁴⁵. Possui uma barra de secção circular engrossando nas extremidades para formar dois anéis alargados e de bordos convergentes. Os lados opostos destes anéis estão decorados por duas caneluras profundas.

- 6 - Machado fragmentado⁴⁶, conservando apenas a parte inferior, de secção sub-rectangular. Possui superfícies algo rugosas e nos lados ostenta rebarbas de fundição que provam ter sido fabricado em molde de duas valvas. As medidas do fragmento são as seguintes: comprimento máximo - 25 mm; largura máxima - 46 mm; espessura máxima - 13 mm.

exemplar proveniente de um contexto que integra cerâmica ática, aliás com paralelos com outro exemplar exumado em Conímbriga, relacionado com cerâmica ática datada de 500-480 a.C. (ALARCÃO-ETIENNE 1979, 113).

⁴⁴ - Nesta peça estão ausentes o aro, o pé e a agulha. Estes elementos tornam-se fundamentais na caracterização destas fíbulas.

⁴⁵ - No Castro de Torroso, em Mós, Pontevedra, foi encontrado um objecto idêntico, considerado como parte integrante do arreio de um cavalo (PEÑA SANTOS 1992, 27, 30, 121, Fig. 62). Exemplares de maiores dimensões, em ferro e sem decoração nas extremidades, são mais comuns (SCHÜLE 1969).

⁴⁶ - A parte disponível deste machado não permite a sua identificação formal.

A análise química efectuada a este objecto mostrou uma interessante composição expressa na grande percentagem de estanho e na elevadíssima quantidade de chumbo o que individualizam, sem dúvida, esta peça no conjunto dos objectos analisados. Os valores assinalados levantam questões de ordem tecnológica, económica e de ordem cultural que convirá, oportunamente, referir.

7 - Pequeno fragmento de chapa de ferro, com secção sub-triangular alongada, ao qual foram aplicadas duas chapas em bronze com cerca de 15 mm de lado, fixadas por um rebite central, também em bronze. Este pequeno fragmento poderá pertencer ao cabo de uma faca.

8 - Pequena barra maciça de secção octogonal, com 31 mm de comprimento que poderá ter pertencido a um cinzel ou fazer parte de um lingote.

Esta peça, analisada quimicamente, revelou uma percentagem de Sn relativamente alta -capaz de lhe conferir uma dureza considerável- e um teor de Pb algo elevado.

9 - Pequena barra maciça de secção losângica, provavelmente pertencente a um lingote, com 48 mm de comprimento e 3 mm de espessura. Encontra-se algo deformada.

A análise química realizada demonstrou tratar-se de cobre quase puro.

10 - Pequena barra maciça de secção octogonal irregular, com 115 mm de comprimento e cuja função desconhecemos, podendo, no entanto, ter sido um lingote ou ter servido como cinzel, hipótese colocada com base nos resultados da análise química realizada que mostraram uma percentagem elevada de Sn o que daria à peça uma dureza considerável.

Em cinco dos objectos atrás descritos⁴⁷ procedeu-se à análise da composição química, utilizando o método da Espectrometria de absorção atómica⁴⁸ e os resultados obtidos,

⁴⁷ - A análise química só foi possível nas peças que ainda conservavam um núcleo não degradado, o que nem sempre coincidiu com as peças que teria mais interesse analisar.

⁴⁸ - As amostras foram obtidas cortando um pequeno fragmento com um disco abrasivo de pequena espessura, numa zona previamente limpa da camada de corrosão. Depois de pesada, a amostra foi moída e atacada com ácido clorídrico 1/1 a quente. Procedeu-se, seguidamente, à diluição em água desionizada obtendo-se concentrações de 1/25; 1/25x5; 1/25x10 e, num caso, 1/25x100. A operação final foi a determinação dos compostos Sn (Estanho) e Pb (Chumbo).

relativamente à percentagem de Estanho (Sn) e Chumbo (Pb)⁴⁹ apresentam-se no quadro seguinte.

Objecto	Cu	Sn	Pb
2	± 90%	7,5%	1,63%
6	± 65%	15,4%	18,7%
8	± 87%	9,7%	2,6%
9	± 98%	1%	0,12%
10	± 85%	11,3%	3,09%

Quadro 3 - Composição Química de Objectos em Bronze do Castro de Penices (Fase II)

A falta de análises metalográficas⁵⁰ e de Raios X⁵¹, impede uma abordagem, com o mínimo de rigor, dos processos tecnológicos utilizados. Os dados da análise macroscópica e algumas impressões sugeridas pela composição química são, por conseguinte, os únicos elementos que dispomos para tecer algumas considerações relativamente a alguns dos objectos atrás referidos.

Dentre os constituintes do bronze, o estanho revela-se de especial importância dado que pela sua adição ao cobre endurece e robustece o metal. Essas propriedades mecânicas aumentam quando a proporção de Sn é aumentada até 13,2%. Acima desta proporção de Sn, um composto intermetálico é formado no arrefecimento e a liga resultante, apesar de dura, é quebradiça (BROWN 1976, 25).

⁴⁹ - A percentagem de Cobre (Cu) foi calculada por exclusão das percentagens dos outros componentes : Sn e Pb. De qualquer forma esse valor tem um carácter relativo razão porque o colocámos precedido de ±.

⁵⁰ - As análises metalográficas são imprescindíveis no estudo tecnológico dos objectos. Como refere Alicia Caveda a *micro-estrutura revelada pela metalografia é o bilhete de identidade em que ficam registadas todas as transformações que o metal sofreu durante o processo de trabalho* (CAVEDA 1989, 24). A única análise metalográfica foi efectuada ao objecto número 6 (fragmento de machado). A elevada degradação da estrutura pela intrusão de óxidos mesmo a grande profundidade, tornou extremamente difícil a interpretação dos resultados.

⁵¹ - O Raio X é fundamental para o estudo tecnológico dos objectos em metal. Como nos sugere Alicia Caveda a *radiografia revela a estrutura interior da peça e zonas que uma vez findo o processo de montagem permanecerá oculta. Desta maneira pode documentar-se técnicas de moldagem, sistemas de colagem e união* (*idem, ibidem*)

Os objectos analisados possuem teores de estanho que variam entre 1% e 15,4% e teores de chumbo situados entre 0,12%, e 18,7%, sendo este um caso verdadeiramente notável.

A importância do chumbo na metalurgia do bronze é excepcional atendendo às suas propriedades específicas. A adição de Pb às ligas de cobre está relacionada com a necessidade de se obter uma determinada fluidez no metal fundido, ao mesmo tempo que baixa o ponto de fusão (COGHLAN 1975).

No entanto a percentagem de Pb a adicionar teria que ser perfeitamente controlada por forma a não afectar as propriedades mecânicas do metal que variariam muito pouco até aos 2%. Só a partir de 3% é que a maleabilidade será afectada mudando vivamente essas propriedades (BROWN 1976, 26).

A elevada percentagem de Cu e os valores excessivamente baixos de Sn e Pb revelados na análise química, individualizam o objecto número 9 no conjunto observado. A explicação que nos ocorre, baseada, também, na morfologia da peça é a de estarmos em presença de um lingote que ainda iria ser utilizado.

A peça número 6 é um exemplar curioso pela problemática que levanta devido à sua composição química particular.

Como o fragmento é relativamente pequeno e revela apenas o gume da peça desconhecemos a sua morfologia. Uma minuciosa análise macroscópica revelou a existência de rebarbas de fundição nos dois lados do machado facto que indicia ter a peça sido fabricada num molde de duas valvas, certamente de metal.

A análise metalográfica foi inconclusiva pois a corrosão havia atingido níveis demasiado elevados mesmo a grande profundidade, não fornecendo dados significativos.

A análise química surpreende-nos, principalmente, pelo alto teor em chumbo que a liga contém. Tal situação poderia ser explicada, como referem alguns autores, pela diminuição da produção de estanho e sua substituição por chumbo. Se a aceitação desta explicação soluciona um problema não dá resposta a uma outra importante questão relacionada com as implicações de natureza mecânica que tão alto teor de chumbo importaria neste machado com função tão específica. De facto a alteração da maleabilidade desta peça seria de tal monta que

o seu uso como machado estaria comprometido, a não ser que a sua função fosse a de servir de “moeda de troca” como tem sido defendido (BRIARD 1979, 202-204).

As ligas ternárias com percentagens de cobre rondando os 60%, de estanho à volta de 10% e de chumbo pelos 20% são uma das características dos artefactos do Bronze Final III em Portugal. Este é, da mesma maneira, um dado de grande importância ao permitir um enquadramento cronológico e diminuir as formas possíveis deste pequeno fragmento.

A metalurgia do bronze na Fase II, no Baixo Ave, está, como referimos, bastante bem documentada, contrastando, marcadamente, com a situação verificada para outras regiões, nomeadamente para a Bacia Média do Cávado (MARTINS 1990, 149). Ao contrário, a metalurgia do ferro, parece acompanhar a tendência geral comprovada noutras regiões do Norte - a raridade ou mesmo ausência deste metal (SILVA 1986, 170; MARTINS 1990, 149).

Do conjunto de artefactos metálicos do Castro de Penices registámos um exemplar deste metal, mas em associação com bronze. Trata-se de um pedaço de ferro ao qual foram aplicadas duas chapas em bronze, fixadas por um rebite central, também em bronze, interpretado como um possível cabo de uma faca. Partindo do princípio de não estarmos perante uma produção local, este exemplar revela-se importante por poder atestar o acesso algo precoce das comunidades do Baixo Ave aos circuitos abastecedores de ferro.

- Cronologia

As datações pelo C14, disponíveis para estações do Baixo Ave, cujos resultados admitem uma ocupação dentro desta Fase II, ascendem a uma dezena. Foram divulgadas, recentemente, por Queiroga (1992), na sua Tese de Doutoramento e provêm de escavações realizadas no concelho de Vila Nova de Famalicão, nos Castros de Vermoim, Ermidas e Penices. Infelizmente desconhecemos os contextos arqueológicos associados às amostras de carvão provenientes de Vermoim e, parcialmente das Ermidas⁵², o que torna o seu interesse muito relativo.

⁵² - Desta estação foram apenas publicados os resultados de duas amostras recolhidas na campanha de escavações realizada em 1983 e analisadas no Laboratório da Gakushuin University, do Japão. Os carvões estavam associados a estratos que definiam a construção de uma muralha e o enchimento do declive (QUEIROGA 1985c, 35).

As quatro datações obtidas no Castro de Penices revestem-se, pois, de especial significado, atendendo a que os contextos que se pretenderam datar se articularem com um momento específico da vida do povoado - identificação das primeiras cabanas, protegidas por uma muralha feita em pedra, com cerâmicas de fabrico micáceo, se bem que as pastas integrem ainda grãos de quartzo, por vezes em quantidade e de calibre razoável, morfologicamente integráveis no mundo das cerâmicas da cultura castreja da região.

As amostras de carvão forneceram os seguintes resultados:

1 - ICEN 467 - 2640 ± 60 BP (750-630 a.C.)

2 - ICEN 832 - 2530 ± 45 BP (625-535 a.C.)

3 - ICEN 831 - 2420 ± 45 BP (515-425 a.C.)

4 - ICEN 833 - 2380 ± 60 BP (490-370 a.C.)

A calibração dos resultados, segundo a curva de Stuiver-Becker 1986, com 95,4% de probabilidades, atribui às amostras uma datação entre 973 e 378 a.C., com pontos comuns de intersecção situados entre 763 e 590 a.C.

Em face dos resultados obtidos, não nos parece descabido, considerar para o Castro de Penices o início da Fase II entre os séc. VII-VI a.C.

O aparecimento de cerâmicas de luxo de procedência mediterrânica, nos castros de Penices, Ermidas e Terroso, às quais haveria que juntar as ocorridas em Santo Estêvão da Facha (ALMEIDA *et alii* 1981, 66-68), em Faria (ALMEIDA-SOUSA 1988, 215) e no Coto da Pena (SILVA 1986, 135), assim como em castros costeiros e do interior da Galiza, atestando a existência de um tráfico regular, se bem que o registo arqueológico indicie escassez no volume e na intensidade (NAVEIRO 1991, 130), e as modificações introduzidas no sistema defensivo do Castro de Penices, posteriores a meados do I Milénio a.C., poderão reflectir uma nova dinâmica dos povoados do Baixo Ave que a confirmar-se, alicerçará os fundamentos para o estabelecimento de uma sub-unidade dentro desta Fase de grande amplitude cronológica.

4. 2. 3 - Auge e declínio da Cultura Castreja (FASE III)

A Fase III da Cultura Castreja é caracterizada pelas grandes transformações, visíveis em muitos dos Castros do Noroeste, quer a nível da organização espacial dos povoados quer da sua cultura material. Este fenómeno parece articular-se com o processo de romanização dos povoados indígenas, sendo datado, sem grandes discordâncias, entre o séc. II a.C. e as reformas flavianas, ocorridas na segunda metade do séc. I da nossa Era.

As escavações realizadas em grandes povoados do Noroeste de Portugal, nomeadamente em Briteiros, Sanfins e Mozinho e em outros, de menores dimensões, já na área do nosso estudo, nomeadamente Sabroso e Terroso, forneceram os dados que tipificaram a Cultura Castreja e que coincidem, especificamente, com a ocupação desta Fase.

Servindo-nos desses elementos e doutros provenientes de escavações mais recentes, como as que realizámos no Castro de Penices, e no Castro das Eiras em Vila Nova de Famalicão, vamos tentar esboçar o quadro referente à Fase III, caracterizada, como atrás dissemos, por um grande dinamismo, não só no tocante à cultura material enriquecida pelos contactos agora desenvolvidos, mas também no aspecto arquitectónico e especialmente na organização espacial.

- Povoados

As escavações arqueológicas realizadas em mais de uma dúzia de povoados⁵³ e a dispersão de materiais, particularmente as cerâmicas indígenas de fabrico micáceo já com vestígios de utilização da roda e com formas muito standartizadas como, por exemplo, os tachos de asa interior e as talhas, levam-nos a admitir um espaço de ocupação sincrónica, pelo menos num determinado momento desta fase, em 34 estações do Baixo Ave, cartografadas no mapa da Est. LVII.

- Organização do Habitat

No Castro de Sabroso, o início desta Fase parece ser reconhecível na reformulação da muralha, no seu alteamento e reforço com muros adossados pelo exterior, em alguns dos

⁵³ - Realizaram-se escavações nas seguintes estações: Cividade de Terroso, Castro do Monte da Saia, Cividade de Bagunte, Castro de Penices, Castro das Ermidas, Castro de S. Miguel-o-Anjo, em Calendário, Castro do Monte Redondo, Castro de Vermoim, Castro das Eiras, Castro de S. Miguel-o-Anjo em Vermil/Oleiros, Castro da Falperra, Castro de Sabroso, Castro de Alvarelhos e Castro do Monte Padrão.

lanços, situação que tem sido relacionada com a campanha de *Decimus Iunius Brutus* (SILVA 1986, 31). Verifica-se, entretanto, que o povoado ocupa novas áreas, a Sul e Este, o que implica a construção de nova muralha tipologicamente distinta da anterior.

Para além da reocupação e crescimento do povoado, após a sua destruição (SILVA-GOMES 1992, 50), parece ser visível na Cividade de Terroso um princípio de ordenamento da plataforma central, se bem que destituído de qualquer traça geometrizarante que as estruturas anteriores dificultaram (SILVA 1986, 39). Outras inovações poderão ser observadas a nível das estruturas domésticas, nomeadamente nas plantas rectangulares com ângulos arredondados, e na generalização do vestíbulo em casas de planta circular que poderão traduzir por um lado um certo estágio de aculturação e por outro transformações de natureza social e/ou económica que conduzam à construção de vestíbulos.

As escavações arqueológicas realizadas no início do século na Cividade de Bagunte, em Vila do Conde, deixaram a descoberto um conjunto de estruturas que se desenvolvem numa área considerável. A fazer fé nas plantas que chegaram até nós, estaremos perante um exemplar onde um princípio de ordenamento geometrizarante parece ser bastante claro (ROMERO MASIÁ.1976, 106). Um conjunto de núcleos familiares, delimitados por ruas estreitas, dispõem-se ao longo de uma outra rua, mais larga, orientada no sentido Norte-Sul que parece funcionar como eixo central de todo este plano de ordenamento (Est. XV, 2).

Embora tal não possa ser ainda demonstrável, porque a área escavada foi muito reduzida ou porque incidiu em pontos muito específicos, estamos convencidos que outros povoados do Baixo Ave estarão estruturados segundo princípios de um modelo proto-urbano. Os Monumentos para banhos encontrados nos Castros do Monte da Saia (Barcelos) e do Monte das Eiras (Famalicão) (Est. XXXV), dois povoados de grandes dimensões, com sistemas defensivos complexos, poderão indiciar essa particularidade.

No Castro de Penices escavou-se um núcleo habitacional correspondente a esta fase, composto por três estruturas em pedra com um pátio lajeado, delimitado pela muralha e por pequenos muros de contenção de plataformas ligeiramente sobre-elevadas. As estruturas são de planta circular, possuindo uma delas vestíbulo e uma lareira central (Est. XVIII).

Estrutura 1 - Trata-se de uma casa circular, com vestíbulo, com cerca de 5,5 m de diâmetro, assente directamente sobre o afloramento rochoso, apresentando um aparelho

composto por pequenas pedras nas quais são raros vestígios de pico⁵⁴, tendo sido quase todas fracturadas pelas superfícies naturais de clivagem, as quais coincidem com veios de feldspatos, o que aliás está de acordo com o ambiente geológico da zona onde esta estação se implanta. A parede interior da casa apresenta vestígios de ter sido rebocada, provavelmente, com o objectivo de atenuar a irregularidade e frusticidade do aparelho. A massa utilizada tem aparência argilosa, superfície bastante fina e friável, e cor esbranquiçada⁵⁵. Alguns dos poucos vestígios detectados parecem indicar a existência de pintura com duas tonalidades, uma vermelha e a outra escura, azul ou negra.

O primeiro piso da casa, não decorado, é formado por uma pasta pouco argilosa, mas bem compactada e queimada. A lareira seguinte parece ter sido feita mais por necessidade de elevar ou refazer o nível do piso da casa do que por degradação da primeira. Este segundo nível de lareira apresenta já uma decoração bastante elaborada, feita a pente, com desenvolvimento irregular e, virado à porta, fica situada uma pedra alongada sem dúvida servindo de trasfogueiro. A base desta lareira aparece apoiada numa massa de fragmentos de cerâmica cuja função terá sido, certamente, a de camada refractária às temperaturas da lareira, mais do que camada de cimentação ou consolidação.

O vestíbulo é de uma relativa simetria com a sua entrada alinhada em relação à da casa. O seu muro encosta ao da casa, sendo esta posterioridade nitidamente comprovada pela estratigrafia, pois o alicerce do vestíbulo corta o nível de saibro que sela a construção da casa. O aparelho é ligeiramente diferente do da casa, com pedras maiores, as quais apresentam já uma relativa frequência de trabalho de pico, apesar do ambiente geral de trabalho fruste.

A construção do vestíbulo elevou o nível de ocupação da casa. Terá sido por esta altura lançado, também, um novo piso, com lareira, a qual reaproveita a já referida pedra de trasfogueiro. Não sabemos se estas alterações no nível interior da casa terão alguma vez tido reflexos no nível da soleira, pois a estrutura de porta encontrava-se algo alterada ao que se

54 - Não queremos aqui, necessariamente, inferir um carácter de exagerada antiguidade para esta estrutura a partir deste elemento de técnica construtiva. Ela corresponderá mais, a nosso ver, a uma adaptação aos recursos locais visando um dispêndio mínimo de energia e tempo.

55 - Uma amostra desta massa foi submetida a análise laboratorial, para conhecimento da sua composição mineralógica. O estudo foi realizado pela Dra. Teresa Seixas no Serviço de Fomento Mineiro. O resultado da Análise de Difracção de Raios X foi a seguinte: Presença de Quartzo, Mica e Plagioclase, sendo abundante a de Caulinite. Não foi detectado óxido de cálcio, facto que afastou a hipótese de se tratar de uma argamassa de cal. Trata-se, sim, de um material areno-argiloso, sendo a argila de natureza caulinítica, provavelmente submetido a um processo de depuração dos grãos maiores de quartzo para melhor adequação ao fim a que se destinava (DINIS 1991c).

veio a somar a degradação do lado esquerdo da ombreira por acção de uma raiz de pinheiro relativamente recente. Já agora, realce-se o nível relativamente superficial desta área, tendo em conta que a primeira lareira se encontrava destruída, até metade, devido a remeximentos superficiais, os quais atingiram o primeiro nível de ocupação no extremo norte da casa.

Estrutura 2 - Trata-se de uma construção circular, inicialmente entendida como um "celeiro", com cerca de 5 m de diâmetro, em granito, com aparelho de calibres pequeno e médio, mais pequeno no lado interior, segundo o modelo tradicional castrejo. As pedras, na sua quase totalidade, não apresentam trabalho de pico, antes estão partidas pelas superfícies naturais, o que confere ao alçado um aspecto cuidado. Tal como na casa foram detectados restos de "estruque" nos lados interior e exterior desta construção.

Estrutura 3 - Trata-se de uma estrutura circular, em pedra, com cerca de 4,5 metros de diâmetro, a qual se encontrava destruída até à fundação, devido a arranque relativamente recente de pedra, como se comprovou pela análise estratigráfica. Do seu piso de ocupação, a nível muito superior ao do muro, apenas detectámos ligeiros indícios.

Neste núcleo habitacional detectámos, também, uma zona de pátio lajeado e outra eventualmente com estruturas em materiais perecíveis, a julgar por alguns núcleos de piso, por vezes decorado, e com vestígios de prováveis buracos de poste.

Contemporâneos destas fase parecem ser, também, os muretes de suporte situados a sul da casa, os quais visam essencialmente criar uma plataforma e aplanar a área elevada pelo afloramento rochoso, relativamente irregular, que corresponderá já a outra área habitacional. Também o pequeno murete entre a casa e os muros de contenção visa criar um pequeno espaço de fins certamente utilitários, se bem que a quantidade de cerâmicas aí encontradas sugira, também, a sua utilização como espaço de lixeira.

A análise deste conjunto habitacional, bem como a problemática geral levantada em torno da funcionalidade das dependências existentes nos núcleos habitacionais castrejos incitam-nos a questionar a validade da conotação desta e de outras estruturas semelhantes com a função de silos ou celeiros. Com efeito, a análise do espaço interior da casa, considerando que este servisse para o quotidiano de comer, estar e dormir de uma família sugere que tal espaço seria demasiado pequeno para o efeito. Por outro lado, o cuidado posto no acabamento interior do celeiro, a inexistência de carvões ou resíduos vegetais

incarbonizados -apesar da cuidadosa amostragem efectuada- leva-nos a questionar a sua exclusiva utilização como silo ou celeiro sugerindo, por outro lado, que esta e outras dependências semelhantes existentes nos núcleos habitacionais dos castros poderiam ter sido utilizadas como casas de dormir.

Atestando o maior polimorfismo do habitat desta fase, temos um conjunto de pequenos povoados, distribuídos em clara ambiência agrícola pela fachada litoral. São os casos dos Castros do Boi, em Vairão, de Santa Marinha de Ferreiró, Retorta, Casais e Santagões, todos no concelho de Vila do Conde. Nenhum deles foi escavado, pelo que desconhecemos a sua cronologia, no entanto os materiais dispersos à superfície e os paralelos com exemplares da Ribeira Lima ou da Bacia do Cávado sugerem o seu aparecimento nos finais do Milénio, reflectindo, provavelmente, a segmentação de algumas comunidades castrejas e a sua dispersão pelo vale.

Muralha

O crescimento verificado durante esta fase em muitos dos povoados do Baixo Ave, como consequência de um aumento generalizado da população, provavelmente no contexto de um reordenamento económico e social despoletado pelo invasor romano terá levado à construção de algumas muralhas, técnica e morfologicamente distintas das da fase precedente, cujo modelo parece sugerir, também, motivações distintas na sua construção.

A nova muralha do Castro de Sabroso, envolvendo o recinto alargado para Sul-Sudeste, é um exemplar elucidativo do maior apuro posto na construção destas estruturas, que resultou num aparelho bastante bem cuidado.

Idêntico resultado pode ser observado no Castro de S. Miguel-o-Anjo, de Vermil/Oleiros, em Guimarães. A muralha que circunda a segunda plataforma está a descoberto, do lado Oeste, num troço de mais de 40 metros, com cerca de 2 metros de altura. Trata-se de uma estrutura constituída por duas faces, com cerca de 1,20 de espessura, com um aparelho bastante cuidado, nalguns pontos a apontar para o helicoidal e com pedras bem facetadas.

Também num troço de uma das muralhas do Castro das Eiras Velhas, em Braga, posto a descoberto pelos trabalhos de abertura de um estradão, pudemos constatar não só a menor espessura como o maior apuro técnico posto na construção destas estruturas que cronologicamente situámos nos finais do I milénio a.C..

A tipologia apresentada por Armando Coelho, assente nos seus trabalhos de escavação, é corroborada pelas referências a outros castros e pelas impressões que colhemos em escavações que temos efectuado⁵⁶ e no trabalho de campo que realizámos. Segundo aquele investigador *trata-se de muralhas simples com espessura média de 1,50 metros, normalmente formada por dois paramentos paralelos e com aparelho irregular de faces geralmente afeiçãoadas a pico e internamente preenchidos com pedra miúda* (SILVA 1986, 33).

Espólio

As cerâmicas desta Fase apresentam grandes inovações não só no aspecto técnico mas também a nível morfológico. A generalização da roda de oleiro vai proporcionar uma melhoria notória nas pastas agora mais finas e nos acabamentos. O aparecimento de um conjunto de novas formas e, provavelmente, a standartização de outras já existentes, acontece⁵⁷. No Castro de Penices exumámos em 1989 um excelente exemplar de púcaro com uma asa igual a um outro encontrado na campanha anterior, no mesmo horizonte e núcleo habitacional sugerindo uma produção em massa, quase que standartizada, das formas de cerâmica castreja nesta época (Est. XXII, 2-3). Os vasos de asa interior generalizam-se por todo o território e aparecem agora as panelas de asa em orelha, bem como as grandes talhas e umas taças de beber que parecem ser uma forma preferencial dos Brácaros (SILVA 1986, 127), além das caçoilas e de uns interessantes vasos acampanados cujo achado parece relacionar-se com contextos funerários ou com o achado de objectos preciosos.

No Castro de Penices os materiais encontrados são sobretudo cerâmicas locais, feitas à roda, provavelmente torno lento, com um relativo equilíbrio entre os vasos de cozinha e os de contenção, dentre os quais não se notam formas de tamanho invulgar. As peças de cozinha

⁵⁶ - É o caso do Castro do Crastoeiro, em Mondim de Basto, onde escavámos um troço da muralha com mais de 2 metros de altura cerca de 2,50 metros de espessura. Tem um aparelho poligonal cuidado, com pedras em granito bem facetadas e um enchimento em terra e pedras pequenas dispostas de forma irregular.

⁵⁷ - As inovações técnicas e a divulgação de algumas formas são indicadores que observámos em muitos dos povoados onde foi possível proceder à recolha significativa de fragmentos de cerâmica. Invariavelmente estão presentes vasos de asa interior e talhas. Mais raras são as panelas de asa em orelha e as taças.

são maioritariamente do grupo dos púcaros, quase todos com vestígios de utilização no lume, uma percentagem bastante menor de tachos de asa interior, poucas panelas de asa em orelha, bem como copas (Est. XXII, 1).

De Penices provém, também, algum material indicador de contactos exteriores, provavelmente comerciais, reveladores de alguma precocidade deste fenómeno na região, tal como sugerem alguns fragmentos de cerâmica campaniense, com pasta clara e friável e verniz negro de boa qualidade, reforçando os dados já existentes, e que contam com o achado de um fragmento de campaniense B, proveniente do Castro das Ermidas, em Famalicão (QUEIROGA 1985, 49), cinco encontrados em Braga, um deles campaniense A (MARTINS 1990, 167, nota 85) e as moedas republicanas do tesouro do Castro de Alvarelhos (TORRES 1978-79, 15-250).

O processo de pacificação do nosso território, provavelmente já concluído nos meados do séc. I a.C., implicará um maior incremento dos contactos comerciais, bem patente na multiplicação dos achados de *sigillata itálica*, ânfora vinária e na circulação monetária. No Castro de Penices encontrámos um pequeno fragmento de *sigillata itálica* e quantidade considerável de fragmentos de ânfora Dressel 1 e Haltern 70, assim como uma moeda de *P. Carisius*, cunhada em local incerto e datável entre 25 e 23 a.C. (SUTHERLAND 1984, 41-42, além de metade de uma lucerna de volutas, decorada com duas figuras, e fragmentos de um pequeno vaso de paredes finas, de pasta esbranquiçada, com decoração vegetal, a revelar uma maior diversidade de produtos, à medida que nos aproximamos do final do milénio. Este fenómeno é igualmente visível noutros povoados, como por exemplo nas Ermidas, e reforçado por um conjunto de moedas do reinado de Augusto, de que sobressaem alguns denários, do tipo *Caius e Lucius*, registados no Castro de Calendário⁵⁸, em Famalicão (CENTENO 1987, 112), na Cidade de Terroso (*idem*, 130) e no Castro de Alvarelhos (FORTES 1899, 12-13) (PINTO 1984, 123).

A produção metalúrgica é bastante acentuada, podendo ser comprovada não só pelos muitos objectos encontrados numa série de povoados, mas pelo aparecimento, *in situ*, de vestígios inequívocos da prática desta actividade.

⁵⁸ - Supomos que esta referência corresponderá ao Castro de S. Miguel-o-Anjo.

O trabalho de metais preciosos atestado na Cividade de Terroso há quase um século (SEVERO 1905-08, 405) foi, agora, revalorizado com o achado, no interior do povoado, de um novo cadinho com pingos de ouro (SILVA-GOMES 1992, 78), facto que poderá precisar a localização de uma escola regional de ourivesaria (*idem, ibidem*), apontada para a região da Póvoa de Varzim por José Fortes (1905-1908c, 617).

A utilização da Lupa Binocular, no estudo dos resíduos pesados das amostras de terra, levou à identificação de pequenos grânulos de metal nos Castros de Penices e das Ermidas, provando a produção metalúrgica nestes dois sítios (QUEIROGA 1992, 66).

Dois pequenos recipientes em cerâmica, em forma de jarra (Est. XV, 3.2-3), da Cividade de Bagunte, atestam, neste sítio, também, a prática de actividades metalúrgicas.

Provém, aliás, desta estação um conjunto de jóias, notável, composto por cinco torques de prata⁵⁹, que descrevemos, sumariamente, partindo da sua observação, na recente exposição "Vila do Conde Arqueológica".

1 - Peça constituída por uma malha de secção triangular que envolve um arame, engrossado na parte terminal onde forma um revirado. Um dos terminais foi cortado.

2 - Peça constituída por três arames torcidos, com os terminais cortados.

3 - Peça com aro maciço, de secção octogonal. A parte central é torcida e as zonas laterais são lisas, com terminais periformes, aparentemente aplicados.

4 - Peça com aro maciço, de secção losângica. A parte central é torcida e as zonas laterais decoradas, nas quatro faces, com estampagem de círculos emitando corda, com terminais periformes, aplicados. Apresenta-se fragmentada na parte média posterior.

5 - Peça com aro maciço onde se definem cinco espaços, alternando entre partes de secção losângica -a central e as terminais- decoradas nos dois lados voltados para o exterior, e partes torcidas -as duas intermédias. A decoração, estampada, é composta por meias luas cuja associação forma uma linha ondulada, dentro de um caixilho rectangular. Os terminais, em campânula, ocos, compostos por duas folhas, são aplicados. Têm decoração estampada, em baixo relevo, composta por uma série de sete toros -dois com motivo em corda, seguidos

⁵⁹ - A estes torques, desaparecidos até agora, se referia, vagamente, Cuevillas há mais de meio século. Segundo o arqueólogo galego um deles terminava com remates em forma de tulipa e outro era feito com uma malha armada em torno de uma vergõtea (LÓPEZ CUEVILLAS 1951, 38).

de um liso, outro com corda e um com o tema na vertical, novamente um com corda e outro liso. Um dos terminais foi cortado.

Os objectos em ferro começam, agora, e só agora, a circular em maior abundância. Pese o facto da maioria dos artefactos em ferro serem pregos ou cravos ou então inclassificáveis, devido ao adiantado estado de oxidação, alguns exemplares encontrados em estações do Baixo Ave revelam-se importantes. Estão, neste caso, uma sachola do Castro de Sabroso (Est. XLIX, 10) e uma falcata do Castro de Santa Marta da Falperra (CUNHA 1954b, 4; SILVA 1986, Est. XCI, 5). Há, também referência, a uma lâmina de faca da Cividade de Terroso (PINTO 1932, 85-89), e uma lâmina de tesoura, dois colares e um machado de alvado do Castro de Sabroso (KALB 1980, 27, Abb. 2, 16; PEREIRA 1903, 135).

A metalurgia do bronze parece continuar a ser a mais pujante e divulgada.

Exceptuando os objectos encontrados no Castro de Alvarelhos -um umbo (Est. LI, 2.1) e elementos de sítula- os artefactos provenientes da região são maioritariamente de uso pessoal -utilitários ou de adorno. Em minoria encontram-se os objectos relacionados com o trabalho e/ou actividades de produção, sendo de destacar 12 agulhas, encontradas na Cividade de Terroso interpretadas como instrumentos utilizados no fabrico de redes para a pesca, atendendo ao seu elevado número e à proximidade do povoado do mar (ALMEIDA 1972, 18).

Este conjunto de agulhas faz parte de um lote notável de mais de uma centena de objectos em bronze, composto também por fíbulas do Tipo Aucissa e de Tipo Fowler e alfinetes de cabelo⁶⁰ (PINTO 1932, 85-89).

No Castro de Vermoim encontrou-se uma fíbula em ómega, bem como um anzol e um alfinete, ambos de secção trapezoidal (QUEIROGA 1985a, 56).

No Castro de Sabroso acharam-se dezenas de objectos entre fíbulas de aro interrompido, alfinetes e agulhas.

⁶⁰ - Segundo registo da época só alfinetes e agulhas de bronze apareceram 70 e tal exemplares (PEIXOTO 1905-08, 679).

Ruy Serpa Pinto identificou, num conjunto de materiais registados no Museu de Antropologia do Porto como sendo de Gulpilhares, um conjunto de objectos metálicos da Cividade de Terroso, concretamente 26 fíbulas de arco e anulares, 64 *aci comatoria* e 12 agulhas de coser (PINTO 1928, 311-2).

No Castro de Penices, da ocupação correspondente a esta Fase III, exumámos 15 objectos, em bronze⁶¹, praticamente todos incompletos e bastante degradados, que passamos a descrever (Est. XXIV):

- 1 - Fíbula Tipo Aucissa⁶². - Arco largo de secção semi-rectangular, com o comprimento máximo de 26 mm e altura máxima de 10 mm. Com o pé fracturado possui charneira com eixo em ferro, mas sem fusilhão e sem botões terminais. Possui uma decoração transversal, na zona divisória entre o arco e o pé e na cartela, constituída por um motivo inciso, em espinha, no centro de 3 molduras relevadas. Apresenta um grau de deterioração elevado.
- 2 - Fíbula muito degradada Tipo Aucissa⁶³. - Arco largo decorado longitudinalmente por dois cordões separados por uma faixa lisa. Esta decoração repete-se na cartela, mas no sentido transversal. Possui o comprimento máximo de 26 mm e a altura máxima de 5 mm. Encontra-se fracturada no pé e na charneira, não possuindo nem eixo, nem fusilhão, estando ainda a cartela espalmada⁶⁴.
- 3 - Mola bilateral de fíbula, de que se conservam quinze voltas da espiral (oito de um lado, estando completo, e sete do outro, com algumas das voltas incompletas), sobre um eixo em bronze de secção circular. Possui botões terminais em tambor, decorados com três nervuras, possuindo a do meio pequenas incisões em espinha⁶⁵.
- 4 - Pequena fivela que deveria servir para cingir uma correia. O aro, incompleto e fragmentado, possui forma em D com secção semi-circular. A extremidade

⁶¹ - Todas as peças são em bronze possuindo os exemplares números 11 e 14 a utilização de eixos em ferro.

⁶² - Este exemplar, assim como o número 12 parecem corresponder ao Tipo Camulodunum C, tomando em consideração a secção do arco, a decoração e a relação da cartela relativamente à largura do arco (PONTE 1984, 121). Estas fíbulas são abundantes em castros vizinhos de Famalicão, nomeadamente em Sanfins, Briteiros e Terroso e, mais longe, no Mózinho. Exemplares estratigrafados de Conímbriga fixam-na entre o período claudiano e flávio-trajânico (*idem, ibidem*).

⁶³ - *vide* nota anterior.

⁶⁴ - Encontrámos uma fíbula com igual decoração proveniente das escavações de Conímbriga. Trata-se de um exemplar em prata, com 47 mm de comprimento e 13 mm de altura. Foi datada da 2ª metade do séc. I (Colecção do Museu Monográfico de Conímbriga, 1984, nº de catálogo 410.16, pg. 97 e ilustração 20, pg. 73).

⁶⁵ - Tendo em consideração a estrutura, esta mola poderá ter pertencido a uma fíbula tipo Sabroso ou tipo Santa Luzia. Talvez não seja de excluir ter pertencido, também, a uma fíbula tipo Transmontano. Cronologicamente, poder-se-á aceitar qualquer um destes tipos nesta fase de ocupação. Embora estas fíbulas possam surgir bem cedo no nosso território -sécs. V/IV a.C (PONTE 1984, 113-5)- elas poderão perdurar até ao séc. I da nossa era, como se documenta em Terroso e Sanfins onde exemplares tipo Sabroso são atribuíveis à fase IIIA (SILVA 1986, 187). O mesmo autor propõe para um exemplar tipo Santa Luzia do Castro de Terroso uma cronologia de meados do séc. I (*idem, ibidem*). Quanto à fíbula tipo Transmontano há exemplares atribuíveis aos finais do séc. I quer em Conímbriga, quer em Mózinho (PONTE 1984, 115).

arredondada e achatada está perfurada girando num eixo, em ferro de secção circular. O espigão de secção sub-quadrangular está, também, incompleto.

- 5 - Fíbula anular de aro interrompido. Tipo Fowler C(?)⁶⁶. Aro e secção circulares, com 24 mm de diâmetro. O fusilhão de fita enrolada em argola já não conserva a haste. Ausentes, também, os terminais que seriam espiralados.
- 6 - Fíbula anular de aro interrompido. Tipo Fowler C(?)⁶⁷. Aro e secção circulares, com 24 mm de diâmetro. Já não possui fusilhão nem os terminais do aro que, pelo estrangulamento da secção, seriam espiralados.
- 7 - Pequeno pendeloque, maciço, com secção circular e forma de crescente. Possui 19 mm de comprimento e 8 mm de diâmetro máximo. Esta peça tem a seguinte composição: Cobre - $\pm 84\%$; Estanho - 10,9%; Chumbo - 4,54%
- 8 - Cadeia com 13 elos circulares com 5 mm de diâmetro médio, e secção circular com 1 mm de diâmetro.
- 9 - Conta circular perfurada. Possui 13 mm de diâmetro e secção plano-convexa com 3 mm de espessura. Esta peça encontra-se muito degradada.
- 10 - Alfinete, fracturado na extremidade, com cabeça periforme. Possui secção circular com 3 mm de diâmetro e 53 mm de comprimento.
- 11 - Alfinete fracturado na extremidade, de secção circular, com cabeça esférica sobreposta a três toros, seguida de uma esfera assente sobre outros cinco toros. Possui de comprimento 31 mm e de diâmetro 3 mm. Uma amostra deste alfinete foi submetida a análise da sua composição química tendo-se verificado a existência de um razoável teor de estanho, mas um muito baixo teor de chumbo.
- 12 - Alfinete fracturado na extremidade, de secção circular e cabeça vasiforme. Possui de comprimento 34 mm e de diâmetro 3 mm.
- 13 - Alfinete fracturado na extremidade, de secção semi-rectangular e cabeça semi-quadrada sobre dois toros. Possui 34 mm de comprimento, 3,5 mm de largura e 2

⁶⁶ - Atendendo a que os terminais estão ausentes e o fusilhão incompleto -no caso do exemplar nº 16 o fusilhão também está ausente- há alguma dúvida quanto a estas peças pertencerem ao tipo Fowler C. A nossa classificação partiu da observação atenta das fracturas dos aros onde se nota um estrangulamento -que enfraqueceu o arame, contribuindo para a sua quebra- o que indicia que os extremos dos aros seriam recurvados em fita, uma característica do tipo Fowler C (PONTE 1984, 124). Estas peças são muito abundantes nas nossas estações entre os finais do séc. I a.C. e o séc. I da nossa era (*idem, ibidem*).

⁶⁷ - *vide* nota anterior.

mm de espessura. A análise da composição química revelou um elevado teor de estanho, e um baixíssimo teor de chumbo diferindo substancialmente do exemplar número 11, também analisado.

14 - Parte de um aro de forma circular. Possui secção circular com 2,5 mm de espessura. Na superfície exterior tem cravado, através de um rebite, uma pequena e fina chapa em bronze de forma arredondada.

15 - Rebite composto por uma chapa fina donde saem dois pernos de secção sub-quadrangular⁶⁸, com o comprimento máximo de 8 mm e 3 mm de espessura. As análises efectuadas às distintas partes desta peça demonstraram a utilização de ligas de diferentes composições. Enquanto os pernos do rebite são cobre quase puro, no caso da chapa que os prende, o teor de estanho aparece em percentagem razoável.

Quatro dos objectos atrás descritos⁶⁹ foram submetidos a análise da composição química utilizando o método da Espectrometria de absorção atómica⁷⁰.

Os resultados obtidos, relativamente à percentagem de Estanho (Sn) e Chumbo (Pb)⁷¹ apresentam-se no quadro seguinte:

Objecto	Cu	Sn	Pb
11	± 93%	6,7%	0,1%
13	± 90%	9,9%	0,04%
15A	± 99%	0,38%	0,2%
15B	± 90%	9,5%	0,22%

**Quadro 4 - Composição Química de Objectos em Bronze
do Castro de Penices (Fase III)**

⁶⁸ - Deste objecto retiraram-se duas amostras que foram analisadas separadamente. Como se trata de uma peça composta por 2 partes distintas (uma, constituída por dois pernos e outra, pela cara do rebite) decidimos efectuar duas análises no sentido de tentar identificar composições diferenciadas.

⁶⁹ - Pretendíamos efectuar a análise química de mais objectos mas, infelizmente, fomos condicionados pelo estado de conservação dos metais, que na maior parte dos casos se encontrava com um grau de deterioração extremamente elevado, impossibilitando, por consequência, a selecção de uma amostra para a realização da análise.

⁷⁰ - Vd. nota 48.

⁷¹ - Vd. nota 49.

O estudo dos resultados das análises da composição química dos objectos referenciados sugere a individualização do exemplar número 15.

A análise macroscópica tinha revelado que este objecto era constituído por dois corpos ligados entre si. A análise química efectuada nas duas partes distintas comprovou também que os dois corpos possuíam composições químicas distintas relacionáveis com as funções específicas de cada elemento. Enquanto os pernos de cobre quase puro, possuiriam grande ductilidade o que facilitaria a sua expansão quando usados, a outra parte -com considerável percentagem de estanho- veria aumentada a sua dureza, como conviria a uma superfície que seria batida vigorosamente no acto de utilização.

A relação verificada entre a composição e a funcionalidade do objecto, evidente noutros exemplares, assim como nos da Fase II, é extremamente importante pois prova o domínio técnico da metalurgia do bronze pelos artífices, expresso na intencionalidade das proporções químicas.

- Cronologia

A Fase III da Cultura Castreja é caracterizada pelas grandes transformações, visíveis em muitos dos castros do Noroeste, quer a nível da organização espacial dos povoados quer da sua cultura material. Os povoados escavados no Baixo Ave revelam sistematicamente esta realidade, traduzida no crescimento interno, na reformulação das suas estruturas ou no desenvolvimento tecnológico, particularmente evidente na viragem do Milénio. No entanto, tal como tem sido observado não é fácil estabelecer, com rigor, a sua baliza inferior (MARTINS 1990, 149), aceitando-se os finais do séc. II a.C. como hipotético marco.

O abandono do Castro de Penices em meados do séc. I d.C., em sintonia com igual fenómeno noutros povoados como sugerido para Sabroso (SILVA 1986, 32) e, na bacia do Cávado, para o Lago (MARTINS 1988c, 141) assinalarão o processo de ruptura relativamente ao modelo vigente, marcando o fim desta Fase III.

5. Padrões de assentamento

5.1 - Integração no relevo

O povoamento em sítios elevados, dispondo de condições naturais de defesa, parece não ser a única forma de habitat existente no Baixo Ave, nos finais da Idade do Bronze. Os dados disponíveis e os paralelos encontrados noutras regiões do Norte de Portugal sugerem a sua contemporaneidade com povoados tipologicamente distintos, que se vêm designando como "povoados com fossas". Trata-se de uma outra forma de habitat, caracterizada pela ocupação de sítios abertos, sem condições naturais de defesa, e que possuem fossas abertas no saibro que têm sido interpretadas como estruturas de armazenamento (JORGE S. 1988b, 91), reflectindo uma maior especialização económica destes povoados. Tudo indica que um povoado deste tipo tenha existido na Colina de Maximinos, em Braga (MARTINS 1990, 81, 200), assim como é provável que povoados semelhantes tenham existido em Beiriz, na Póvoa de Varzim (SILVA *et alii* 1993, 261, 286, Fig. 2, nº 14) e na Quinta dos Cavaleiros, Bagunte, em Vila do Conde (ALMEIDA C.A.B. 1992, 44).

A análise dos nove povoados fortificados, cuja ocupação na Fase I e localização exacta nos foi possível precisar, mostrou a preferência pelo assentamento no topo ou na periferia de elevações de média altitude, distribuídas, maioritariamente, pelo intervalo altimétrico balizado entre os 200 e os 400 metros, com um número considerável de estações assentes, aliás, em relevos com altitudes entre os 250 e os 300 metros.

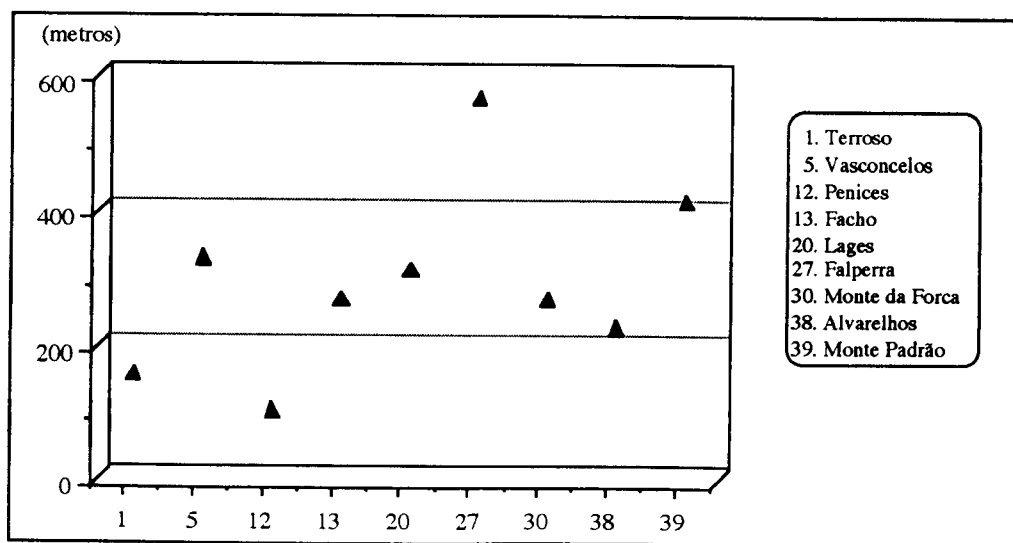


Gráfico 3 - Povoados da Fase I: Distribuição altimétrica

Apenas existe um caso, Santa Marta da Falperra, com implantação a uma cota superior aos 500 metros e, no campo oposto, só dois se situam abaixo dos 200 metros - Terroso e Penices, sendo a localização deste último extrema, pois ocupa um sítio com uma cota a rondar os 100 m.

A distribuição destes povoados preferencialmente pelas altitudes médias da região, resultará, certamente, de uma opção clara das comunidades, conforme parece evidenciar a relação entre a área correspondente ao espaço altimétrico considerado e o número de povoados que aí se situam. Efectivamente, enquanto mais de 50% dos povoados escolheram para assentamento os relevos compreendidos entre os 200 e os 400 metros, espaço altimétrico que representa pouco mais de 15% do território, apenas 22,2% (2 povoados) optaram pelo espaço altimétrico entre os 0 e os 200 metros que representam 79,4% do total do território considerado. Esta situação extrema-se ainda mais se juntarmos, igualmente, os povoados cuja ocupação durante o Bronze Final não ficou completamente esclarecida. Neste caso a percentagem de povoados situados no intervalo altimétrico 200-400 metros passaria de 55,6% para 66,7% e no intervalo 0-200 metros de 22,2% para 16,7%.

intervalos altimétricos	superfície (%)	povoados (total)	povoados (%)
0-50 m	16.7	0	-
51-100 m	24.6	1	8.3
101-200 m	38.1	1	8.3
201-400 m	16.5	8	66.7
> 400 m	4.1	2	16.7

Quadro 5 - Povoados da Fase I¹: Distribuição altimétrica

Os dados parecem, assim, apontar para uma exclusão relativamente à ocupação do vale, bem como de alguns dos relevos mais acentuados da região. Nestes o clima é mais rigoroso nos meses frios, os campos de cultivo férteis mais escassos e as comunicações mais difíceis.

A opção pelos relevos intermédios poderá resultar da manifesta facilidade de acesso a um largo espectro de recursos económicos que o vale e as zonas de planalto permitiriam.

¹ - Consideram-se, neste quadro, os povoados do Monte da Saia, Bagunte e Sabroso, cuja ocupação, nesta Fase, não foi possível provar.

De realçar, no entanto, que alguns dos cumes dos interflúvios foram ocupados, como Santa Marta da Falperra (563 m) na linha divisória das sub-bacias do Ave e do Este e Monte Padrão (413 m) na da bacia do Ave com a do Leça. Esta ocupação permite à Falperra, como se pode observar no mapa da Est. LVIII, visualizar um total de três povoados, distinguindo-se, notoriamente, do padrão regular detectado que corresponde à visualização, apenas, do vizinho mais próximo. No extremo ocidental do território Bagunte detém situação semelhante, estabelecendo contacto com três povoados -Terroso, Penices e Saia, só que não foi provada a contemporaneidade com Bagunte e, dos dois, com Penices. Não existe, ainda, visibilidade total entre todos os povoados, já que de Alvarelhos não se vê, aparentemente², nenhum outro povoado da Bacia do Ave, assim como não há visibilidade entre os conjuntos da parte Noroeste com os da parte Ocidental.

A Fase II é caracterizada por um único tipo de habitat - povoados em altura, em sítios com boas defesas naturais, agora com vestígios claros de sistemas defensivos artificiais. Relativamente à Fase precedente verifica-se uma ruptura expressa na ausência dos habitats abertos -os denominados "povoados com fossas". Também assinalamos o abandono de pelo menos dois povoados assentes em altura, em sítios com boas condições naturais de defesa, ocupados anteriormente - Lages e Vasconcelos, no concelho de Braga.

A manifesta dificuldade encontrada na identificação da totalidade dos povoados com ocupação na Fase II, já atrás referenciada, não permite que se façam grandes considerações relativamente à estratégia do assentamento. Os dados disponíveis, que admitimos serem representativos de apenas uma parte do conjunto total, sugerem a continuação da mesma preferência pelo assentamento no topo ou na periferia de elevações de média altitude, distribuídas pelo intervalo altimétrico balizado entre os 200 e os 400 metros e a mesma falta de apetência pela ocupação das zonas de baixa altitude.

Para a Fase III dispomos da informação respeitante a 34 povoados que se distribuem entre os 570 metros - o sítio mais alto - ocupado pelo Castro de Pau de Bandeira e os 14 metros - o sítio mais baixo - ocupado pelo Castro de S. Paio, de Labruge.

² - Aparentemente, porque a vegetação e a inexistência de pontos de referência nalguns dos povoados torna difícil a sua observação. No entanto, para ultrapassarmos este impedimento, traçamos na cartografia 1:25.000 perfis topográficos inter-povoados, como auxiliar de análise. No caso de Alvarelhos não ficou, completamente, esclarecida a sua relação com o Monte Padrão, que admitimos seja possível visualizar.

A observação do Gráfico nº 4 sugere, claramente, que o assentamento se revela bastante distinto, relativamente às fases anteriores. Torna-se perceptível uma modificação na estratégia de ocupação espacial, bem expressa no assentamento em áreas de baixa altitude, particularmente na fachada litoral.

Embora a maioria dos povoados continue a ocupar o topo ou a periferia de elevações de média altitude, distribuídas pelo intervalo altimétrico balizado entre os 200 e os 400 metros -até porque admitimos não ter havido interrupção na ocupação dos povoados da Fase anterior- encontrámos agora um número crescente de estações assentes em relevos com altitudes superiores a 400 metros, atingindo 3 deles quase os 600 metros. Da mesma forma, o intervalo altimétrico abaixo dos 200 metros recebe um conjunto quantitativamente importante, no total de 11 povoados, representando 32,4% do todo.

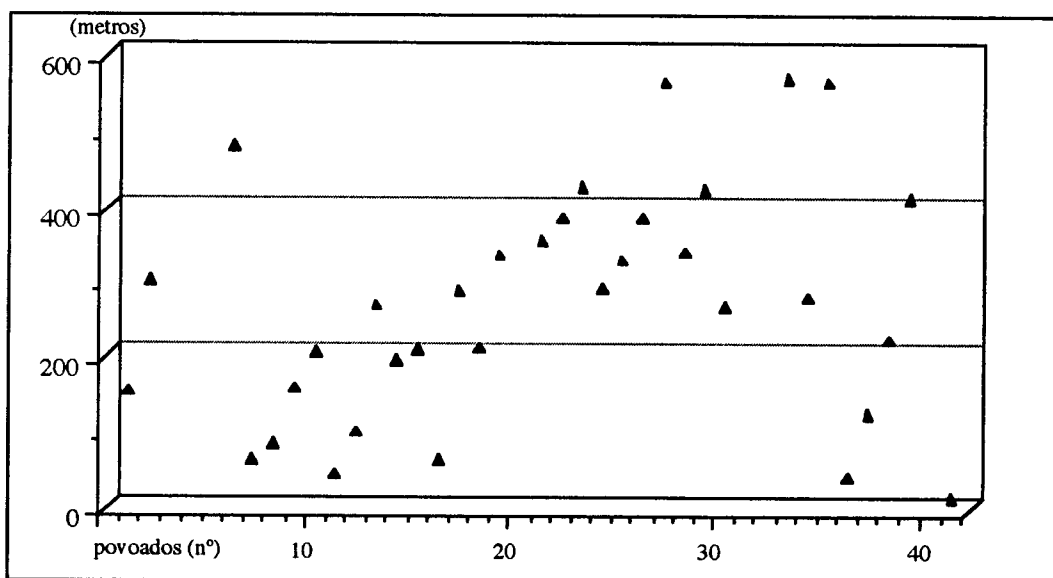


Gráfico 4 - Povoados da Fase III: Distribuição altimétrica

Esta nova realidade ganha maior expressão se individualizarmos os relevos inferiores a 100 metros, representativos de 40% da superfície total do Baixo Ave, e que suportam mais de 20% dos povoados da Fase III. Este valor, no futuro, poderá vir a revelar-se, ainda superior, já que admitimos que a intensificação de trabalhos de prospecção sistemática possam fornecer mais exemplares, sem contar com os já desaparecidos, cujo melhor exemplo é o do Castro de S. João de Vila do Conde que se situava no morro do Mosteiro de Santa Clara e que, provavelmente, estaria ocupado nesta Fase.

intervalos altimétricos	superfície (%)	povoados (total)	povoados (%)
0-50 m	16.7	3	8.8
51-100 m	24.6	4	11.8
101-200 m	38.1	4	11.8
201-400 m	16.5	16	47.0
> 400 m	4.1	7	20.6

Quadro 6 - Povoados da Fase III: Distribuição altimétrica

A análise da intervisibilidade entre povoados, ocupados nesta Fase, apresentada graficamente no mapa da Est. LIX, permite-nos demarcar alguns aspectos particulares:

- Em primeiro lugar, é notório o controle sobre o vale do curso médio do rio Ave, assim como do vale do curso inferior do rio Este.

- Não existe uma visibilidade total entre os castros do Baixo Ave, com ocupação nesta Fase, pois do Castro da Retorta não é possível avistar nenhum.

- Distingue-se, claramente, um conjunto de povoados, dispondo duma visibilidade superior em relação aos restantes, mantendo contacto visual com cinco, seis ou mais castros, e que, genericamente, corresponde às estações que assumiram maior protagonismo nesta Fase, traduzido no crescimento interno do povoado e na complexificação dos seus sistemas defensivos.

5.2 - Tipologia dos assentamentos

Um conjunto de características, no tocante à sua integração na paisagem, poderão permitir enquadrar os assentamentos em três tipos distintos:

Tipo 1 - Assentamento em altura:

Caracteriza-se pela ocupação do topo ou a periferia de elevações de média ou baixa altitude, sempre bem destacadas na paisagem e abrangendo uma área visual de extensão muito considerável para a região. Trata-se do tipo de assentamento mais comum, representado por cerca de 60% dos povoados.

À excepção do Castro de Santa Tecla, em Famalicão, todos os povoados situados no topo de outeiros (Sub-tipos 1A e 1B), possuem dimensões consideráveis e sistemas defensivos de certo aparato, com três ou mais muralhas. Um dos traços comuns parece ser o grande desenvolvimento que estes povoados conheceram na última fase da Cultura Castreja, conforme sugeriram as escavações efectuadas na Cividade de Terroso e no Castro de Santa Marta da Falperra e o Monumento para Banhos Castrejo do Castro do Monte da Saia, em Barcelos. A cronologia dos povoados incluídos neste tipo é variável. Em dois povoados - Terroso e Falperra, confirma-se uma ocupação desde o Bronze Final.

Os povoados assentes em cabeços no centro ou rebordo de rechãs (Sub-tipos 1C e 1D) possuem dimensões variáveis, desde os muito grandes - caso dos Castros das Eiras ou Santa Cristina, em Vila Nova de Famalicão, até aos muito pequenos como por exemplo o Castro de Sabroso. Os sistemas defensivos são, no geral, complexos, com vários circuitos de muralhas e fossos nos lugares mais vulneráveis, que podem ser em número considerável como o observado nos Castros de Facho e Vermoim, em Vila Nova de Famalicão.

Pelo menos três destes povoados foram ocupados desde o Bronze Final e, em muitos deles, nota-se um grande desenvolvimento ocorrido na Fase III.

Considerando a altitude absoluta, a altitude relativa ao vale e o posicionamento no relevo poderemos distinguimos os quatro sub-tipos seguintes:

1A - Topo de um outeiro em altitude - Os povoados com esta localização ocupam, geralmente, os relevos mais imponentes da região, por vezes os cumes das linhas divisórias de bacias hidrográficas, estão rodeados de boas condições naturais de defesa e dominam pela altura todo o espaço circundante. Possuem altitude absoluta acima dos 300 metros e altitude relativa ao vale superior aos 200 metros. Os povoados de Santa Marta da Falperra, Monte da Saia, Eiras Velhas, S. Miguel-o-Anjo de Vermil e Santa Tecla incluem-se neste sub-conjunto.

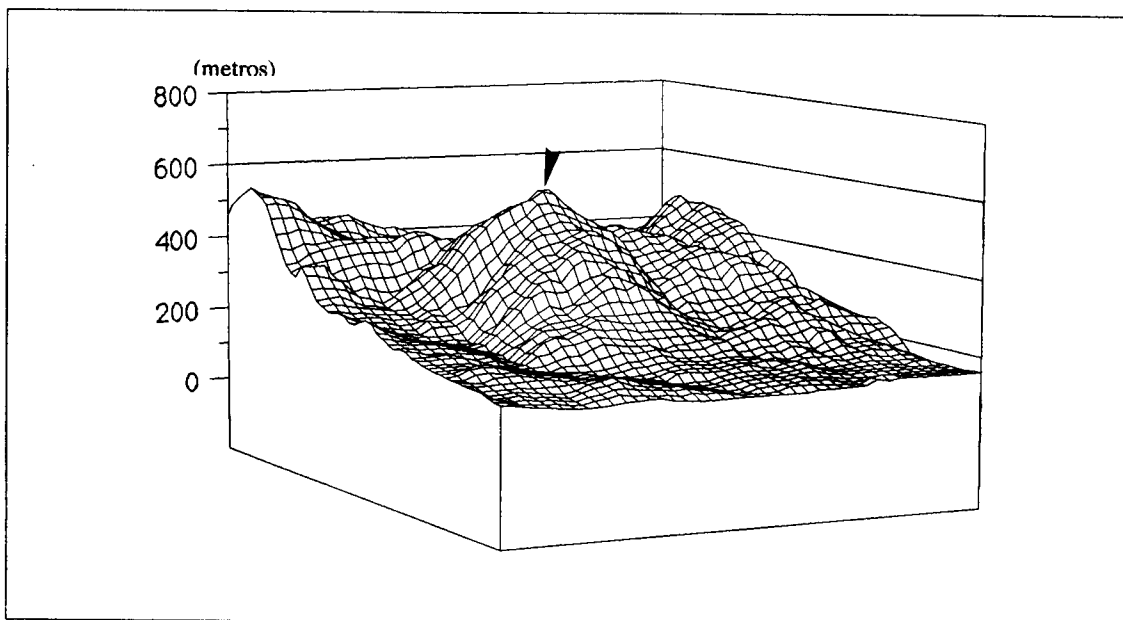


Fig. 1 - Castro de Santa Marta da Falperra. Povoado do Sub-tipo 1A

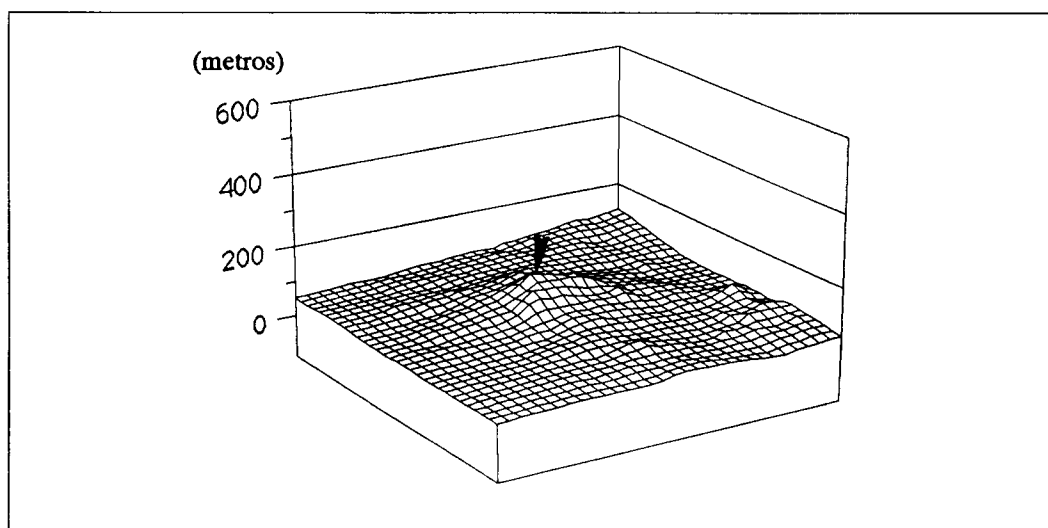


Fig. 2 - Cividade de Terroso. Povoado do Sub-tipo 1B

1B - Topo de um outeiro de baixa altitude - Possuem características idênticas aos povoados 1A, mas com altitude absoluta abaixo dos 300 metros e altitude relativa ao vale inferior aos 200 metros. Integram-se neste grupo a Cividade de Terroso e os Castros de S. Miguel-o-Anjo de Calendário e S. Miguel-o-Anjo de Ruivães.

1C - Cabeço no centro ou rebordo de uma rechã, em altitude - Os povoados com esta localização, por vezes também assentes em remates de esporão, evidenciam-se bem no relevo, à excepção de um dos seus lados, onde o destaque é menor. Estão rodeados de boas condições naturais de defesa e dominam pela altura grande parte do espaço circundante. Possuem altitude absoluta acima dos 300 metros e altitude relativa ao vale superior aos 200 metros. A este sub-tipo pertence o maior número de povoados, nomeadamente Vasconcelos, Monte Padrão, Monte das Eiras, Monte dos Picos, Pau de Bandeira, Vermoim, S. Bartolomeu, Alvarelhos, Monte Redondo e Santa Cristina.

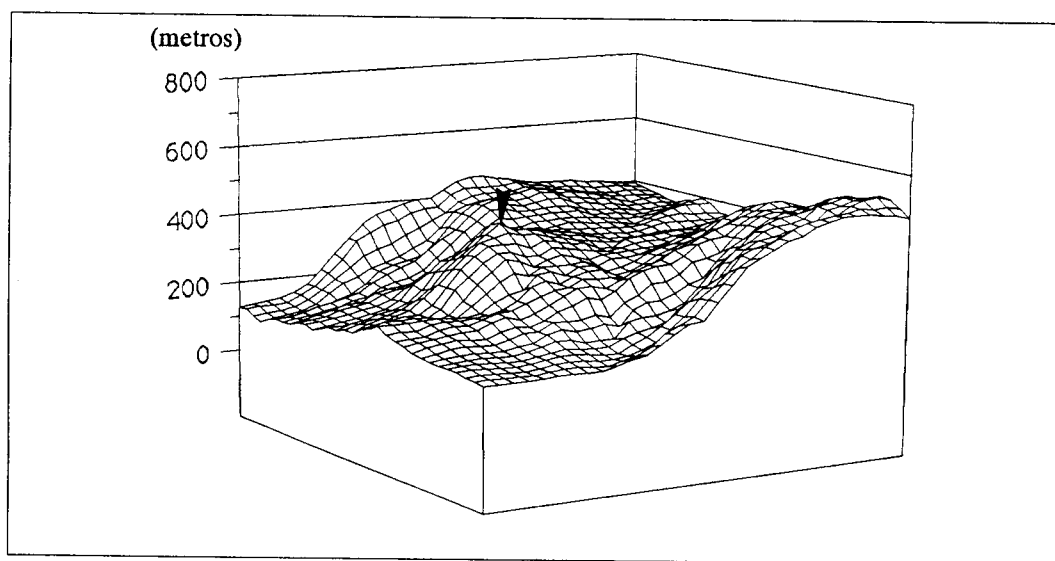


Fig. 3 - Castro do Monte Padrão. Povoado do Sub-tipo 1C

1D - Cabeço no centro ou rebordo de uma rechã, de baixa altitude - Possuem características idênticas aos povoados 1C, diferenciando-se pela altitude absoluta que, neste caso, se situa abaixo dos 300 metros e pela altitude relativa ao vale que é inferior aos 200 metros. Integram-se neste grupo a Cividade de Bagunte e os Castros das Ermidas, de Sabroso e do Facho.

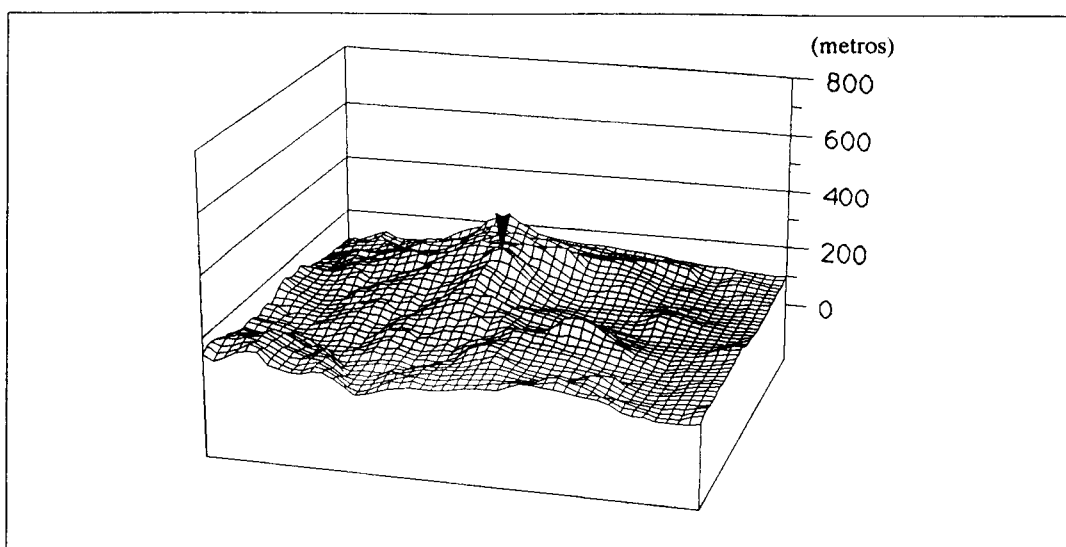


Fig. 4 - Castro do Facho. Povoado do Sub-tipo 1D

Tipo 2 - Assentamento na vertente:

Contempla estações situadas em esporões, adjacentes às elevações mais proeminentes nas quais se situam os povoados do tipo anterior, ou num pequeno cabeço que se destaca ligeiramente da linha da ladeira. Regra geral, estão rodeados por pendentes pronunciadas em pelo menos três dos lados o que lhes confere excelentes condições naturais de defesa, limitando, no entanto, as suas dimensões. A análise dos povoados deste tipo revelou que eles mantêm pequenas dimensões, mesmo durante a Fase III, e um sistema defensivo caracterizado pela existência de uma ou, no máximo, duas muralhas e o reforço com taludes e fossos no lado mais vulnerável.

A sua ligação com o vale é bastante mais evidente, se bem que não prejudicando um domínio da paisagem, nalguns dos casos notável, no entanto, preferencialmente orientado para um sítio determinado. Enquadram-se neste tipo 9 povoados, representando 24% do total.

A cronologia dos povoados incluídos neste tipo é variável. Existem alguns com ocupação do Bronze Final que ou são abandonados, no caso de Lages, ou continuam ocupados até ao final do Milénio, como se verifica no Castro de Penices. Os materiais de superfície observados nos Castros da Bóca, do Cruito e da Torre Alta deixam-nos a impressão de podermos estar perante povoados que só terão surgido durante a Fase III e, provavelmente, já num momento avançado.

Considerando o posicionamento dos povoados em relação ao topo do relevo e ao vale, poderemos distinguir três sub-tipos:

2A - Cabeço ou esporão em altitude - Ocupam remates de esporão ou pequenos morros destacados na ladeira, em posição de maior proximidade ao topo do relevo. Incluem-se neste sub-tipo os povoados do Alto do Crasto, Lages, Monte da Forca e Argifonso.

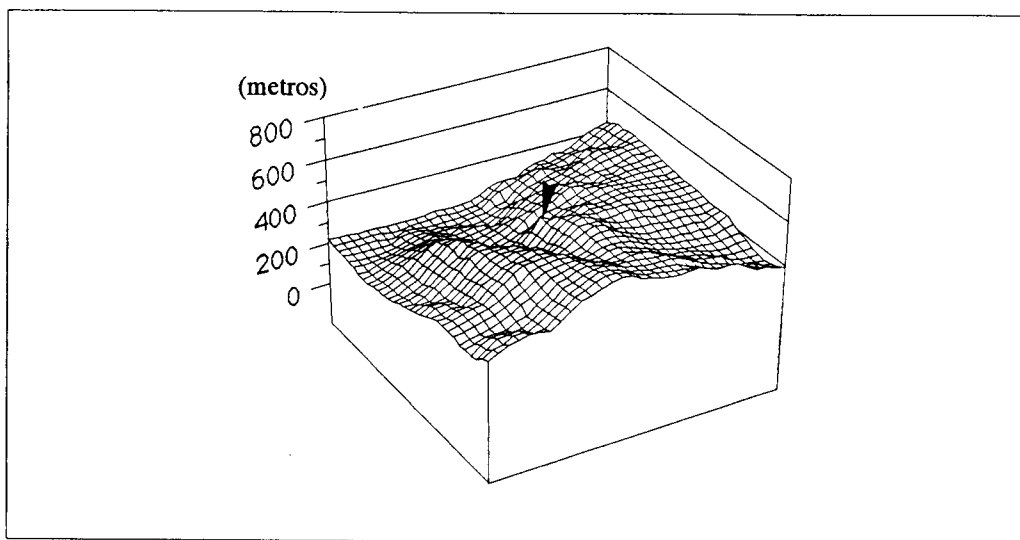


Fig. 5 - Alto do Crasto. Povoado do Sub-tipo 2A

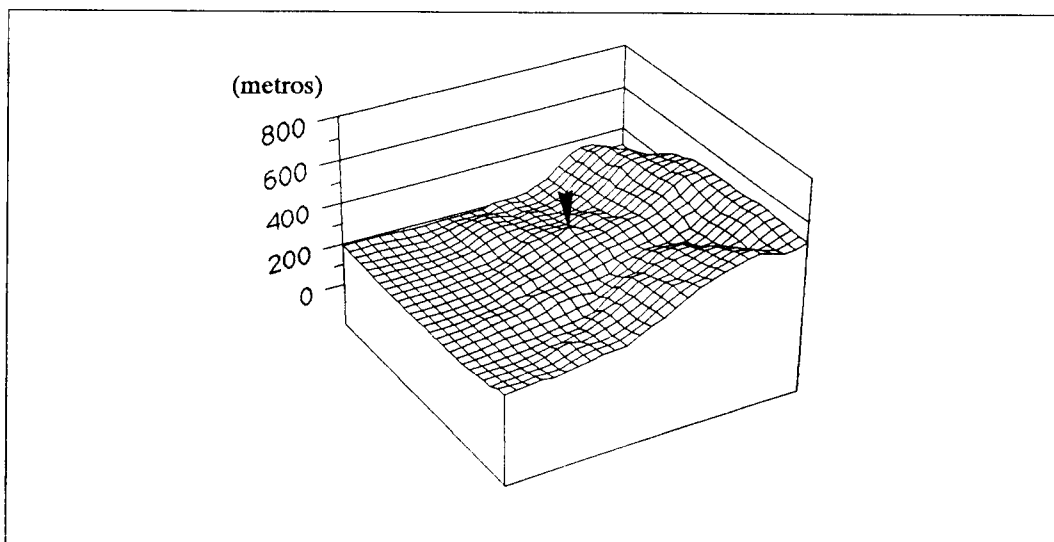


Fig. 6 - Castro da Consolação. Povoado do Sub-tipo 2B

2B - Cabeço ou esporão a meia encosta - As características são idênticas ao sub-tipo anterior, com a particularidade de estarem a uma distância sensivelmente igual quer ao topo do relevo quer ao vale. Incluem-se neste grupo os Castros da Consolação e da Bóca.

2C - Cabeço ou esporão a baixa altitude - As características são idênticas às dos dois sub-tipos anteriores com a particularidade de uma maior proximidade ao vale. Incluem-se neste sub-conjunto os Castros de Penices, Torre Alta e Cruito.

O Castro de Penices apresenta uma característica única, já que o remate de esporão em que assenta é circundado pelo rio Este, proporcionando-lhe as pronunciadas escarpas, excelentes condições naturais de defesa, em três dos seus lados.

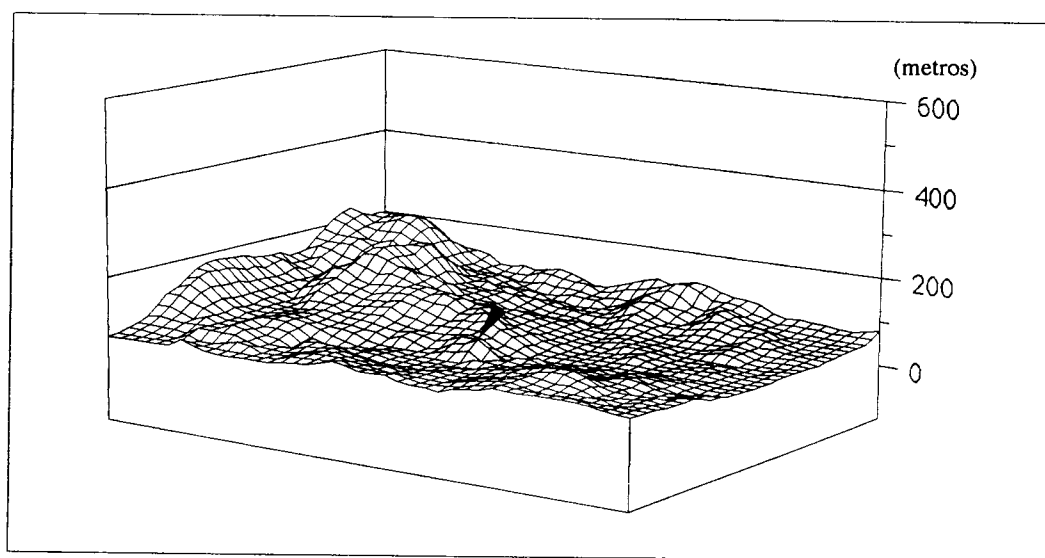


Fig. 7 - Castro de Penices. Povoado do Sub-tipo 2C

Tipo 3 - Assentamento na planície:

Neste tipo integram-se estações da plataforma litoral, nomeadamente os Castros de Retorta, Santagões, Casais, Ferreiró, Boi e Labruje, todos no concelho de Vila do Conde, representando 16% do conjunto de estações consideradas.

Contempla estações assentes em montes de baixa altitude, no centro da planície ou em posição sobranceira aos rios ou ao mar, com uma grande acessibilidade às zonas agrícolas sistematicamente integrada nos terraços fluviais. No geral as condições naturais de defesa são más, se bem que o domínio visual nem sempre seja demasiado restrito.

A altitude, sempre inferior a 125 m atinge a sua menor expressão no Castro de S. Paio, em Vila do Conde, num local sobranceiro ao mar do qual se eleva apenas 14 m.

As observações recolhidas nos povoados deste tipo parecem apontar para a existência de sistemas defensivos de pouca envergadura. Ressalvando, provavelmente o Castro do Boi, em Vila do Conde, todos os outros parece terem ocupado um único recinto, protegido por uma muralha, talude e fosso.

Não conhecemos a cronologia destes povoados, se bem que pelos materiais de superfície nos tenha ficado a impressão de poderem corresponder a um momento de ocupação tardio, provavelmente já bem dentro da Fase III. Apenas um povoado, S. Paio, foi escavado no Verão passado, não tendo sido ainda publicados os resultados dos trabalhos. Numa visita que efectuámos ao local, durante a intervenção arqueológica, observámos uma estrutura circular com lareira, com aparelho idêntico ao de estruturas que conhecemos dos finais do Milénio, o que estaria em sintonia com algumas cerâmicas recolhidas.

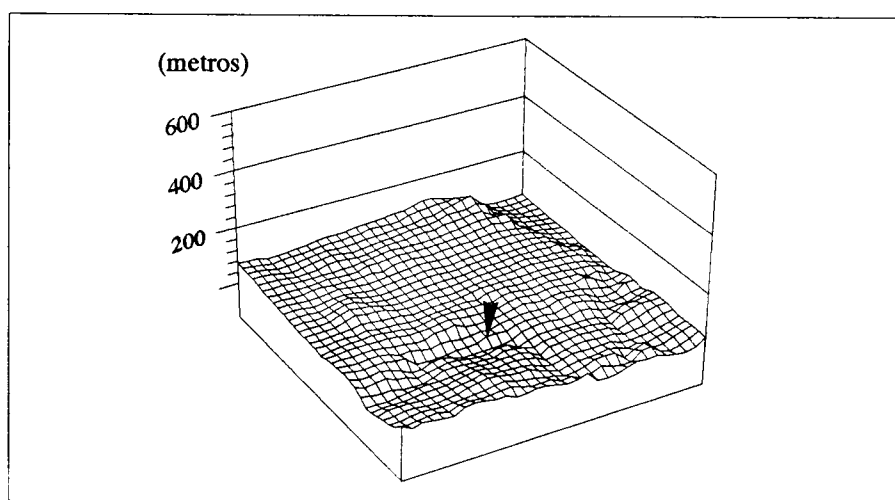


Fig. 8 - Castro de Ferreiró. Povoado do Tipo 3

5.3 - Relações com o meio

Uma análise à distribuição pelo território dos povoados com ocupação na Fase I, chama-nos a atenção para um conjunto de espaços vazios, alguns deles de considerável extensão. Ressalvados os casos entretanto ocupados, nas Fases II e III, e mais alguns, especialmente nas zonas baixas, que poderão vir a ser preenchidos à medida que as prospecções de campo se intensificarem, há espaços que nos parece terem sido excluídos ao longo de todo o I milénio a.C. Referimo-nos, concretamente, à faixa Paleozóica que atravessa o território de Sul para Norte e que é bordejada pelos povoados de Alvarelhos, Ferreiró, Bagunte, Argifonso, Casais e Terroso, pela banda Ocidental, e Monte Padrão, S. Miguel-o-Anjo de Calendário, Facho, Penices e Monte da Saia, pelo lado Oriental. A distribuição destes onze povoados ao longo da mancha xistenta, mas sempre fora dela, parece demonstrativa de uma exclusão objectiva deste contexto geológico, aliás, repetida na parte Oriental Norte do território. Efectivamente, uma outra mancha de xistos que ocorre a Leste da cidade de Braga não foi escolhida para local de assentamento de quaisquer povoados, estando igualmente rodeada por um conjunto de estações: Sabroso, pelo lado Sul, Alto do Crasto, de Leste, Falperra a Ocidente, e a Nordeste ficaria o Castro de Ferreiros. O único povoado que, poderíamos dizer, assenta no xisto, é o Castro da Consolação, se bem que, mesmo este caso, resulte curioso pois no local tanto aflora o granito como o xisto altamente metamorfozado.

- Qual poderá ter sido a razão para a não escolha dos terrenos xistentos para assentamento dos povoados?

Note-se que o não assentamento dos povoados não implicaria, necessariamente, o não aproveitamento dos recursos económicos que essas áreas poderiam fornecer, especialmente as ocorrências de metal que estes contextos geológicos possuíam, em particular, o estanho. Aliás, pelo menos desde a Fase II, dispomos de algumas evidências arqueológicas de práticas metalúrgicas, em povoados situados no limite destas manchas, como, por exemplo, no Castro de Penices e na Cividade de Terroso. Sabemos, também, que o final da Idade do Bronze no Noroeste do país se caracteriza por uma grande circulação de artefactos metálicos, muitos deles de produção local como ficou demonstrado para Castelo de Matos (FIGUEIRAL-

QUEIROGA 1988) e para Baiões (SILVA *et alii* 1984, 75-76), e que a exploração de estanho assumiria especial importância.

A proximidade de recursos auríferos, relativamente à Cidade de Terroso e de recursos estanhíferos em relação ao Castro de Penices e a outros povoados, leva-nos a admitir, por conseguinte, também, a valorização dos circuitos de produção/circulação de metais no contexto da escolha do sítio para assentamento dos povoados fortificados.

A economia de subsistência que os povoados da Fase I parecem sugerir deveria implicar, certamente, para a obtenção dos recursos indispensáveis, o menor gasto para o maior lucro. Nesta circunstância, não nos parece que os solos derivados dos xistos e outras rochas do Paleozóico correspondessem à condição atrás enunciada, dada a inferior fertilidade e o amanho mais difícil que lhes são reconhecidos.

A distribuição dos povoados fortificados relativamente aos rios principais do território -o Ave e o Este- não obstante obedecer a uma certa regularidade espacial, parece indicar alguma variabilidade que poderá resultar de uma estratégia determinada.

A análise da acessibilidade, baseada no tempo dispendido, utilizando este factor como mais objectivo que a distância absoluta ao rio, revelou uma constante de cerca de uma hora em relação ao rio Ave e de cerca de meia-hora ao Este. O Castro de Penices é o único povoado com ocupação desde a Fase I situado junto ao rio, o Este, que lhe serve, aliás, de defesa natural em parte do seu perímetro e, pelo menos aparentemente, só na Fase III é que encontramos um conjunto de povoados valorizando sítios junto aos rios ou ao mar, concretamente Torre Alta, Santagões, Retorta, Ferreiró, Casais e Labruge. Estes 6 povoados, aos quais poderíamos juntar os desaparecidos castros de S. João, em Vila do Conde, e Ferreiros, em Braga, poderão revelar uma nova estratégia de povoamento castrejo, usufruindo o rio como sistema natural de defesa, como fonte de abastecimento de água e de recursos alimentares e, talvez, como via de comunicação.

Os rios Ave e Este deveriam possuir um potencial económico considerável, que não seria de desprezar. Para já, não está excluída a hipótese, se bem que os textos clássicos o não refiram em concreto³, da ocorrência nestes rios de metais aluvionares - ouro e estanho. No

³ - Existem diversas referências dos autores clássico à riqueza mineira do Noroeste Peninsular e, particularmente, à região do Entre-Douro-e-Minho, assim como à sua exploração aluvionar (ESTRABÃO III, 2, 8-9; PLÍNIO XXXIV, 47)

entanto a existência de variadas espécies piscícolas, quer as residentes, barbos, vogas, escalos e trutas, quer as que subiam os cursos de água durante o período da desova, nomeadamente o salmão⁴, o sável e a lampreia, hoje extintas, mas atestadas ainda na bibliografia dos séculos XVIII (COSTA 1706, I, 98; CARDOSO 1758, Cfr. SILVA J. 1981, 349), poderiam representar um recurso complementar importante na dieta alimentar das populações⁵.

A distância de uma hora, ou ainda mais, que a maioria dos povoados leva a aceder ao rio Ave, não seria impeditiva do seu aproveitamento económico, pois parece-nos pouco provável que as comunidades castrejas desperdiçassem tão importante fonte de recursos, embora esta impressão não se alicerce em quaisquer fundamentos materiais, pois o único artefacto associável à exploração piscícola é um anzol de bronze encontrado no Castro de Vermoim que, no entanto, não atesta o seu uso no rio Ave.

Este fenómeno do afastamento em relação ao rio poderá ser interpretado como uma medida cautelar relativamente a alguma ameaça que pudesse advir da utilização do rio ou da sua zona marginal como via de penetração⁶, aliás, em consonância com o sugerido para a implantação do Castro de Alvarelhos e da Cividade de Bagunte em sítios suficientemente distantes do mar (ALMEIDA C.A.B. 1992, 59). Parece-nos que a localização da Cividade de Terroso, se bem que mais próxima do mar do que aqueles dois povoados, mas a mais de 1 hora de caminho, poderá apoiar aquela hipótese. Neste caso, e não obstante a distância, está comprovada a utilização dos recursos marinhos, quer costeiros -recollecção de lapas, mexilhões, caramujos, ouriços do mar e *Nucella lapillus* (SILVA 1986, 114), quer em águas mais profundas, aceitando-se a interpretação funcional das agulhas recolhidas na estação (ALMEIDA 1972, 18).

A distância de uma hora, a pé, verificada para um conjunto de 9 povoados, relativamente aos rios principais - Ave e Este, poderá resultar da apropriação destes acidentes

⁴ - A respeito da freguesia de *S. João de Ayrão* (Guimarães), é dito: (...) *Nesta Freguesia sobre o rio Ave está a ponte de S. João de baixo, da qual continuamente se estão vendo tão grandes barbos, como salmoens, sem os poderem pescar, pelas difficultosas lapas que alli ha* (COSTA 1706, I, 98).

⁵ - A importância económica da captura de lampreias no rio Ave seria considerável, durante a Idade Média, como evidencia a Inquirição de D. Afonso III (Cfr. PIMENTEL 1902, 59).

⁶ - Ao recordarmos o episódio do ataque normando ao Castelo de Vermoim, no séc. XI, somos levados, de novo, a pensar na importância que o rio Ave sempre terá representado no contexto das vias de penetração deste território e, como consequência, a valorizarmos esta hipótese que não exclui, evidentemente, a utilização do rio como recurso.

naturais como limites territoriais dos povoados, num contexto de definição de áreas de exploração de recursos e no âmbito de uma maior competição pela terra.

Esta hipótese interpretativa resulta duma aproximação ao tempo ideal de exploração de recursos das comunidades de agricultores, calculado por I. Davidson e G. Bailey (1984, 30-31), na sequência da aplicação do "*Site Catchment Analysis*", método iniciado por Vita Finzi e Higgs.

Segundo este modelo, as comunidades de agricultores usarão os recursos situados, preferencialmente, num raio de 5 Km, distância esta que transformada em tempo de marcha equivalerá a 1 hora. Todavia, esta medida aplicada à realidade física encurta a distância por força da topografia do terreno que, não sendo tomada em consideração, poderá conduzir a grandes distorções, nos casos em que o relevo for muito acentuado.

Baseando-nos naquele método, definimos os hipotéticos territórios de exploração dos povoados com ocupação na Fase I -9 comprovados e 3 hipotéticos-, e dos "Povoados centrais" da Fase III⁷ -num total de 13 unidades⁸.

O resultado obtido, pelo menos sob um ponto de vista teórico, parece revelar alguns aspectos importantes para a abordagem da relação entre as comunidades e o meio, assim como questionar os eventuais factores que possam explicar a própria opção pela posição ocupada pelo povoado.

A análise do mapa da Est. LX individualiza, claramente, dois núcleos de povoamento. O primeiro destes conjuntos, situado em redor do troço inferior do rio Este, inclui os povoados de Terroso, Bagunte, Penices, Monte da Saia e Monte do Facho. O outro, situado no limite Nordeste do território estudado, com um povoamento ordenado no interflúvio Este-Ave, é composto pelos povoados de Monte da Forca, Sabroso, Lages, Vasconcelos e Falperra, este último no cume central, separador das duas sub-bacias.

A distância média entre os povoados vizinhos é de 5,25 Km com distâncias mínima e máxima, respectivamente 5 e 6 Km, para o primeiro conjunto. Relativamente ao segundo núcleo, a distância média é de 5,5 Km, sendo os extremos de 4,5 e 7 Km.

⁷ - Os critérios utilizados na definição desta categoria de povoados assentou no seu grande tamanho e na existência de sistemas defensivos com 3 ou mais muralhas. Outros itens como a existência de ordenamento proto-urbano, de estruturas de excepção -caso dos balneários castrejos- e o acentuado grau de romanização reforçaram, também, a opção.

⁸ - Atendendo à dificuldade de tipificar cronologicamente os povoados da Fase II, omitimos, deliberadamente, conclusões mais alargadas acerca da sua inter-relação espacial.

Os dois conjuntos atrás referenciados excluem os povoados de Alvarelhos e Monte Padrão, no concelho de Santo Tirso, separados por uma distância de 14 Km, grosso modo correspondendo à mancha do Paleozóico que atravessa de Sul para Norte todo o território do Baixo Ave.

Esta concentração dos povoados, partilhando nichos ecológicos semelhantes, poderá reflectir pouca variabilidade económica e a sua não especialização. Todos os povoados estão assentes em terrenos, hoje com utilização florestal e, exceptuando Santa Marta da Falperra, acedem a solos susceptíveis de utilização agrícola, no máximo, em cerca de 15 minutos⁹. O território potencialmente explorável de 60 minutos amplia, obviamente, a diversidade morfológica dos territórios de 15 e 30 minutos podendo individualizar, no conjunto, os povoados do Monte Padrão e da Falperra, aparentemente, menos aptos para a exploração agrícola, se bem que alguns dos solos do planalto possam ser adequados para o cultivo de espécies vegetais. Na eventualidade de poder ter existido restrição à agricultura, como quer parecer pela análise do mapa, a produção poderia ser compensada pela prática mais generalizada do pastoreio, em conformidade com dados recolhidos pela nossa própria experiência no Castro do Crastoeiro, em Mondim de Basto. A reconstituição da cobertura vegetal, apoiada nos resultados da análise antracológica, provou a transformação da floresta de carvalhos em espaço aberto, como resultado da excessiva utilização do ambiente natural, que a escassez de sementes carbonizadas encontradas nas amostras de sedimentos e a ausência de sinais de práticas metalúrgicas levou a interpretar como reflectindo um tipo de economia baseada na criação de animais domésticos e na pastorícia (FIGUEIRAL 1990, 118; 1993, 219).

O exemplo enunciado mostra bem a importância que assumem os estudos Paleo-ambientais, em geral, e a Antracologia e a Carpologia, em particular, como contributo na

⁹ - A utilização dos Esboços da Capacidade de Uso dos Solos, única cartografia à escala 1:25.000 disponível para o território, resulta problemática em virtude dos parâmetros de uso do solo se reportarem à actualidade. Extrapolar, portanto, para o I Milénio a.C. a realidade actual, pressupõe um certo abuso, devido às transformações ocorridas por acção de processos de erosão (MARTINS 1990, 197), não obstante haver, opiniões contrárias, como é sugerido para o vale do Ulla, onde se defende que os solos não tenham sofrido grandes transformações desde a época castreja até ao presente (CARBALLO ARCEO 1989, 511). Nesta circunstância muitos dos solos, hoje de utilização florestal, situados em plano ou pequenas plataformas das vertentes, junto dos castros, poderiam ter tido utilização sistemática para a prática agrícola (QUEIROGA 1992, 50). Assim, cientes de que os melhores solos se situam na planície aluvial e que os solos das vertentes e da montanha terão sofrido grande impacto por acção da erosão, utilizámos a cartografia como um referencial, sem o valorizar excessivamente, e socorremo-nos, também, nesta análise, das impressões por nós colhidas nos sítios.

clarificação das actividades de subsistência das comunidades proto-históricas. Efectivamente, só agora começa a ser precisada a matriz económica castreja, num quadro de ruptura com uma imagem tradicional, assente nas fontes clássicas, que sobrevalorizavam a recollecção por oposição a uma agricultura rudimentar, assente no trabalho feminino (ESTRABÃO III, 3, 7; 4,17; PLINIO XVI, 15; JUSTINO XLIV, 3, 7, 10).

Embora a recollecção tivesse assumido um papel importante no conjunto das actividades produtivas, em especial a da bolota, identificada praticamente em todos os povoados proto-históricos desde a sua fase mais antiga, esta prática deverá ser entendida como uma actividade complementar, tal como a caça e a pesca (VÁZQUEZ VARELA-POMBO MOSQUERA 1991, 123). A análise de madeira carbonizada proveniente de amostras de contextos arqueológicos dos finais do I Milénio a.C., dos castros de Penices e Ermidas, mostra que além daquele fruto, outros existiam e poderiam ser utilizados na alimentação, tais como castanhas, nozes, figos e peras (FIGUEIRAL 1990, 121), e avelãs¹⁰ (FIGUEIRAL, no prelo). Também as cerejas e as ameixas estariam disponíveis, assim como frutos da tramazeira (*Sorbus aucuparia*), se bem que estas evidência tenham sido colhidas fora do Baixo Ave. Os dois primeiros frutos foram identificados no castro do Cruito, em Baião, a partir da análise da respectiva madeira (*idem, ibidem*), quanto ao fruto da tramazeira, árvore que se pode encontrar na Serra do Gerês, foi identificado no castro de Cameixa, no nível IV (LÓPEZ CUEVILLAS-LORENZO FERNÁNDEZ 1986, 20).

O achado de um anzol, em bronze, em contextos do séc. I a.C., do castro das Ermidas (QUEIROGA 1990, 56), atesta a prática da pesca à linha, provavelmente, no rio Este, o qual dista menos de meia hora do povoado. É mais um dado da utilização dos recursos piscícolas, dos cursos fluviais, a acrescentar ao atrás referido para o castro de Vermoim.

O conjunto de seixos do rio, truncados nas superfícies laterais, provenientes do castro de Labruje (LANHAS-BRANDÃO 1969, 331-335), são, também, um indicador da pesca à rede, neste caso marinha. Além do peixe¹¹ e dos moluscos, cuja utilização foi registada na

¹⁰ - A avelaneira foi identificada em níveis de meados do I Milénio a.C. do castro de Penices (Famalicão). A sua presença foi também detectada no Castro de Cortegada, num nível dos finais do séc. III a.C. - inícios do séc. II a.C., a partir do achado de cascas do fruto, e em análises polínicas realizadas na Galiza (CARBALLO ARCEO 1989, 531).

¹¹ - Não temos conhecimento que, no litoral minhoto, se tenham recolhido quaisquer restos paleontológicos. cremos, no entanto, que isso reflectirá a ausência de uma política de recolha sistemática de sedimentos e consequente análise. Diversas espécies de peixes marinhos, nomeadamente o capatão, a dourada, a pescada

Cidade de Terroso (SILVA 1986, 114), não é de excluir a prática da salinicultura, no litoral, como parece sugerir a evidência arqueológica, no castro de S. Lourenço, em Esposende (ALMEIDA 1990, 29; QUEIROGA 1992, 55, nota 33).

Embora no território estudado estejam ausentes as provas, objectivas, da prática da caça, dispomos de conjuntos de dados iconográficos e osteológicos, provenientes de estações do Entre-Douro-e-Minho e da Galiza, que demonstram a importância desta actividade produtiva complementar. Uma notável cena de caça ao veado, a cavalo, gravada num rochedo, foi registada na Citânia de Sanfins, em Paços de Ferreira (JALHAY 1947, Fig. 1-3). Restos de cervídeo e de javali foram identificados no castro do Coto da Pena, em Caminha, em níveis da Fase I e II (SILVA 1986, 114), assim como restos de texugo, lobo e lebre em castros galegos (CARBALLO ARCEO 1987, 533).

Além da caça, a floresta assumia especial significado no abastecimento das comunidades castrejas de mato, lenha e madeira¹².

Especialmente, nas fases iniciais da cultura castreja, quando as habitações e as estruturas defensivas eram feitas de materiais perecíveis, o abastecimento de madeira assumiu especial importância. Neste particular, merece ser salientado um conjunto excepcional de grossos troncos carbonizados de *Quercus* (carvalho e sobreiro), assim como carvões de *Clematis vitalba* (vide-branca)¹³ (FIGUEIRAL, no prelo), utilizados na construção de uma cabana, datada dos inícios da Fase II, da periodização por nós proposta.

São numerosas as espécies vegetais, identificadas nas análises antracológicas, em amostras de sedimentos de contextos arqueológicos dos castros de Famalicão. Os resultados do Castro de Penices, cujo quadro apresentamos,¹⁴ permitiram a identificação de um total de 32 *taxa*, apresentando-se particularmente interessantes, por permitirem comparar dados correspondentes à ocupação daquele povoado nas Fases II e III.

e o robalo, foram identificadas em castros do litoral da província de Pontevedra. (HIDALGO CUÑARRO 1986, 110-111).

¹² - A utilização de madeira no fabrico de recipientes, referida por Estrabão (III, 3,7) foi comprovada arqueologicamente quer no Castro de Santo Estêvão da Facha (ALMEIDA *et alii* 1981, 70), quer no Castro de Cameixa, na Galiza. Nesta última estação foram encontrados diversos fragmentos desses recipientes, um deles decorado com círculos concêntricos estampados (LÓPEZ CUEVILLAS-LORENZO FERNÁNDEZ 1986, 17, 21, 62).

¹³ - Esta espécie aparece associada a entrançado de ramas, eventualmente utilizada na estrutura de cobertura da cabana.

¹⁴ - Adaptado com base em Figueiral, (no prelo).

Espécies	Nome comum	Fase II	Fase III
<i>Alnus glutinosa</i>	Amieiro	X	X
<i>Cistus</i> sp.	Esteva/Estevão	X	X
<i>Clematis vitalba</i>	Vide-branca	X	X
<i>Corylus avellana</i>	Aveleira	X	X
<i>Craetagus monogyna</i>	Pilriteiro	X	X
<i>Erica arborea</i>	Torga/Urse branca	X	X
<i>Erica tetralix</i>	Urse tetralix		X
<i>Erica</i> sp.	Urze	X	X
<i>Ficus carica</i>	Figueira		X
<i>Frangula alnus</i>	Amieiro negro	X	X
<i>Fraxinus angustifolia</i>	Freixo	X	X
<i>Fraxinus</i> cf. <i>excelsior</i>	Freixo		X
<i>Hedera helix</i>	Hera	X	X
<i>Leguminosae</i> indet.	Leguminosa	X	X
<i>Leguminosae</i> tipo <i>Adenocarpus</i>	idem tipo codeços	X	X
<i>Leguminosae</i> tipo <i>Cytisus</i> sp.	idem tipo giesta	X	X
<i>Leguminosae</i> tipo <i>Cytisus scoparius</i>	idem tipo giesta das vassouras		X
<i>Leguminosae</i> tipo <i>Ulex</i> sp.	idem tipo tojo	X	X
Monocotiledonea	Monocotiledonea		X
<i>Quercus</i> folha caduca	Carvalho	X	X
<i>Quercus robur</i>	Carvalho alvarinho	X	X
<i>Quercus</i> tipo <i>ilex</i>	Sobreiro/azinheira/carrasco	X	X
<i>Quercus suber</i>	Sobreiro	X	X
<i>Rosaceae</i> <i>Pomoidea</i>	Rosácea	X	X
<i>Rosaceae</i> tipo <i>Pyrus communis</i>	Rosácea tipo pereira	X	X
<i>Salix</i> sp.	Salgueiro	X	X
<i>Sambucus nigra</i>	Sabugueiro	X	X
<i>Sorbus</i> sp.	Sorveira		X
<i>Ulmus minor</i>	Olmo	X	
<i>Vitis vinifera</i>	Vinha		X

Da análise de Isabel Figueiral destacam-se as seguintes conclusões:

- a) A possibilidade da floresta de folha caduca, dominada pelo carvalho alvarinho, ser durante esta época a formação vegetal predominante.
- b) A importância das frequências relativas das leguminosas poderá ser consequência da exploração da floresta de folha caduca, a qual favorece a instalação e expansão de espécies colonizadoras das áreas desflorestadas.
- c) A exploração intensiva do bosque caducifólio, em Penices, parece ser reforçada pela presença esporádica de *Cistus* e constante das Urzes.
- d) A significativa frequência e quantidade da presença de espécies ribeirinhas parece por em evidência a importância desta floresta da beira-rio.

A comprovação da existência de uma agricultura mais desenvolvida em associação com uma produção animal mais diversificada, em oposição ao quadro transmitido pela literatura clássica, vai sendo reforçada graças aos dados que as ciências Paleoambientais e Paleobotânicas têm disponibilizado. No Baixo Ave, contamos com alguns dados¹⁵ reveladores do incremento da produção cerealífera, especialmente na viragem do Milénio (QUEIROGA 1992, 51-52) que atestam o cultivo do milho miúdo (*Panicum miliaceum* L.), trigo (*Triticum aestivum* L.; *Triticum compactum* Host); centeio (*Secale cereale*) e cevada (*Hordeum vulgare* L.) e da produção de leguminosas, nomeadamente, a fava (*Vicia faba* L.) e ervilha (*Pisum sativum*.).

Em maior ou menor quantidade, todas as espécies identificadas no território, têm sido encontradas, desde a Fase I da cultura castreja. Assim, há indicações do cultivo de trigo, favas e ervilhas em Baiões e Coto da Pena (SILVA 1986, 112), de milho miúdo e cevada em Baiões (*idem, ibidem*), e centeio no Coto da Pena (SILVA A.R.P. 1988, 10). A contrastar com a abundância de indicações de cultivo de trigo, presente em muitos castros portugueses e galegos, são as raras evidências da cultura de centeio, cevada e aveia. Além do Coto da Pena, o centeio só se regista no castro de Faria, Barcelos (*idem, ibidem*). Quanto à cevada, foi identificada no Castro do Cruito, em Baião, além de Baiões (*idem*, 6-7). A aveia foi apenas registada nas nossas escavações, no Castro do Crastoeiro, em Mondim de Basto (*idem* 1993).

Os vestígios, objectivos, da prática da criação de animais, no Noroeste do país estão praticamente ausentes, atendendo a que o elevado grau de acidez dos solos não tem preservado os seus restos ósseos. No entanto, possuímos um conjunto de dados, recolhidos na Bacia do Ave, que se reportam, indirectamente, à existência dessas práticas. O achado de uma peça em bronze, no Castro de Penices, provavelmente fazendo parte de um bridão de cavalo (Est. XXIII, 5), indicia-nos a utilização deste animal pelas comunidades castrejas, desde os inícios da Idade do Ferro. Este achado, com um paralelo no castro de Torroso (PEÑA SANTOS 1992, Fig. 62, peça 89.474-1), e a par com alguns dados iconográficos provenientes do penedo da Citânia de Sanfins, dos vasos de cerâmica dos castros de Santo Ovídio, em Fafe (MARTINS 1981, 107, Fig. 8), e de Faria, em Barcelos (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA 1948), e do diadema de Ribadeo (LÓPEZ MONTEAGUDO 1977) aproxima-nos às

¹⁵ - São dados colhidos nos castros de Penices, Ermidas, Vermoim e Eiras, ainda não devidamente tratados em termos quantitativos.

referências clássicas sobre os famosos cavalos Calaicos (PLINIO VII, 166). Além da sua utilização como animais de monta e/ou de tiro que os indícios atrás referidos deixam antever, foi comprovada, no castro do Coto da Pena, também, a sua utilização na alimentação (SILVA 1986, 113), facto até então desconhecido no registo arqueológico¹⁶. São, ainda, da mesma estação os dados de natureza paleozoológica do período castrejo mais antigo, do Entre-Douro-e-Minho, referentes à utilização de outras espécies como o boi, o porco, a ovelha e a cabra (*idem, ibidem*). Um conjunto de várias dezenas de ossos, achados no Castro do Barbudo, em Vila Verde, em contextos arqueológicos datados do séc. I a.c., permitiram a identificação das seguintes espécies animais: Cavalo, boi, porco, ovicaprídeos e cão (MARTINS 1989, 23, 25, Fig. 2). Evidências de ovicaprídeos e de bois são, também, muito frequentes na Galiza, ao invés das de porco¹⁷, bastante mais raras (CARBALLO ARCEO 1989, 528).

A existência de numerosos exemplares de cossoiros, quer em pedra quer em cerâmica, alguns decorados, provenientes das nossas escavações e, até, recolhidos à superfície no castro das Eiras Velhas, assim como a existência de cerâmicas interpretadas como queijeiras (SILVA 1986, Est. LXI, 1) poderão provar a utilização de produtos secundários dos bovídeos e ovicaprídeos -leite e pelo.

A análise do mapa da Est. LXI, contemplando as estações que na Fase III consideramos sob a designação Povoados "centrais", se bem que denote uma maior concentração na parte média do interflúvio Este-Ave, reflecte uma distribuição mais ou menos regular por todo o território, exceptuando, como já foi referido, a extensa faixa do Paleozóico.

A distância média entre os povoados vizinhos é de cerca de 6,5 Km, variando as distâncias entre 4 Km, a mínima -do Castro das Eiras ao Monte Redondo- e 10 Km, a máxima -de Alvarelhos a Bagunte, e do Monte Padrão a S. Miguel-o-Anjo, de Ruivães.

A distância "anormal" dos castros de Alvarelhos e do Monte Padrão, relativamente ao vizinho mais próximo, é aparente, pois se considerássemos, por exemplo, neste estudo, a

¹⁶ - Este facto poderá ser reforçado com os dados provenientes do Castro do Barbudo onde se identificaram restos de cavalo, pertencendo um deles a um animal de pequeno porte, certamente um animal jovem (MARTINS 1989, 25, Fig. 2).

¹⁷ - Uma das estações que forneceu restos de ossos de porco, ou javali, foi o Castro de Vigo, juntamente com bovídeos e ovicaprídeos (HIDALGO CUÑARRO 1983b, 33).

Citânia de Sanfins, situada num cume da linha divisória das bacias do Ave e do Leça, e por conseguinte passível de ter sido estudada, a distância real de 6,5 Km estaria perfeitamente de acordo com o padrão verificado.

Dentro da área geométrica definida para estes "Povoados centrais" situam-se outros povoados mais pequenos e com idêntica cronologia de ocupação. No geral ocupam as zonas mais próximas dos vales fluviais, podendo corresponder a unidades mais vocacionadas para a prática agrícola intensiva.

O abandono dos castros de Penices e Sabroso, no vale do Ave, assim como do Lago, na vizinha bacia do Cávado, na segunda metade do séc. I d.C., poderá integrar-se num movimento mais generalizado de abandono de sítios, situação que parece aplicar-se a outros castros, ainda não escavados e de maiores dimensões, como por exemplo o Facho, Vermoim e Santa Tecla, em Famalicão, e o Monte da Forca, em Guimarães, segundo impressões obtidas a partir da análise de superfície.

Este panorama poderá ser explicado no âmbito de uma reorganização do território, baseada na deslocação de populações, com extinção de alguns povoados e, provavelmente, a concentração da população noutros, os que possuem uma posição dominante, e, eventualmente, a criação de alguns, na zona de vale.

A necessidade de utilização de recursos mais alargados por parte desses povoados "centrais" poderá ter estimulado à deslocação de elementos da população para as zonas de vale, com o intuito de maior acessibilidade às zonas de superior potencial agrícola, segundo novos padrões da economia produtiva, criando unidades de produção do "tipo quinta" das quais podemos ter paralelos na casa da Facha ou em alguns dos povoados do vale do Lima.

É esta, aliás, a grande novidade desta Fase relativamente às precedentes, denotando a ocupação, sistemática, das faixa litoral e das planícies fluviais, certamente, como reflexo de uma estratégia diferenciada, na exploração dos recursos económicos da região.

6. Considerações finais

No conjunto das regiões do Noroeste de Portugal, o Baixo Ave apresenta um dos índices mais elevados de ocupação humana ao longo do I Milénio a.C., traduzidos numa grande quantidade de povoados, muitos deles de consideráveis dimensões, como bem mostram as citânias de Briteiros e Sanfins, as cidades de Terroso e de Bagunte e os castros das Eiras, do Monte Redondo ou do Monte da Saia.

A evidência apresentada neste trabalho mostra que este fenómeno remonta já aos finais da Idade do Bronze, quando emergem no território os primeiros povoados com notórias preocupações defensivas, num processo de ruptura com o período anterior.

Se bem que prime a ocupação em sítios com altitudes médias, em posição de domínio sobre os vales fluviais e em ambiente favorável às actividades agro-pecuárias e ao aproveitamento dos recursos florestais, marítimos e dos rios, ressaltando, pelo menos aparentemente, claros indícios de uma estratégia de valorização do potencial agro-pecuário do território, há que distinguir, no entanto, algumas excepções à regra, demonstrando a provável diversidade de propósitos, e alargando consequentemente as razões explicativas do fenómeno da emergência dos povoados fortificados, reveladores de preocupações estratégicas e defensivas evidentes.

Esta diversidade de propósitos parece-nos ser legítima atendendo ao facto de podermos admitir uma ruptura em termos de assentamento topográfico que não significaria ruptura em termos de exploração de recursos económicos. Efectivamente a actividade económica proposta para os habitats abertos "tipo povoados com fossas" que terão pontuado num período imediatamente anterior a estes povoados fortificados e, com eles, coexistido durante algum tempo, não pressupõe qualquer tipo de ruptura.

Por outro lado, os exemplos vão aparecendo e recomendando cautela na interpretação, como se pode provar por Castelo de Matos, em Baião, assente num nicho ecológico distinto, mas revelando arqueologicamente integrar uma esfera de contactos regionais e supra-regionais demonstrativos de um potencial económico surpreendente. A proximidade do Castro de Penices aos terrenos aluviais do rio Este, parcela do território com excelente potencial agrícola, mas difícil de trabalhar, não justifica a presença de uma série de artefactos em metal, ou de cerâmica grega, com base na sua produção agrícola excedentária. O achado deste *item* prestigiado, indicia a existência de contactos supra-regionais, e de um poder

económico substancial que não encontra suporte numa economia de subsistência. Porém, neste caso, o registo arqueológico pode aproximar-nos de outra realidade, da exploração dos recursos mineiros e da sua integração nos circuitos de distribuição de estanho. Teríamos, então, que a posição de Penices não se definiria preferencialmente em relação ao vale, mas aos recursos mineiros existentes nos veios quartzíticos próximos e/ou, eventualmente, misturados com as areias do rio, assim como à via de comunicação com o litoral, possível através da planície do rio Este.

Pelos dados disponíveis e comparando com a região mais próxima - o vale do Cávado, quer-nos parecer que o Baixo Ave apresenta notório regionalismo, patente no processo de continuidade/descontinuidade dos povoados do Bronze Final e no desenvolvimento que a metalurgia assumiu. Enquanto na bacia do Cávado se verifica, genericamente, que os povoados do Bronze Final parecem manter-se ao longo de todo o I Milénio a.C., atingindo uma extensão e desenvolvimento consideráveis, tendo a maioria sobrevivido à romanização, constituindo estes factores uma variável importante na interpretação da evolução do povoamento, no Baixo Ave, ao contrário, alguns povoados do Bronze Final são abandonados antes do séc. VII a.C. -tal como terá acontecido a Castelo de Matos, Baiões e Penha- e, dos que prosseguem ocupados até aos finais do Milénio, só um reduzido número cresce e se desenvolve. Dos treze povoados "centrais" definidos para a Fase III, utilizando como elementos definidores o grau de desenvolvimento, patente na extensão, nos sistemas defensivos, na existência de estruturas de excepção -tipo balneário, ou no ordenamento das áreas habitacionais e no controle do território, menos de metade nasceu durante a Fase I considerada.

Também em relação ao trabalho do metal é notório, para já, o quadro observado que distingue, claramente, estas duas regiões, com destaque para a segunda delas, onde se desenvolve uma metalurgia florescente, do ouro e do bronze.

Esta curta exposição pretende evidenciar algo que, repetidamente, tem sido afirmado como fundamental no prosseguimento da investigação arqueológica - a necessidade de multiplicar os estudos regionais.

Que este meu modesto trabalho possa contribuir, de alguma forma, para tal fim.

7. Bibliografia

- AGRAFOXO PÉREZ 1989: AGRAFOXO PÉREZ, Xerardo, *O Poboamento castrexo na região occidental da provincia da Coruña*, Santiago de Compostela, 1989.
- AIRA RODRIGUEZ- 1985: AIRA RODRIGUEZ, M. Jesus; VÁSQUEZ VARELA, J.M., Nuevos datos
-VÁSQUEZ VARELA palinológicos sobre la agricultura prehistórica en Galicia (España), *TAE*, XXV (2-4), 1985, pp. 241-252.
- ALARCÃO- 1963: ALARCÃO, Jorge; ALARCÃO, A. Moutinho, Vidros Romanos do
-ALARCÃO Museu de "Martins Sarmiento", *RG*, 73 (1-2), 1963, pp. 175-209.
- ALARCÃO-ETIENNE 1979: ALARCÃO, Jorge; ETIENNE, Robert, *Fouilles de Conimbriga*, vol. 7 -
Trouvailles diverses-Conclusions générales, Paris, 1979.
- ALMEIDA 1969: ALMEIDA, C. A. Ferreira, *Romanização das Terras da Maia*, Maia, 1969.
1972: A Póvoa de Varzim e o seu aro na Antiguidade, *BC-PV*, 11 (1), 1972, pp. 5-34.
1973: Influências meridionais na Cultura Castreja, *RFLUP*, Série História 4, 1973, pp.197-207 = XIII CAN 1973, Zaragoza, 1975, pp.491-498
1974a: Cerâmica Castreja, *RG*, 84 (1-4), 1974, pp. 171-197.
1974b: O monumento com forno de Sanfins e as escavações de 1973, III CNA, Porto, 1974, pp. 149-172.
1978: *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho*, Porto, 1978, (Dact., Tese complementar de doutoramento).
1983a: O Castrejo sob o domínio Romano: A sua Transformação, *Estudos de Cultura Castrexa e de Historia Antiga de Galicia*, Santiago de Compostela, 1983, pp. 187-198.
1983b: Cultura Castreja. Evolução e Problemática, *Arqueologia* 8, Porto, 1983, pp. 70-74.
- ALMEIDA et alii 1981: ALMEIDA, C.A. Ferreira; SOEIRO, Teresa; ALMEIDA, C.A. Brochado; BAPTISTA, A.J., *Escavações Arqueológicas em Santo Estêvão da Facha*, Ponte de Lima, 1981.
- ALMEIDA C.A.B. 1990: ALMEIDA, C. A. Brochado, *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*, Centro de Estudos Regionais, Estudos Regionais 7-8, Viana do Castelo, 1990.
1992: Introdução ao P.D.M. de Vila do Conde - Relatório de Arqueologia (Policopiado)
- ALMEIDA-SOEIRO 1980: ALMEIDA, C. A. Brochado; SOEIRO, Teresa, Sondagens nos castros de Abade do Neiva e Roriz (Barcelos, 1978), *SANP*, 1980, vol. II, pp. 29-35.
- ALMEIDA-SOUSA 1988: ALMEIDA, C. A. Brochado; SOUSA, Orlando, Estações e Monumentos. Castelo de Faria, *Arqueologia*, 17, 1988, pp. 215-216.
- AMORIM 1988: AMORIM, M., A Antiga Colegiada de Vila do Conde, *Vila do Conde*, Nova Série, 2, 1988, pp. 5-14.
- ANDRADE 1946: ANDRADE, M. Montenegro, Terraços do Vale do Ave, *AFCP*, 31, 2, Porto, 1946.

- AYRES 1896: AYRES, Christovam, *Historia do Exercito Portuguez*, Lisboa, 1896.
- AZEVEDO 1939: AZEVEDO, Agostinho, *A Terra da Maia*, 1, Porto, 1939.
- AZEVEDO P.A. 1896-1902: AZEVEDO, Pedro A., Extractos archeologicos das "Memorias parochiaes" de 1758, *AP*, II-VII.
- BELLINO 1909: BELLINO, Albano, Cidades Mortas, *AP*, 14, pp. 1-28.
- BLANCO FEIJEIRO 1957: BLANCO FEIJEIRO, A., Origen y relaciones de la orfebreria castreña, *CEG* 12(36), 1957, pp. 5-28; 12(37), 1957, pp. 37-157; 12(38), 1957, pp. 267-301.
- BRIARD 1979: BRIARD, Jacques, *The Bronze Age in Barbarian Europe. From the Megalith to the Celts*, London, 1979.
- BRANDÃO 1889-1892: BRANDÃO, A. Magalhães, Apontamentos folklóricos famalicenses, *RG*, VI, 1889, pp. 182-207; VII, 1890, pp. 200-202; VIII, 1890, pp. 47-50; IX, 1891 IX, pp. 226-227.
- BROWN 1976: BROWN, David, Bronze and Pewter, in Donald Strong & David Brown, *Roman Crafts*, Duckworth, 1976, pp. 25-41.
- CALO LOURIDO 1991: CALO LOURIDO, Francisco, *A Plástica da Cultura Castrexa Galego-Portuguesa*, Pontevedra, 1991 (Tese de doutoramento - polic., 2 vols.).
- CALO LOURIDO-SIERRA RODRIGUEZ 1983: CALO LOURIDO, Francisco; SIERRA RODRIGUEZ, Xosé Carlos, As orixenes do Castrexo no Bronze Final, *Estudos de Cultura Castrexa e de Historia Antiga de Galicia*, Santiago de Compostela, 1983, pp. 19-85.
- CANO PAN 1988: CANO PAN, Juan A., La industria litica tallada en la cultura castreña de Galicia, *CPHA*, G. Pereira Menaut Ed., Santiago de Compostela, 1988, vol. I, pp. 245-258.
- CAPELLA 1895: CAPELLA, M., *Miliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, Porto, 1895.
- CARBALLO ARCEO 1989: CARBALLO ARCEO, Xulio L., *A Cultura Castrexa na bacia media do rio Ulla*, Santiago de Compostela, 1989 (Tese de doutoramento - polic.).
- 1990: Los castros de la cuenca media del rio Ulla e sus relaciones con el medio fisico, *TP*, 47, Madrid, 1990, pp. 161-199.
- CARDOSO 1758: CARDOSO, Luis, *Memorias parochiaes*, 1758.
- CARDOZO 1932: CARDOZO, Mário, *A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da "Pedra Formosa"*, Guimarães, 1932.
- 1950-1951: Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento, *RG*, 60 (3-4), 1950, pp. 405-486; 61 (1-2), 1951, pp. 5-80, (3-4), pp. 455-472.
- 1957: Notícia de uma jóia antiga adquirida pelo Museu de "Martins Sarmento", *RG*, 67 (1-2), 1957, pp. 179-184.
- 1958: Missão inglesa de escavações num "castro" do Norte de Portugal, *RG*, 68 (3-4), 1958, pp. 439-446.
- 1971: A estação pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães), *II CNA*, Coimbra, 1, 1971, pp. 239-259.

- 1980: *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso*, Guimarães (8ª ed., 1980; 1ª ed. 1930).
- 1985: *Catálogo do Museu Martins Sarmento, 1ª parte: Secção lapidar e de escultura* (3ª ed., 1ª ed. 1935, 2ª ed. 1972), Guimarães, 1985,
- CARTAILHAC 1888: CARTAILHAC, Émile, As citanias e as cidades fortificadas do Minho, *RG*, 5, 1888, pp. 123-135.
- CASTRO *et alii* 1980: CASTRO, J. S.; CORREIA, S. H.; OLIVEIRA, E. P., O Castrum Maximum (Monte Castro) Braga - Arqueologia e História, *SANP* 2, 1980, pp. 37-53.
- CAVEDA 1989: CAVEDA, Alicia Perea, Tecnologia y Metodos de Estudio, in *El Oro en la España Prerromana*, (Ed. por Rafael T. Fesser), Madrid, 1989, pp. 24-31.
- CENTENO 1987: CENTENO, Rui M. S., *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, Porto, 1987.
- COGHLAN 1975: COGHLAN, H.H., *Notes on the Prehistoric Metallurgy of Copper and Bronze in the Old World*, Occasional Papers on Technology, 4, Oxford, 1975.
- CORTEZ 1946: CORTEZ, F. Russel, El Castro de Argifonso (Vila do Conde), *AEA* 19 (63), 1946, pp. 149-155.
- 1948: Actividade arqueológica de Portugal durante 1947, *AEA* 21 (72), 1948, pp. 269-281.
- 1949a: Actividade arqueológica de Portugal durante 1948, *AEA* 22 (77), 1949, pp. 400-413.
- 1949b: Restos Arqueológicos de Vila do Conde, I - O Castro de Argifonso, *TAE*, 12 (3-4), 1949, pp. 270-288.
- COSTA 1706-1712: COSTA, A. Carvalho, *Corografia Portuguesa e Descripçam Topografica do Reyno de Portugal*, Lisboa, 3 vol. (2ª ed., Braga, 1868-1869).
- COSTA A.J. 1959: COSTA, A. Jesus, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Coimbra, 1959, 2 vols.
- 1965-1978-1990: *Liber Fidei Sanctae Bracaraensis Ecclesiae*, Braga, 1965 (1), 1978 (2), 1990 (3) (ed. crítica).
- CRIADO BOADO-RODRIGUEZ CASAL 1983: CRIADO BOADO, Felipe; RODRIGUEZ CASAL, Anton A., Megalitismo e medio xeologico nas comarcas de Xellas e Melide (Galiza), *Actas do II SAN*, Madrid, 1983, pp. 59-84.
- CRUZ 1940: CRUZ, António, Novos vestígios da ocupação do termo do Porto pelos Romanos (A Necrópole do Rorigo Velho, Bougado), *Bol. Cultural*, III, 1940, Porto, pp. 203-215.
- CRUZ-BRITO 1991: CRUZ, Domingos J.; BRITO, Mário, A colecção arqueológica do Abade Sousa Maia, *Vila do Conde*, 7, 1991, pp. 5-7.
- CRUZ P.B. 1896: CRUZ, P. Belchior, Notícias várias, 1. Tesouro de moedas romanas, *AP*, 2, 1896, p. 292.

- CUADRADO 1957: CUADRADO, Emerito, La fibula anular hispanica y sus problemas, *Zephyrus*, Tomo VIII, fasc. 1, Salamanca, 1957.
- 1963: Precedentes e Protótipos de la Fibula Anular Hispanica, Madrid, 1963.
- CUNHA 1946: CUNHA, Arlindo R., O "Forno dos Mouros", *Diário do Minho* 4/8/46, p. 3.
- 1948: Na Falperra, *Diário do Minho* 9/8/48, pp. 3, 6.
- 1949: Santa Marta das Cortiças II, *Diário do Minho* 21/8/49, p. 2.
- 1952: A Pré-História bracarense. O "Castro" de Santa Marta, *Correio do Minho*, 20/8/52, p. 3.
- 1953: A Santa Marta do Alto, *Correio do Minho*, 12/3/53, p. 4.
- 1953-1954: Escavações no "oppidum" de Santa Marta, *BA*, 5 (1-3), 1953-54, pp. 241-243.
- 1954-1955: No oppidum de Santa Marta, *Correio do Minho*, 14/10/54a, p. 1; 11/11/54b, p. 4; 25/11/54c, pp. 1, 4; 20/1/55a, p. 1; 24/2/55b, p. 4.
- 1955: A cidade velha de Santa Marta, *Diário do Minho*, 14/1/55, pp. 1, 3.
- 1975: Trepando aos Montes, *O Distrito de Braga*, 1(3-4), Braga, pp. 485-535.
- DAUGAS-TIXIER 1977: DAUGAS, Jean-Pierre; TIXIER, Luc, *Les Fibules annulaires hispaniques: Essai de technologie et de typologie*, Bulletin de la Société Préhistorique Française, Tome 74.
- DAVEAU *et alii* 1977: DAVEAU, Suzanne (com a colaboração de C. Coelho, V. Costa, L. Carvalho), Répartition et Rythme des Précipitations au Portugal., *Memórias do Centro de Estudos Geográficos*, 3, Lisboa, 1977.
- DAVIDSON-BAILEY 1984: DAVIDSON, I.; BAILEY, G.N., Los yacimientos, sus territorios de explotación y la topografía, *Boletín del Museo Arqueológico Nacional* 2, Madrid, 1984, pp. 25-46.
- DINIS 1989: DINIS, A. Pereira, Subsídios para a Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Famalicão - O Megalitismo, *BC-VNF*, 9, 1989, pp. 41-65.
- 1990: *Povoamento entre Cávado e Douro no III Milénio a.C.*, Trabalho Final do Seminário III Milénio a.C. do Mestrado em Arqueologia da FLUP, 1989-90 (Fotocopiado).
- 1991a: *Artefactos em Bronze do Castro de Penices (V.N. de Famalicão) - Abordagem aos métodos de análise em Paleometalurgia*, Trabalho Final do Seminário de Metalurgia Castreja do Mestrado em Arqueologia da FLUP, 1990-91 (Fotocopiado).
- 1991b: *Cerâmicas do Bronze Final de Castelo de Matos (Baião)*, Trabalho Final da disciplina de Tipologia das Cerâmicas da Pré-História Recente do Norte de Portugal do Mestrado em Arqueologia da FLUP, 1990-91 (Fotocopiado).
- 1991c: *Pervivência ou Aculturação nas Técnicas de Construção (Análise de argamassas de Castros de V.N. de Famalicão)*, Trabalho Final do Seminário de Arquitectura Romana do Mestrado em Arqueologia da FLUP, 1990-91 (Fotocopiado).

- ENCARNAÇÃO 1970: ENCARNAÇÃO, José, Lápides a divindades indígenas no Museu de Guimarães, *RG*, 80 (3-4), 1970, pp. 207-238.
- 1992: À propósito de um grafito romano achado no castro de Alvarelhos, *Santo Tirso Arqueológico*, II, 1992, pp. 7-14.
- ESTRABÃO 1960, ESTRABÃO, Geography (III), Jones, H.L. (Ed.), The Loeb Classical Library 2, London, 1960.
- FARIÑA BUSTO *et alii* 1983: FARIÑA BUSTO, F.; ARIAS VILAS, F.; ROMERO MASIÁ, Ana, Panorâmica General sobre la Cultura Castrexa, *Estudos de Cultura Castrexa e de Historia Antiga de Galicia*, Santiago de Compostela, 1983, pp. 87-127.
- FEIO 1921: FEIO, Alberto, O Têrmo de Braga, *Boletim da Biblioteca Pública e do Arquivo Distrital de Braga*, 2, Braga, 1921, pp. 1-19.
- 1956: Origens da Cidade, *Diário do Minho*, 23/9/1956 = (1984). Origens da Cidade, Coisas Memoráveis de Braga, Biblioteca Pública de Braga, 1984, pp. 97-100.
- FERREIRA 1906: FERREIRA, Monsenhor J. Augusto, Villa do Conde. Notas históricas, *AP*, 11, 1906, pp. 260-269.
- 1907: O Couto e Mosteiro de Vairão, *AP*, 12, 1907, pp. 281-289.
- 1923: *Villa do Conde e seu Alfoz*, Porto, 1923.
- FIGUEIRAL 1990: FIGUEIRAL, Isabel, *Le Nord-Ouest du Portugal et les modifications de l'écosystème, du Bronze Final à l'époque romaine, d'après l'anthracanalyse de sites archéologiques*, Montpellier, 1990 (Polic. - Tese de doutoramento).
- 1993: Charcoal analysis and the vegetation evolution of North-West Portugal, *Oxford Journal of Archaeology*, vol. 12, nº 2, Oxford, 1993, pp. 209-222.
- (no prelo): *Castro de Penices: uma imagem do Homem e do seu Meio-ambiente. Resultados antracológicos.*
- (no prelo): *Castro de Penices - o sector da Muralha. Resultados da análise antracológica.*
- FIGUEIRAL-QUEIROGA 1988: FIGUEIRAL, Isabel; QUEIROGA, Francisco, Castelo de Matos 1982-86, *Arqueologia*, 17, Porto, 1988, pp. 137-150.
- FIGUEIREDO 1897: FIGUEIREDO, A. Mesquita, Informações archeologicas colhidas no "Diccionario Geographico" de Cardoso, de 1758, *AP*, III, p. 218.
- FONSECA 1948: FONSECA, Teotónio J., *O concelho de Barcelos aquém e além Cávado*, Barcelos = Fac-simile 1987, Barcelos, 2 vols.
- FONTES 1990: FONTES, L. F. O., Carta Arqueológica do Concelho de Braga: Ensaio de tratamento informático dos dados e notícias de alguns achados arqueológicos, *Forum* 8, Braga, 1990, pp. 107-132.
- FORTES 1899: FORTES, José, *A estação archeologica d'Alvarelhos*, Porto, 1899.
- 1904: Fibulas e fivelas, *AP*, IX (1-2), 1904, pp. 1-11.
- 1905-1908a, As Fíbulas do Noroeste Peninsular, *Portugália*, 2, Lisboa, 1905-1908, pp. 15-33.

- 1905-1908b: Duas joias arcaicas, *Portugália*, 2, Lisboa, 1905-1908, pp. 412-416.
- 1905-1908c: Ouros protohistoricos da Estella (Póvoa de Varzim), *Portugália*, 2, Lisboa, 1905-1908, pp. 605-618.
- 1905-1908d: Vasos em forma de chapéu invertido (V.Conde), *Portugália*, 2, Lisboa, 1905-1908, pp. 662-665.
- FREIRE 1965: FREIRE, Osvaldo, Algumas fivelas de bronze do Museu Antropológico da Universidade do Porto, *Lucerna*, 4, 1965, pp. 205-215.
- FREITAS 1949: FREITAS, E. A. Cunha, Santa Marinha de Retorta, *DL*, 3 (5), 1949, pp. 20-27.
- GARCIA Y BELLIDO 1966: GARCIA Y BELLIDO, A., O problema dos enterramentos na cultura castreja, *RG*, 76 (1-2), 1966, pp. 5-24.
- 1968: Camaras funerarias de la cultura castreña, *AEA* 41 (117-118), pp. 16-44.
- GONÇALVES 1964: GONÇALVES, Flávio, A Cidade de Terroso, (Prefácio e recolha de textos), *BC-PV*, 3 (2), 1964, pp. 307-322.
- HAWKES 1958: HAWKES, Christopher F. C., Escavações no Castro de Sabroso (Abril de 1958), *RG*, 68 (3-4), pp. 446-453.
- 1971: North-western castros: excavation, archaeology and history, *CNA*, Coimbra, 1971, pp. 283-287.
- HIDALGO CUÑARRO 1983a: HIDALGO CUÑARRO, J.M., *Excavaciones arqueológicas en el castro de Vigo*, Publicaciones del Museu Municipal "Quiñones de León" (Castrelos), 6, Vigo, 1983.
- 1983b: *Castro de Vigo, Campanha de 1983*, Arqueoloxia/Memorias 1, Santiago de Compostela, 1985.
- 1986: Pesca e Marisqueo en Galicia durante la Cultura Castreña, *Arqueologia*, 14, 1986, pp. 110-113.
- JALHAY 1947: JALHAY, Eugénio, Uma notável gravura rupestre da Citânia de Sanfins, *Brotéria*, XLIV (5), Lisboa, 1947, pp. 554-563.
- JORGE 1982: JORGE, Vitor Oliveira, *Megalitismo do Norte de Portugal. O distrito do Porto - os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, Porto, 1982, (Dact. - Tese de doutoramento).
- JORGE S. 1981: Sondagens arqueológicas na estação do Alto da Caldeira (Baião), *Arqueologia*, 3, 1981, pp. 67-76.
- 1986: JORGE, Susana Oliveira, *Povoados da Pré-História recente da região de Chaves-Vª. Pª. de Aguiar*, 1986, 3 vols. (Tese de doutoramento).
- 1988a: Reflexões sobre a Pré-História Recente do Norte de Portugal, *TAE*, 28 (1-2), 1988, pp. 85-112.
- 1988b: *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*, Monografias Arqueológicas 2, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 1988.

- 1990: A Pré-História: Cap. V - Complexificação das sociedades e sua inserção numa vasta rede de intercâmbios, *Nova História de Portugal* (Coord. de Jorge de Alarcão), vol. I - Portugal das origens à romanização, Editorial Presença, Lisboa, 1990, pp. 213-251.
- KALB 1980: KALB, Philine, Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal, *Germania*, 58, Frankfurt, 1980, pp. 25-59.
- LANHAS-BRANDÃO 1969: LANHAS, Fernando; BRANDÃO, D. Pinho, Inventário de Objectos e Lugares com interesse arqueológico, *RE* 12 (2), 1969, pp. 295-344.
- LEAL-FERREIRA 1873-1890: LEAL, A. Pinho; FERREIRA, A., *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, 12 vols.
- LIMA 1926-1928: LIMA, A. C. Pires, Uma visita a S. Miguel-o-Anjo, *TAE*, 3, pp. 289-298.
1956: O lugar da Torre, *CST-BC*, 4 (3), pp. 211-238.
- LIMA A.P. 1940: LIMA, A.P., A Correspondência Martins Sarmiento-Pe. Joaquim Pedrosa, *RG*, L, 1940, pp. 77-105, 181-214.
- LITTLE 1990: LITTLE, Georgeana M., *The Technology of pottery production in Northwestern Portugal during the Iron Age*, Cadernos de Arqueologia, Monografias, 4, Braga.
- LÓPEZ CUEVILLAS 1951: *Las joyas castreñas*, Madrid, 1951.
- LÓPEZ CUEVILLAS- 1934: LÓPEZ CUEVILLAS, F.; PINTO, R. Serpa, Estudos sobre a edad do Ferro
-PINTO no Noroeste da Península. A relixió, *ASEG*, 6, 1934, pp. 1-71.
- LÓPEZ CUEVILLAS- 1986: LÓPEZ CUEVILLAS, F.; LORENZO FERNÁNDEZ, X., *Castro de*
-LORENZO FERNÁNDEZ *Cameixa: Campanhas 1944-46*, Arqueoloxia/Memorias, Santiago de Compostela, 1986.
- LÓPEZ MONTEAGUDO 1977: LÓPEZ MONTEAGUDO, *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*, München, 1977 (Prähistorische Bronzefunde, IX, 6).
- MACEDO 1896: MACEDO, M. Duarte, Alguns apontamentos archeológicos relativos às duas freguezias de Sobreposta e Pedralva, *RG*, 13 (3), 1896, pp. 121-123.
- MAIA 1908: MAIA, Abade S., A Necrópole de Canidello (Terra da Maia), *Portugália*, II, 1908, pp. 619-625.
1912: Antas de Alvarelhos, *Ave Gazeta de Sto. Thyrsó*, 4-6, pp. 105-106.
- MARTÍNEZ SANTA- 1948: MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J., El fragmento cerámico céltico, *BGAF*, 1
-OLALLA (1), 1948, pp. 21-28.
- MARTINS 1981: O povoado fortificado de Santo Ovídio (Fafe), *Arqueologia*, 3, 1981, pp. 107-110.
1985a: MARTINS, Manuela, Sondagens arqueológicas no Castro do Monte Padrão em Santo Tirso, *CA*, Série II (2), 1985, pp. 217-230.
1985b: A ocupação do Bronze Final da Citânia de S. Julião, em Vila Verde. Caracterização e Cronologia, *TAE*, 25, 2-4, 1985, pp. 197-240.
1987: A Cerâmica proto-histórica do vale do Cávado: tentativa de sistematização, *CA*, Série II (4), 1987, pp. 35-77.

- 1988a: *A citânia de S. Julião, Vila Verde*, CA - Monografias, 2, 1988.
- 1988b: A Arqueologia dos Castros no Norte de Portugal: balanço e perspectivas de investigação, *TAE*, 28, 1988, pp. 11-35.
- 1988c: *O povoado fortificado do Lago, Amares*, CA - Monografias, 1, 1988.
- 1989: *O Castro do Barbudo, Vila Verde*, CA - Monografias, 3, 1989.
- 1990: *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*, CA - Monografias, 5, 1990.
- MARTINS-DELGADO 1989-1990: MARTINS, Manuela; DELGADO, MANUELA, História e Arqueologia de uma cidade em devir: Bracara Augusta, CA, Série II (6-7), 1989-90, pp. 11-39.
- MONTEIRO 1985: MONTEIRO, J. N., *Apontamentos para uma monografia de Sequeirô. Sequeirô pré-romano*, 4-6, Boletim Paroquial de Sequeirô, S.Tirso.
- MOREIRA 1991: MOREIRA, Álvaro, Monte Padrão, *Santo Tirso Arqueológico*, I, 1991.
- 1992a: Epigrafia romana do concelho de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, II, 1992, pp. 15-33.
- 1992b: A Estação Arqueológica de Alvarelhos, *Santo Tirso Arqueológico*, II, 1992, pp. 34-47.
- NAVEIRO LÓPEZ 1991: NAVEIRO LÓPEZ J.L., *El comercio antiguo en el N.W. Peninsular. Lectura Histórica del Registro Arqueológico*, Monografias Urgentes do Museu, 5, Museu Arqueológico, A Coruña, 1991.
- OLIVEIRA *et alii* 1982: OLIVEIRA, E. Pires; MOURA, E. Souto; MESQUITA, João, Braga - *Evolução da Estrutura Urbana* (Catálogo de apoio à exposição homónima), Câmara Municipal de Braga, 1982.
- PAÇO-PINTO 1961: PAÇO, Afonso; PINTO, Elísero, Vasos Campaniformes da Mamoa de Guilhabreu (Vila do Conde), *Vila do Conde*, 2, 1961, pp. 9-24.
- 1964: Subsídios para uma carta arqueológica do concelho de Vila do Conde. I - Estação paleolítica de Modivas, *RG*, LXXIV, 1964, pp. 143-148.
- PARREIRA-PINTO 1980: PARREIRA, Rui; PINTO, C. Vaz, *Tesouros da Arqueologia Portuguesa no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*, Lisboa, 1980.
- PAUTREAU-QUEIROGA 1990: PAUTREAU, Jean-Pierre; QUEIROGA, Francisco, Le Castro das Ermidas. Village Fortifié du Portugal, *Archeologia*, 253, Paris, 1990, pp. 44-49.
- PEIXOTO 1905-1908: PEIXOTO, R., Beneméritos da archeologia - as explorações da Cidade de Terroso e do Castro de Laúndos no concelho da Póvoa de Varzim, *Portugália* 2 (1905-08), pp. 677-680 = *PV-BC*, 3 (2), 1964, pp. 309-313.
- PEÑA SANTOS 1992: PEÑA SANTOS, A., *Castro de Torroso (Mos, Pontevedra). Síntesis de las memorias de las campañas de excavaciones 1984-1990*, Arqueoloxia/Memorias 11, Xunta de Galicia.
- PEREIRA 1903: PEREIRA, F. Alves, Machados de duplo anel, *AP*, 8, 1903, pp. 132-136.
- 1941: Páginas Inéditas, *RG* LI, 1941, pp. 27-40.

- PIMENTEL 1902: PIMENTEL, Alberto, *Santo Thyrsos de Riba d'Ave*, Santo Tirso, 1902.
- PINA 1940: PINA, Luís, Tentame topográfico de arqueologia pré-romana e luso-romana do concelho de Guimarães, CMP, 1940, pp. 499-514.
- PINTO 1928-1929: PINTO, R. Serpa, Museu de Martins Sarmiento, *RG*, 38 (3-4), 1928, pp. 192-196; 39 (1-2), 1929, pp. 27-43; 39 (3-4), 1929, pp. 169-181.
1930, Machados de bronze das margens do Ave, *TAE*, 4 (3), pp. 306.
1932: A Cidade de Terroso e os Castros do Norte de Portugal, *RG* 42 (1-2), pp. 81-91 = *PV-BC* 3 (2), 1964, pp. 315-322.
1984: Inéditos, *Arqueologia* 9, Porto, 1984, pp. 122-127.
- PLINIO 1958: PLINIO (O velho), Natural History, Rackham, H. (Ed.), The Loeb Classical Library, Cambridge (Mass.), London (4ª ed.).
- POMBO MOSQUERA 1983: POMBO MOSQUERA, José A., El Megalitismo en el NW "Da Terra Chã". Relacion del Hombre y el Medio, *Actas do II SAN*, Madrid, 1983, pp. 85-93.
- PONTE 1980: PONTE, Salete da, A génese das Fíbulas do Noroeste Peninsular, *SANP*, Guimarães, 1980, vol. II, pp. 111-119.
1984: Fíbulas de sítios a Norte do rio Douro, *Lucerna* (Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão), Porto, 1984, pp. 111-144.
- QUEIROGA 1983: QUEIROGA Francisco, Património Histórico de Vila Nova de Famalicão, *BC-VNF*, 4, pp. 47-51.
1984: Escavações arqueológicas em Castelo de Matos - Notícia preliminar, *Arqueologia*, 9, Porto, pp. 105-116.
1985a: Vila Nova de Famalicão, Castro de Vermoim, 1982, *IA*, 5, pp. 56.
1985b: Vila Nova de Famalicão. Castro das Ermidas - 1983, *IA*, 5, pp. 56-57.
1985c: Escavações Arqueológicas no Castro das Ermidas - A Campanha de 1983, *BC-VNF*, 6, pp. 5-43.
1986a: Vila Nova de Famalicão, Castro de Vermoim-1984, *IA* 6, 1986, p. 35.
1986b: Vila Nova de Famalicão. Castro das Ermidas - Jesufrei - 1984, *IA*, 6, p. 35.
1987: Corte Estratigráfico no Castro de Penices, *BC-VNF*, 7, pp. 3-22.
1992: *War and Castros. New approaches to the northwestern Portuguese Iron Age* (Dissertação de doutoramento - policopiada).
- QUEIROGA-FIGUEIRAL 1989: QUEIROGA, Francisco; FIGUEIRAL, Isabel, Datações de Carbono 14 para Castelo de Matos, *BC-VNF*, 9, pp. 67-69.
- RIBEIRO 1945: RIBEIRO, Orlando, *Portugal. O Mediterrâneo e o Atlântico*, Coimbra.
1987: *Introdução ao estudo da geografia regional*, Lisboa.
- RIBEIRO et alii 1987: RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann; DAVEAU, Suzanne, *Geografia de Portugal*, I - A Posição Geográfica e o Território, Lisboa, 1987.
1988: ; *Geografia de Portugal*, II - O ritmo climático e a paisagem, Lisboa, 1988.
- ROMERO MASIÁ 1976: ROMERO MASIÁ, Ana, *El Habitat Castreño. Asentamientos y Arquitectura de los castros del N.O. Peninsular*, Santiago de Compostela, 1976.

ROSÁRIO

1973: ROSÁRIO, António, *Falau documentos*, II-III, (31-66), Braga.

1974: Antas e Mamoas no aro de antiguidade da Póvoa de Varzim, *BC-PV*, 13 (1).

SANCHES

1980: SANCHES, M. Jesus, Alguns vasos cerâmicos inéditos do Museu de Antropologia do Porto, *Arqueologia*, 1, Porto, 1980, pp. 12-19.

1981: Recipientes cerâmicos da Pré-história recente do Norte de Portugal, *Arqueologia*, 3, Porto, 1981, pp. 88-102.

1982: Vasos da estação arqueológica do Corvilho - Santo Tirso, *Arqueologia*, 5, Porto, 1982, pp. 56-61.

SANTARÉM

1951: SANTARÉM, C. M. Faya, O Castro do Monte Padrão, *CST-BC*, 1 (1), 1951, pp. 49-66.

1952: Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa. Um instrumento Pré-Histórico encontrado no Monte da Assunção, *CST-BC*, 2 (1), 1952, pp. 105-111.

1955: O Castro do Monte Padrão, Campanhas de 1952-53-54, *CST-BC*, 3 (4), 1955, pp. 397-429.

1956: Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa. Espólio Arqueológico do Corvilho - Santo Tirso, *CST-BC*, 4 (2), 1956, pp. 169-177.

1956: Inscrições romanas do concelho de Santo Tirso, *CST-BC*, 4 (2), 1956, pp. 61-72.

1977: Uma inscrição romana de Alvarelhos, *CST-BC* 2ª série, 1 (1), 1977, pp. 161-170.

SARMENTO

1879: SARMENTO, F. Martins, Acerca das escavações de Sabroso, *A Renascença*, 1879 = 1933, pp. 22-33.

1882: Se antes da invasão dos romanos havia arte entre nós, *A Arte Portuguesa*, 1 (4), pp. 1-3, 19-21, 26-27 = (1933), *Dispersos*, Coimbra, pp. 74-82.

1883-1884: A propósito de castros, *O Panorama Contemporâneo*, 1 (2), pp. 9-11, 17-19, 25-26 = (1933), *Dispersos*, Coimbra, pp. 165-172.

1884-1909: Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães, *RG*, 1 (4), 1884, pp. 161-189; 2 (4), 1885, pp. 189-202; 5 (3), 1888, pp. 109-121; 13 (1), 1896, pp. 5-18, (4), 1896, pp. 149-168; 15 (3), 1898, pp. 152-167; 16 (1), 1899, pp. 5-22 = 1933, pp. 191-281; 18 (1-2), 1901, pp. 8-29, (3-4), 1901, pp. 117-135; 19 (1), 1902, pp. 19-33, (3), 1902, pp. 109-119; 22 (1-2), 1905, pp. 5-32, (3-4), 1905, pp. 97-123; 23 (2), 1906, pp. 41-51; 24 (2), 1907, pp. 53-66, (3-4), 1907, pp. 113-122; 26 (1-2), 1909, pp. 5-19, (4), 1909, pp. 129-139.

1887-1889: Para o pantheon lusitano, *Revista Lusitana*, 1 (3), pp. 227-240 = (1933), *Dispersos*, Coimbra, pp. 297-308.

1888: Antigualhas, *RG*, 5, pp. 157-163.

1894: O Deus Brigo, *Nova Alvorada*, 4 (2) = (1933), *Dispersos*, Coimbra, pp. 420-421.

- 1896: A propósito de Valábriga, *Nova Alvorada*, 5 (11) = (1933), *Dispersos*, Coimbra, pp. 428-430.
- 1906-1909: Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães. Sabroso, *RG*, 23 (4), 1906, pp. 41-51; 24 (2), 1907, pp. 53-66; (3-4), pp. 113-122; 26 (1-2), 1909, pp. 5-19, (4), pp. 129-139.
- 1933: *Dispersos*, Coimbra, 1933.
- 1940: A correspondência do padre Joaquim Pedrosa a Martins Sarmento, *RG*, 50 (3-4), 1940, pp. 206-207.
- 1970-1989: Antíqua, *RG*, 80, (1-2), 1970, pp. 5-72; 96, 1986, pp. 5-33; 97-98, 1987/1988, pp. 5-40; 99, 1989, pp. 5-66.
- SCHÜLE 1969: SCHÜLE, Wilhelm, *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*, Madrider Forsschungen 3, 2 vol., Berlin, 1969.
- SEVERO 1905-1908: SEVERO, R., As arrecadas d'ouro do Castro de Laúndos, *Portugália* 2, 1905-08, pp. 403-412
- SEVERO-CARDOZO 1886: SEVERO, Ricardo; CARDOZO, F., Notícia Archeologica sobre o Monte da Cividade, *RG*, III, 1886, pp. 137-141.
- 1899-1903: O ossuário da freguesia de Ferreiró, *Portugália*, 1, Porto, 1899-1903, pp. 177-200.
- SILVA 1980: SILVA, A. C. Ferreira, Organizações gentílicas entre Leça e Ave, *Portugália*, Nova Série 1, 1980, pp. 79-90 = *Actas do Colóquio de Hist.Local e Regional* (Santo Tirso 1979), 1982 pp. 381-399.
- 1981: Campanha de trabalhos arqueológicos na Cividade de Terroso (Póvoa de Varzim) - 1980, *BC-PV*, 20 (2), 1981, pp. 303-315.
- 1983-1984: A Cultura Castreja Castreja no Noroeste de Portugal: Habitat e Cronologias, *Portugália*, Nova Série, IV/V, Porto, pp. 121-129.
- 1986: *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986.
- SILVA et alii 1984: SILVA, A.C. Ferreira; SILVA, C. Tavares; LOPES, A. Baptista, Depósito de Fundidor do Final da Idade do Bronze do Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu), Lucerna, Porto, 1984, 73-109.
- 1993: SILVA, A. C. Ferreira; RAPOSO, Luís; SILVA, C. Tavares, Pré-História de Portugal, Universidade Aberta, 57, Lisboa, 1993.
- SILVA A.R.P. 1988: SILVA, A.R. Pinto, A Paleobotânica na Arqueologia Portuguesa, resultados desde 1931 a 1987, *Paleoecologia e Arqueologia*, 1, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1988, pp. 5-36
- 1993: *Os grãos carbonizados do Castro do Crastoeiro* (no prelo).
- SILVA-GOMES 1992: SILVA, A. C. Ferreira; GOMES, M. Varela, *Proto-História de Portugal*, Universidade Aberta, 48, Lisboa, 1992.
- SILVA J. 1981: SILVA, J. Pereira, *Trofa, S. Martinho de Bougado - Esboço de uma Monografia*, Trofa, 1981.

- SOEIRO 1980: SOEIRO, Teresa, Objectos em bronze do Castro de Alvarelhos, *Gallaecia* 6, 1980, pp. 237-243.
- 1981: Castro de Peso em Sta. Leocádia de Geraz do Lima, *Arqueologia*, 3, 1981, pp. 99-102.
- 1988: A propósito de quatro necrópoles proto-históricas do concelho de Esposende, *Actas do Colóquio Manuel Boaventura*, Esposende, 1988, pp. 35-61.
- SOEIRO *et alii* 1981: SOEIRO, Teresa; CENTENO, Rui M. S. ; SILVA, A. C. Ferreira, Sondagem arqueológica no Castro de Sabroso (Guimarães) 1981, *RG*, 91, pp. 341-350.
- SOUSA 1968-1970: SOUSA, J.. J. Rigaud, A estação arqueológica da Falperra. Notas para a sua história, *AB* (25-27), pp. 57-64.
- 1975: Vasos Campaniformes no Norte de Portugal, *JMACH*, pp. 163-168.
- 1978: Megalitismo nos arredores de Braga - Necrópoles do Monte de Crasto, *BA*, 32, 73-74 (85-86), pp. 329-336.
- SOUSA O. 1987: SOUSA, Orlando, Dois vasos pré-históricos de Vermoim, *BC-VNF*, 7, 1987, pp. 63-67.
- SUTHERLAND 1984: SUTHERLAND, C.H.V., *The Roman Imperial Coinage*, vol. I - From 31 BC to AD 69, Londres, 1984.
- TABOADA CHIVITE 1977: TABOADA CHIVITE, J., El aspecto agropecuario de la economía castreña, *RUC*, 26, (109), 1977, pp. 71-83 (Homenaje a García y Bellido, 3).
- TEIXEIRA 1936: TEIXEIRA, C., Subsídios para o estudo da arqueologia bracarense. I- O Monte do Castro (Castro Maximum) *AFCP* 21(4), pp. 231-254; = 1955-56, *BA*, 6-7, 1-9 (31-34), pp. 17-38.
- TEIXEIRA *et alii* 1965: TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A. Cândido; ASSUNÇÃO, C. Torre, *Carta Geológica de Portugal* (1/50.000). Notícia Explicativa da folha 9-A, Póvoa de Varzim, SGP, Lisboa, 1965.
- 1973: TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A. Cândido; MACEDO, J. Rocha, *Carta Geológica de Portugal* (1/50.000). Notícia Explicativa da folha 5-D, Braga, SGP, Lisboa, 1973.
- TOMÁS 1651: TOMÁS, Frei Leão de S., *Benedictina Lusitana*, Coimbra = Fac-símile, Lisboa, 1974, 2 vols.
- TORRES 1876: TORRES J., As ruínas existentes no Monte da Saia, *Comércio do Lima*, nº 52, 22/11/1876.
- 1877: As ruínas existentes no Monte da Saia, *Comércio do Lima*, nº 59, 10/1/77
- TORRES J. 1978-79: TORRES., Joaquim, Tesouro monetário do Castro de Alvarelhos, *CST-BC* 1 (2-3), 1978-79, pp. 15-250.
- VASCONCELOS 1897-1905-1913: VASCONCELOS, J. Leite, *Religiões da Lusitânia*, I (1897), II (1905), III (1913), Lisboa.
- VASCONCELOS J. 1912: VASCONCELOS, Joaquim, Diadema Celtibérico?, *Arte*, 89, pp. 38-39.

- VÁZQUEZ VARELA- 1991: VÁZQUEZ VARELA, Xosé M.; POMBO MOSQUERA, Xosé A., A
-POMBO MOSQUERA recolleta de landras na Protohistoria de Galicia, *Paleoecologia & Arqueo-*
logia II, Vila Nova de Famalicão, 1991, pp. 121-127.
- VIEIRA 1886-1887: VIEIRA, J. Augusto, *O Minho pitoresco*, Lisboa, 2 vols.

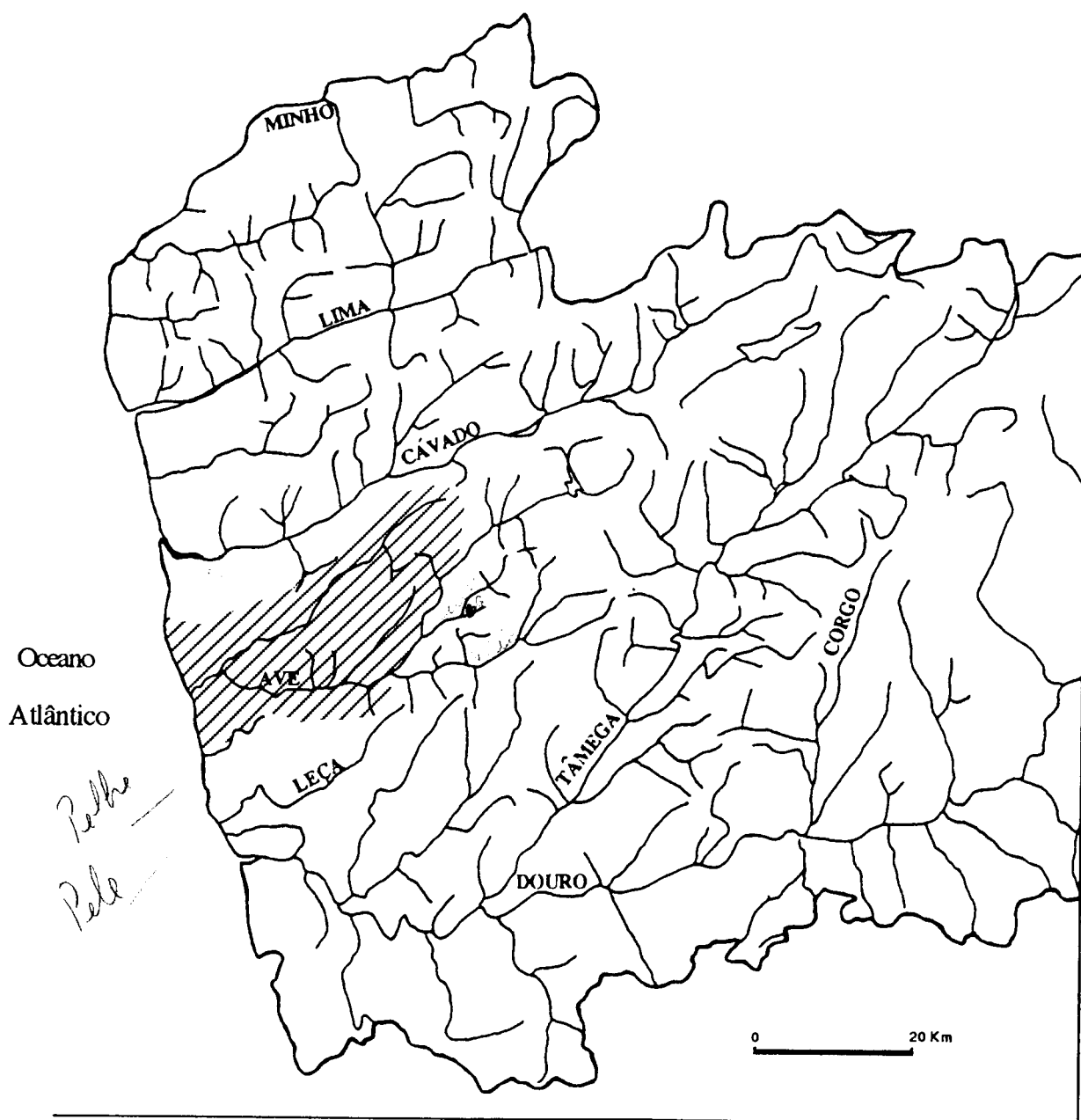
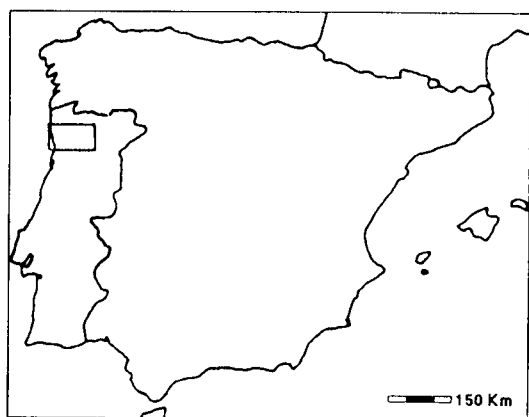
PERIÓDICOS

- AB** Arquivo de Beja (Beja)
- AEA** Archivo Español de Arqueología (Madrid)
- AFCP** Anais da Faculdade de Ciências do Porto (Porto)
- AP** O Arqueólogo Português (Lisboa)
- ASEG** Arquivos do Seminario de Estudos Galegos (Santiago de Compostela)
- BA** Bracara Augusta (Braga)
- BAu** Boletín Auriense (Orense)
- BC-VNF** Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão (Famalicão)
- BC-PV** Boletim Cultural da Póvoa do Varzim (Póvoa do Varzim)
- BGAF** Boletim do Grupo dos Alcaides de Faria (Barcelos)
- CA** Cadernos de Arqueologia (Braga)
- CEG** Cuadernos de Estudios Gallegos (Santiago de Compostela)
- CMP** Congresso do Mundo Português -Lisboa 1940 (Lisboa 1940)
- CNA** Congresso Nacional de Arqueologia (Portugal)
- CPHA** Congreso Peninsular de Historia Antigua (1 Santiago 1986), Santiago 1988
- CST-BC** Boletim Cultural do Concelho de Santo Tirso (Santo Tirso)
- DL** Douro Litoral (Porto)
- FLUP** Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- IA** Informação Arqueológica (Lisboa)
- JMACH** Jornadas de Metodologia Aplicada a las Ciencias Históricas (Santiago de Compostela, 1973), 1, (Santiago de Compostela, 1975)
- RE** Revista de Etnografia (Porto)
- RFLUP** Revista da Faculdade de Letras do Porto (Porto)
- RG** Revista de Guimarães (Guimarães)
- RUC** Revista de la Universidad Complutense (Madrid)
- SAN** Seminario de Arqueología del Noroeste -Santiago 1980 (Madrid, 1983)
- SANP** Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular -Guimarães, 1978 (Guimarães, 1980)
- TAE** Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (Porto)
- TP** Trabajos de Prehistoria (Madrid)

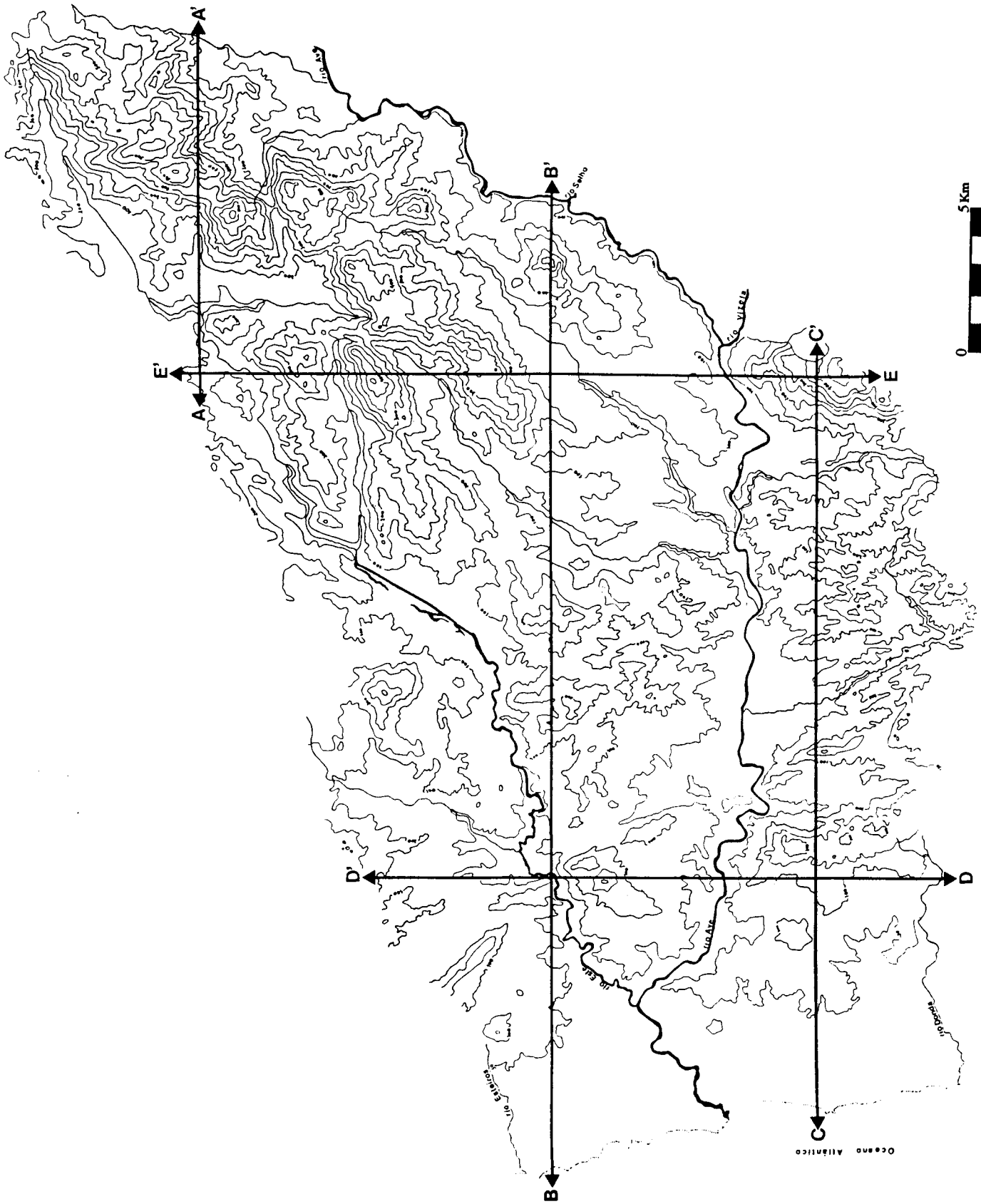
CARTOGRAFIA UTILIZADA

- Cartas do P.D.M. na escala 1:5.000 e 10.000, dos sítios arqueológicos estudados
- Carta Militar de Portugal na escala 1:25.000, dos Serviços Cartográficos do Exército
Folhas n.ºs. 56, 69, 70, 71, 82, 83, 84, 96, 97, 98, 109 e 110
- Esboços da Capacidade de Uso do Solo na escala 1:25.000, do SROA
Folhas n.ºs. 56, 69, 70, 71, 82, 83, 84, 96, 97, 98, 109 e 110
- Carta Corográfica de Portugal na escala 1:50.000. do Instituto Geográfico e Cadastral
Folhas n.ºs. 5C, 5D, 9A, 9B, 9C e 9D
- Carta Geológica de Portugal na escala 1:50.000, dos Serviços Geológicos de Portugal
Folhas n.ºs. 5C, 5D, 9A, 9B, 9C e 9D
- Carta de Portugal na escala 1:100.000, do Instituto Geográfico e Cadastral:
Folhas n.º 5 e 9
- Cartas do Atlas do Ambiente na escala 1:1.000.000, da Comissão Nacional do Ambiente:
 - . Capacidade de Uso do Solo
 - . Solos
 - . Agrícola e Florestal
 - . Ecológica (Fito-edafo-climática) de Portugal

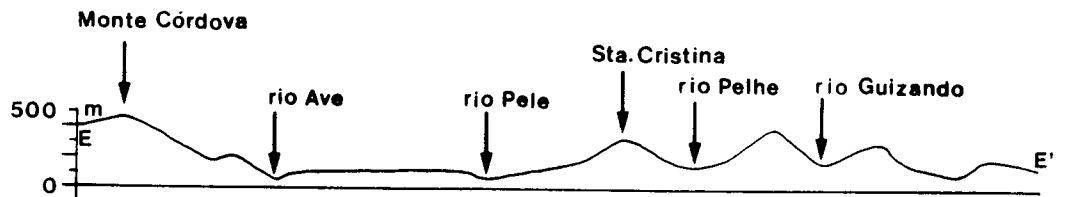
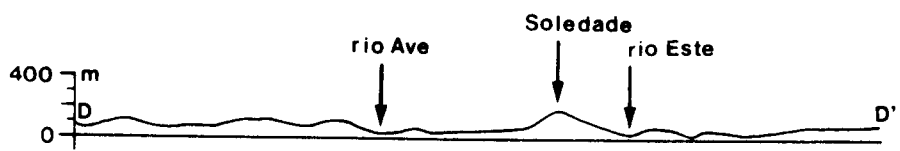
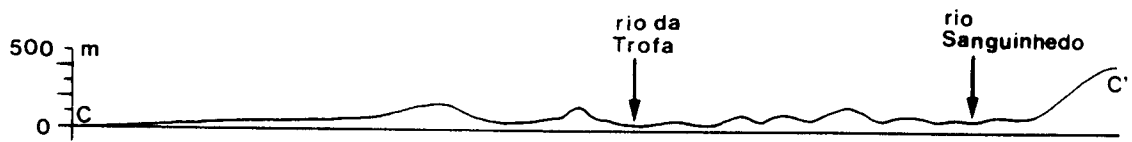
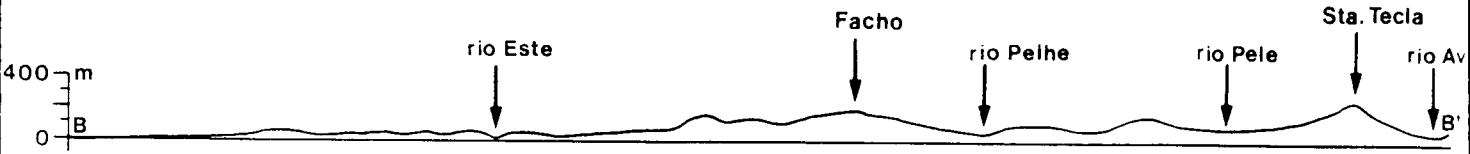
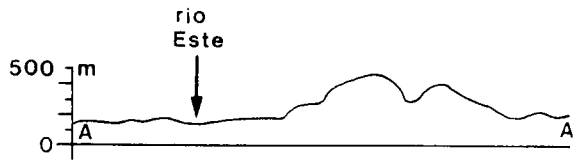
8. Estampas



Localização da área estudada nos mapas do Norte de Portugal e da Península Ibérica

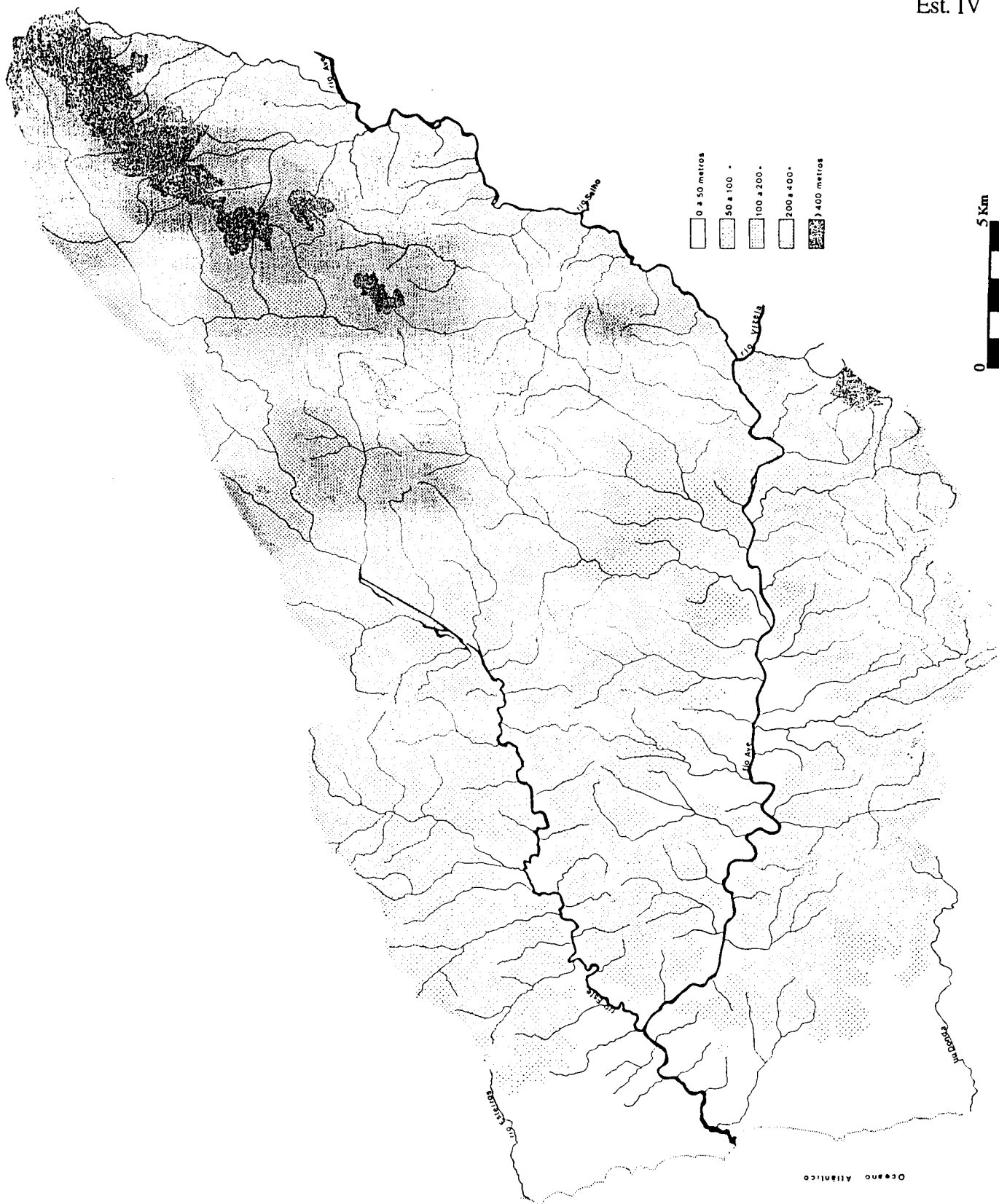


Mapa Topográfico da Bacia Média e Inferior do rio Ave



Perfis Topográficos da Bacia Média e Inferior do rio Ave





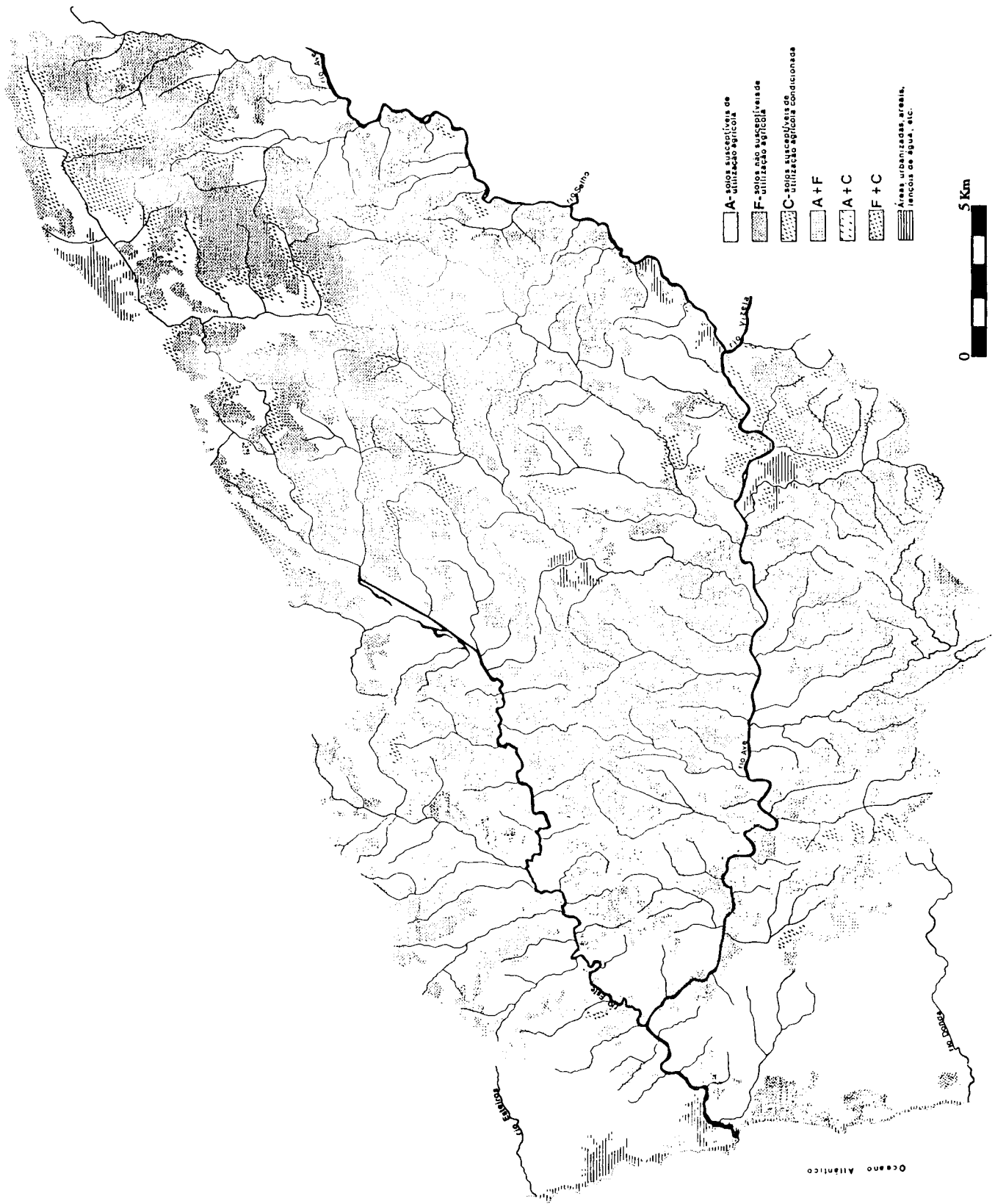
Mapa de Altitudes da Bacia Média e Inferior do rio Ave



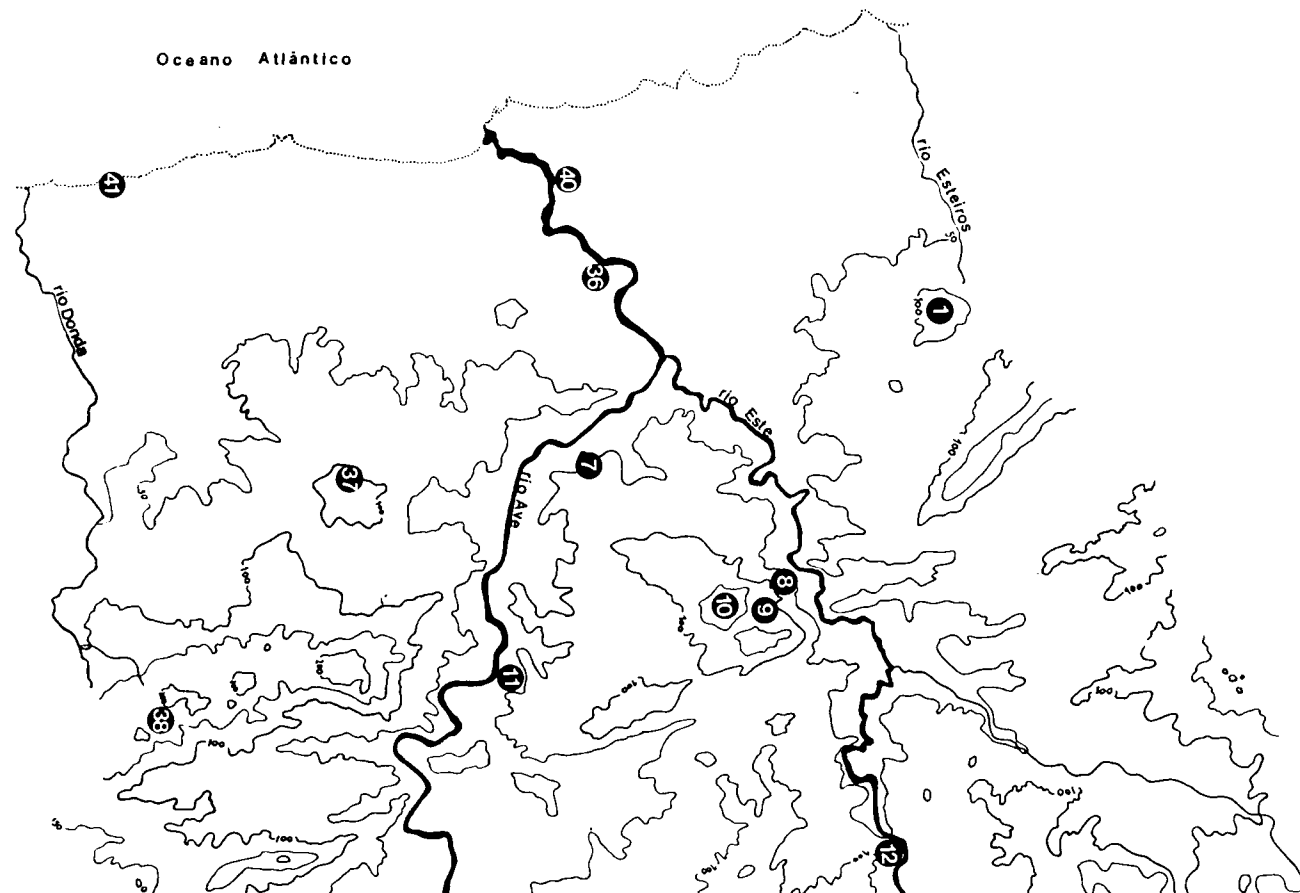
Mapa Geológico da Bacia Média e Inferior do rio Ave

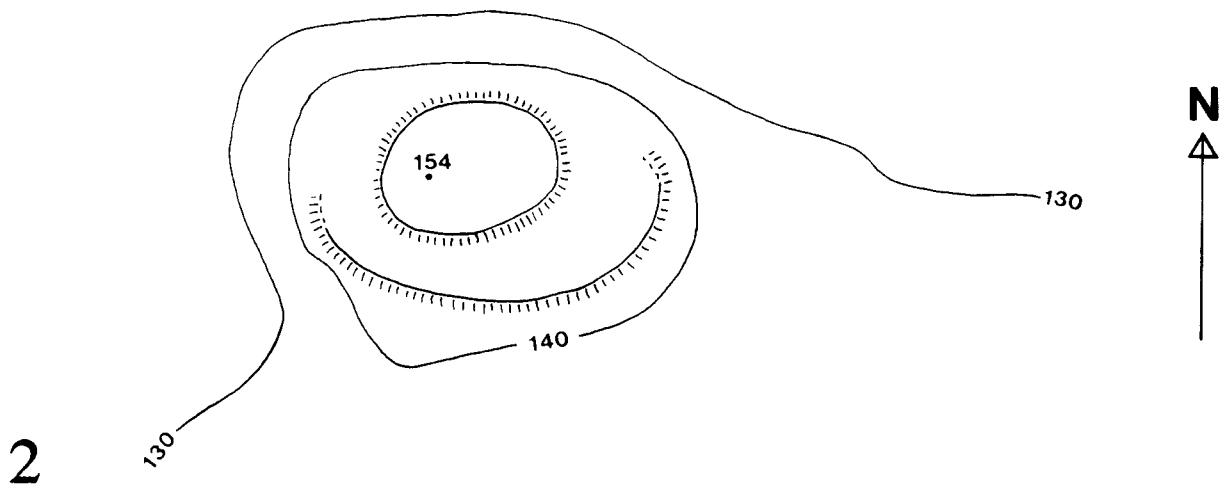
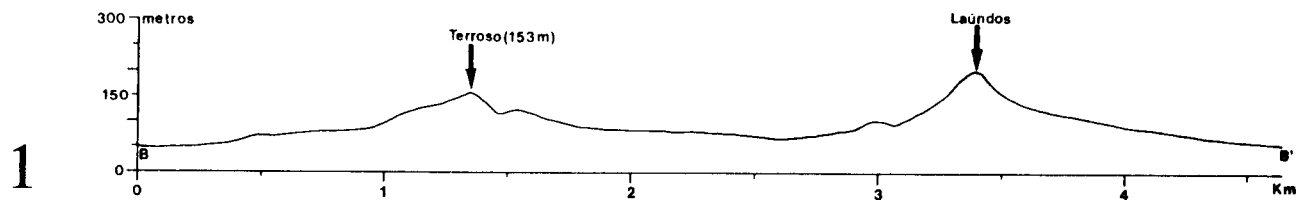
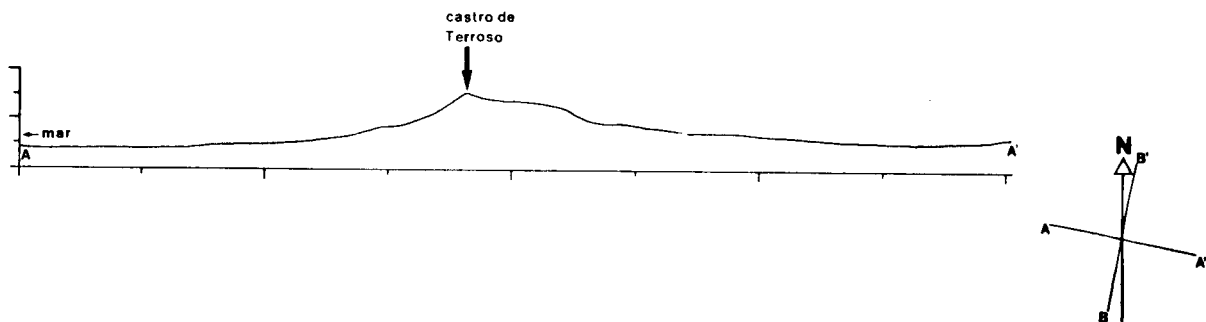


Mapa da Rede Hidrográfica da Bacia Média e Inferior do rio Ave

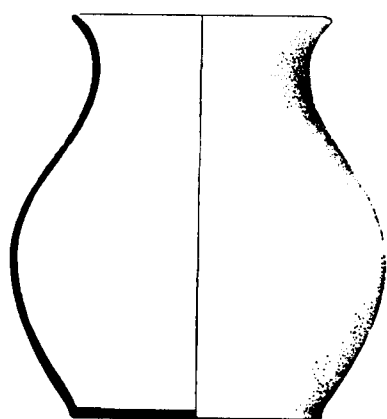
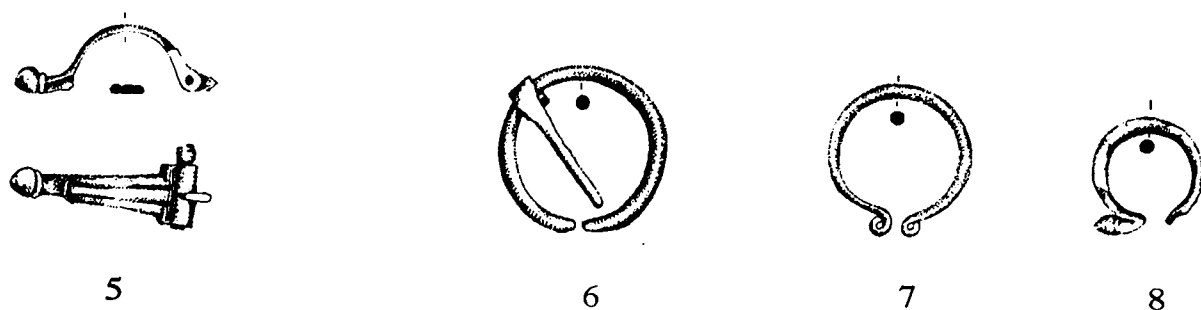
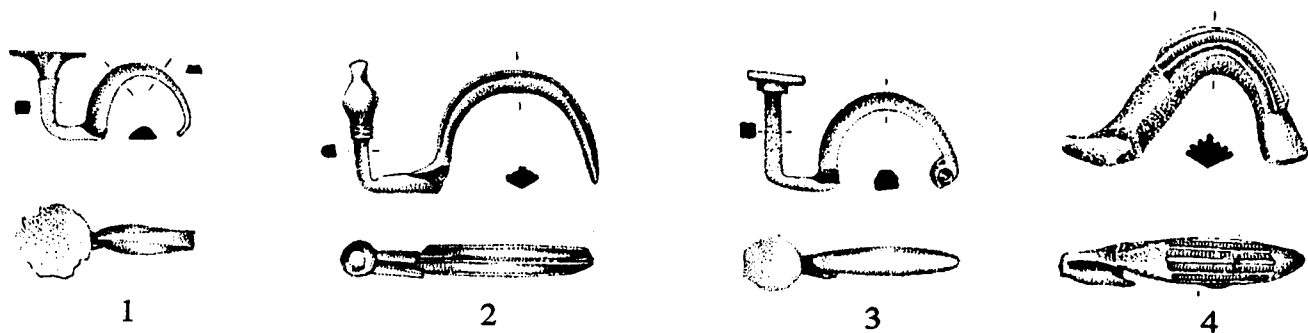


Mapa da Capacidade de Utilização do Solo da Bacia Média e Inferior do rio Ave

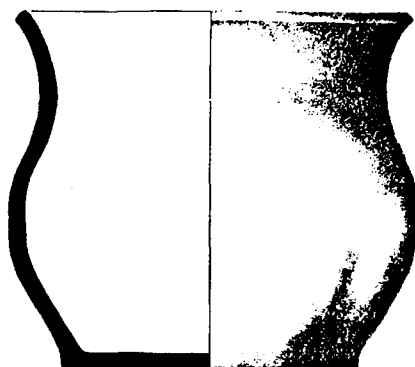




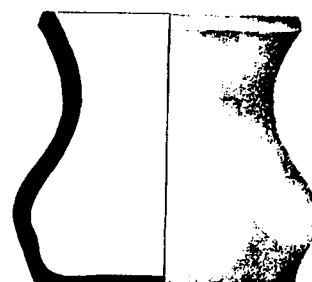
Cidade de Terroso: 1 - Perfis topográficos; 2 - Planta (Esc. 1:5.000)



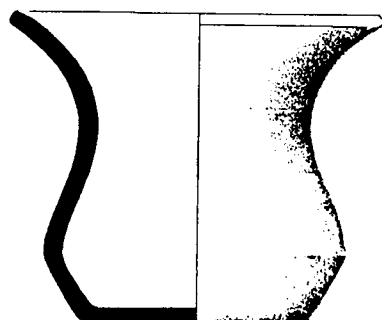
9



10



11



12

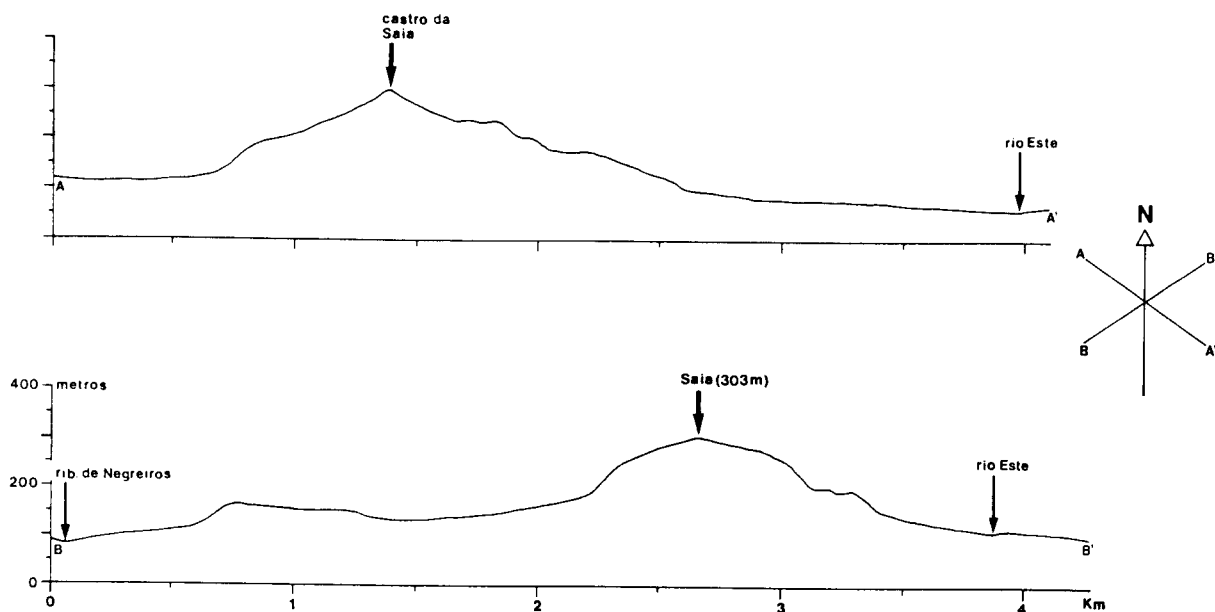


13

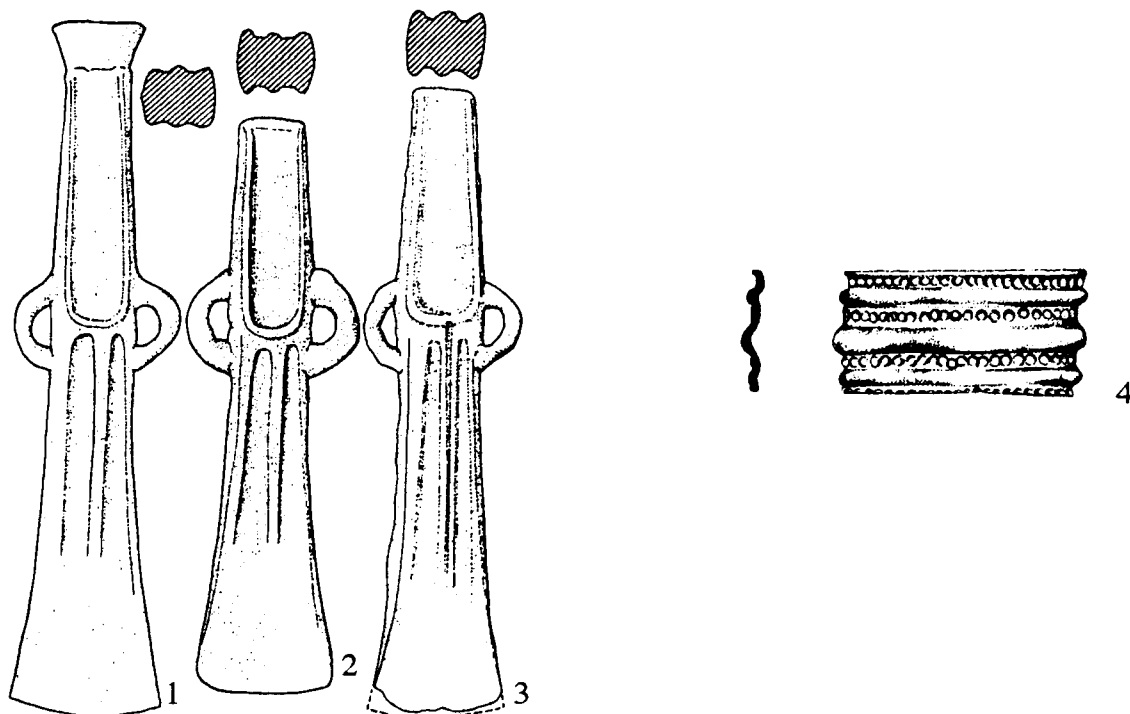


14

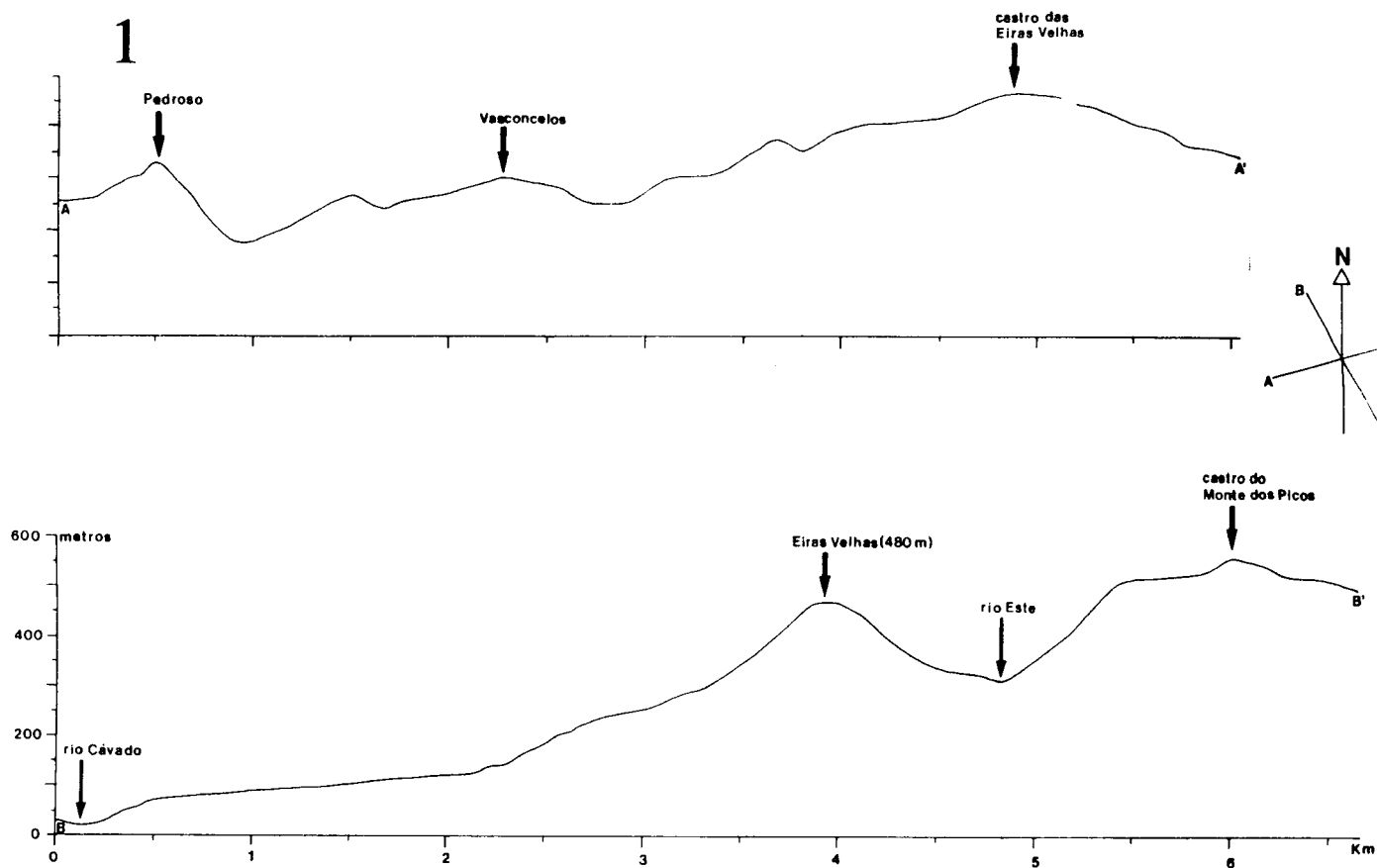
1



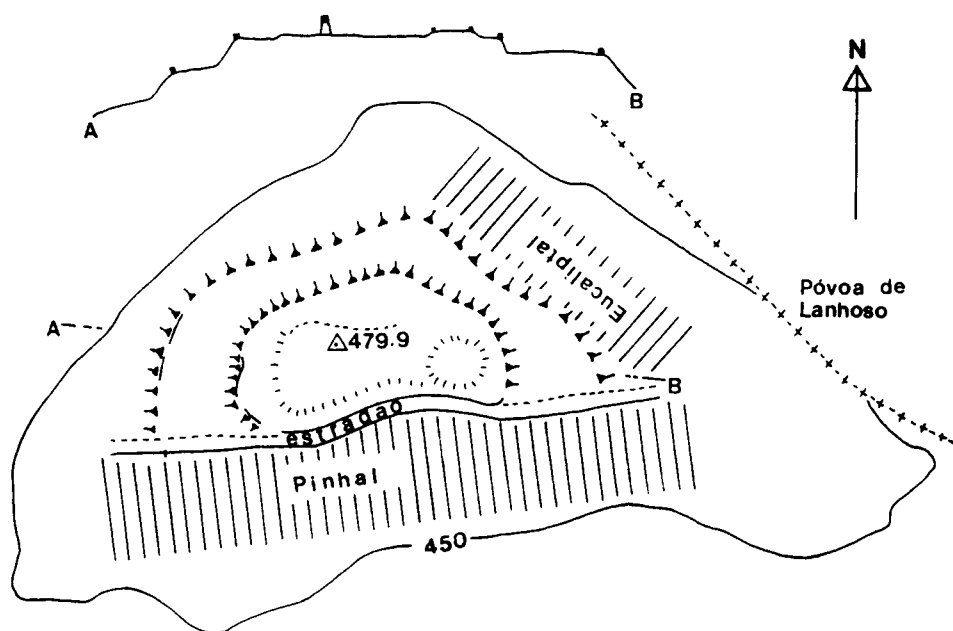
2



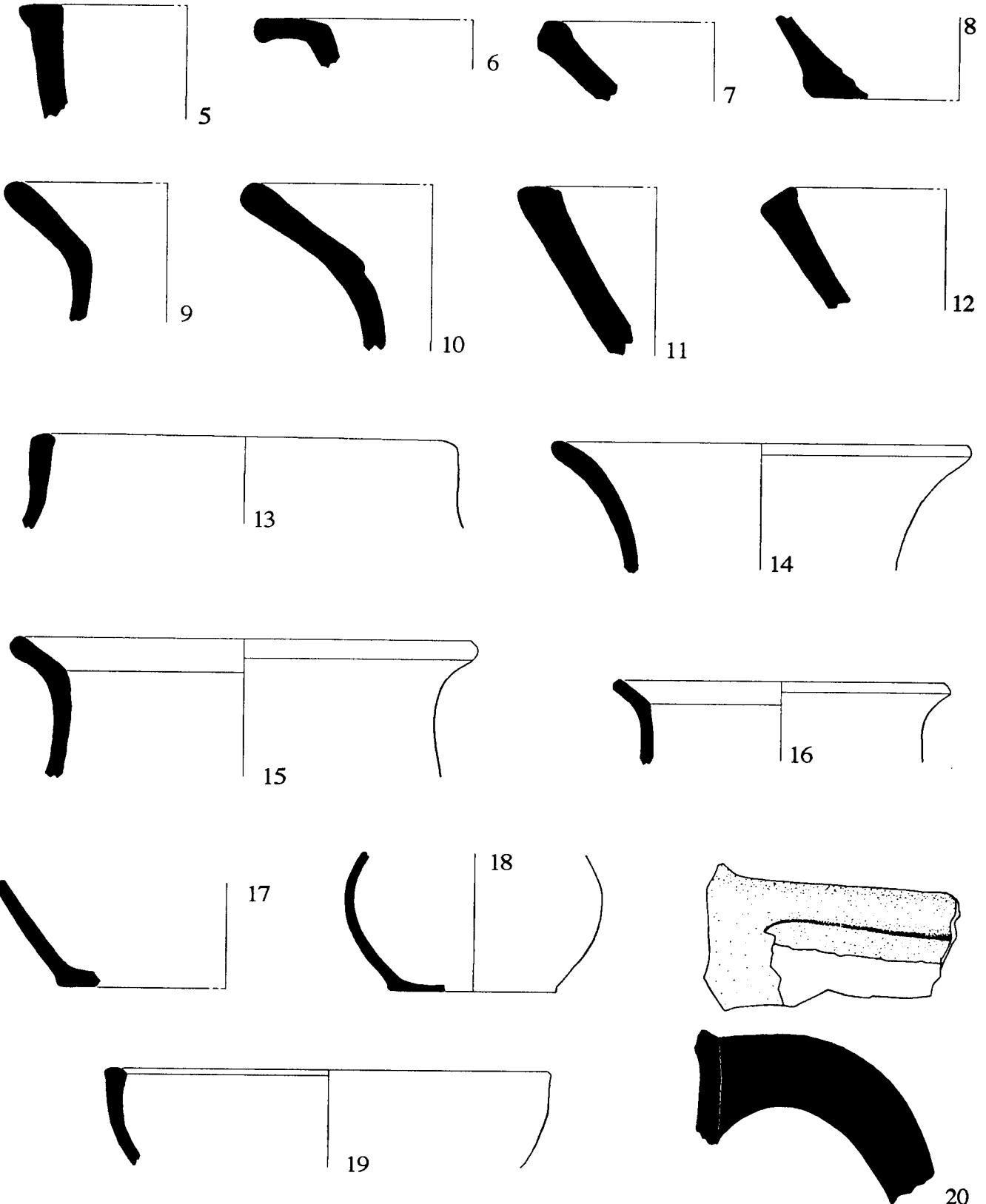
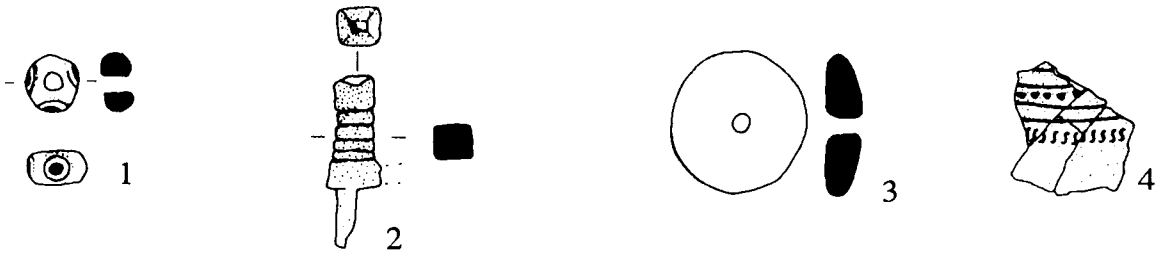
Monte da Saia (Barcelos): 1 - Perfis Topográficos; 2 - Artefactos: 1-3 - Machados de Bronze do Depósito de Viatodos (Esc. 1:3) (Fonte: KALB 1980); 4 - Bracelete de Ouro (Esc. 1:2) (Fonte: SILVA 1986)



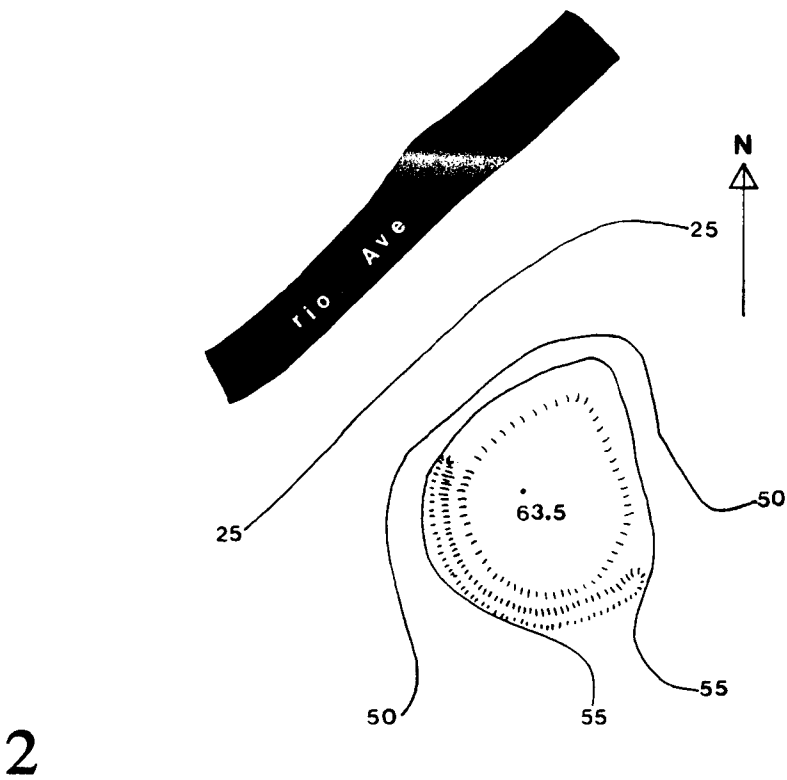
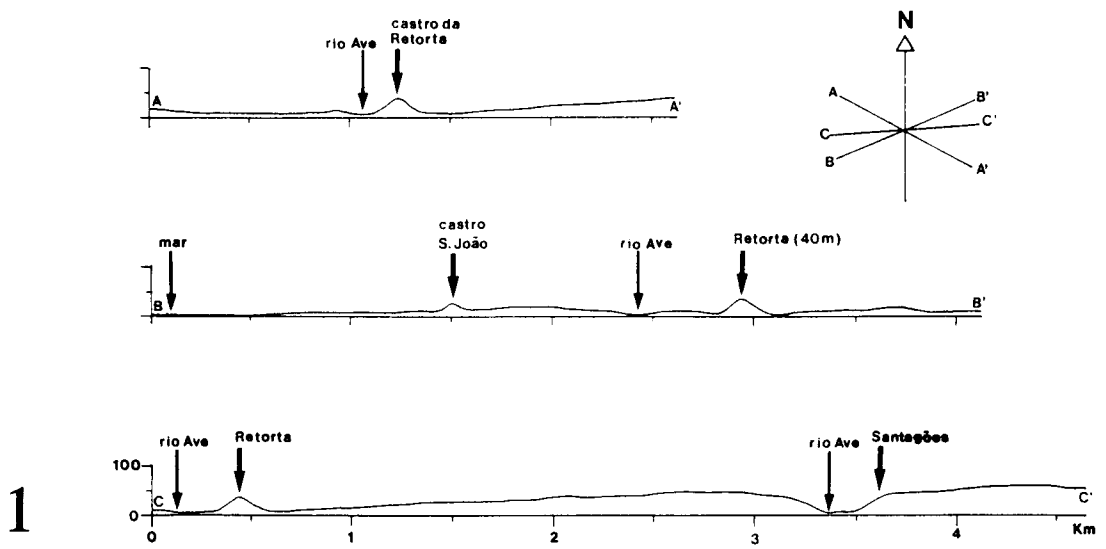
2



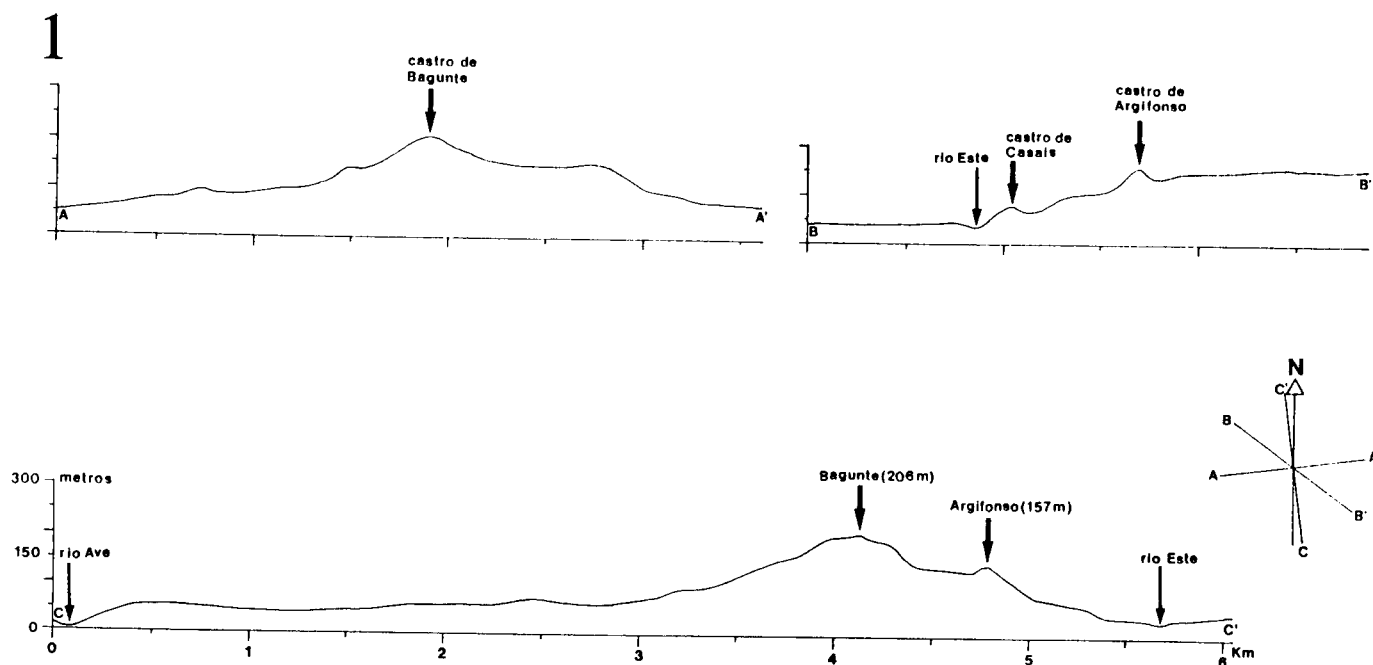
Eiras Velhas: 1 - Perfis topográficos; 2 - Planta (Esc. 1:5.000)



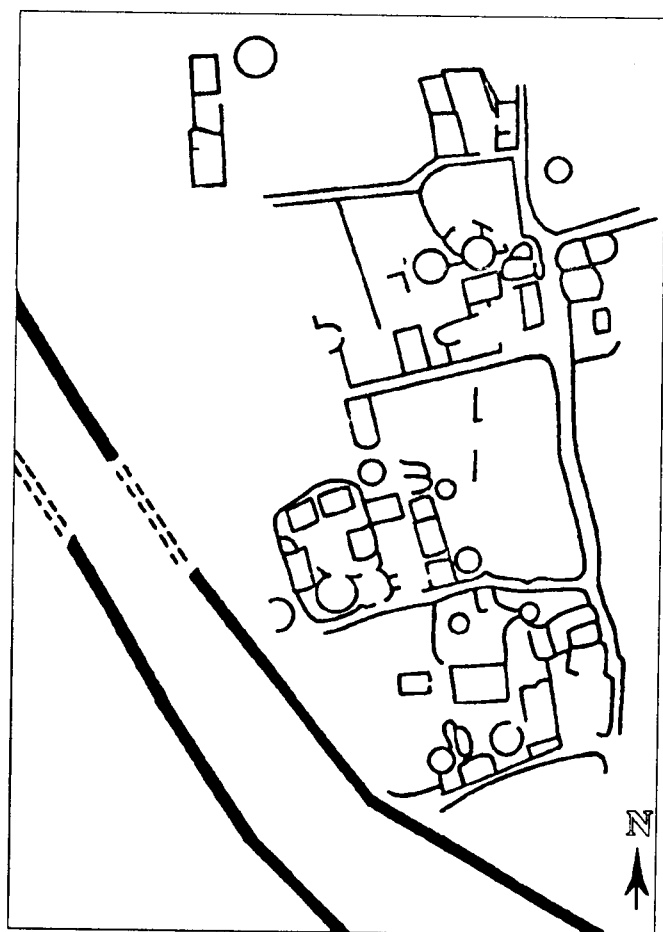
Eiras Velhas (Braga): Espólio (Recolha superficial) - 1- Conta vítrea (Esc. 1:1); 2- Fíbula em bronze (Esc. 1:1); 3- Fusaíola em xisto (Esc. 1:2); 4-20- Cerâmica (Esc. 1:2)



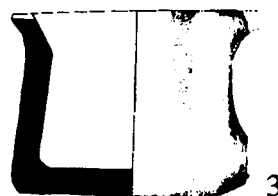
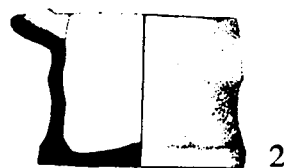
Castros de Retorta, S. João e Santagões (Vila do Conde): 1 - Perfis topográficos;
2 - Planta do Castro de Santagões (Esc. 1:5.000)



2

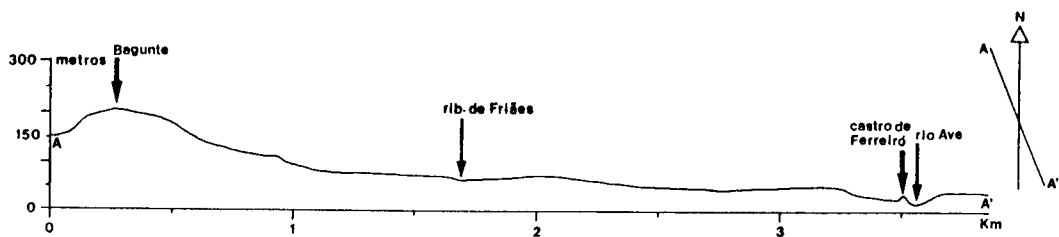


3

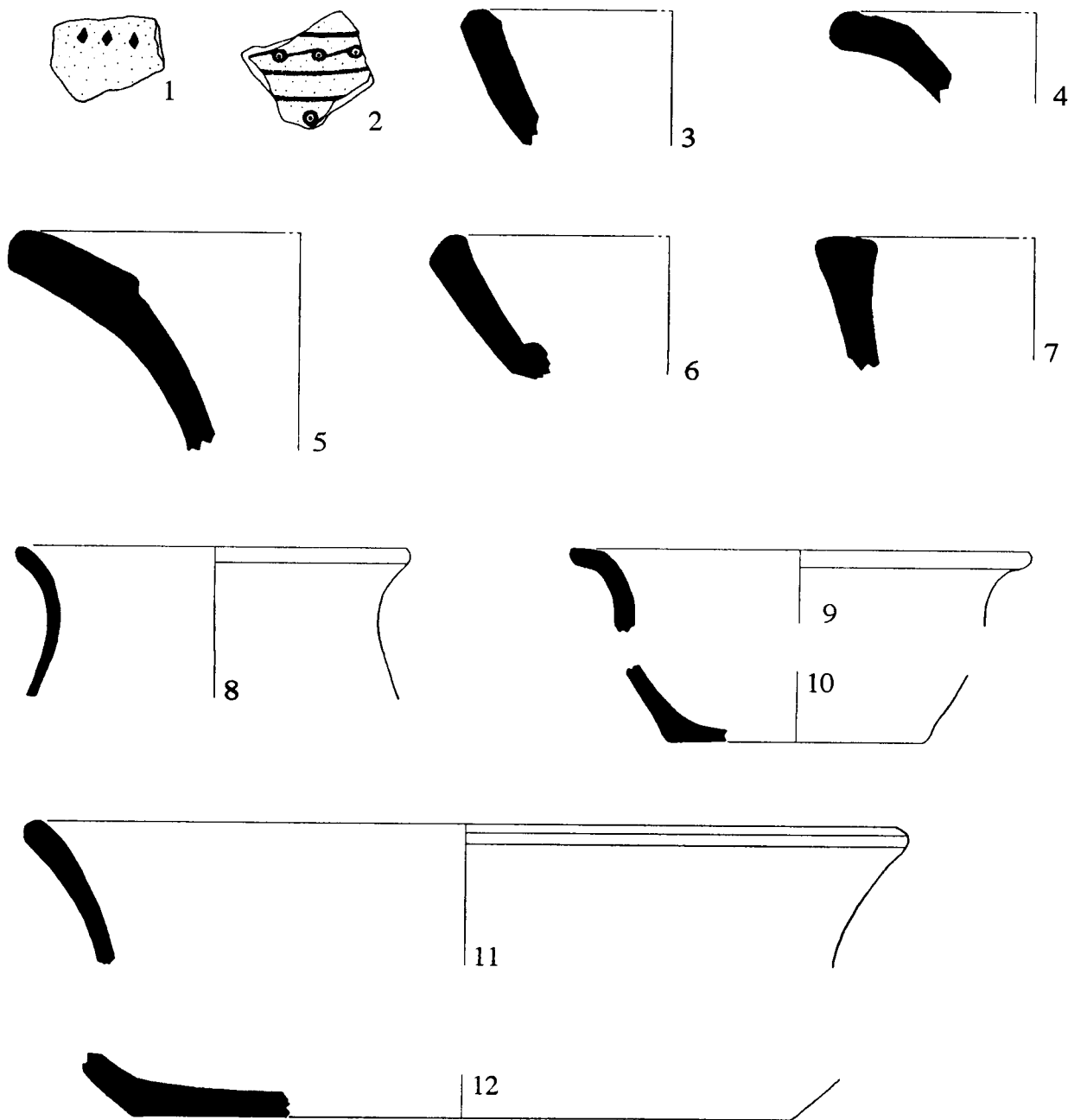


Cidade de Bagunte, Castros de Casais e Argifonso (Vila do Conde): 1 - Perfis Topográficos; 2 - Estruturas da Cidade (S/Esc.) (Fonte: ROMERO MASIÁ 1976, notas de G.Bellido); 3 - Espólio da Cidade: 1 - Alfinete em Bronze (Recolha superficial) (Esc. 1:1); 2-3 - Vasos de cerâmica (Esc. 1:2) (Fonte: SILVA 1986)

1

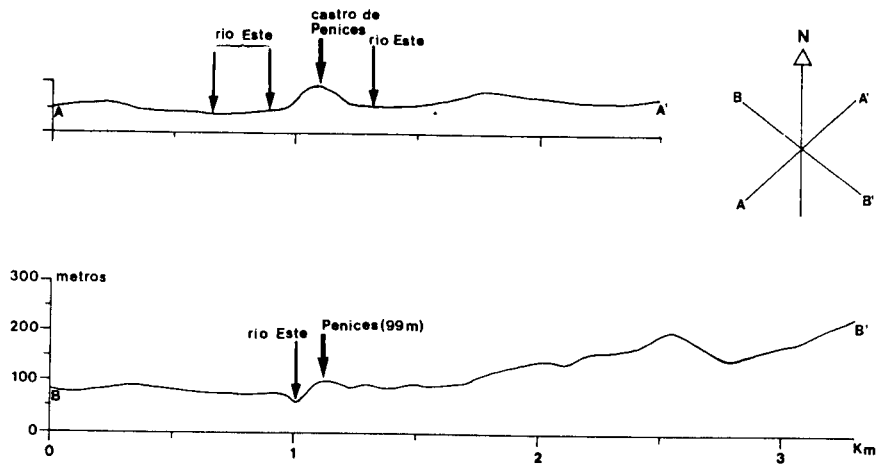


2

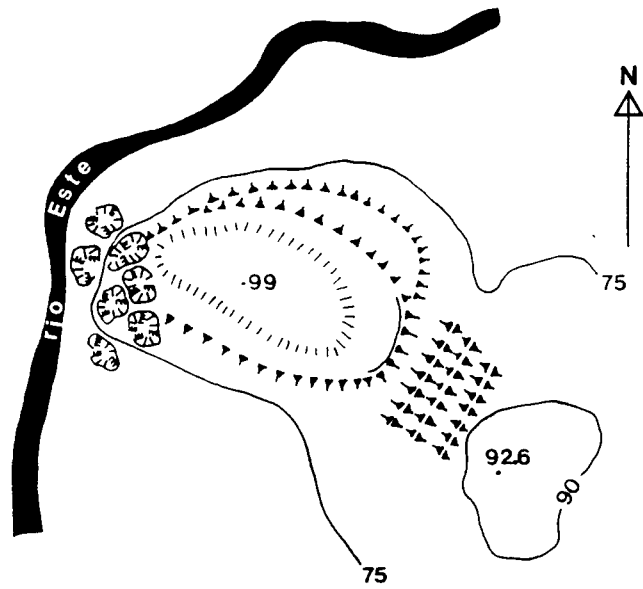


Castro de Ferreiró (V.Conde): 1 -Perfil topográfico; 2 - Cerâmica (Recolha superficial): (Esc. 1:2)

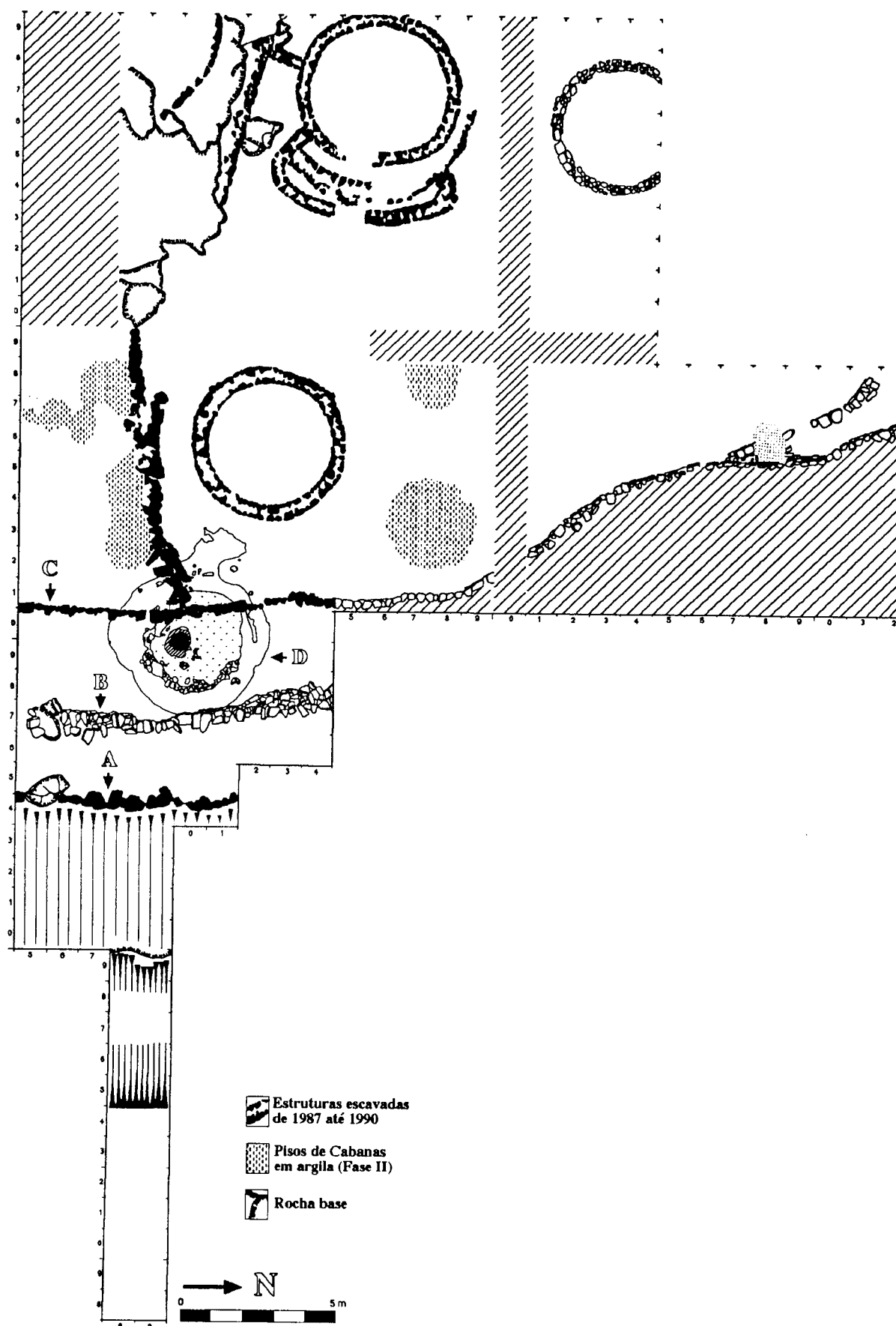
1



2

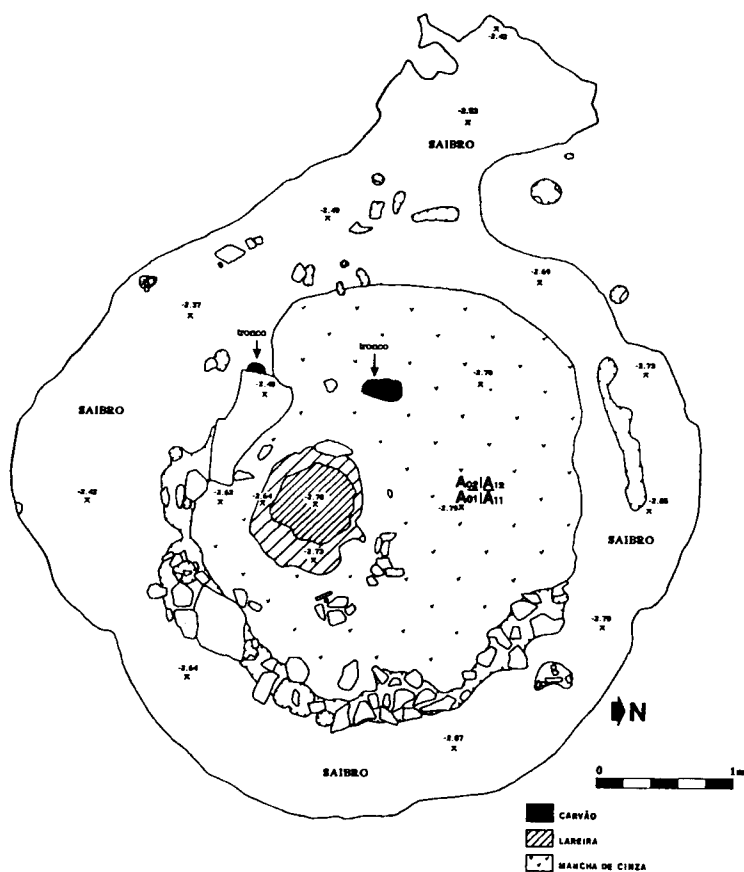


Castro de Penices (V.N. de Famalicão): 1 -Perfis topográficos; 2 - Planta (Esc. 1:5.000)

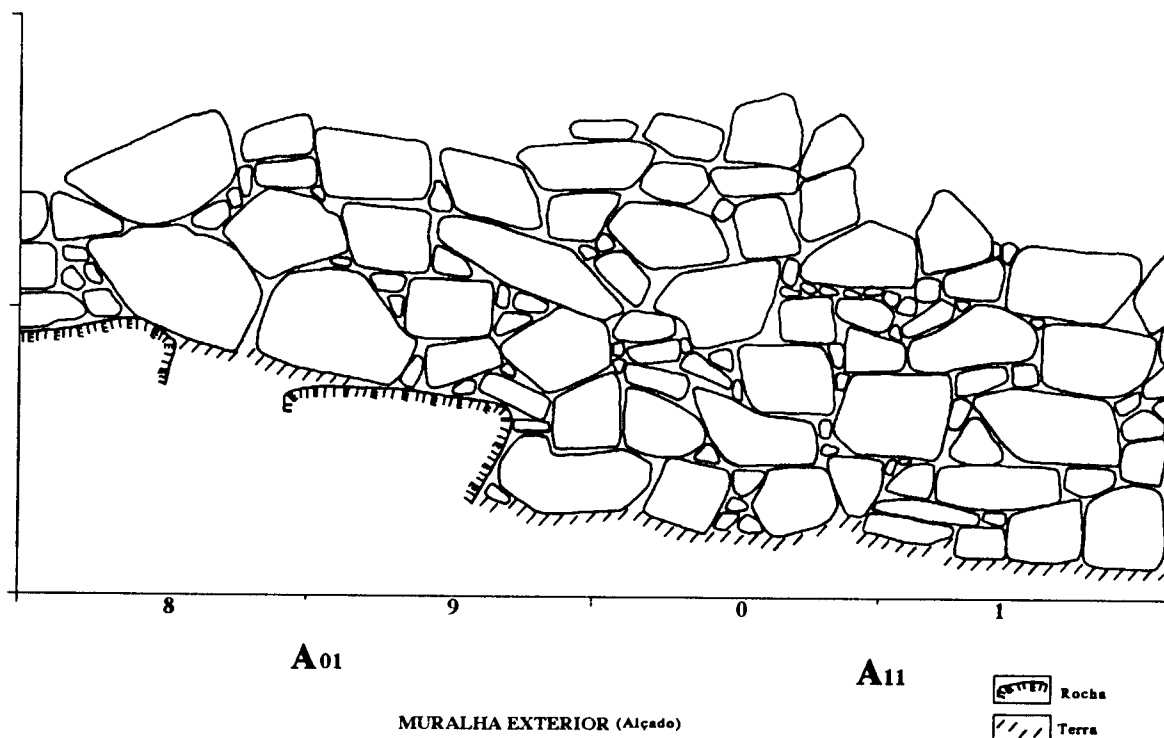


Castro de Penices (Gondifelos - V.N. Famalicão): Plano de escavações (A-Muralha primitiva-face exterior; B-Muralha primitiva-face interior; C-Alargamento da muralha-face interior; D-Cabana)

1

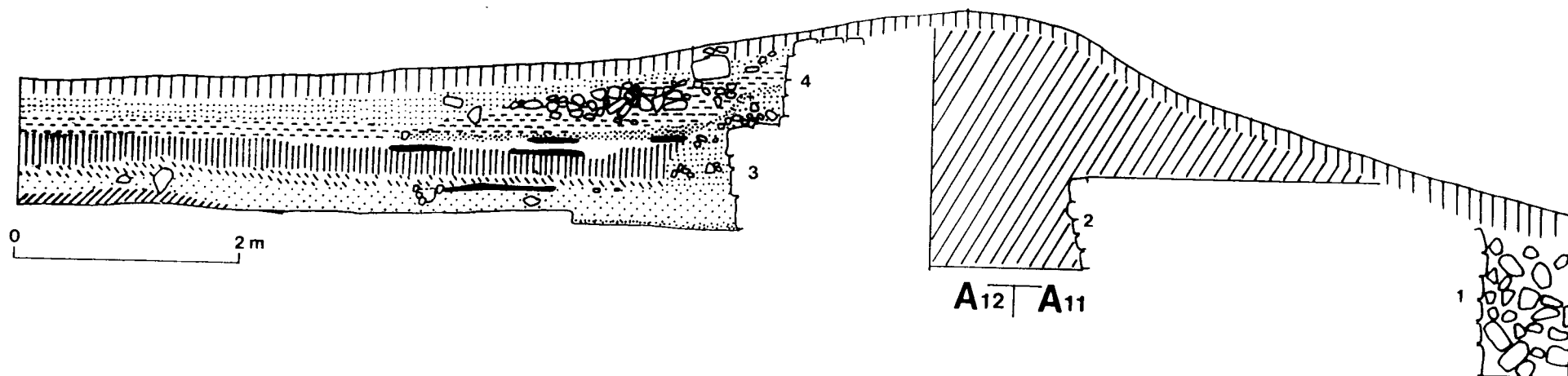


2



Castro de Penices: Estruturas (Fase II) 1 - Cabana; 2 - Muralha exterior (quadrícula - 1 metro).

CASTRO DE PENICES - Gondifelos (V. N. de Famalicão)
Corte Estratigráfico: A12-A11 - (Oeste-Este)



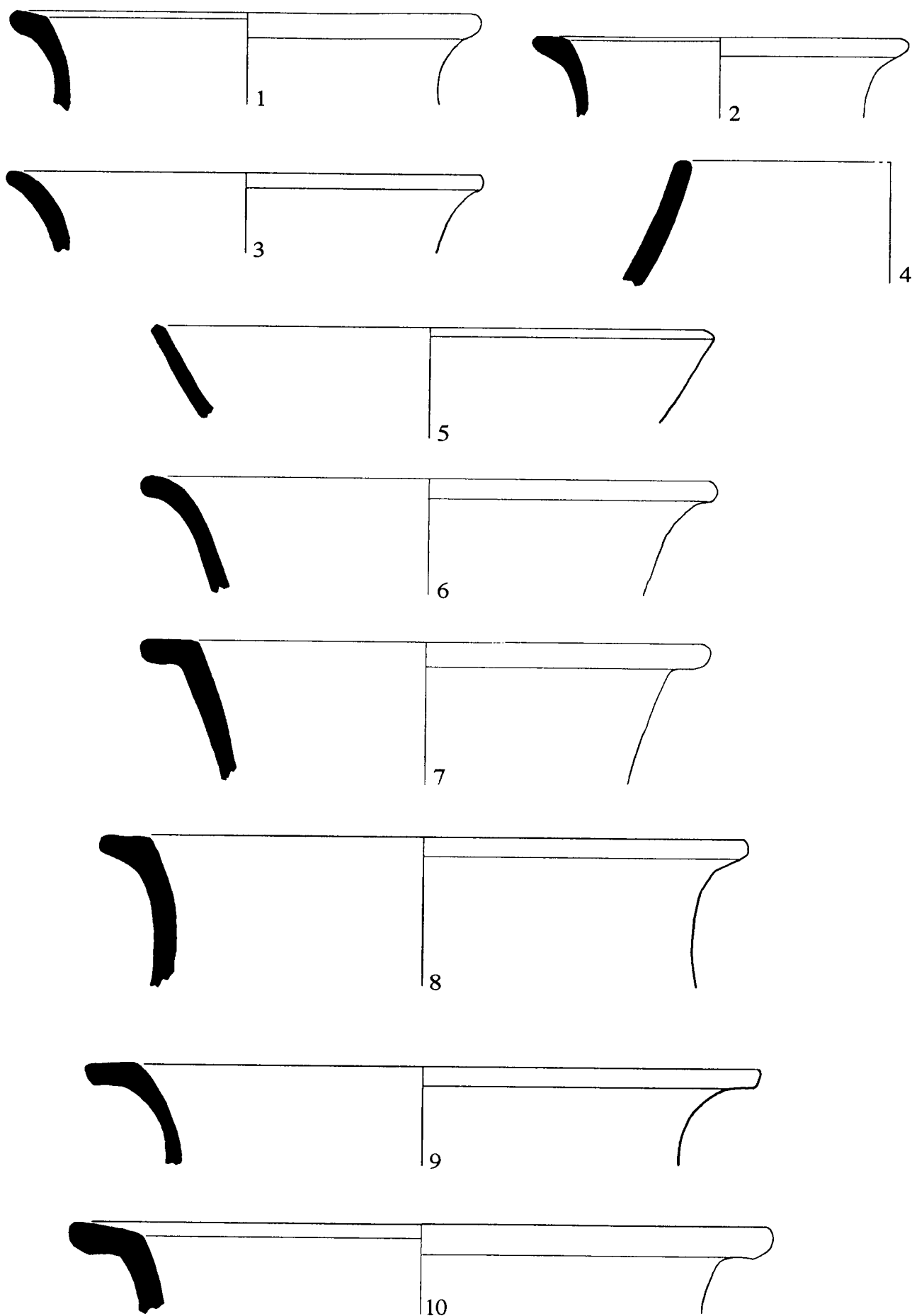
LEGENDA

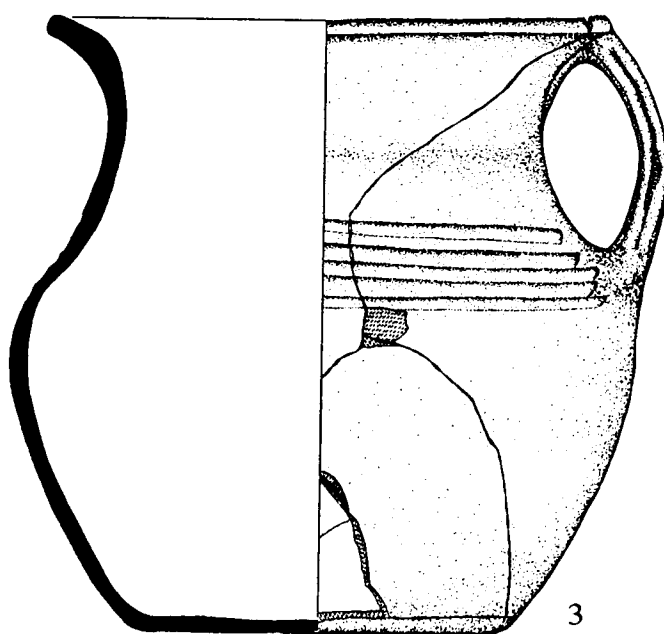
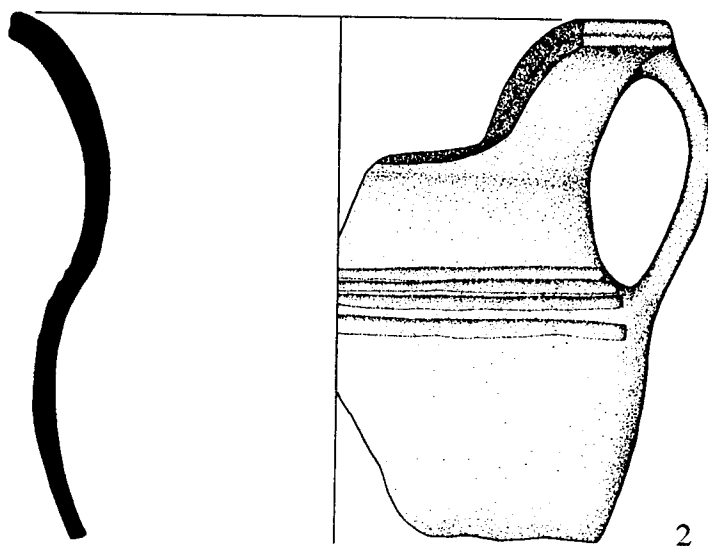
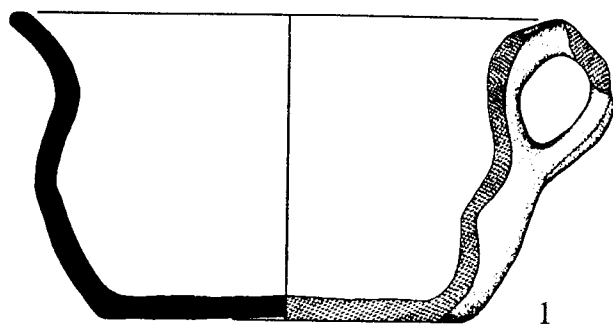
Muralha:

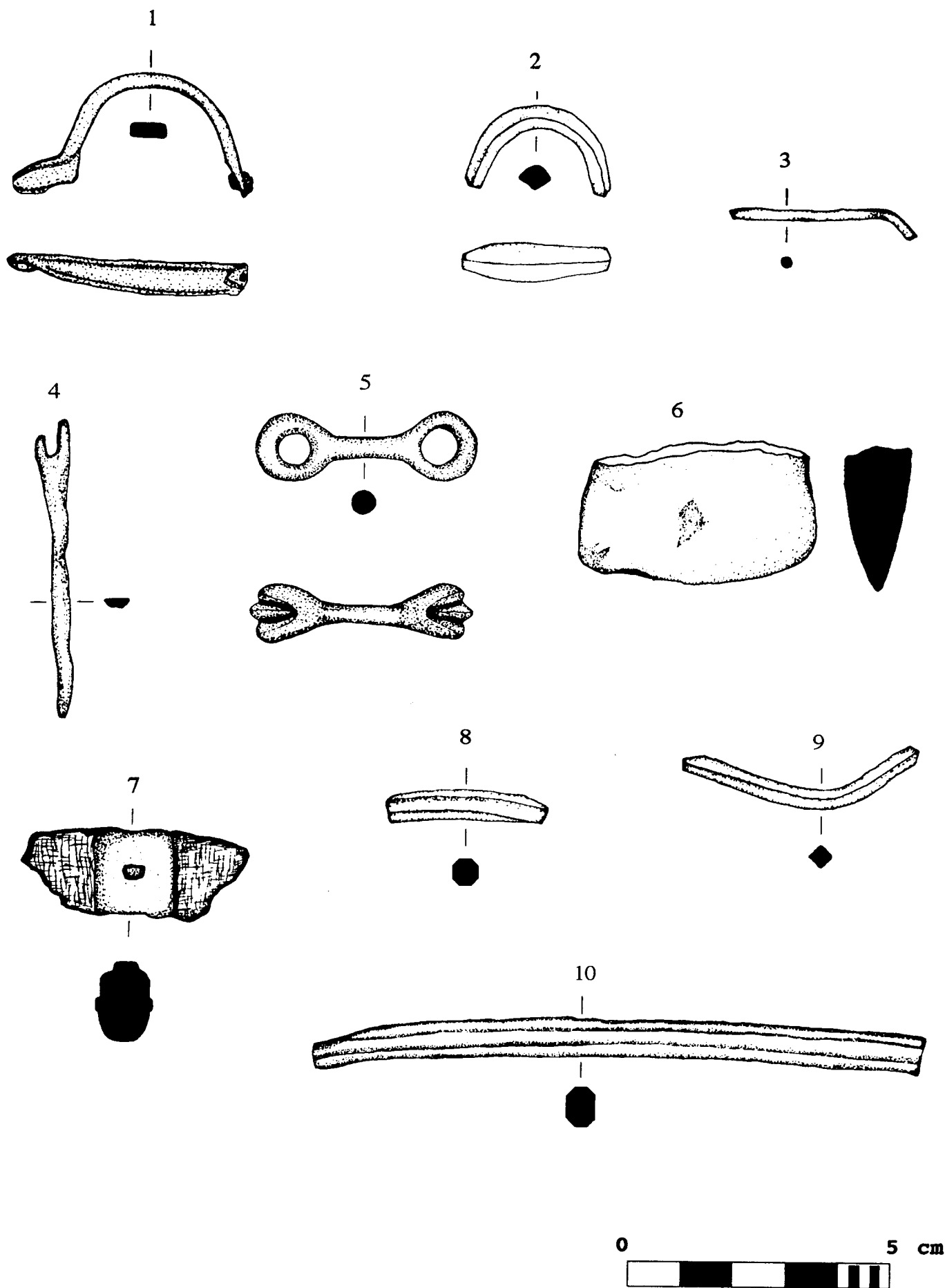
- 1- Face exterior (construção - inícios da Fase II)
- 2- " interior (*idem*)
- 3- " " (alargamento - meados da Fase II)
- 4- " " (reconstrução - Fase III)

 Fundos de cabana

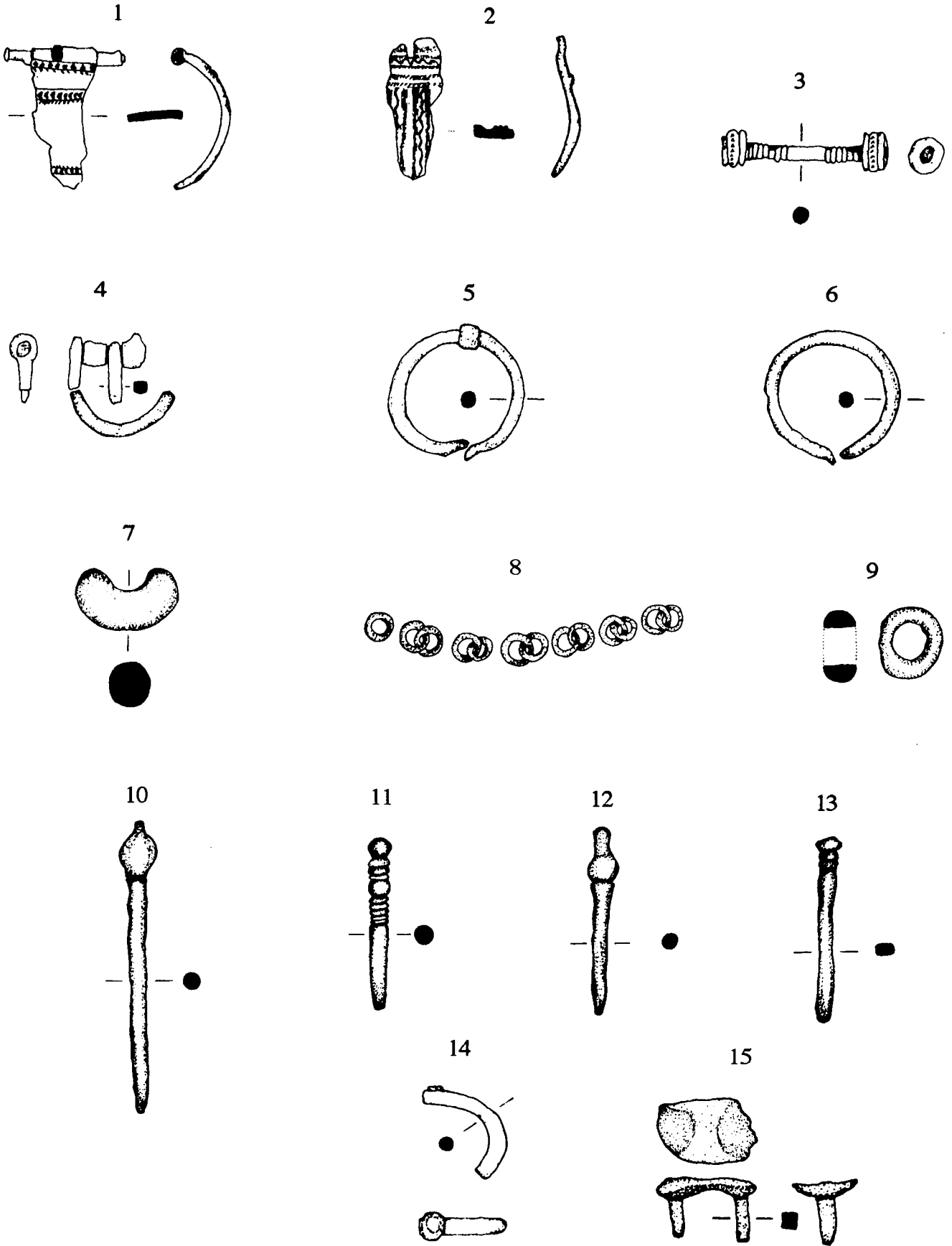
 Enchimento (pedras e terra)





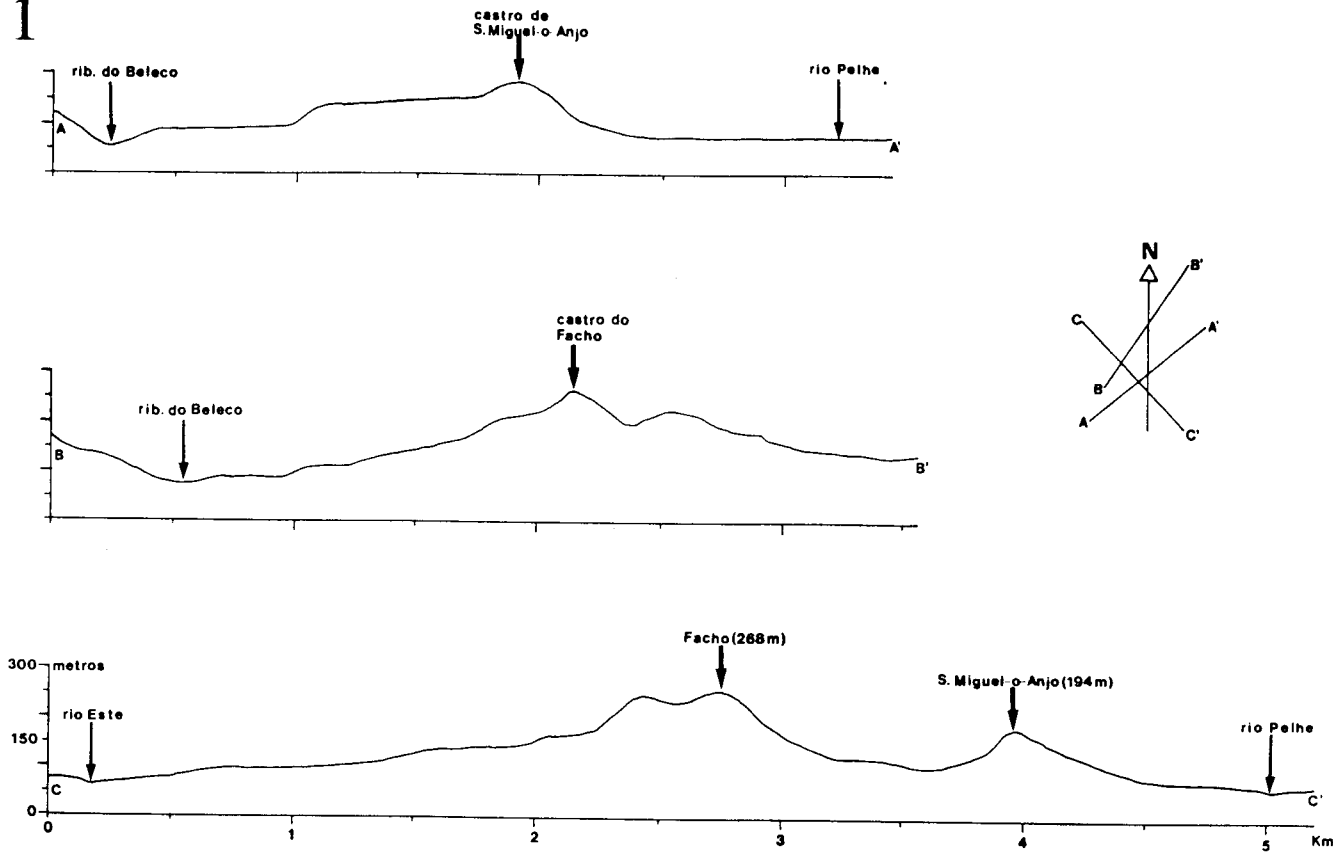


Castro de Penices (Famalicão): Artefactos em bronze (Fase II)

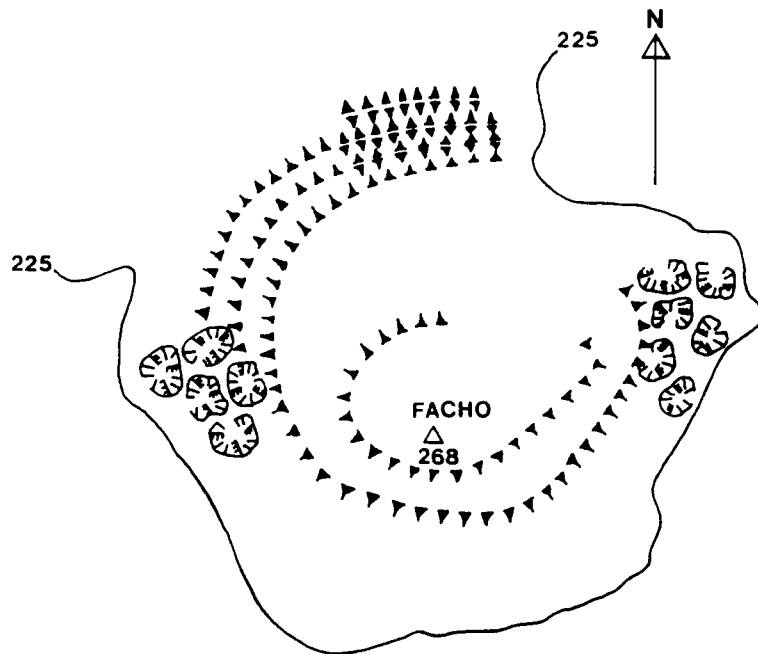


Castro de Penices (Famalicão): Artefactos em bronze (Fase III)

1

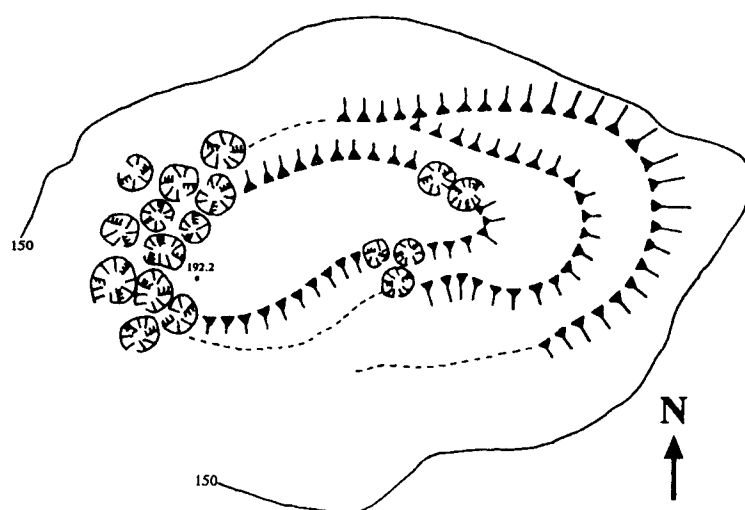


2

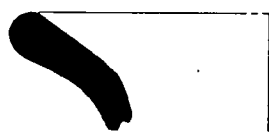


Castros do Facho e S. Miguel-o-Anjo (Calendário - V.N. Famalicão): 1 - Perfis topográficos; 2 - Planta do Castro do Facho (Esc. 1:5.000)

1



2



2



5



6



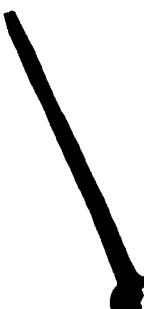
8



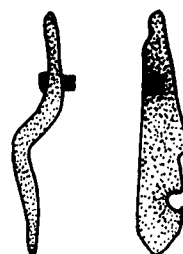
3



7



9

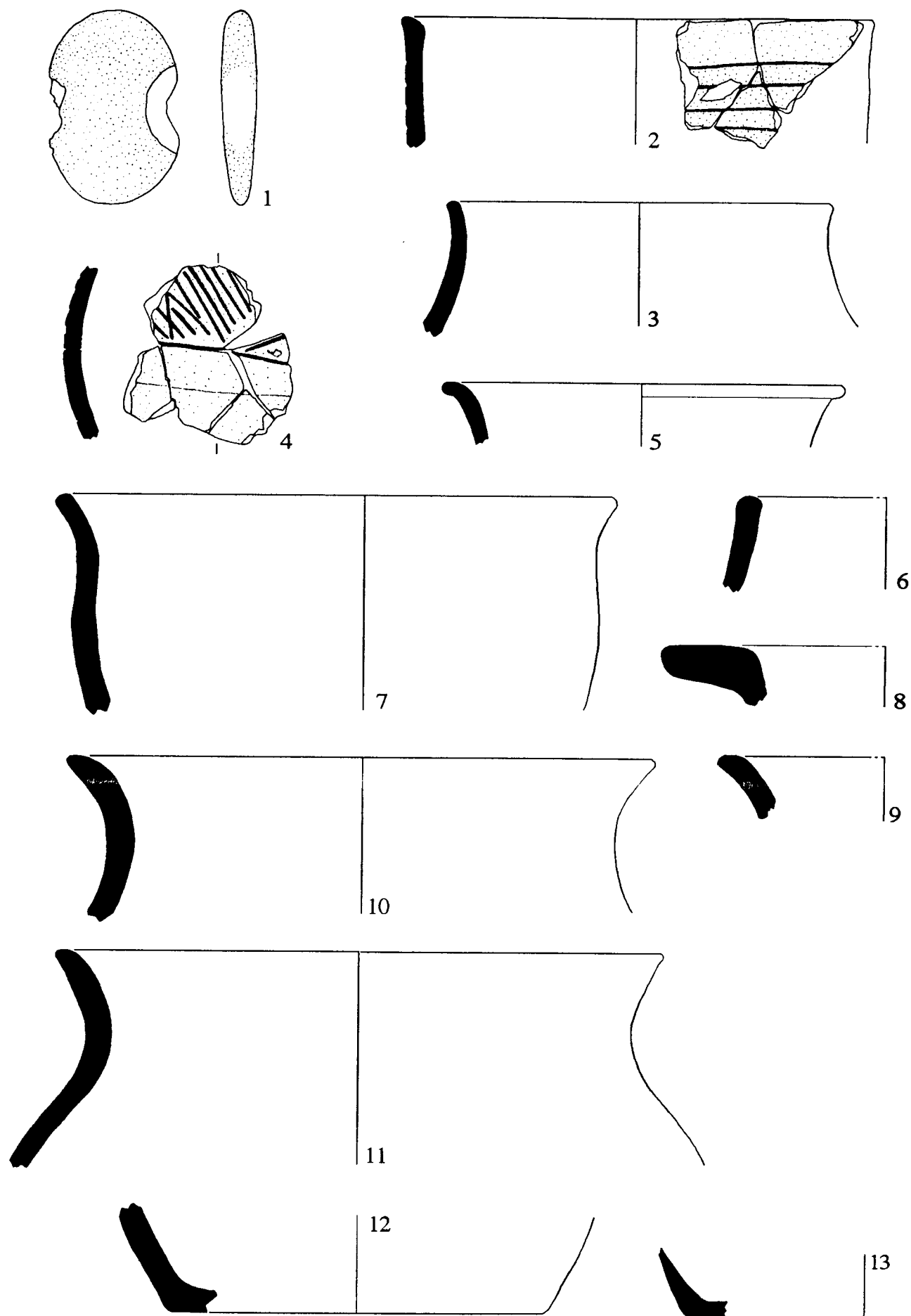


1



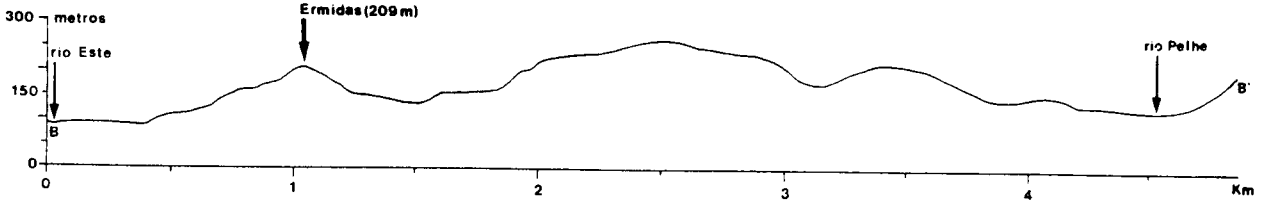
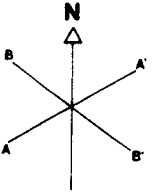
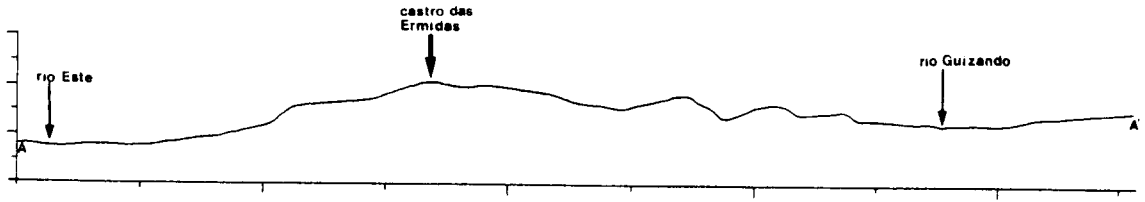
4

Castro de S. Miguel-o-Anjo (Calendário - Famalicão): 1 - Planta (Esc. 1:5.000); 2 - Espólio (Recolha superficial): 1 - Artefacto em bronze (Esc. 1:1); 2-9 - Cerâmica (2-8 Esc. 1:2; 9 1:4)

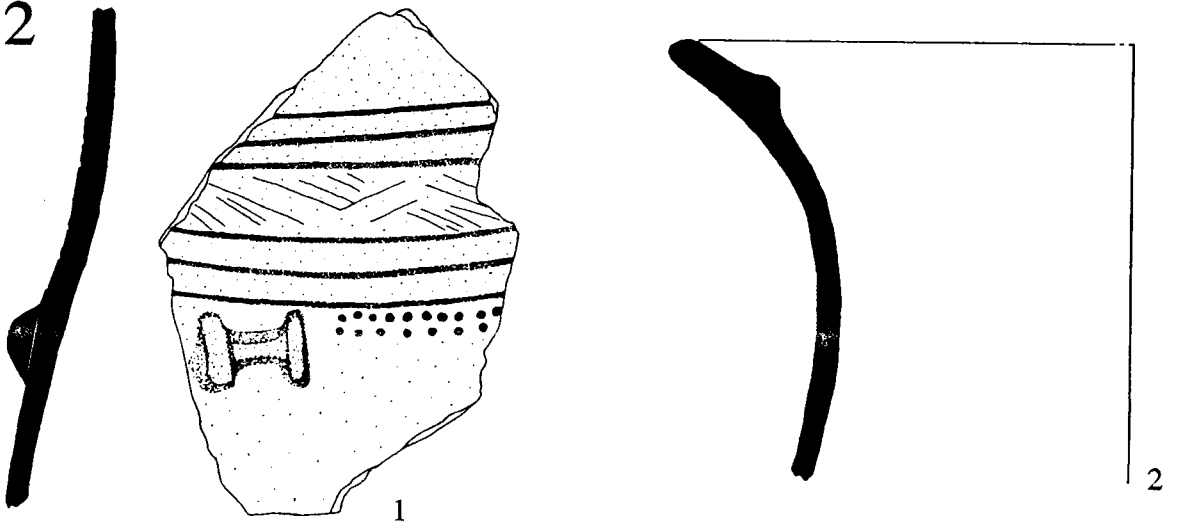


Castro do Facho (V.N. Famalicão): Espólio (Recolha superficial): 1 - Peso de rede (Esc. 1:2);
2-13 - vasos de cerâmica (Esc. 1:2)

1



2

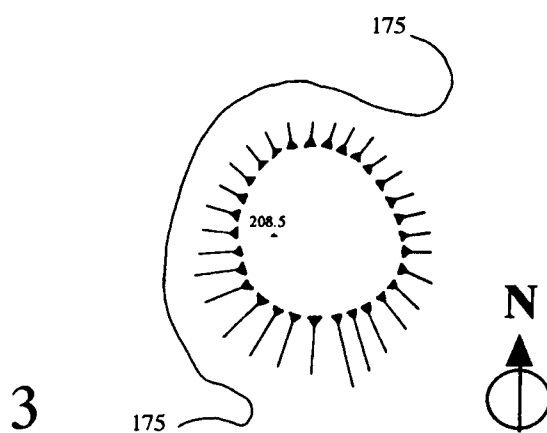
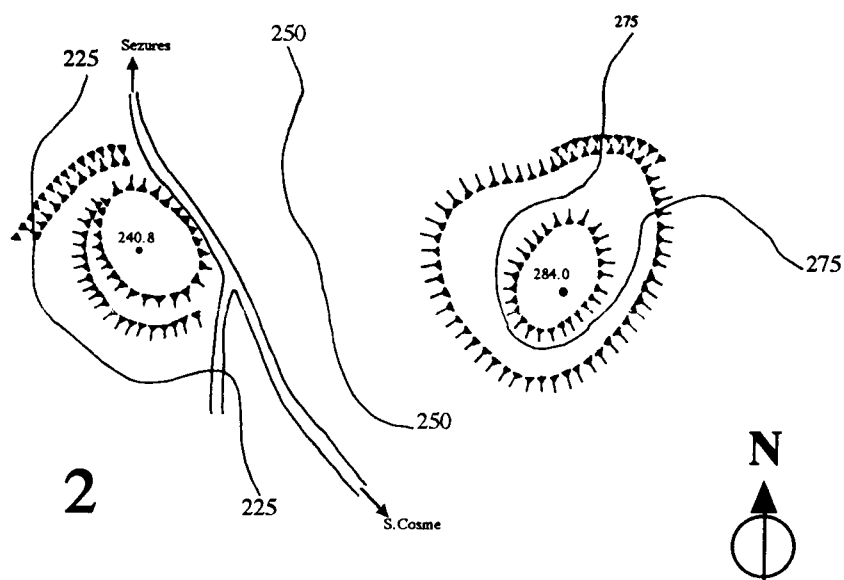
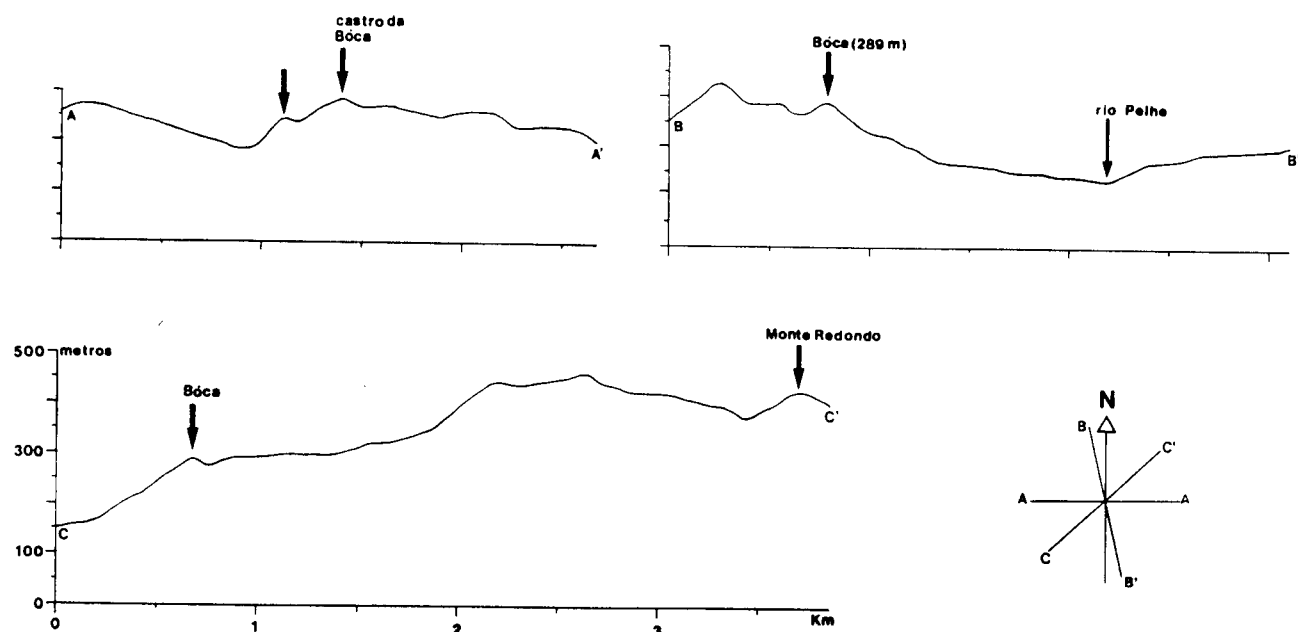


3

4

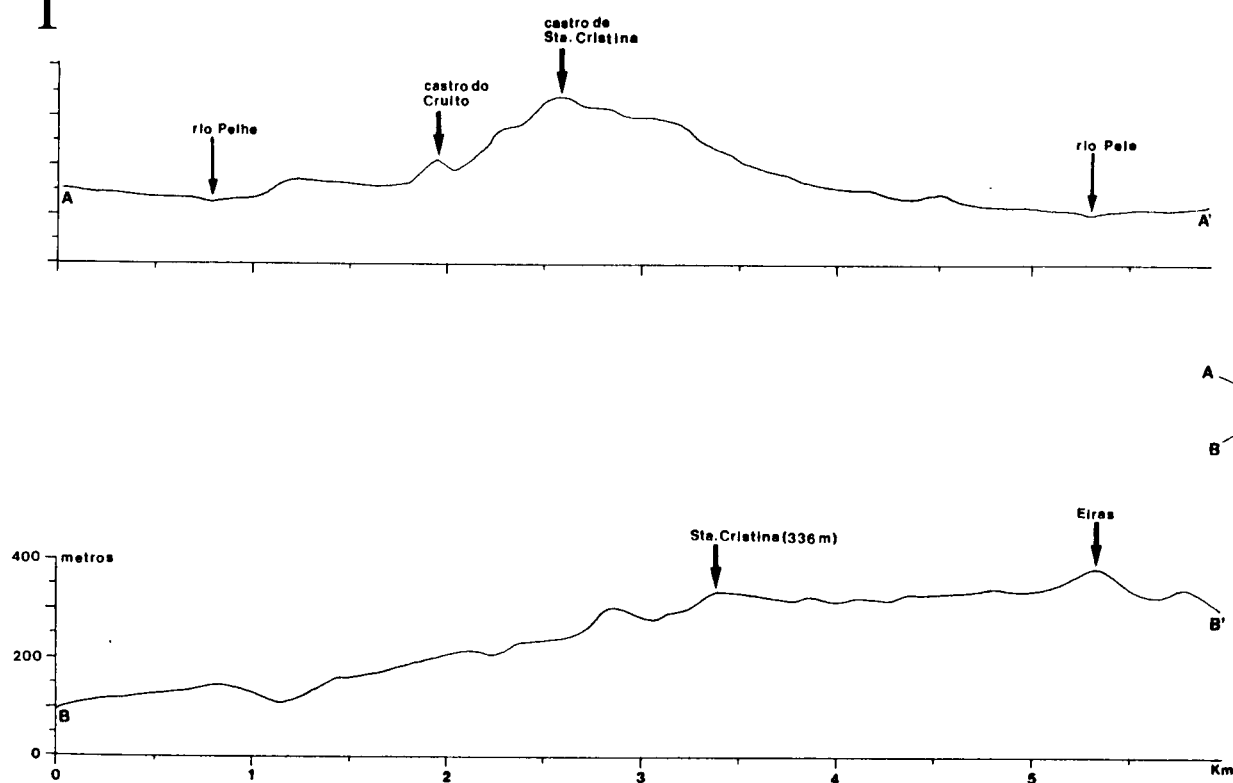
Castro das Ermidas (Famalicão): 1 - Perfis Topográficos; 2 - Cerâmica: 1-2, 4 (Esc. 1:2); 3 (Esc. 1:4)

1

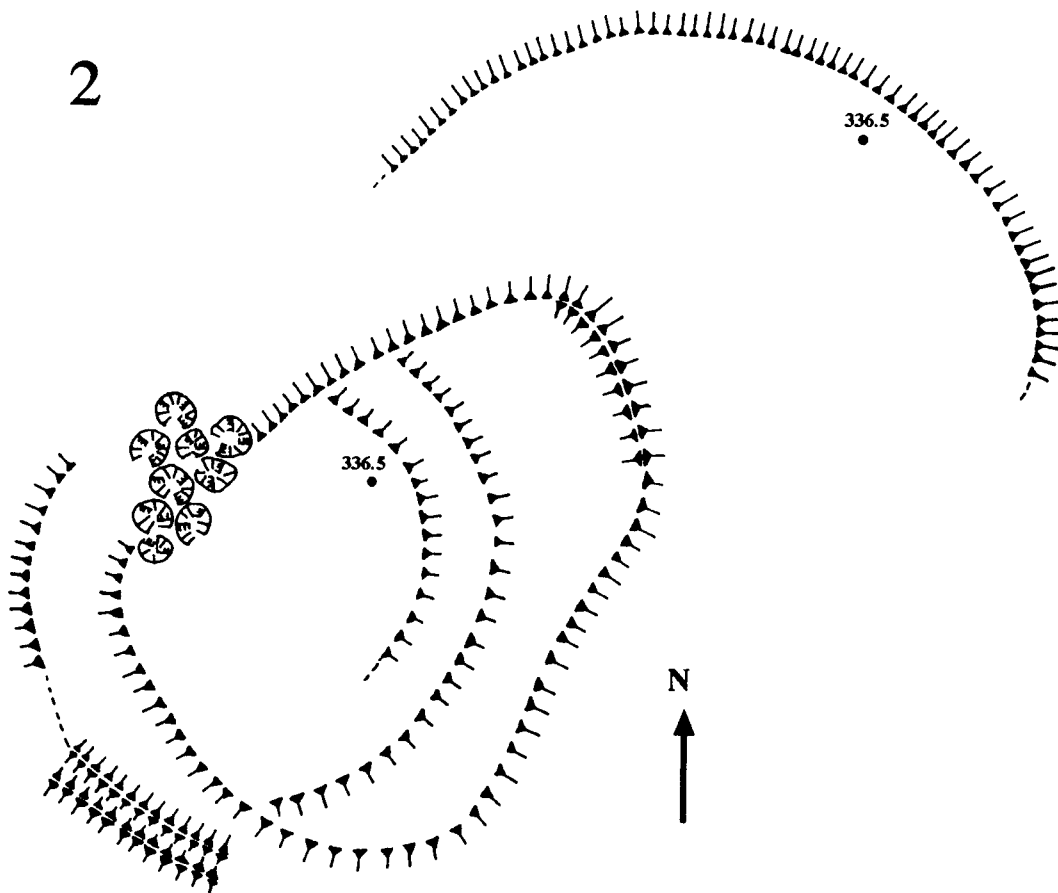


Castro da Bóca (V.N. Famalicão): 1 - Perfis topográficos; 2 - Planta (Esc. 1:5.000)
 Castro do Cruito (V.N. Famalicão): 3 - Planta (Esc. 1:5.000)

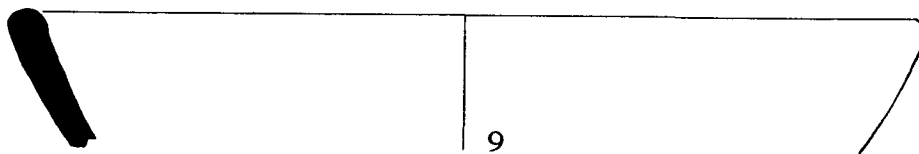
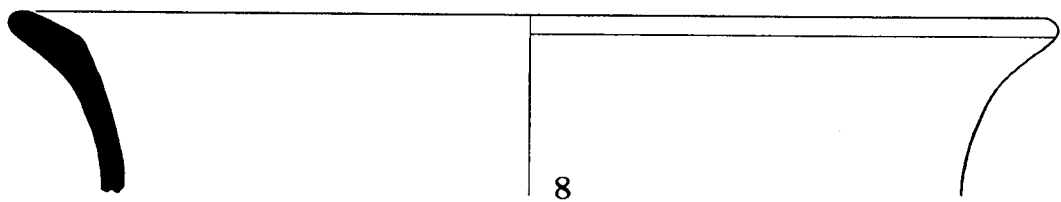
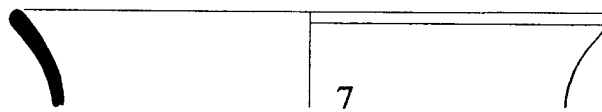
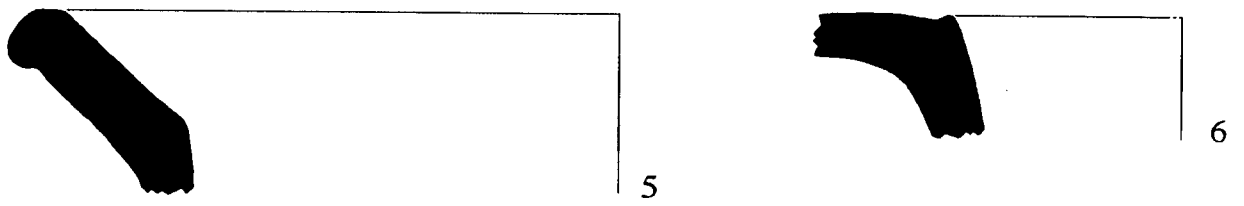
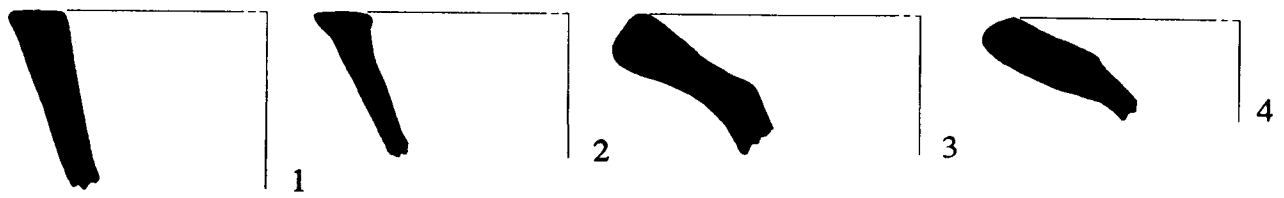
1



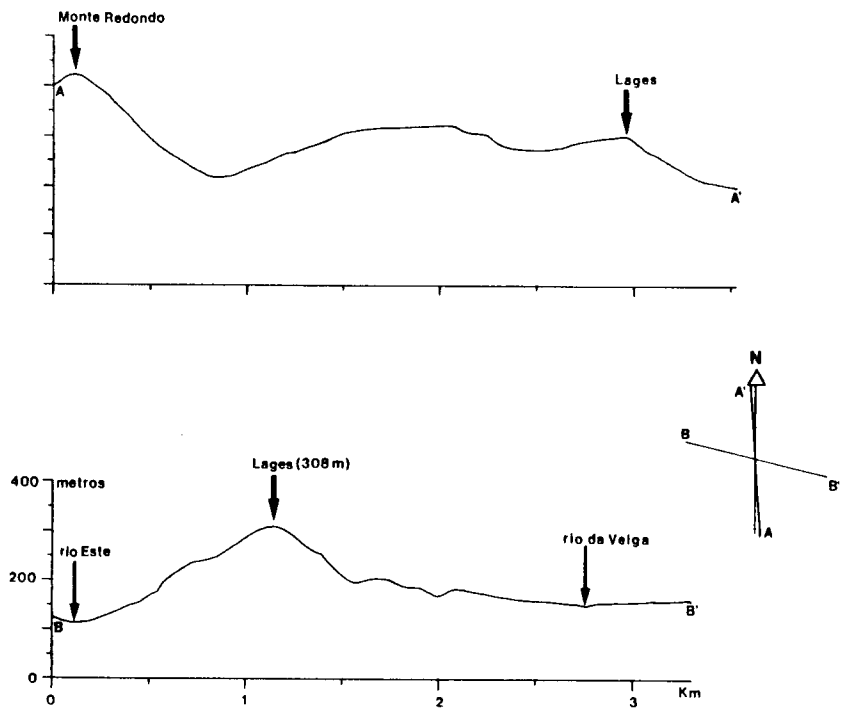
2



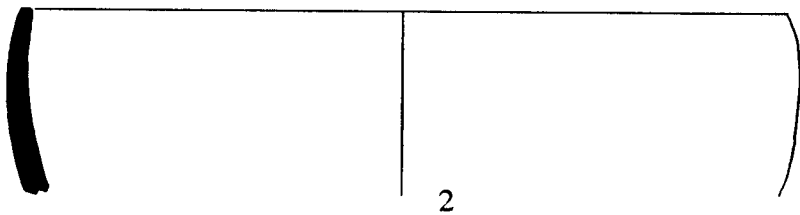
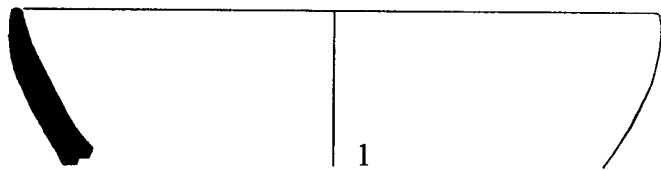
Castros do Cruito e Sta. Cristina (V.N. Famalicão): 1 - Perfis topográficos; 2 - Planta do Castro de Sta. Cristina (Esc. 1:5.000)



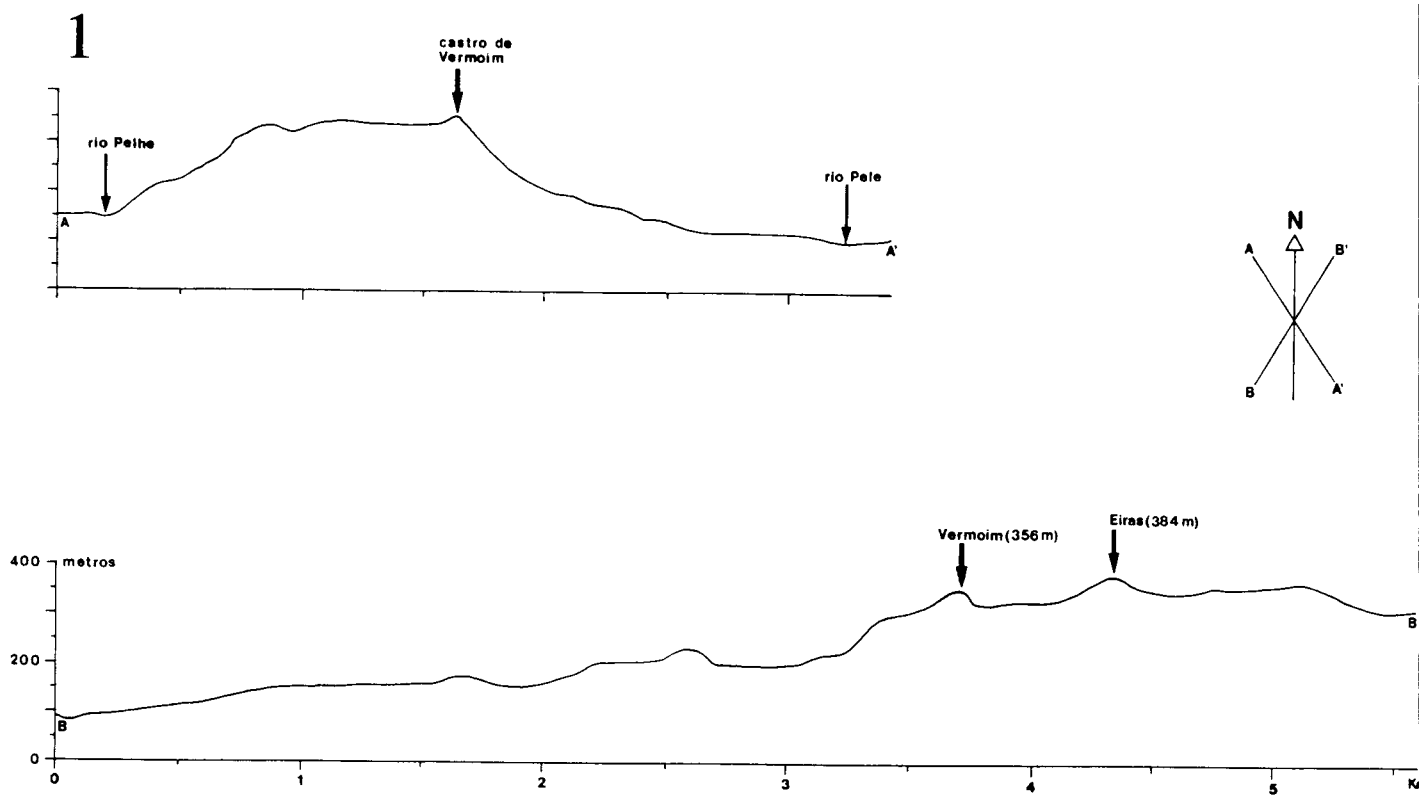
1



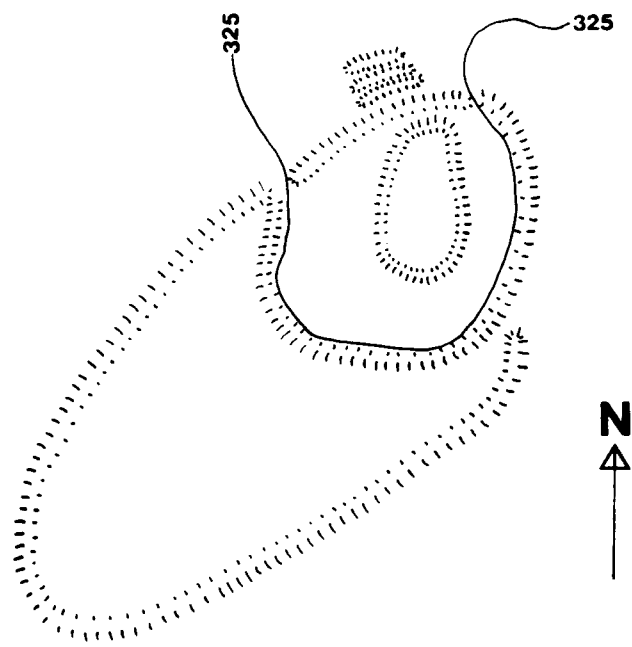
2



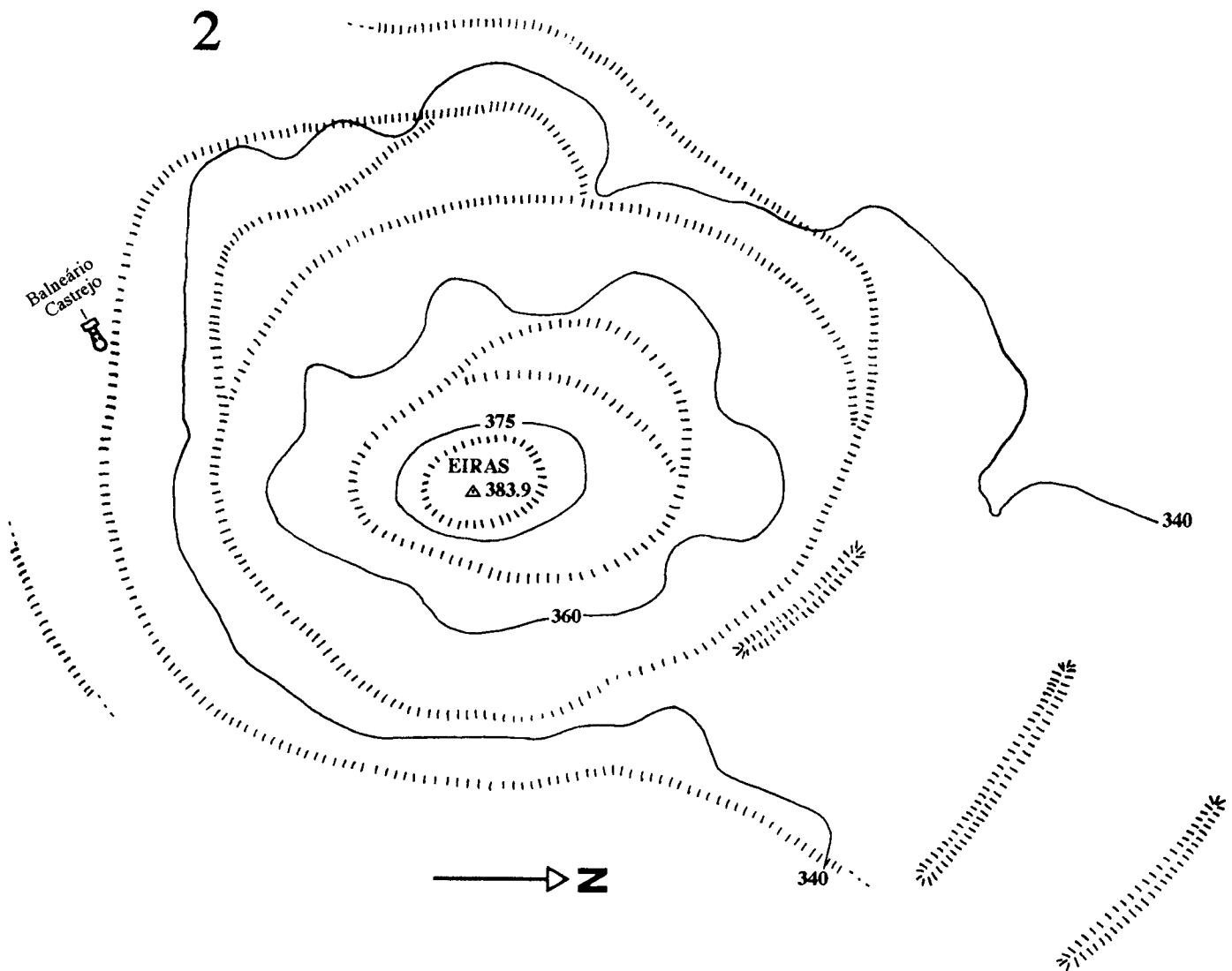
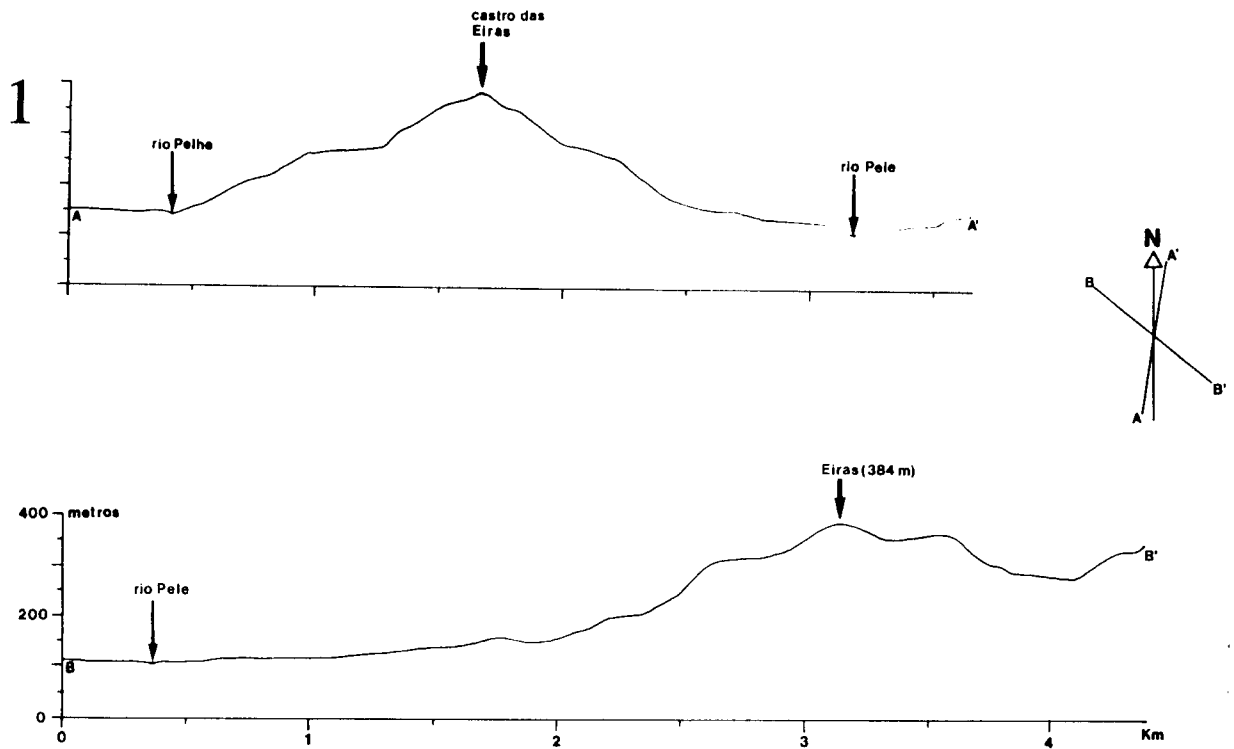
Lages (Figueiredo - Braga): 1 - Perfis topográficos; 2-3 - Cerâmica (Recolha superficial) (Esc. 1:2)



2

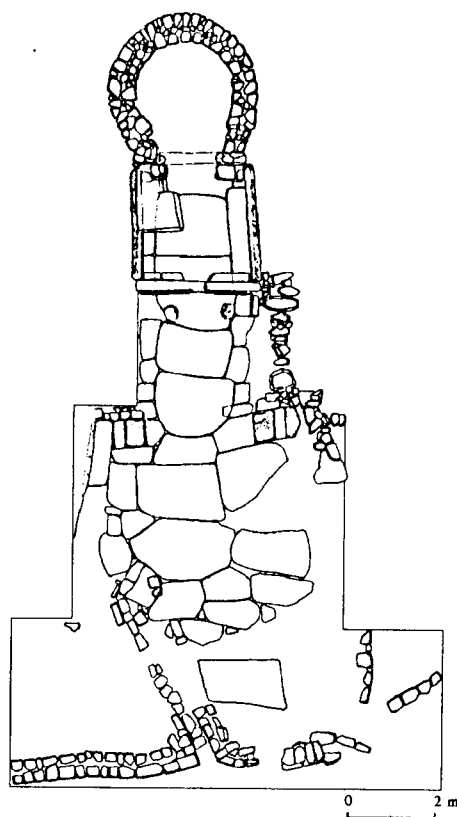


Castro de Vermoim (V.N. Famalicão): 1 - Perfis Topográficos; 2 - Planta (Esc. 1:5.000)

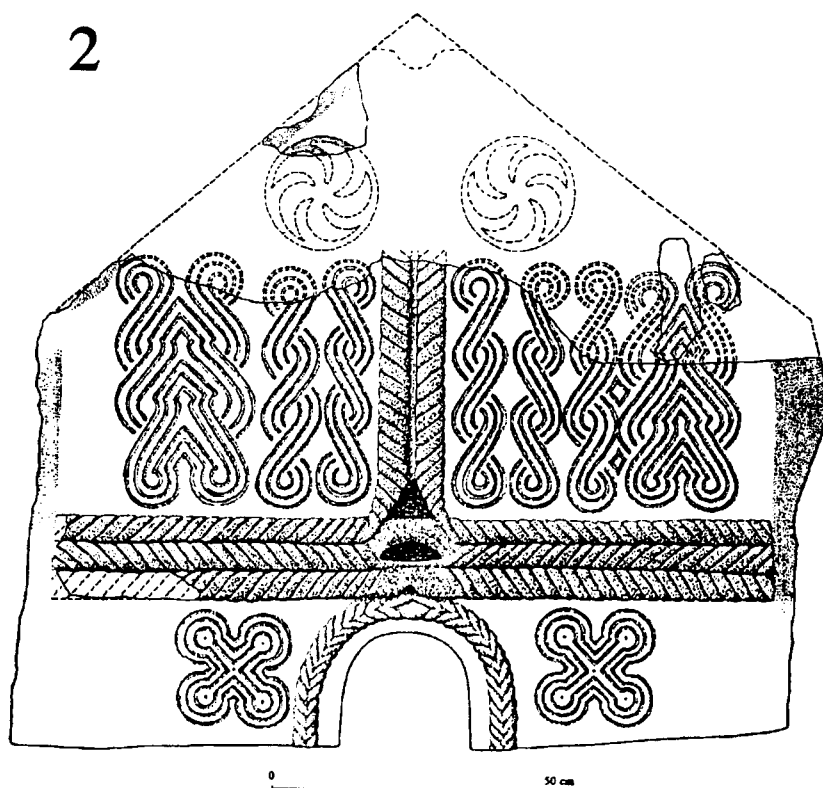


Castro das Eiras (V.N. Famalicão): 1 - Perfis Topográficos; 2 - Planta (Esc. 1:5.000)

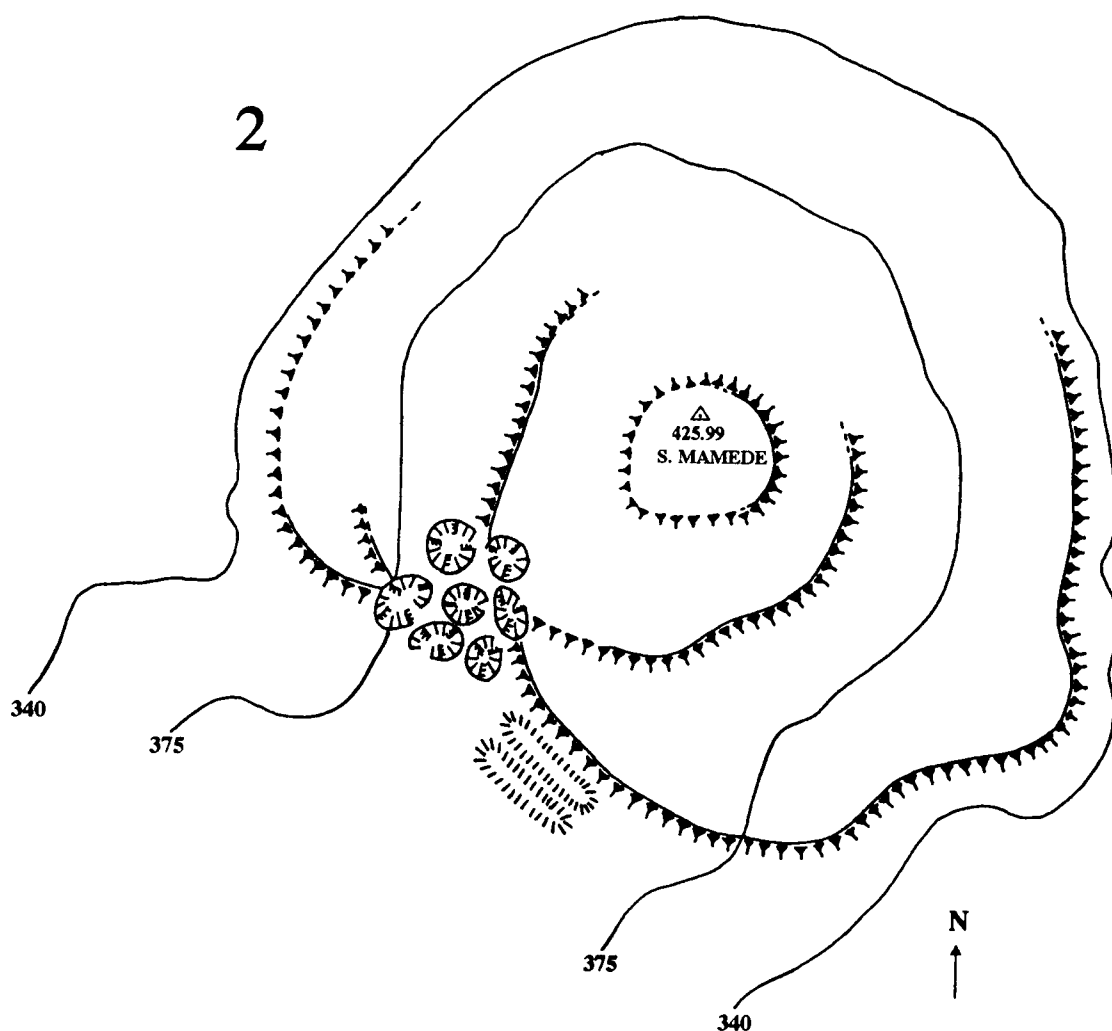
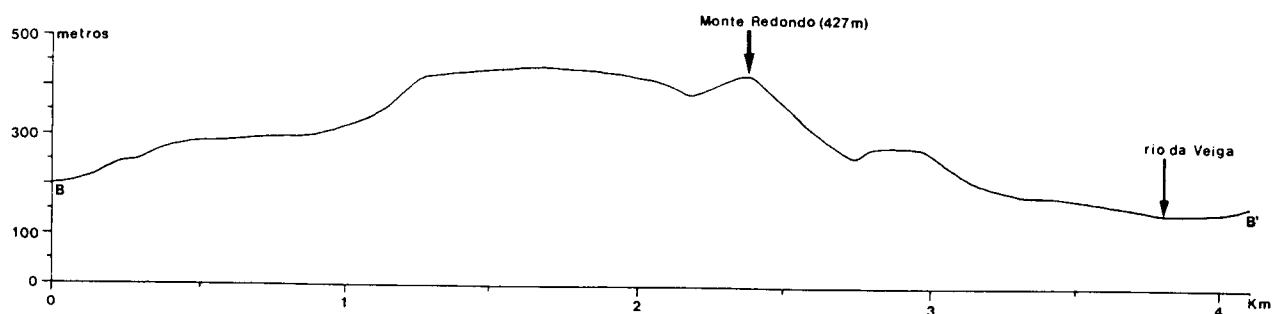
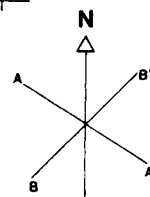
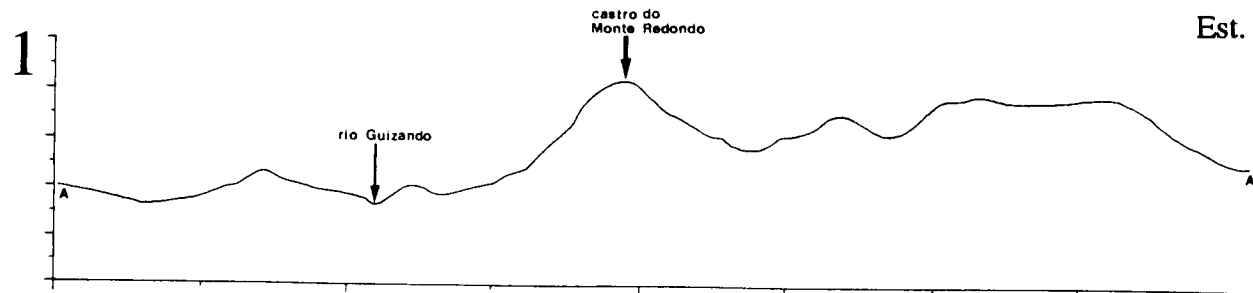
1



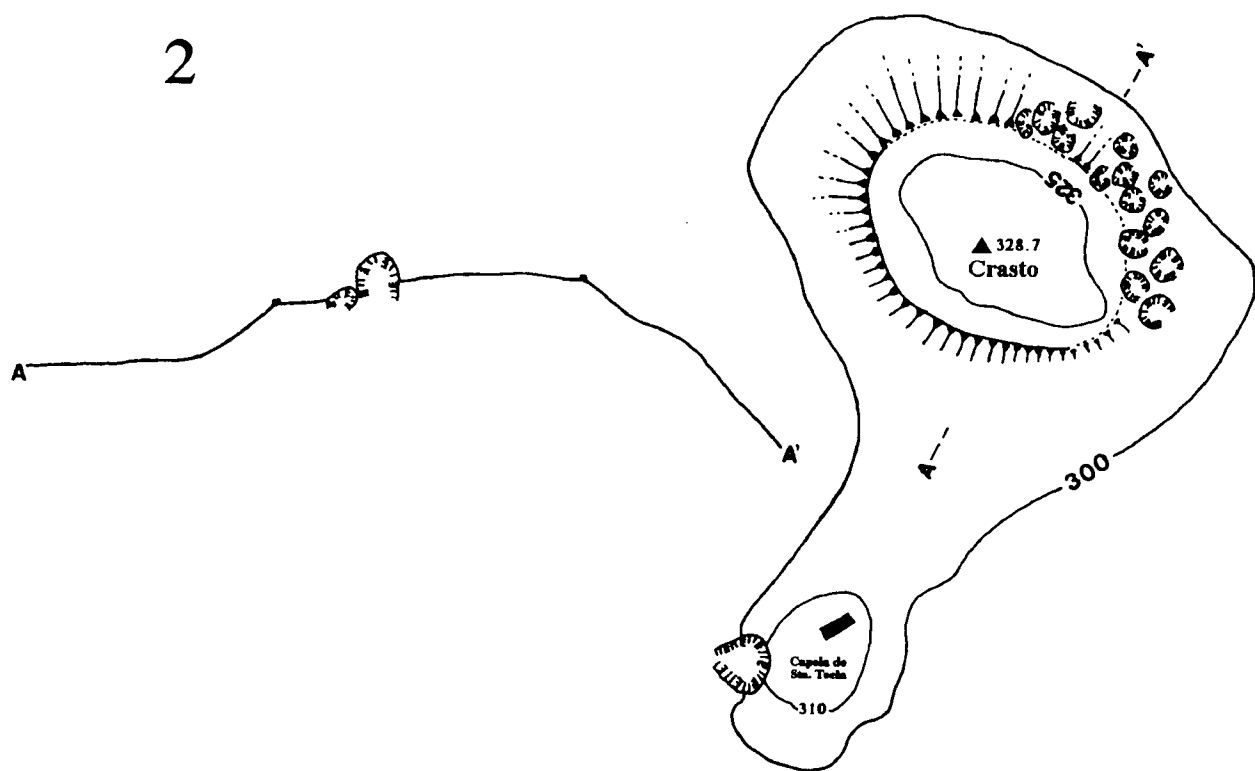
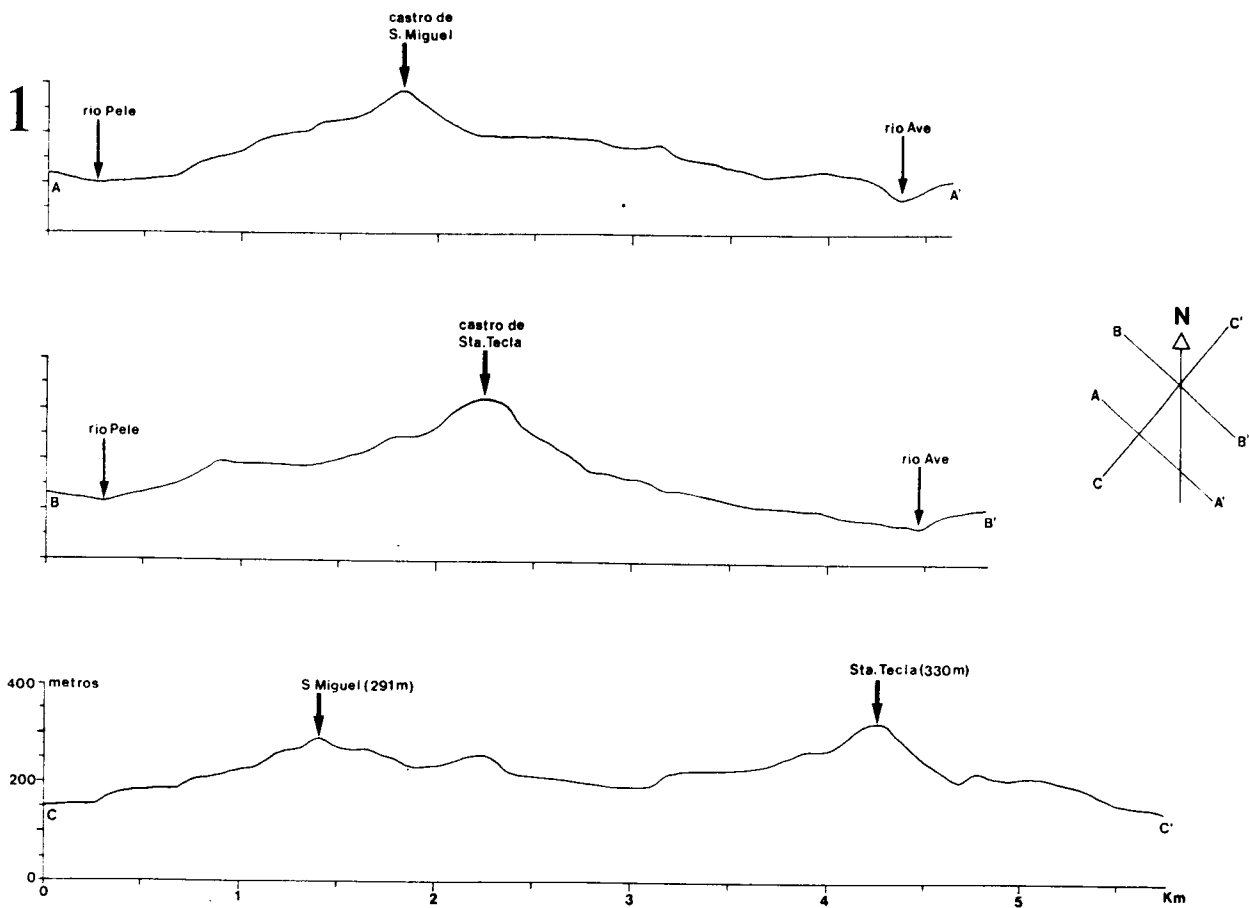
2



Castro das Eiras (V.N. Famalicão) - Balneário Castrejo: 1 - Planta; 2 - "Pedra Formosa"
(Fonte: QUEIROGA 1992)

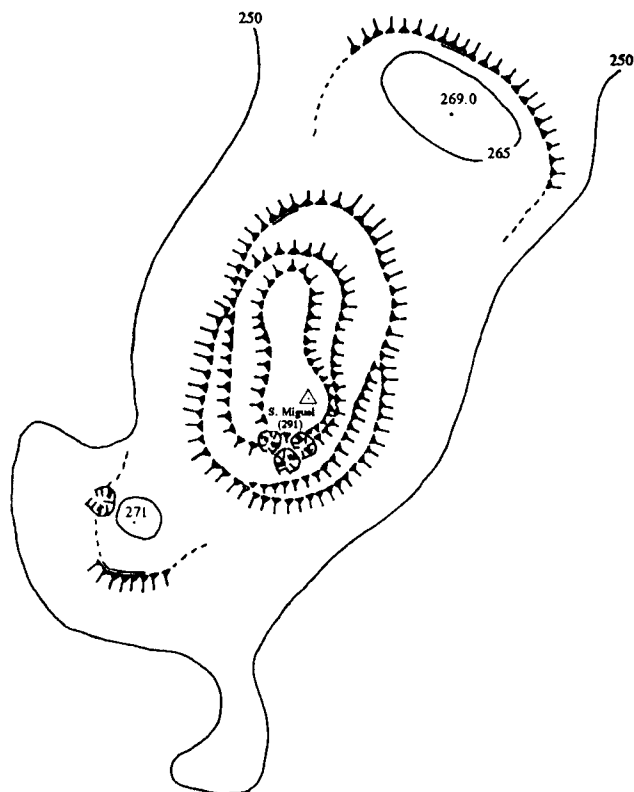


Castro do Monte Redondo (Braga): 1 - Perfis Topográficos; 2 - Planta (Esc. 1:5.000)

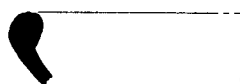


Castros de S.Miguel-o-Anjo (Ruivães) e Sta. Tecla (V.N. de Famalicão): 1 - Perfis Topográficos; 2 - Planta (Sta. Tecla) (Esc. 1:5.000)

1



2



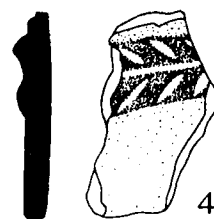
1



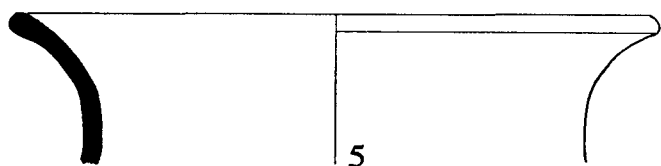
2



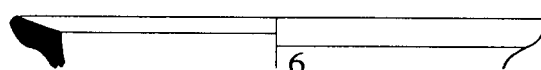
3



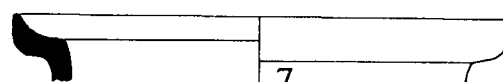
4



5



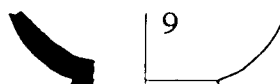
6



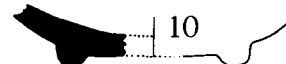
7



8

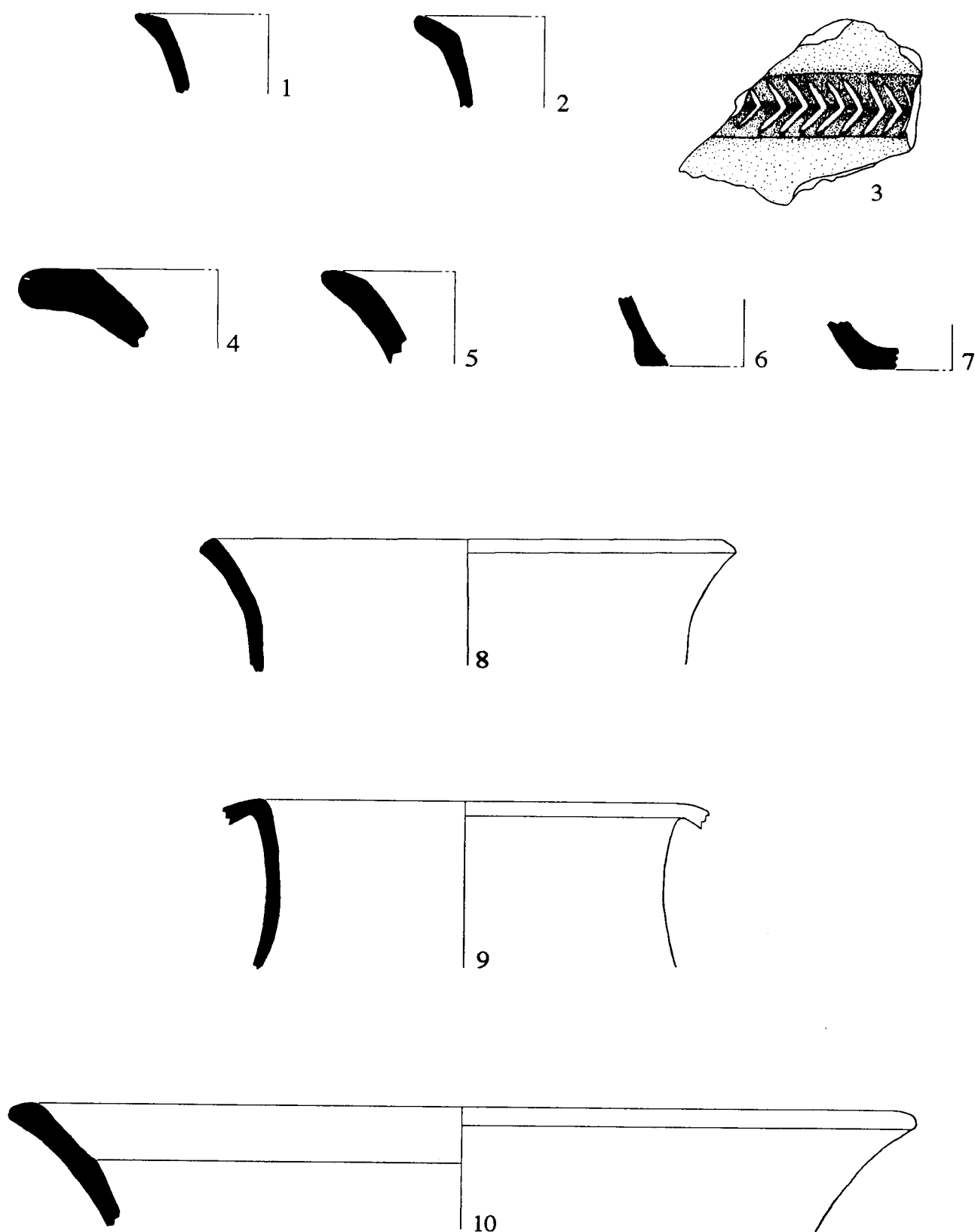


9



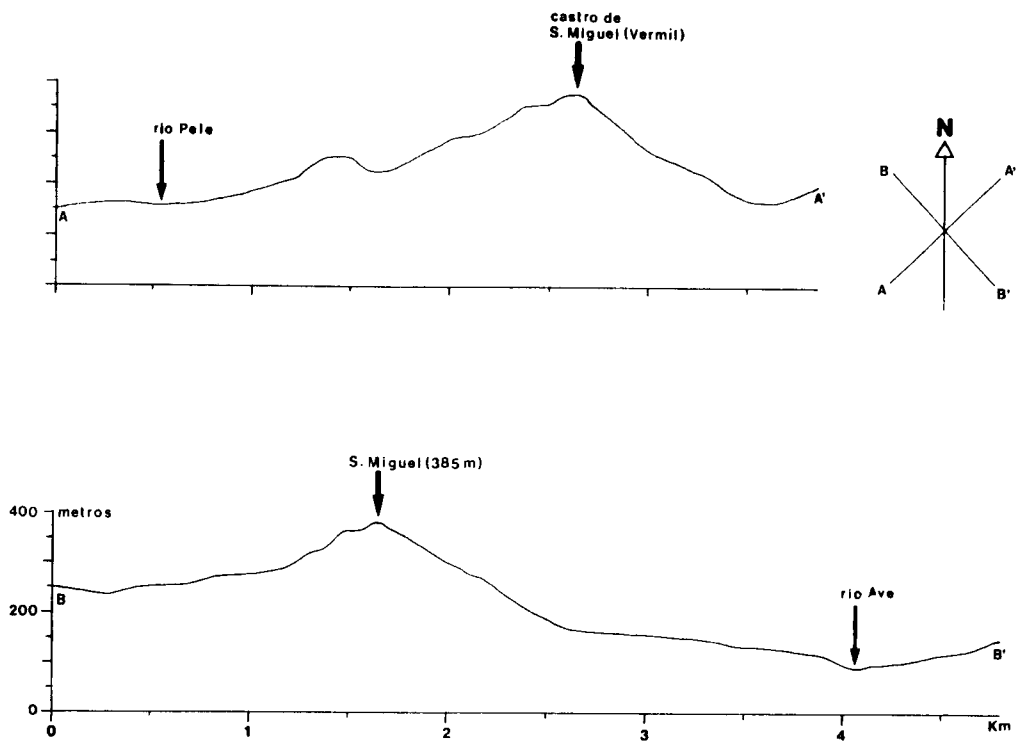
10

Castro de S. Miguel-o-Anjo (Ruivães - Famalicão): 1 - Planta (Esc. 1:5.000); 2 - Cerâmica (Recolha superficial) (Esc. 1:2)

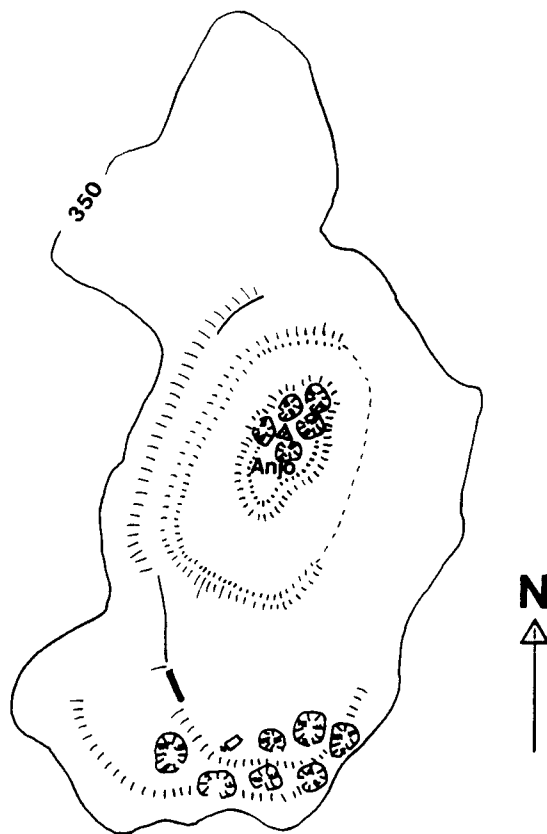


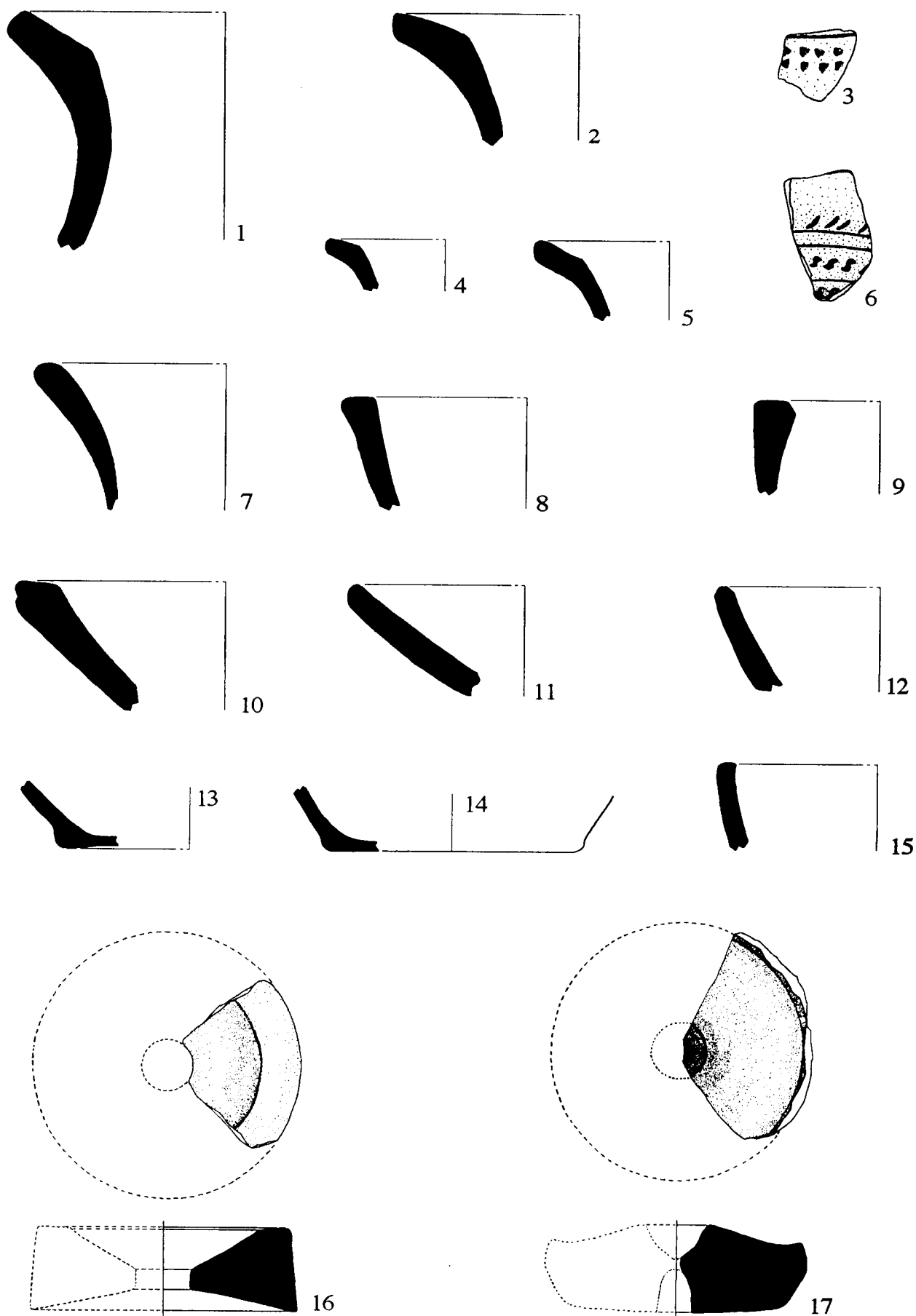
Castro de Santa Tecla (Famalicão): 1-10 Cerâmica (Recolha superficial) (Esc. 1:2)

1

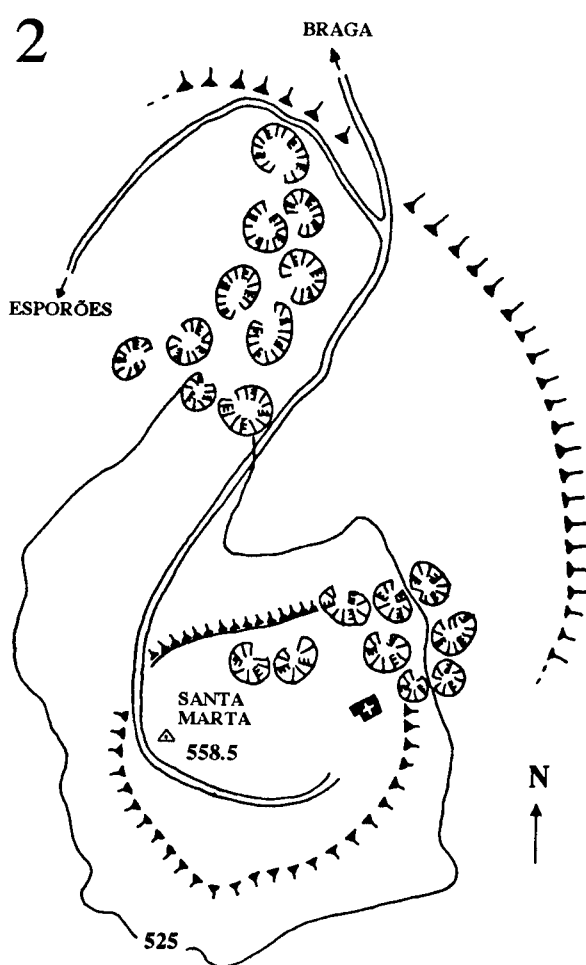
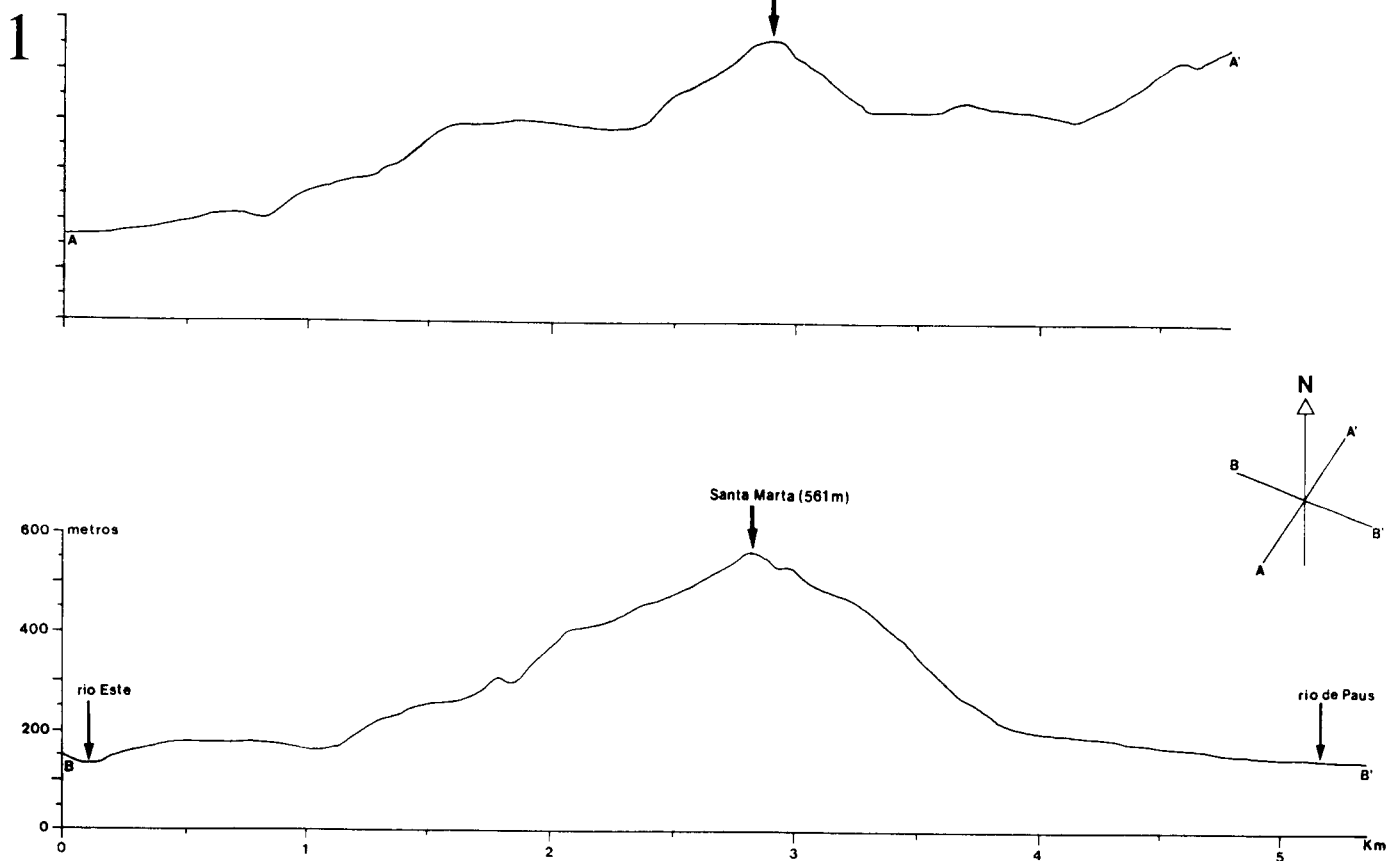


2

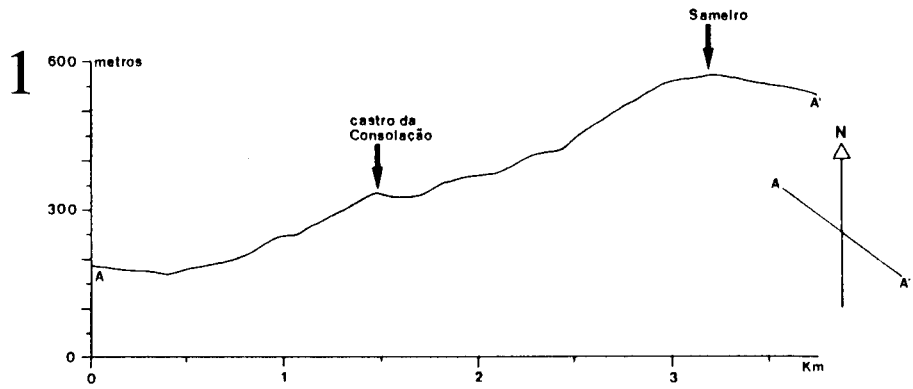




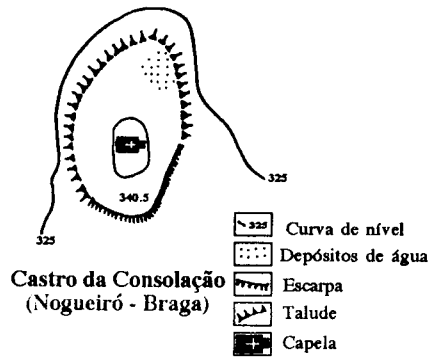
Castro de S.Miguel-o-Anjo (Vermil-Guimarães): Espólio (Recolha superficial) 1-15 - Cerâmica (Esc. 1:2); 16-17 - Mós (Esc. 1:8)



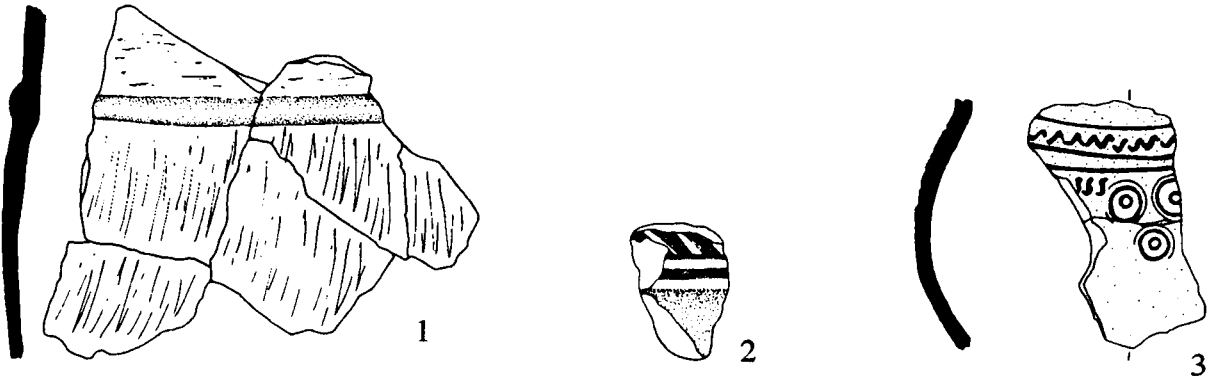
Castro de Santa Marta da Falperra (Braga): 1 - Perfis Topográficos; 2 - Planta (Esc. 1:5.000)



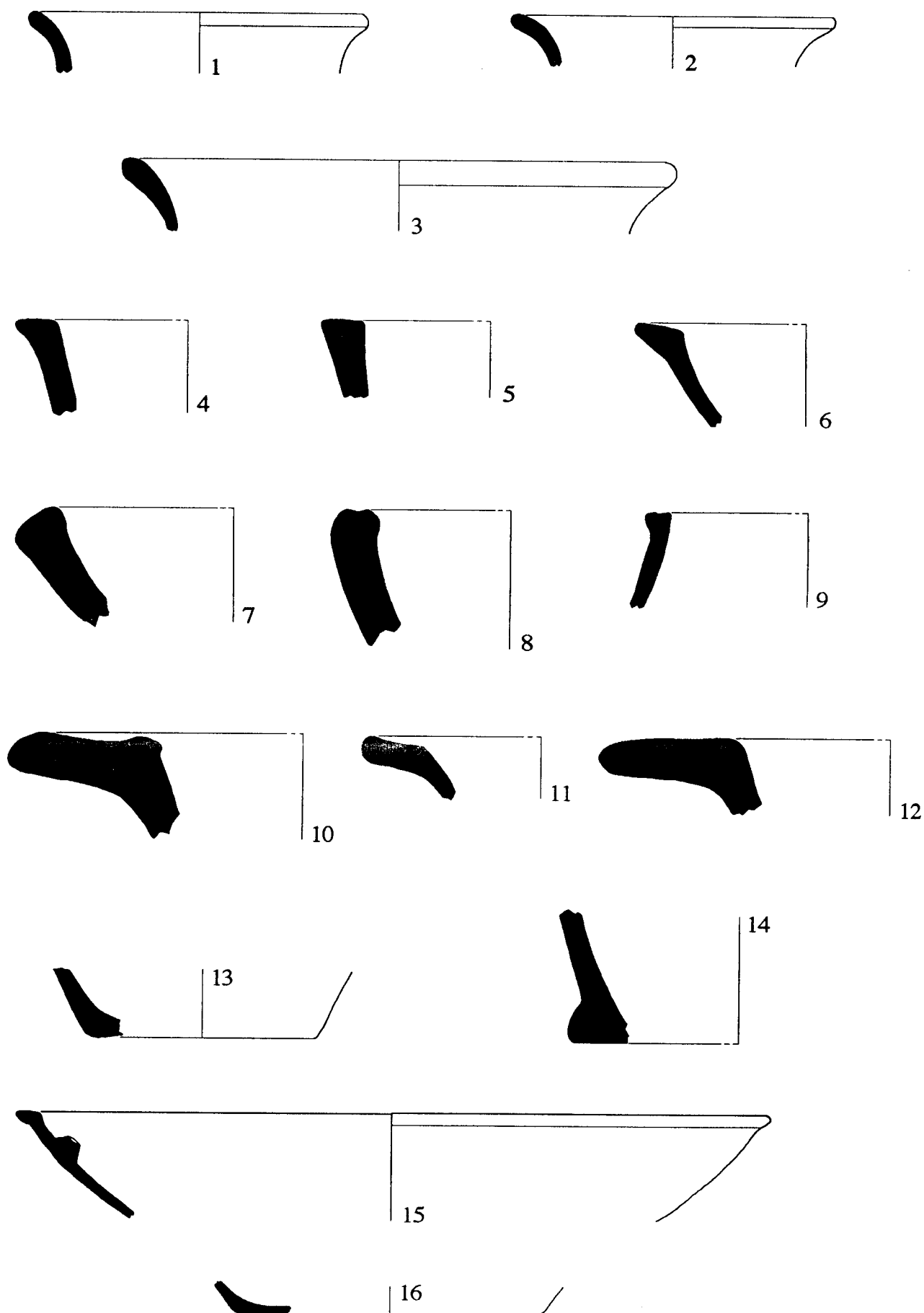
2



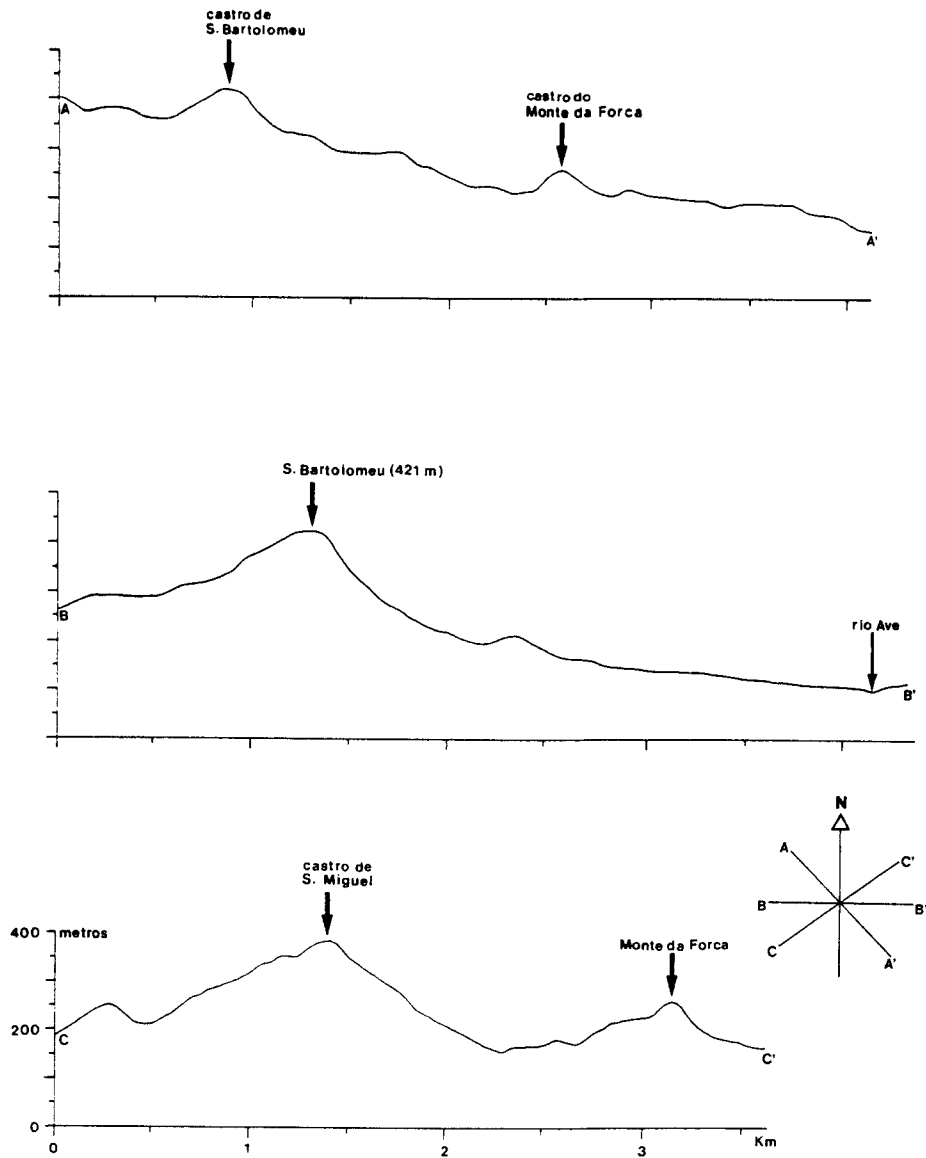
3



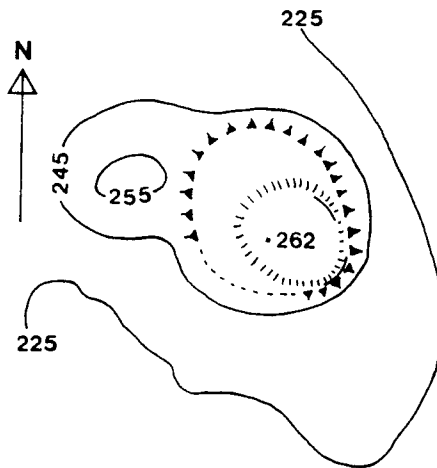
Castro da Consolação (Braga): 1 - Perfil Topográfico; 2 - Planta (Esc. 1:5.000); 3 - Cerâmica - Decorações (Recolha superficial) (Esc. 1:2)



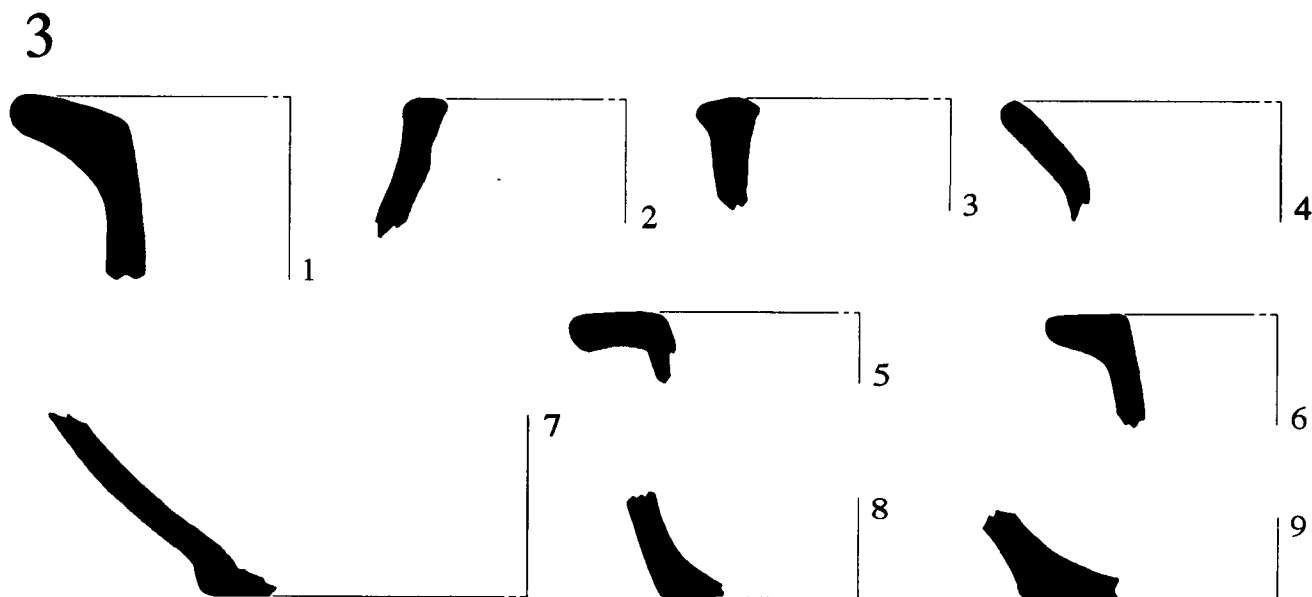
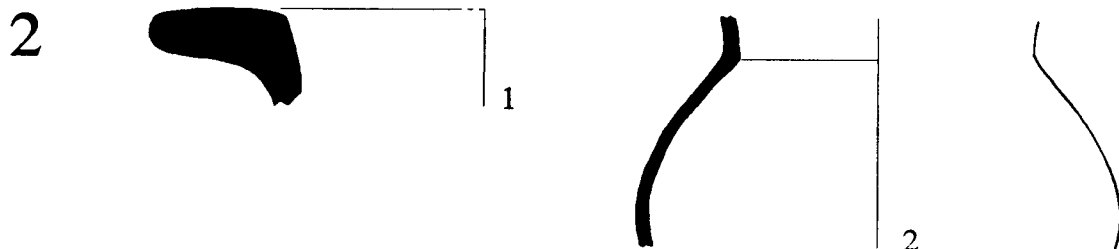
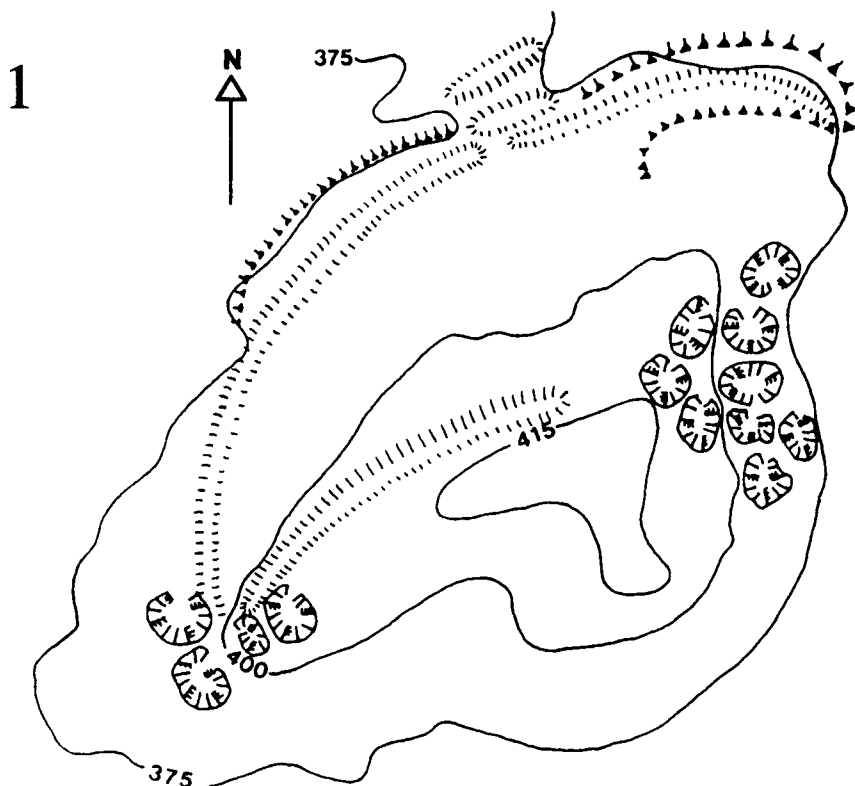
1



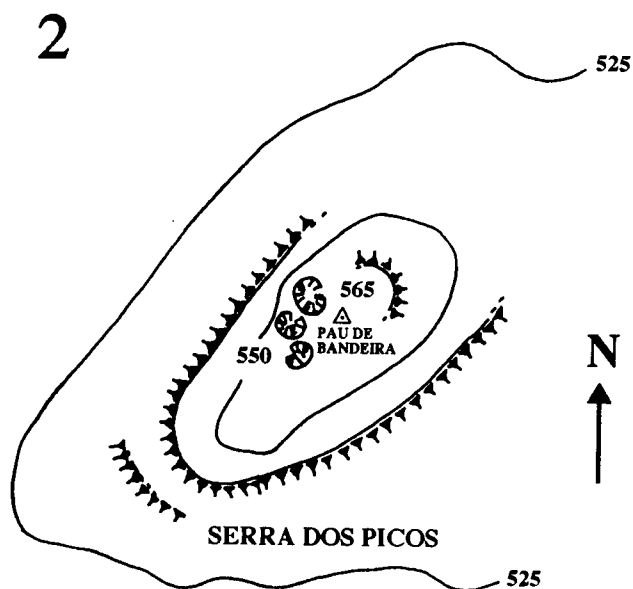
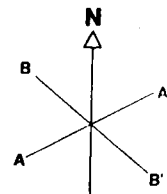
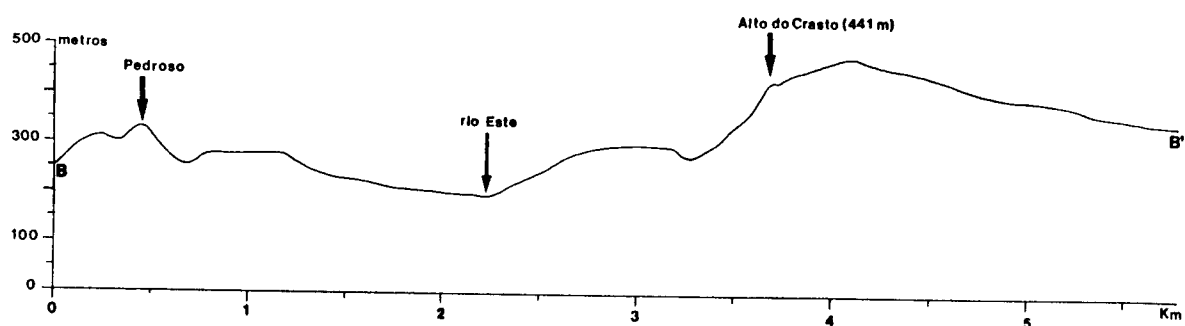
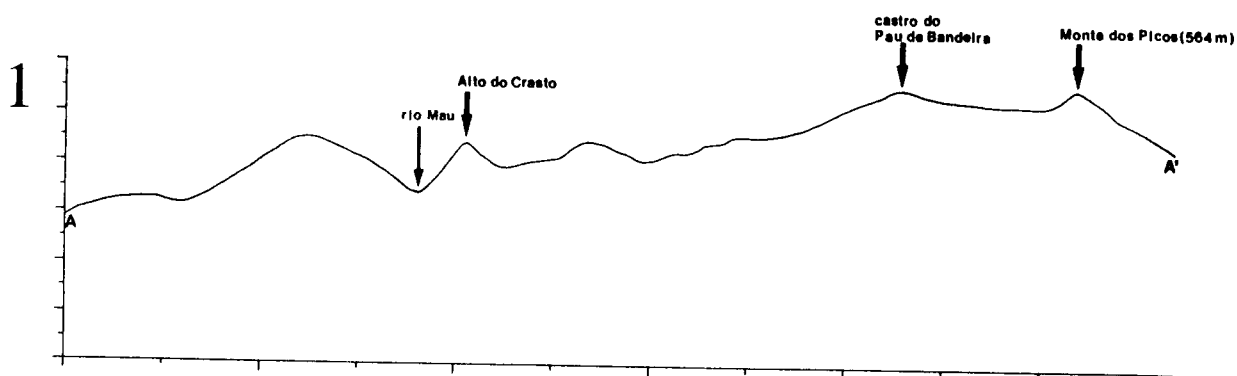
2



Castros de S. Bartolomeu e da Forca (Guimarães): 1 - Perfis Topográficos; 2 - Planta (Castro da Forca) (Esc. 1:5.000)

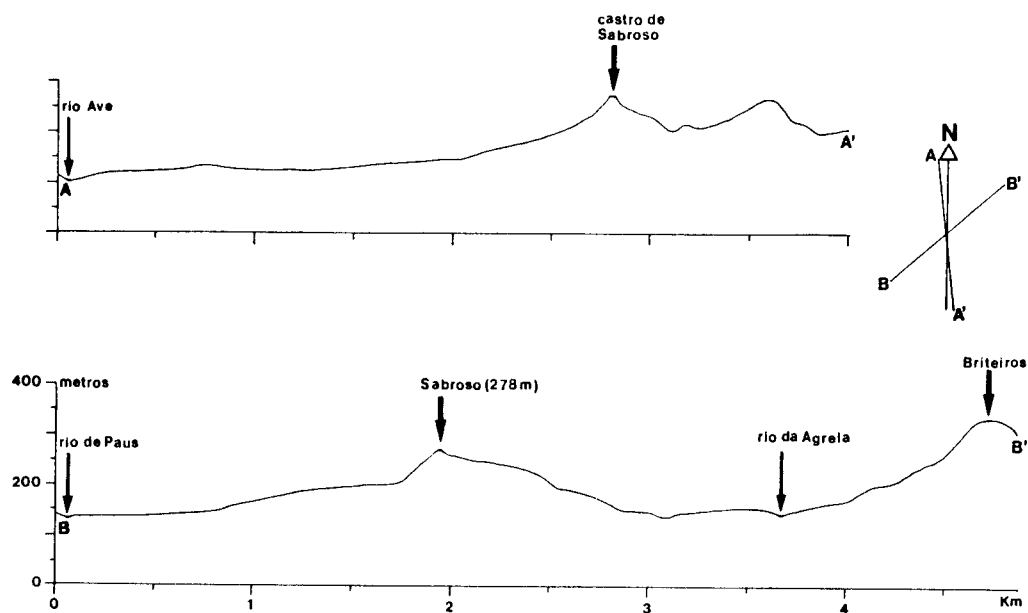


Castro de S. Bartolomeu (Guimarães): 1 - Planta (Esc. 1:5.000); 2 - Cerâmica (Recolha superficial) (1 Esc. 1:2; 2 1:4); 3 - Castro do Monte da Forca (Guimarães) - Cerâmica (Recolha superficial) (Esc. 1:2)

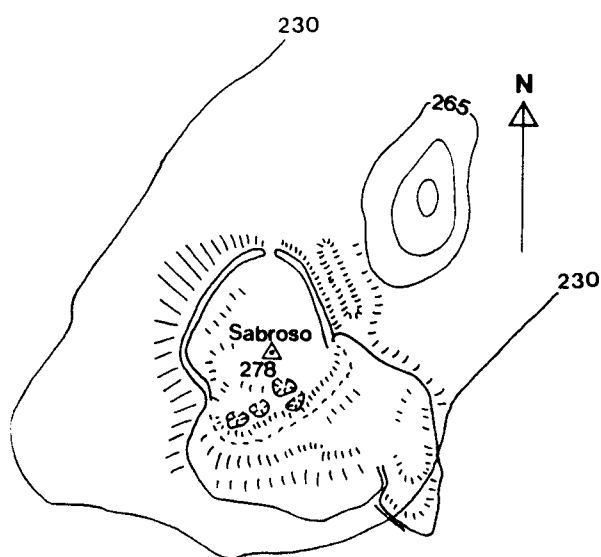


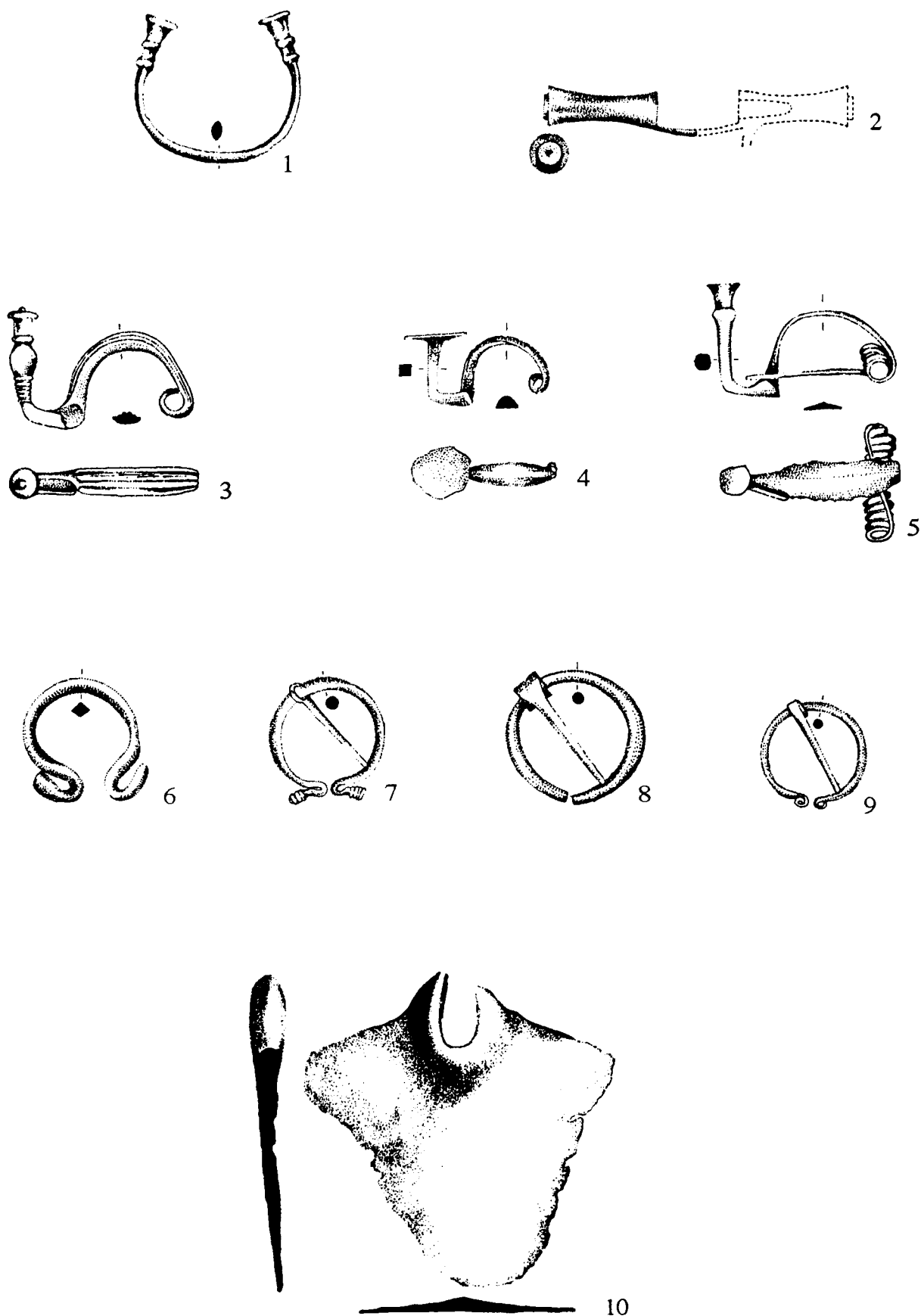
Castro do Pau de Bandeira (Braga): 1 - Perfis Topográficos; 2 - Planta (Esc. 1:5.000)

1



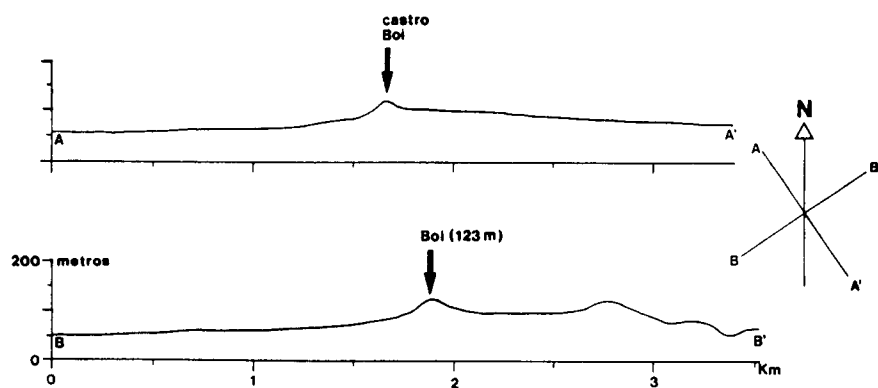
2



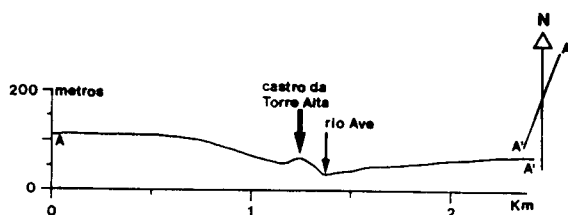


Castro de Sabroso (Guimarães): Metalurgia (1-9 - Artefactos em bronze; 10 - Artefacto em ferro) (1 - Esc. 1:2; 2-9 - Esc. 2:3; 10 - Esc.1:3) (Fonte: SILVA 1986)

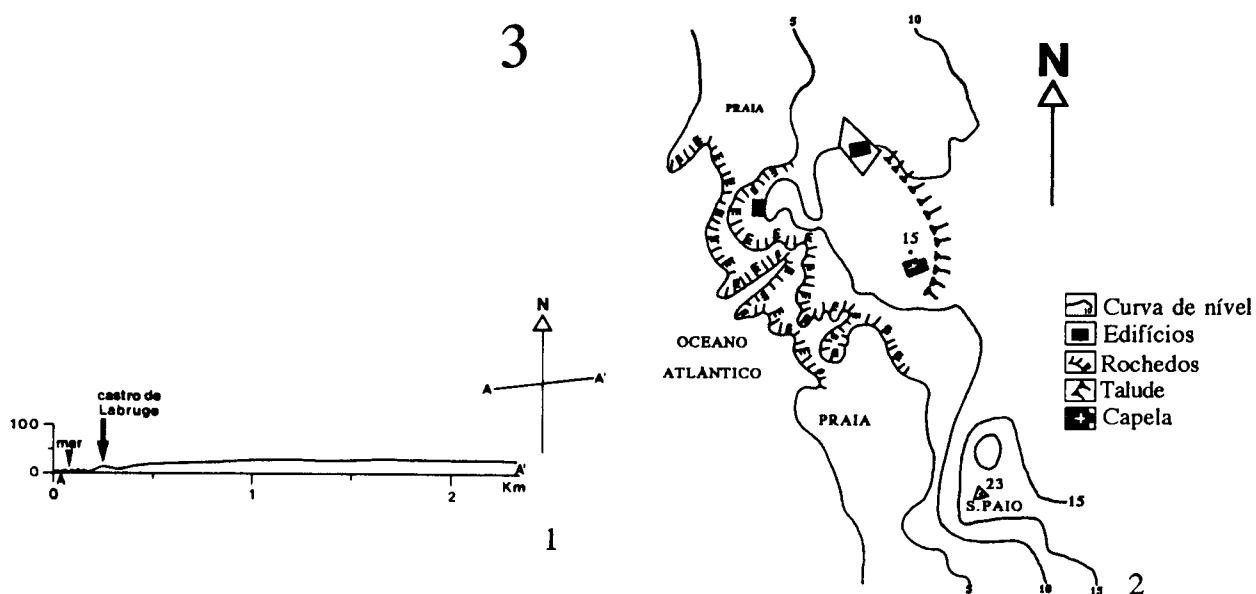
1



2

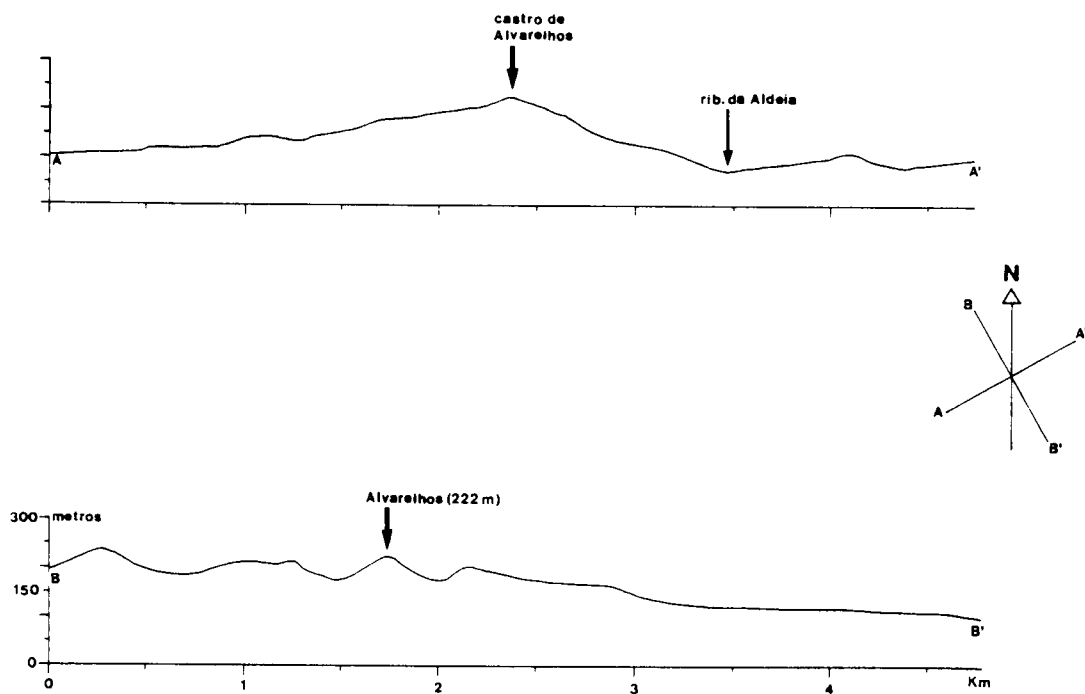


3

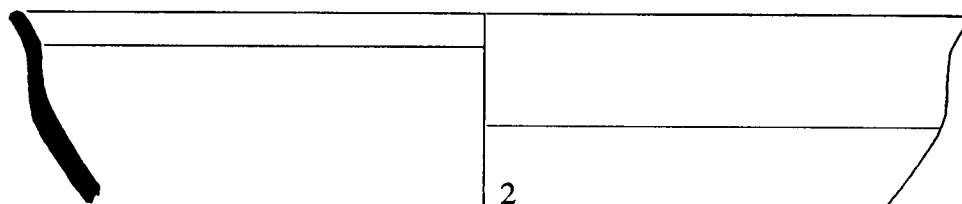
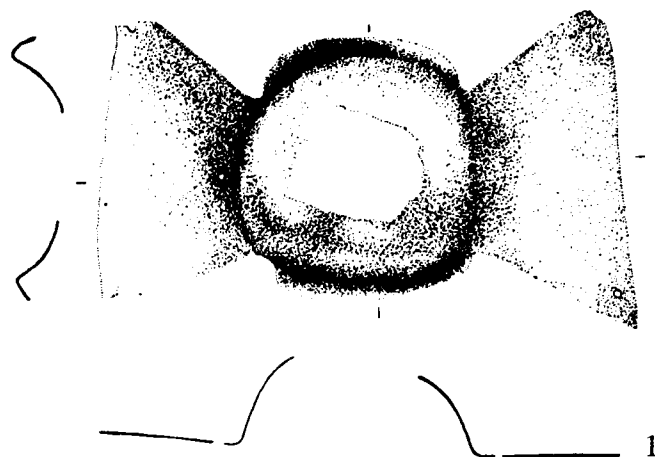


1 - Castro do Boi (V. Conde): Perfis Topográficos; 2 - Torre Alta (Sto. Tirso): Perfil Topográfico;
3 - Castro de Labruga (V. Conde): 1 - Perfil Topográfico; 2 - Planta (Esc. 1:5.000)

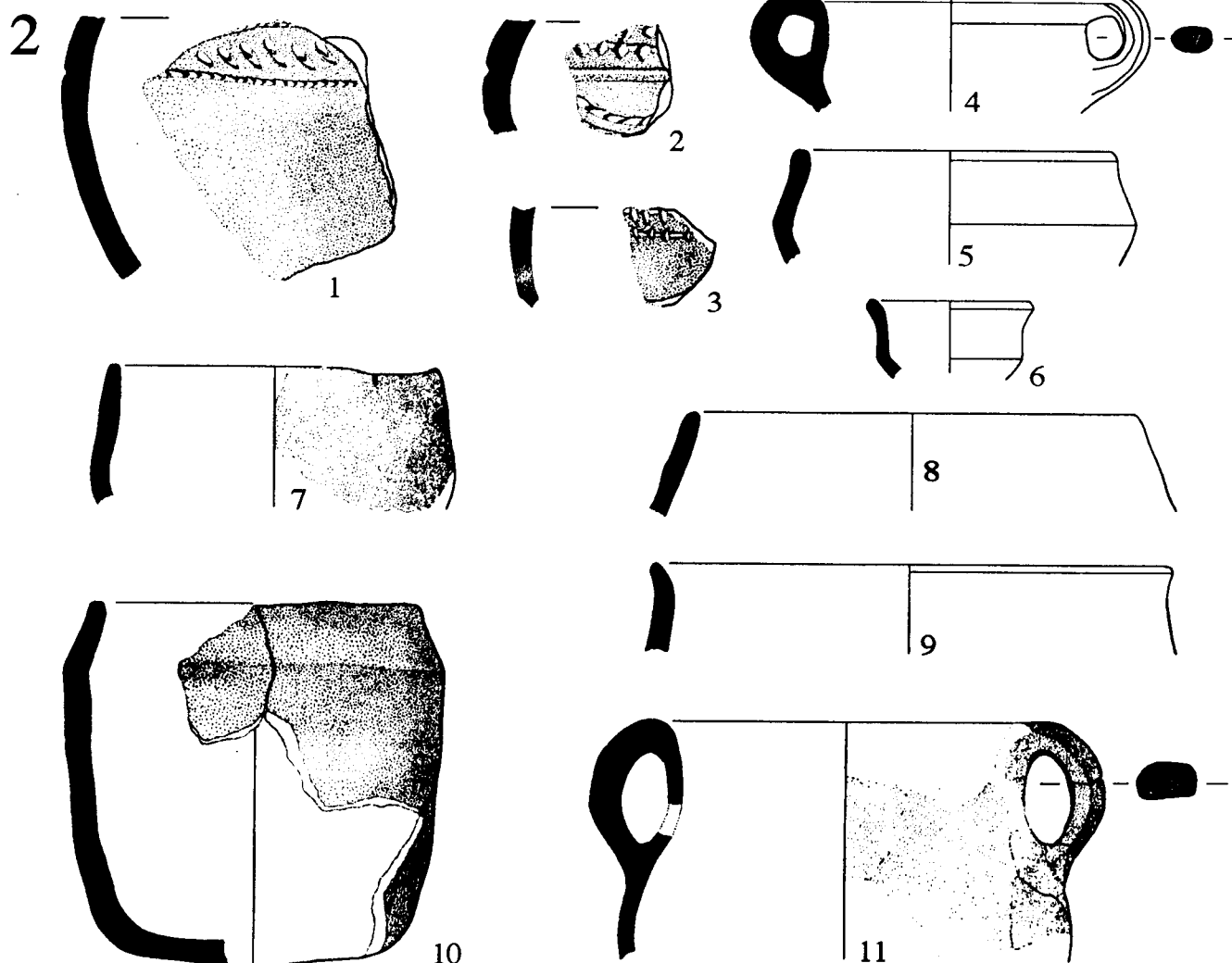
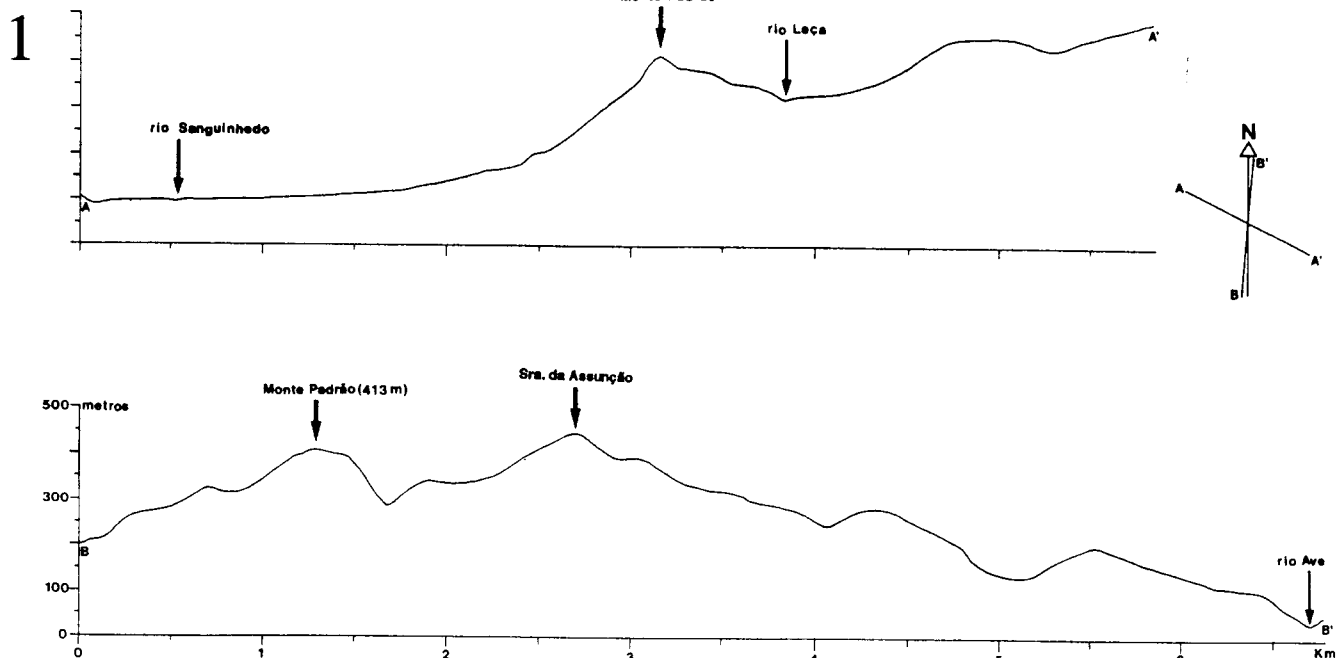
1



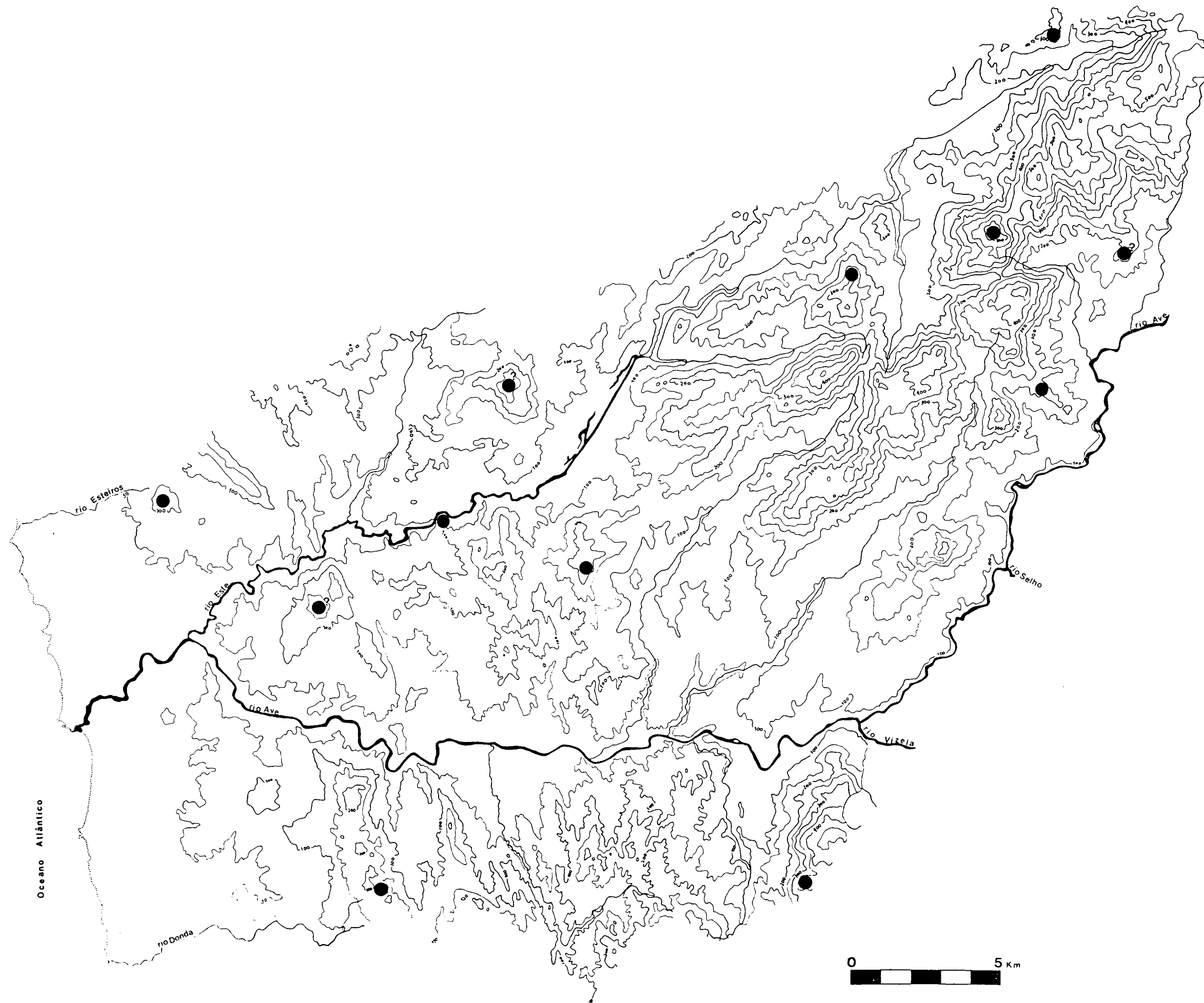
2



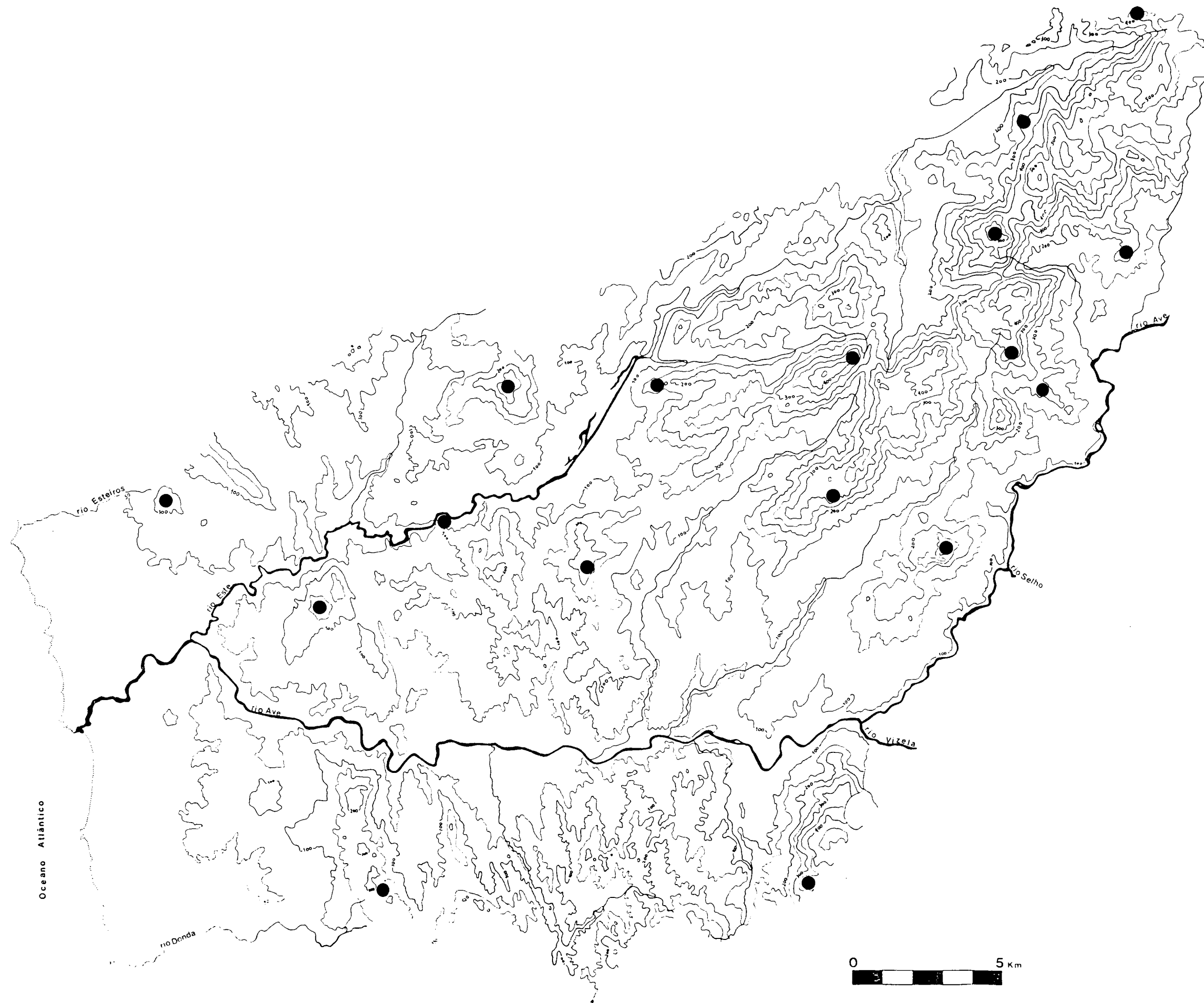
Castro de Alvareiros (Santo Tirso): 1 - Perfis Topográficos; 2 - Artefactos: 1 - Umbo de escudo em bronze (Esc. 1:2) (Fonte: SILVA 1986); 2 - Vaso de cerâmica (Recolha superficial) (Esc. 1:2)



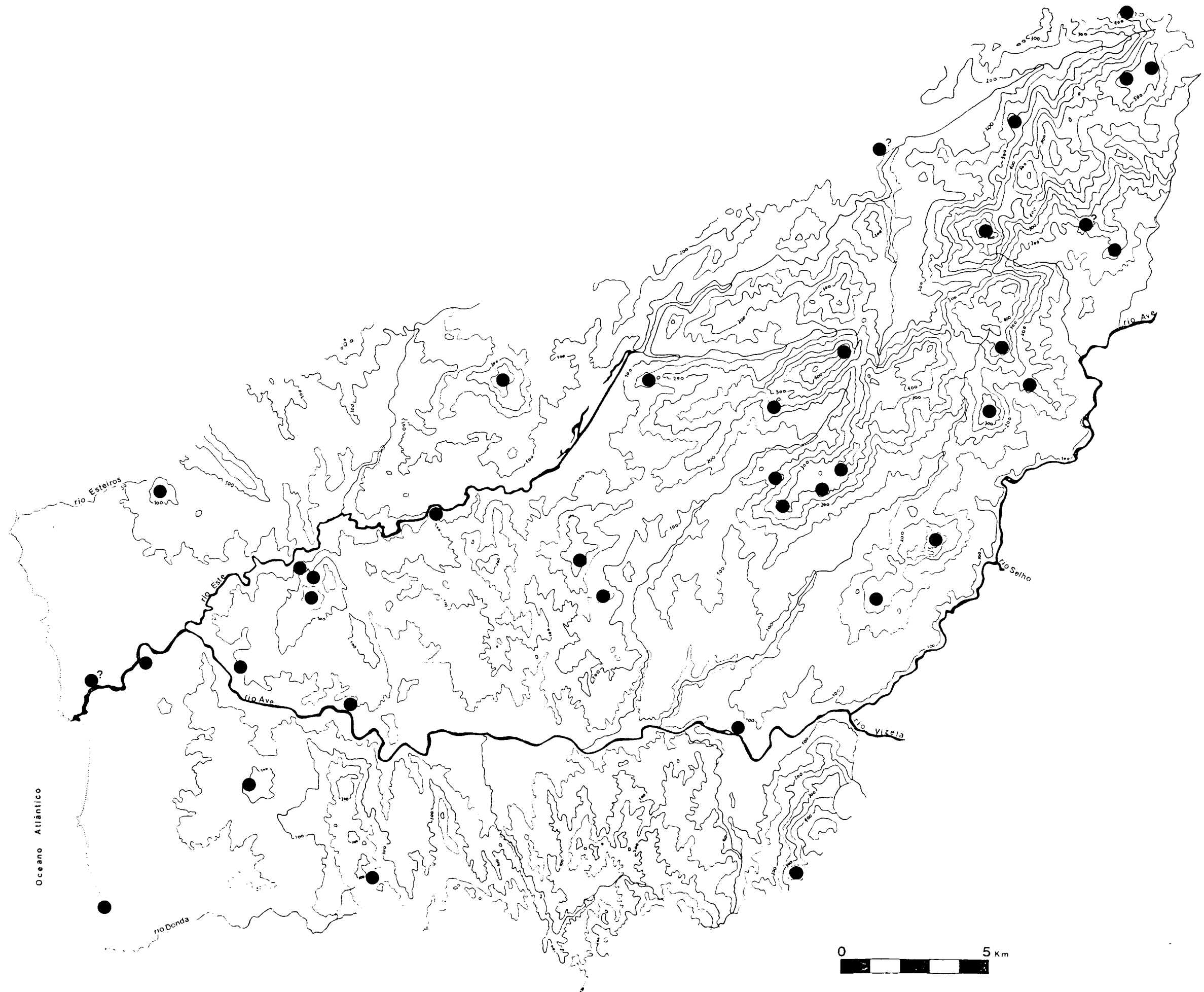
Monte Padrão (Santo Tirso) : 1 - Perfis Topográficos; 2 - Espólio cerâmico (1-3, Esc. 1:2; 4-11, 1:3) (Fonte: MARTINS 1985)



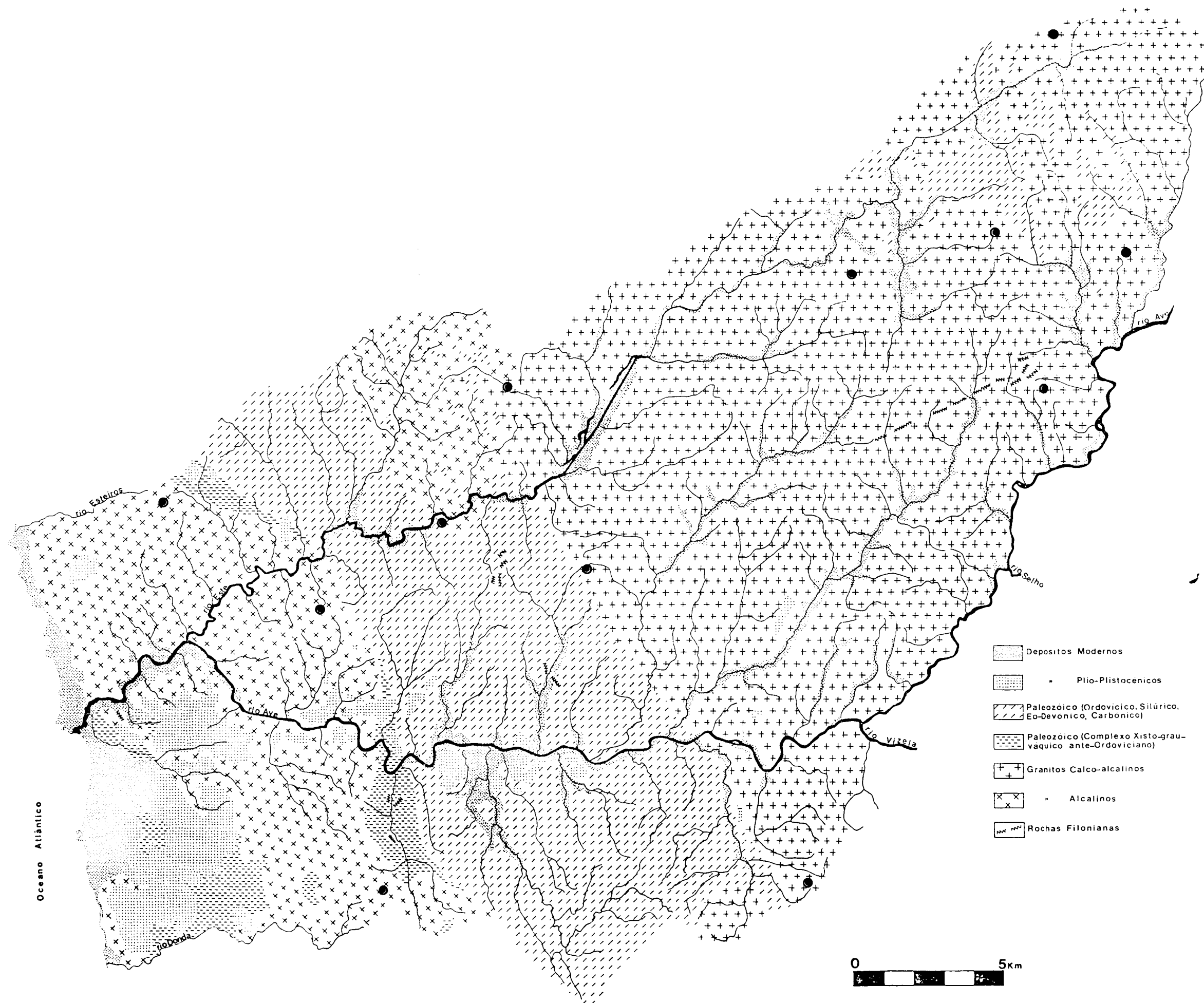
Bacia Média e Inferior do rio Ave - Distribuição dos Povoados Fortificados (Fase I)



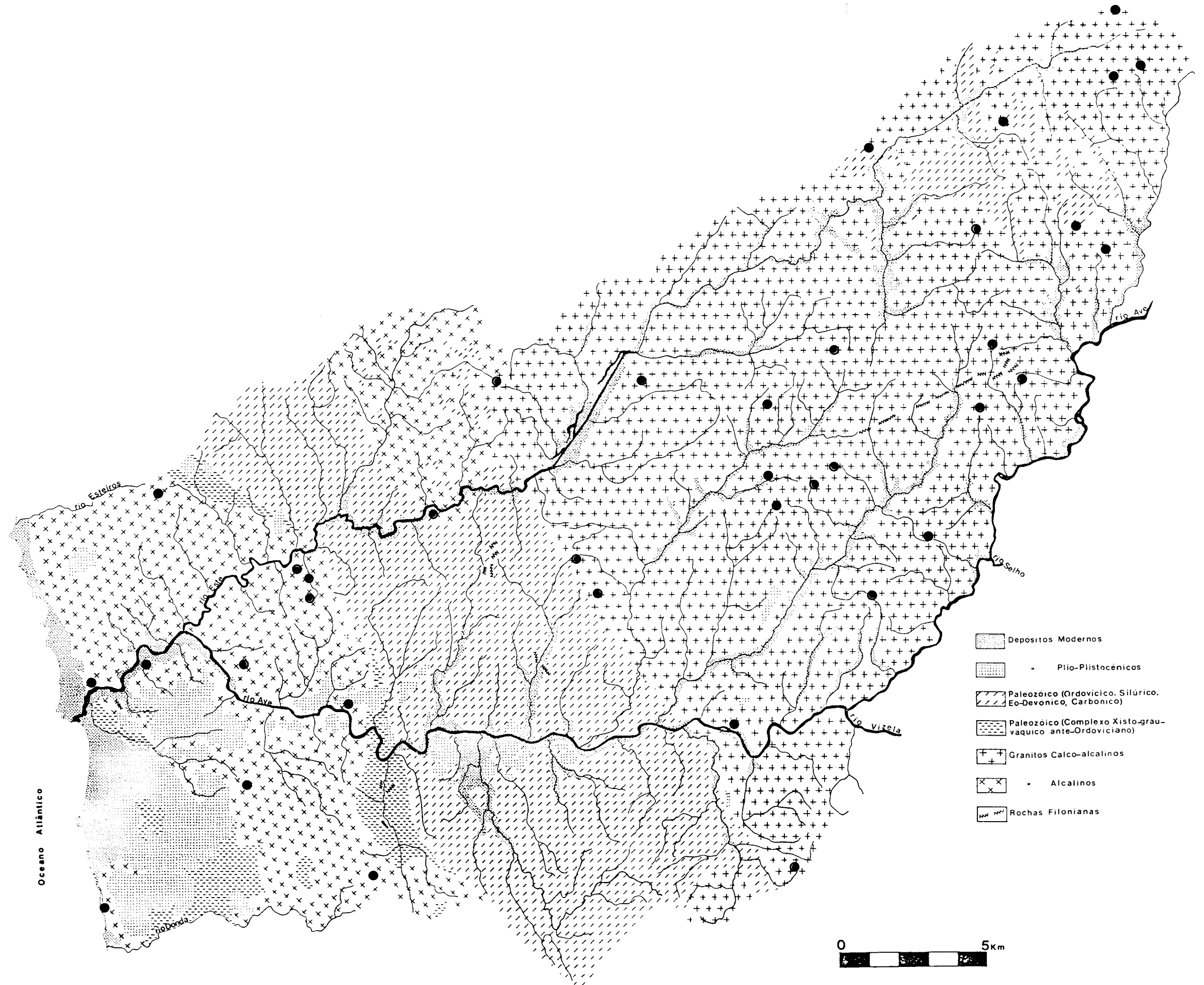
Bacia Média e Inferior do rio Ave - Distribuição dos Povoados Fortificados (Fase II)



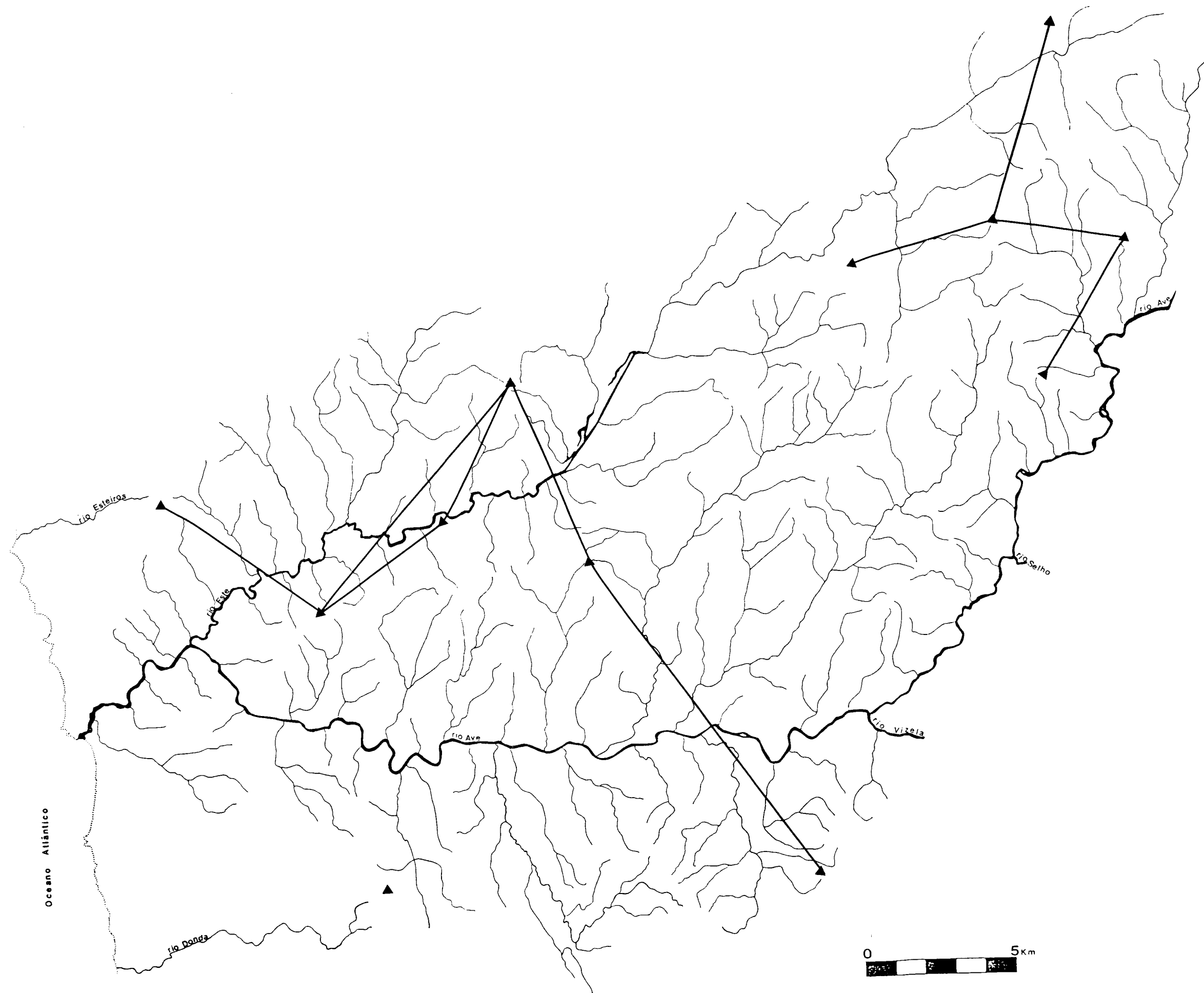
Bacia Média e Inferior do rio Ave - Distribuição dos Povoados Fortificados (Fase III)



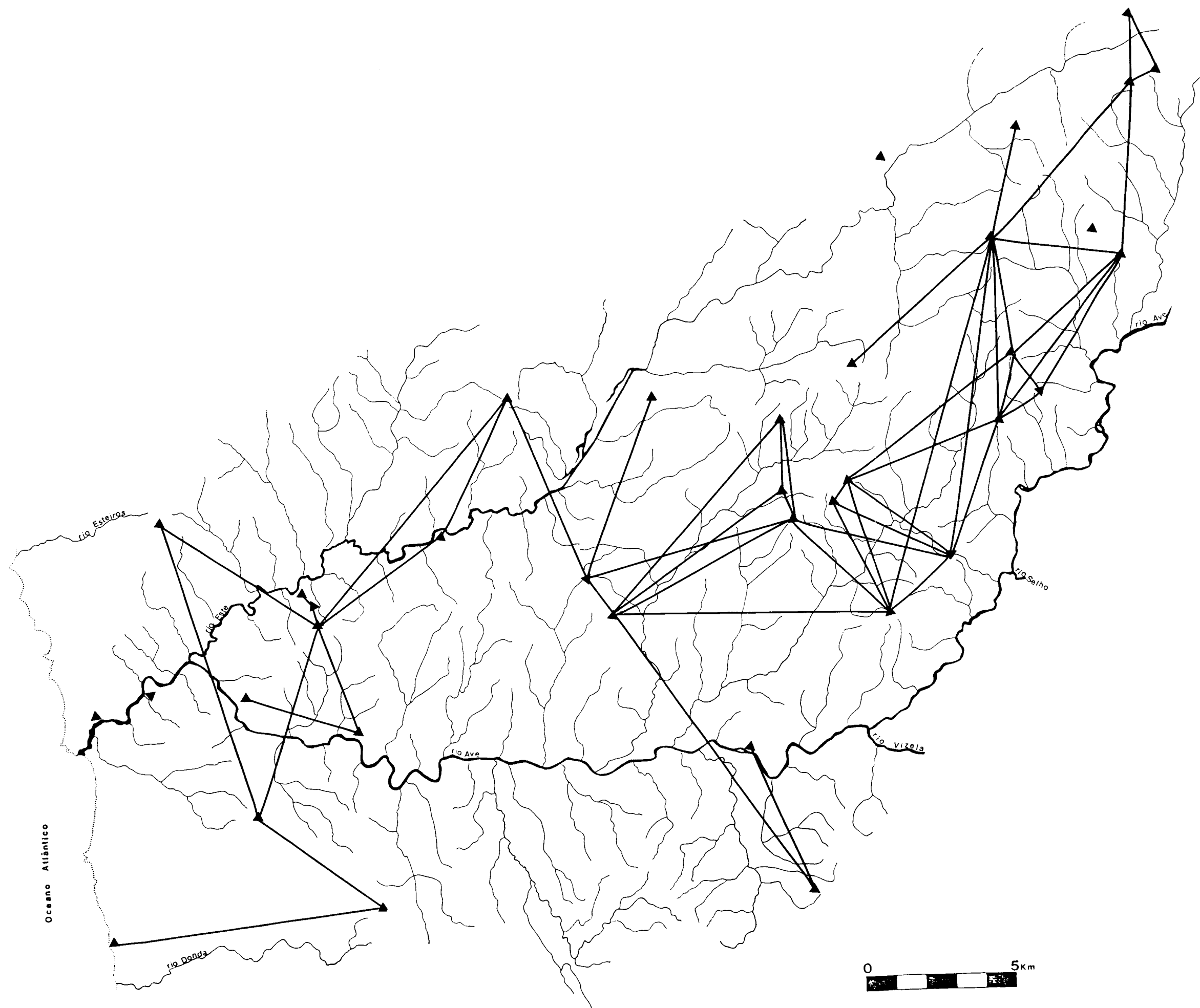
Bacia Média e Inferior do rio Ave - Relação dos Povoados Fortificados (Fase I), com a Geologia



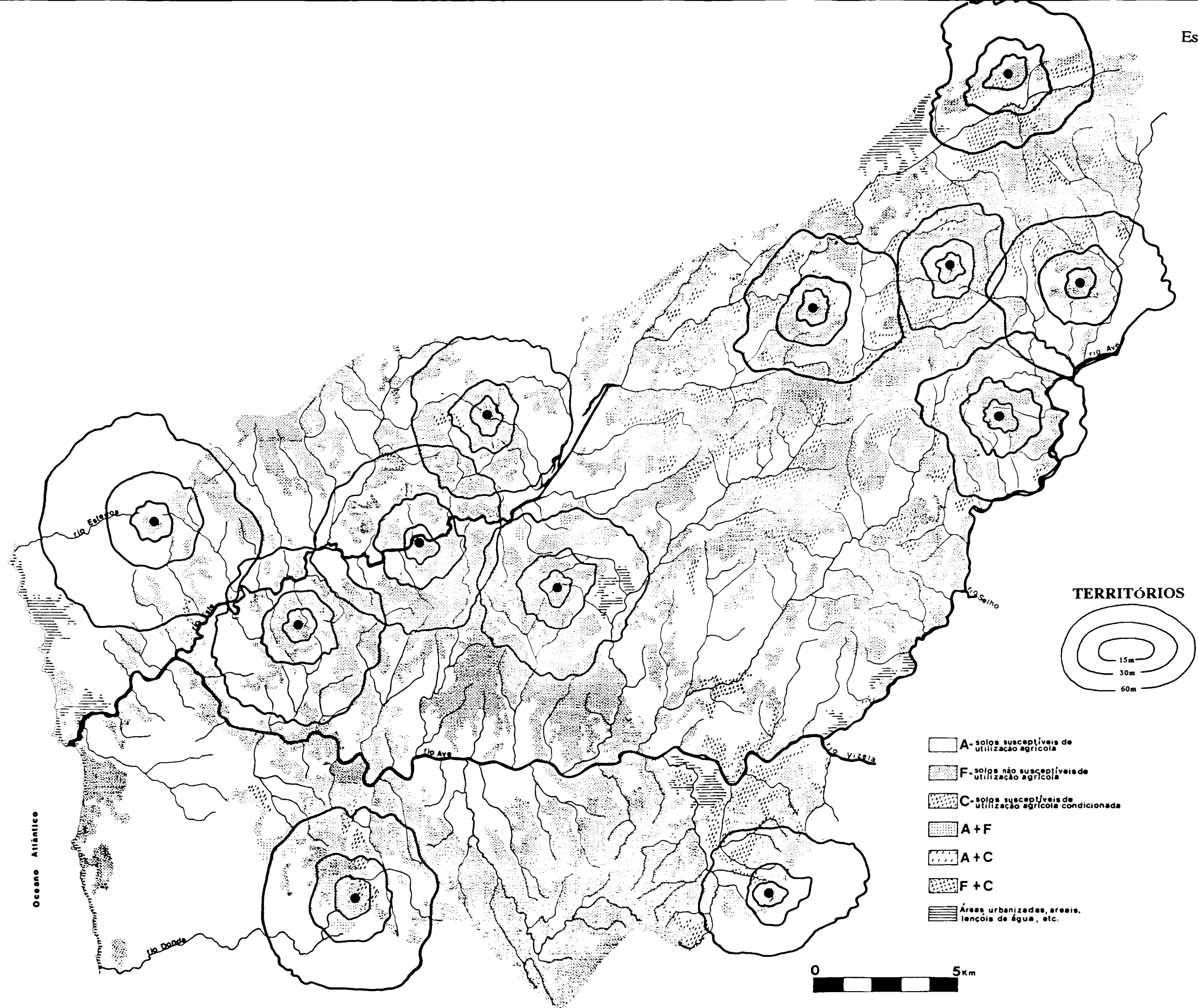
Bacia Média e Inferior do rio Ave - Relação dos Povoados Fortificados (Fase III), com a Geologia



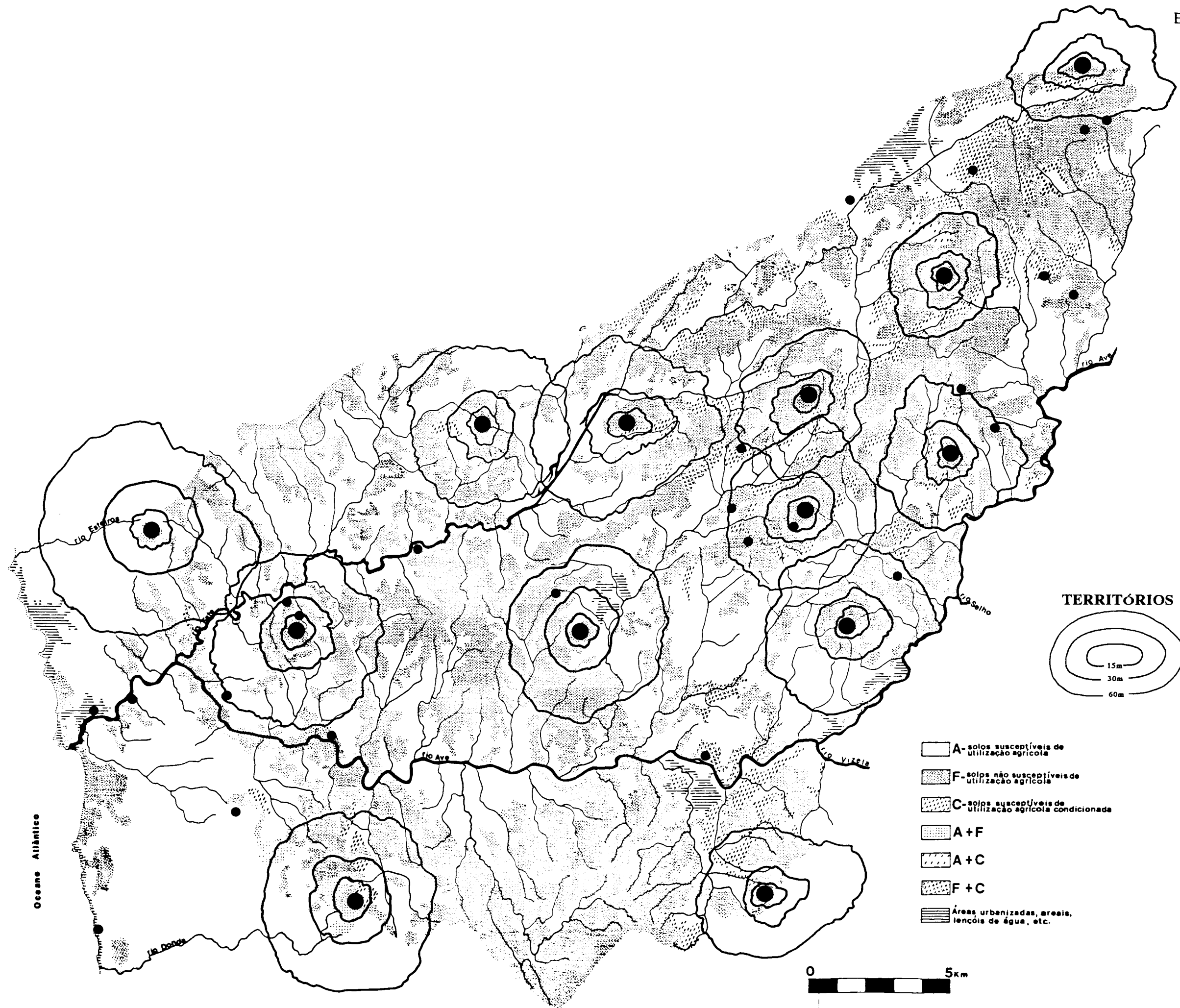
Bacia Média e Inferior do rio Ave - Visibilidade entre Povoados Fortificados (Fase I)



Bacia Média e Inferior do rio Ave - Visibilidade entre Povoados Fortificados (Fase III)



Bacia Média e Inferior do rio Ave - Territórios teóricos dos Povoados Fortificados (Fase I)



Bacia Média e Inferior do rio Ave - Territórios teóricos dos Povoados Fortificados "centrais" (Fase III)